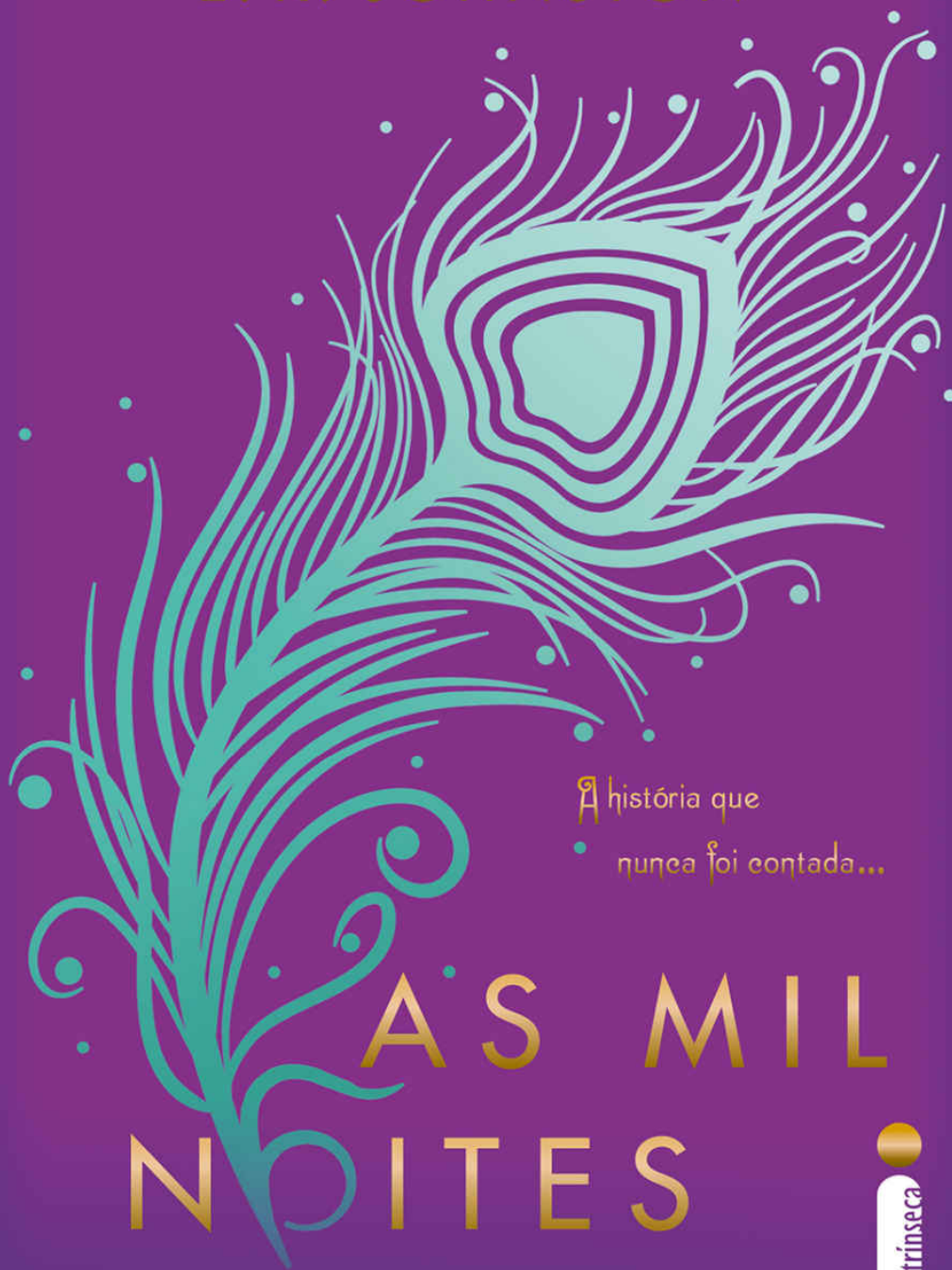


E. K. JOHNSTON



A história que
nunca foi contada...

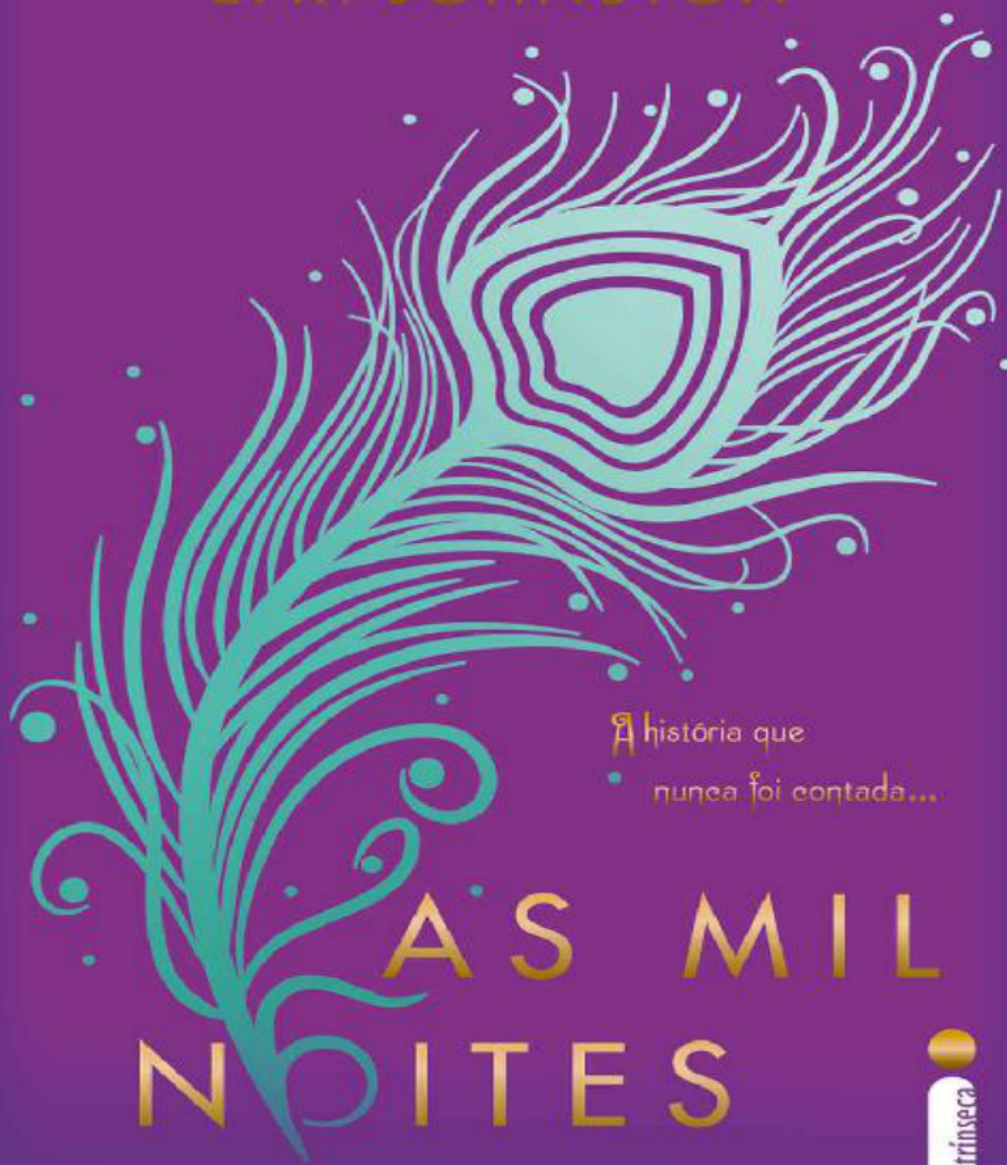
AS MIL NOITES



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

E. K. JOHNSTON



A história que
nunca foi contada...

AS MIL NOITES



E. K. JOHNSTON

AS MIL NOITES

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



Copyright © 2015 by E. K. Johnston. Publicado mediante acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria, SL e Adams Literary. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

A Thousand Nights

REVISÃO

Milena Vargas

Beatriz D'Oliveira

PROJETO GRÁFICO

Marci Senders

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Helen Crawford-White

REVISÃO DE EPUB

Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE EPUB

Joana De Conti

E-ISBN

978-85-8057-982-6

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

i.

um

dois

três

quatro

cinco

ii.

seis

sete

oito

nove

dez

iii.

onze

doze

treze

catorze

quinze

iv.

dezesseis

dezessete

dezoito

dezenove

vinte

v.

vinte e um

vinte e dois
vinte e três
vinte e quatro
vinte e cinco

vi.
vinte e seis
vinte e sete
vinte e oito
vinte e nove
trinta

vii.
trinta e um
trinta e dois
trinta e três
trinta e quatro
trinta e cinco

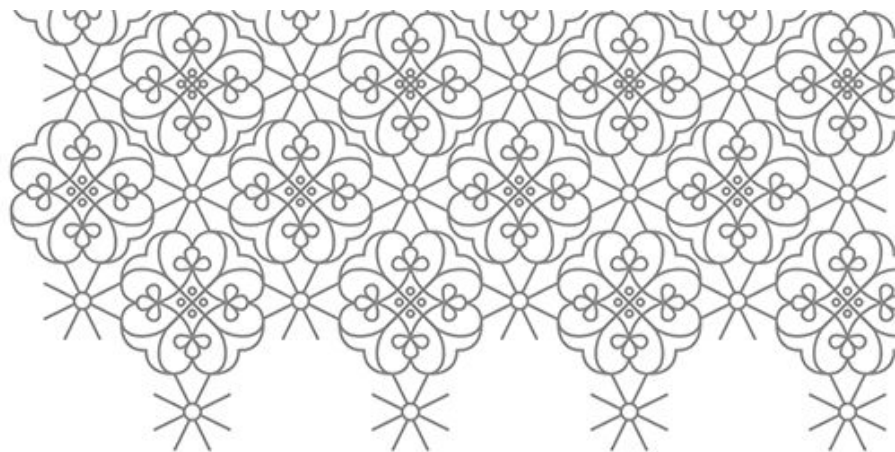
1

Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

*Para a dra. Daviau, que me levou para o deserto, o
passado e o futuro, e me ensinou a procurar o
invisível;*

*Para Jo, Amy e Melissa, que me encorajaram enquanto eu aprendia a
escrever como John Druitt;*

E para Tessa, que nunca deixa de me incentivar



Não sabemos por que atravessamos o mar até esta terra dura e poeirenta, mas sabemos que merecemos mais do que isso.

As criaturas que aqui vivem se arrastam sob um sol escaldante, procurando tirar seu sustento da areia antes de serem devorados por ela, virando alimento para os corvos do deserto ou pior. O sol não é um estorvo para nós, e a areia é apenas um desconforto momentâneo. Somos mais fortes, mais resistentes e mais adaptados à vida. Porém, passamos por algumas dificuldades quando chegamos aqui.

Os humanos eram muitos, e nós, poucos. Não os compreendíamos, nem eles a nós, e éramos temidos por isso. Eles nos atacaram com armas rudimentares, pedras pesadas e fogo ardente, e descobrimos que nosso sangue manchava a areia com a mesma facilidade que o deles, até aprendermos a moldar corpos que não sangram. Nós nos afastamos dos oásis e adentramos as partes mais ermas daquela terra torrada pelo sol, onde eles não podiam nos seguir. De lá, nós observamos. E esperamos.

Os humanos morreram, e nós não. À medida que nossa vida avançava, aprendíamos mais sobre eles. Nós os vimos domarem os auroques, e depois os cavalos. Nós os vimos aprenderem a tosquiar as ovelhas e cardar a lã. Quando fiavam, sentíamos a força do girar de cada fuso, e, quando teciam, sentíamos uma agitação em nossos ossos.

Cobiçávamos o que eles produziam, pois, embora nos sobrasse tempo, tínhamos pouca inclinação para trabalhos manuais. Sempre era mais fácil tomar. E assim tomamos. Sequestramos tecelões e os levamos para nossos lares no deserto. Nós os alimentávamos com areia, e eles acreditavam ser um banquete, mas, antes de morrerem, faziam maravilhas para nós. Tiramos caldeireiros de suas camas e os forçamos a trabalhar com fogo tão quente que empolava a pele. Eles fabricavam todo tipo de bugigangas e lâminas antes de pagarem com suas vidas, e nos enfeitávamos com os produtos de seu ofício.

Quanto mais eles trabalhavam, mais animados ficávamos; e, em pouco tempo, os mais jovens se aventuraram a atacar outros artesãos. Eles voltavam mais poderosos e com colares feitos dos ossos dos dedos daqueles

cuja s mãos usaram para conseguir tudo aquilo.

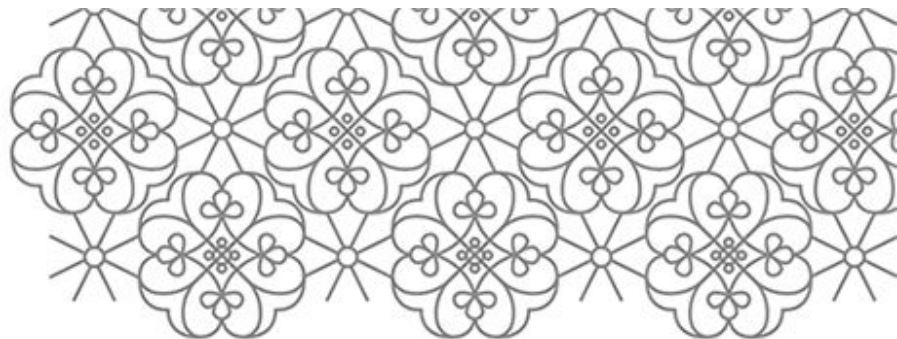
Mas essas coisas nunca foram o suficiente para mim.

Eu ansiava por mais.

Certo dia, no deserto, um caçador que havia se afastado de sua guarda cruzou meu caminho.

E eu tomei.

Eu tomei.



Lo-Melkhiin matou trezentas garotas antes de chegar à minha aldeia em busca de uma esposa.

Aquela que ele escolhesse seria uma heroína. Ela permitiria que todas as outras vivessem. Lo-Melkhiin não voltaria à mesma aldeia até se casar com uma garota de cada acampamento, aldeia ou distrito dentro dos muros da cidade, porque essa era a lei, por mais desesperadora que fosse. Aquela que ele escolhesse daria esperança de um futuro, de amor, para as que ficassem para trás.

Com certeza, ela se tornaria uma deusa menor para seu povo após a partida. Seria tirada de nós, mas permaneceríamos ligados à parte de seu espírito, e nutriríamos esse elo com o poder de nossas lembranças. Seu nome seria sussurrado com reverência nos santuários construídos em sua honra. As outras garotas cantariam hinos de louvor, vozes suaves carregadas pelo vento do deserto e espalhadas sobre a fina areia do chão. Seus pais levariam flores de água doce — mesmo no auge do período de seca — e conserva de raiz como oferenda. Aquela que ele escolhesse jamais seria esquecida.

Mas ainda assim estaria morta.

Todas as vezes, a história começava da mesma maneira: Lo-Melkhiin escolhia uma noiva e a levava para o seu *qasr*. Algumas duravam uma noite sob seus cuidados, outras, até trinta, mas no fim todas acabavam como refeição para os corvos do deserto. Ele ia a todos os cantos do reino, a cada aldeia e cidade. Todas as tribos e famílias estavam em risco. Ele as consumia da forma como uma criança cuidadosa comia tâmaras: uma de cada vez, sempre à procura da mais doce. E, uma a uma, ele as descartava.

Quando ele veio à minha aldeia, não temi por mim. Há muito já estava resignada a viver sob a sombra de minha irmã, nascida no mesmo ano que eu, mais velha por dez luas. Ela era a bela. Eu era a segunda opção. Antes da lei de Lo-Melkhiin, antes que o terror de seu leito nupcial estendesse os braços pelas areias como as raízes de uma árvore seca à procura de água, eu acreditava que me casaria depois de

minha irmã, provavelmente com um irmão ou primo de seu noivo. Ela era o prêmio, mas também não gostava da ideia de se separar de mim, e todos em nossa aldeia já sabiam que, quem quisesse uma, teria que levar a outra. Eu não chegaria a ser uma esposa inferior na casa dela — nosso pai era muito poderoso para isso —, mas me casaria com um homem inferior.

— Você também é graciosa — disse ela para mim enquanto víamos o deserto arder ao pôr do sol do nosso décimo quarto verão, e eu sabia que era verdade.

Tanto minha mãe quanto a dela eram bonitas, e nosso pai igualmente belo. Até onde eu via, minha irmã e eu éramos muito parecidas. Tínhamos a pele morena, um tom de marrom mais escuro que a areia, e bronzeada nas partes que ficavam expostas ao vento e ao céu. Nosso cabelo, longo o suficiente para nos sentarmos em cima, era preto: a cor em torno das estrelas quando a noite chegava ao ápice. Eu achava que a diferença devia estar em nossos rostos, no formato dos olhos ou na inclinação das bocas. Sabia que o rosto de minha irmã era de tirar o fôlego. Mas nunca vira o meu. Tínhamos pouco bronze ou cobre, e a única água ficava no fundo do nosso poço.

— Não sou você — retruquei.

Eu não era amarga. Ela nunca me fez sentir inferior, e só tinha desprezo por aqueles que pensavam assim.

— É verdade — respondeu ela. — E os homens não têm imaginação para nos verem como seres separados. E por isso eu sinto muito.

— Eu, não — respondi, e não sentia mesmo. — Porque amo você mais do que amo a chuva.

— Isso é impressionante — disse minha irmã, rindo. — Pois você vê meu rosto todos os dias e não se cansa dele.

E corremos, com passos firmes, em meio às dunas.

Éramos fortes juntas, carregando o jarro de água entre nós para dividir o peso. A cerâmica grossa o tornava pesado mesmo sem água, mas havia quatro alças, e tínhamos quatro mãos. Aprendemos o truque quando éramos pequenas, e éramos sempre recompensadas com figos cristalizados por derramar pouca água enquanto caminhávamos. Mesmo quando já tínhamos idade suficiente para levar

um jarro cada, fazíamos essa e outras tarefas juntas. Na maioria das coisas — de tecer a cozinhar e lancear as cobras venenosas que vinham até nosso poço —, nós éramos iguais. Minha voz era melhor para as canções e histórias que nossa tradição ofertava, mas minha irmã sabia encontrar as próprias palavras, e não se valia dos feitos dos outros para provar seu ponto de vista. Talvez fosse esse fogo que a tornava tão bonita; talvez fosse isso que tornava o rosto de minha irmã diferente do meu. Talvez fosse o motivo de eu não me cansar dele.

Eu temia que Lo-Melkhiin achasse que o rosto de minha irmã pudesse ser algo de que, enfim, não se cansaria. A princípio, ele só se casara com garotas bonitas, filhas dos nobres mais importantes e dos mais ricos comerciantes. Mas, quando suas esposas começaram a morrer, os homens poderosos do deserto não gostaram. Eles passaram a procurar noivas para Lo-Melkhiin em outros lugares, vasculhando as aldeias em busca de mulheres que serviriam ao propósito, e durante um tempo ninguém prestou atenção ao grande número de meninas pobres que seguiram para a morte. Mas logo as pequenas aldeias se deram conta do que estava acontecendo e deixaram de negociar com as cidades. A partir de então, a lei fora criada: uma garota de cada aldeia e distrito dentro dos muros da cidade, e então o ciclo recomençaria. Muitas garotas haviam sido perdidas, e eu não queria perder minha irmã para ele. As histórias eram claras com relação a duas coisas: Lo-Melkhiin sempre levava uma garota, e ela sempre, sempre morria.

Quando a areia se levantou sobre o deserto, sabíamos que ele estava vindo. Lo-Melkhiin já devia saber quantos éramos e quem tinha filhas com idade suficiente para serem apresentadas a ele. O censo era parte da lei; uma maneira de os homens se convencerem de que era justo.

— Mas não é justo — sussurrou minha irmã quando estávamos deitadas sob o céu estrelado em nosso décimo sétimo verão. — Eles não se casam e morrem.

— Não — respondi. — Não mesmo.

Então ficamos à sombra da tenda de nosso pai e esperamos. À nossa

volta, o ar tinha sido tomado por gritos e gemidos: mães abraçavam as filhas, pais andavam de um lado para outro, proibidos de intervir devido à lei. Nosso pai não estava ali. Tinha viajado com a caravana. Não sabíamos que Lo-Melkhiin viria. Ao voltar, veria que sua mais bela flor se fora, e só lhe restara a erva daninha para ele usar como bem entendesse.

Meu cabelo estava solto sob o véu, que esvoaçava ao redor do meu rosto. Minha irmã tinha feito uma trança e estava de pé com a postura ereta, o véu puxado para trás e o cabelo preto brilhando ao sol. Ela olhava para a tempestade que se aproximava, mas uma tempestade também se formava em seus olhos, o que só servia para deixá-la ainda mais bela. Eu não podia perdê-la, e, com certeza, quando Lo-Melkhiin a visse, ela estaria perdida.

Pensei em todas as histórias que tinha ouvido, aquelas sussurradas na tenda de minha mãe e as contadas pela voz retumbante de nosso pai quando os anciões da aldeia iam à tenda dele para as reuniões do conselho. Eu conhecia todas: de onde tínhamos vindo, quem eram nossos antepassados, que heróis havia em minha linhagem, que deuses menores minha família havia criado e adorado. Tentei pensar se havia alguma coisa nessas histórias que eu pudesse usar, mas não havia. O mundo nunca vira alguém como Lo-Melkhiin, e não havia histórias para combatê-lo.

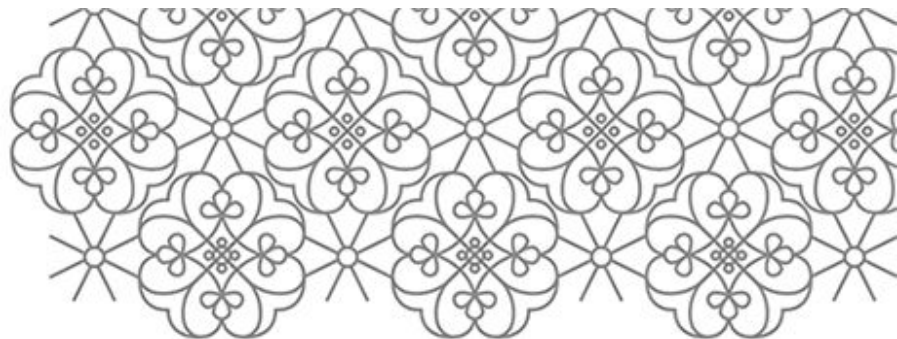
Não histórias inteiras, mas talvez houvesse algo menor. Um trecho sobre um guerreiro que sitiou uma cidade murada. Um fragmento sobre um pai que fora forçado a escolher qual das duas filhas enviaria ao deserto à noite. Uma intriga na história sobre dois amantes que se casaram contra a vontade dos pais. Uma trama sobre uma senhora cujos filhos foram obrigados a lutar em uma guerra da qual não faziam parte. Havia histórias e mais histórias.

Não havia uma história única na qual eu pudesse me basear para salvar minha irmã de um casamento curto e cruel, mas eu tinha muitas delas. Eu as segurava nas mãos como grãos de areia, e as histórias escorriam por entre meus dedos enquanto tentava reunir ainda mais. Mas eu conhecia a areia. Tinha nascido naquela terra e aprendido a andar sobre ela. A areia açoitava meu rosto e me forçava

a catá-la da minha comida. Sabia que só tinha que contê-la por tempo suficiente, encontrar o fogo certo, e ela endureceria e se transformaria em vidro; se tornaria algo que eu poderia usar.

Minha irmã observava a nuvem de poeira, à espera de Lo-Melkhiin, mas eu pensava na areia. Eu me fortaleci vendo a coragem de minha irmã em face daquela tempestade, e ela pegou minha mão e sorriu, embora não soubesse o que eu planejava fazer. Ela já aceitara que seria aquela que nos salvaria, aquela que se tornaria uma deusa menor e para quem cantariam depois que fosse embora. Aquela que morreria. Mas eu não iria permitir isso.

Quando os anciões da aldeia viram o brilho das armaduras de bronze em meio à nuvem de areia e ouviram o galopar acelerado dos cavalos sob o sol, quando o vento balançou a trança de minha irmã e soltou alguns fios, como se também temesse perdê-la, eu já tinha um plano.



Quando Lo-Melkhiin veio, algumas garotas se livraram dos véus e rasparam o cabelo com tosquiadeiras de lã. Eu olhava para elas e sentia seu medo. Eu era a única com uma irmã na idade certa, a única que era a segunda opção. Podia ficar ao lado dela e me manter invisível. As outras não tinham ninguém para encobri-las. Enfrentariam Lo-Melkhiin sozinhas, e tinham se desfigurado na esperança de que assim ele não lhes desse atenção.

Lo-Melkhiin nem sempre notava os detalhes, não mais. Agora ele já não levava apenas as mais bonitas. Na verdade, parecia escolher aleatoriamente. Afinal, sua noiva não viveria muito. Nosso pai ouvira as histórias, quando estava fora com a caravana, que diziam que Lo-Melkhiin levaria a próxima noiva para seu *qasr* no Grande Oásis, e ela seria vestida com roupas de seda e perfumada para que não tivesse mais o cheiro do deserto. Não importava como ela era em meio à areia de seu povoado, porque a areia podia ser lavada. Mas se houvesse uma garota como minha irmã, que chamava a atenção de homens e deuses menores quando passava com o jarro de água equilibrado no quadril, Lo-Melkhiin com certeza a escolheria.

Minha irmã estava usando uma roupa de linho tão branco que fazia os olhos arderem quando refletia o sol. Ela parecia simples e linda ao mesmo tempo, e se destacava ainda mais por estar cercada de garotas apavoradas, que não paravam de chorar enquanto os cavalos se aproximavam. Eu sabia que precisava agir rápido.

Fui à tenda da mãe dela, onde minha irmã fora concebida, nascera e aprendera a dançar. Sua mãe estava sentada nos travesseiros da cama, chorando baixinho. Fui até ela e me ajoelhei ao seu lado, estendendo meu véu de seda caso ela precisasse enxugar as lágrimas.

— Senhora mãe — falei, pois era assim que devíamos nos dirigir às mães que não nos deram à luz. — Senhora mãe, temos que ser rápidas se quisermos salvar sua filha.

A mãe de minha irmã olhou para mim e agarrou o véu que lhe ofereci.

— Como? — perguntou ela, e vi uma chama desesperada de esperança arder em seus olhos.

— Vista-me com as roupas de minha irmã — pedi. — Trance meu cabelo como trançaria o dela e me dê alguns enfeites que ela não lamentaria perder.

— Ela vai lamentar perder a irmã — disse a mãe de minha irmã, mas suas mãos já tinham começado a trabalhar. Como eu, ela estava ansiosa para salvar a filha, e não refletia muito sobre o preço.

— Uma de nós deve ser escolhida. — Eu ainda não estava com medo. — Minha mãe tem filhos homens.

— Talvez — disse a mãe de minha irmã. — Mas um filho não é uma filha.

Eu não falei que uma filha valia menos do que um filho. Ela sabia disso, pois também tinha irmãos. Sua filha, minha irmã, não tinha mais nenhum irmão, e seu casamento seria o que sustentaria a mãe dela caso nosso pai morresse. Minha mãe sobreviveria sem mim, mas, sem minha irmã, a mãe dela não tinha essa garantia. Eu salvaria mais do que apenas minha irmã, embora essa não tivesse sido minha intenção. Eu não pensara que talvez, só talvez, apenas o fato de me perder fosse o bastante para fazer minha mãe sofrer.

Minha irmã irrompeu na tenda quando sua mãe colocava o último colar dourado no meu pescoço. Eu usava seu *dishdashah* roxo, preso nos punhos e na cintura por um cordão trançado. Nós tínhamos feito o bordado preto na gola, no peito e nos braços, costurando um mapa dos sussurros que trocávamos enquanto trabalhávamos. Leváramos grande parte de nosso décimo quinto inverno para transformar linhas cruas em um *dishdashah* finalizado. Era para ser seu vestido de casamento, e eu não tinha nada parecido. Enquanto costurávamos, ela me disse que, como eu também o fizera, ele pertencia tanto a mim quanto a ela. Havia segredos naquele vestido — sonhos e confissões que escondíamos até mesmo de nossas mães —, nas tramas, nos adornos e no tingimento. Ele pertencia à minha irmã, mas, como ela queria que compartilhássemos, eu estava linda, envolta em roxo e preto, e beleza era do que eu precisava.

— Não — disse minha irmã quando seus olhos já não estavam mais

ofuscados pelo sol do deserto e ela me viu com clareza. Ela percebeu que, daquela vez, os olhos que nos vissem passariam direto por ela e se fixariam em mim. — Não, irmã, você não deve.

— É tarde demais — falei. — Os homens de Lo-Melkhiin estão chegando.

— Obrigada, filha do meu coração — sussurrou a mãe de minha irmã. Ela sempre fora justa e boa comigo quando eu era criança, mas, naquele momento, soube que também me amava. — Vou orar por você, quando tiver ido embora.

Minha irmã pegou minha mão e me puxou para o sol para que os homens de Lo-Melkhiin não precisassem nos arrastar para fora da tenda. Eu caminharia em direção ao meu destino, e ela seguiria ao meu lado. Pela primeira vez, eu era aquela que atraía todos os olhares. Nós nos reunimos às outras garotas, e todas me encararam quando passei por elas usando aquelas vestes elegantes. Fiquei na frente do grupo, radiante em meu traje escuro. Minha irmã, que antes estava tão luminosa em seu traje simples, agora parecia rústica ao meu lado. Adorável, mas em segundo plano. Eu podia ouvir os homens sussurrarem: “Que pena. Pena não termos percebido que ela era tão bonita quanto a irmã.”

Não olhei para eles. Segurei a mão de minha irmã, e fomos em direção ao poço, onde os cavalos da guarda de Lo-Melkhiin descansavam. Passamos pelas tendas das outras famílias, aquelas com menos ovelhas e menos filhos. As garotas nos seguiram, ficando por perto. Elas sentiam que podiam se esconder à minha sombra, no meu oásis roxo, e, talvez, ficar seguras. Dependíamos do poço para viver, e agora uma de nós seria sentenciada à morte ao lado dele.

Lo-Melkhiin não desceu do cavalo. Ele ficou sentado acima de nós, projetando sua sombra na areia. Eu não conseguia ver seu rosto. Quando olhei para ele, tudo o que vi foi o tecido preto das vestes e o sol, que estava claro demais para suportar. Então, olhei para o cavalo. Não olharia para o chão. Às minhas costas estavam as outras meninas, e atrás delas, os anciões da aldeia, que mantinham as mães afastadas. Gostaria de saber quem segurava minha mãe, já que meu pai e meus irmãos não estavam ali, mas não olhei para trás para descobrir. Eu

queria ser firme como uma rocha, mas o medo sussurrava em meu coração. E se minha irmã fosse escolhida, apesar dos meus esforços? E se eu fosse escolhida e morresse? Afastei esses pensamentos e procurei me lembrar das histórias que entrelaçara para bolar meu plano. Aqueles heróis não vacilavam. Eles seguiam seus caminhos, independentemente do que havia à frente, e não olhavam para trás.

— Quando eu for embora — sussurrei para minha irmã —, faça de mim uma deusa menor.

— Farei de você uma deusa menor agora — respondeu ela, e ouvimos o barulho dos apetrechos de montaria quando os homens de Lo-Melkhiin desmontaram e se aproximaram. — De que adianta ser reverenciada quando se está morta? Vamos começar no momento em que a levarem, e você será uma deusa menor antes de chegar ao *qasr*.

Eu havia orado aos deuses menores minha vida inteira. O pai do pai de nosso pai tinha sido um grande pastor, com mais ovelhas do que um homem poderia contar em um único dia. Ele vendera lã a aldeias distantes e próximas, e era para ele que orávamos quando nosso pai saía com a caravana. Nosso pai sempre voltava para casa em segurança, com presentes para nossas mães, trabalho para nossos irmãos e lucro para toda a família, mas às vezes eu me perguntava se tinha sido graças a um deus menor. Pela primeira vez, desejei que nosso pai estivesse ali. Eu sabia que ele não teria como me salvar, mas eu poderia ter perguntado se ele já havia sentido a presença do deus menor para quem orávamos auxiliando-o na estrada.

— Obrigada, irmã — falei.

Não sabia se isso poderia me ajudar, mas mal não faria.

O guarda de Lo-Melkhiin segurou meu braço, mas eu o segui de boa vontade em direção aos cavalos. Seu rosto estava coberto por um lenço que o protegia da areia, mas seus olhos o traíam. Ele queria estar ali tanto quanto eu, e ainda assim cumpria seu dever, como eu cumpria o meu. Quando viu que eu não resistiria, relaxou o aperto, e sua mão se tornou mais uma guia do que um grilhão. Mantive a postura ereta e não olhei para trás, embora pudesse ouvir os gritos de minha mãe. Talvez eu devesse tê-la procurado, em vez de a mãe de minha irmã. Mas ela não teria me ajudado. Ela teria feito o que o meu

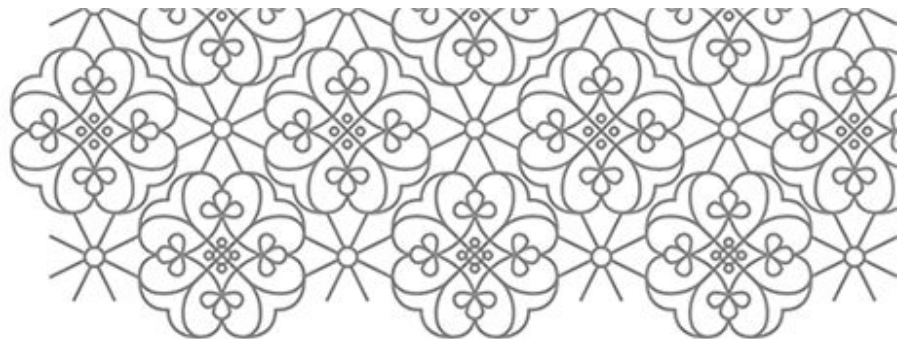
pai não poderia, tentaria me manter a salvo. Ela teria me custado minha irmã.

— Eu amo você! — gritei.

As palavras eram para todos, para minhas mães, e também apenas para minha irmã.

Ela estava de joelhos quando me colocaram no cavalo, o linho branco amarronzado pela areia e o cabelo caindo na frente do rosto. Ela cantava na língua da família, aquela que o pai do pai de nosso pai praticava enquanto cuidava das ovelhas, a mesma que ouvíamos junto ao joelho de nosso pai quando ele a ensinava aos nossos irmãos e nós ficávamos por perto para ouvir. A mãe de minha irmã se ajoelhou ao lado dela e cantou também. Eu podia ouvir as palavras, mas não entendê-las. Sabia que eram para mim, porque sentia a maneira como o vento puxava meu véu, curioso para ver o rosto da garota que recebia tão fervorosa oração.

Lo-Melkhiin, sentado em seu cavalo, riu, achando que minha irmã chorava por me perder. Mas eu sabia a verdade. Podia senti-la na minha alma.



Os cavalos de Lo-Melkhiin eram rápidos como o vento que fazia a areia dançar. As tendas de nosso pai e as outras ao redor de nosso poço foram engolidas pelo céu antes que eu tivesse tempo de olhar para trás. Antes de o guarda me colocar na sela, elas tinham sido meu mundo inteiro, e agora estavam perdidas para sempre. Eu nunca mais contaria histórias para minha irmã, usando a luz quente do lampião para projetar sombras na lona com as mãos. Eu seria uma rainha, ainda que por pouco tempo, e nunca mais voltaria a morar em uma tenda.

Lo-Melkhiin seguia à frente do grupo, e seus guardas, à minha volta, em uma formação não muito rígida. Eles não precisavam ter todo esse cuidado. Eu não estava acostumada a andar a cavalo e precisava de toda a minha concentração só para me manter na sela. Mesmo que eu conseguisse fugir, não tinha para onde ir. Se voltasse para minha aldeia, os guardas apenas me seguiriam até lá, e, se eu tentasse fugir para o deserto, seria devorada pelos corvos mais cedo do que se permanecesse em meu curso. Então observava os guardas, como eles se sentavam e como pressionavam as pernas contra os flancos dos cavalos. Eu me esforcei para imitá-los, mas, depois de um tempo, comecei a sentir dor nas pernas. Estava feliz porque o véu escondia meu rosto. Não queria que me vissem sofrer.

Quando o sol estava alto, paramos para dar água aos cavalos. Eles eram criados no deserto, e podiam andar o dia todo se fosse necessário, mas cavalgariam com mais facilidade se os deixássemos descansar. Lo-Melkhiin não usava esporas. Eu sempre achara que cavalos eram caros, porque nem nosso pai tinha um, mas agora tinha certeza, porque Lo-Melkhiin era muito gentil com o seu. Ele mesmo segurou a cabeça do animal e levou o odre de água aos lábios dele para que bebesse. Lo-Melkhiin tocava de leve a crina do cavalo, e eu comecei a pensar.

Que tipo de homem poderia ter tanto sangue nas mãos a ponto de escolher uma esposa instantes após vê-la, sabendo que em breve ela

participaria da litania dos mortos, mas ordenaria uma parada na viagem para poupar os cavalos? Eu não tinha parado para pensar direito, em minha pressa para salvar minha irmã. Tinha pensado na vida dela, na felicidade de sua mãe, mas não em como seria meu casamento. Por uma noite ou trinta, eu conheceria Lo-Melkhiin, que rira das lágrimas de minha irmã e dera de beber a seu cavalo com as próprias mãos.

Minha irmã, nossas mães e eu já tínhamos conversado sobre casamento, é claro. Nós tínhamos costurado o *dishdashah* roxo que eu estava usando, enchendo-o com nossas esperanças e nossos sonhos para o futuro. Sabíamos que, algum dia, nosso pai anunciaria o casamento de minha irmã, e pouco depois o meu, e nos mudaríamos para as tendas das famílias de nossos maridos. Haveria uma festa, e músicas, seguindo as antigas tradições. E haveria a noite de núpcias. Eu não teria nada disso agora, exceto a última.

Olhei para baixo do alto do cavalo. Ninguém se aproximou para me ajudar a desmontar, e eu estava determinada a não cair tentando. O guarda que me afastara de minha irmã era alto e usava roupas de couro muito mais adequadas para o clima do deserto do que meu vestido. Ele veio em minha direção, estendendo um odre de água. Bebi apenas um pouco antes de devolvê-lo, e o guarda não me olhou nos olhos.

— Sal — disse Lo-Melkhiin.

Foi a primeira palavra que o ouvi dizer.

O guarda me passou uma vasilha de sal, uma pequena caixa ornamentada que carregava na cintura. Quando a segurei, percebi que era de madeira e valia mais do que a roupa que eu estava usando. Dentro havia o mineral precioso que nos manteria vivos no sol do deserto. Lambi o dedo e o cobri com os grossos grãos brancos. Sabia que o gosto seria ruim, mas enfiei a mão por baixo do véu e me forcei a comer tudo. O guarda me passou o odre de água novamente. Bebi mais goles dessa vez, para tirar o gosto da boca, mas ainda pude vê-lo guardar a caixinha, com cuidado, em segurança. De maneira quase amorosa. Valia mais do que a madeira para ele.

— Obrigada — falei.

Então me perguntei se isso era permitido. Alguns homens não deixavam suas esposas falarem fora de casa, muito menos com outros homens. Eu ainda não era sua esposa, mas era como se fosse, e Lo-Melkhiin podia ser o tipo de marido que esperava uma criatura reservada e recatada.

— Não há de quê — respondeu o guarda, e não havia medo em sua voz.

Ele ainda não olhava para mim, e eu sabia que era porque sentia pena. Compadecia-se da minha morte.

Lo-Melkhiin voltou para a sela, a pesada túnica esvoaçando atrás dele e as botas leves junto à barriga do cavalo. Ao seu sinal, os outros guardas também montaram. Tentei encontrar uma posição mais confortável na sela, mas não consegui. Cerrei os dentes por trás do véu, e seguimos em frente.

O tempo corria diferente no deserto. Ouvi dizer que, na cidade, os cétricos encontraram uma forma de medir o tempo usando água e vidro, mas no deserto a areia se estendia até onde a vista alcançava, e o tempo seguia com ela. Era impossível dizer quanto já se andou ou quanto ainda faltava. Se alguém morria no deserto, a areia era o que o matava, já que estava em todo lugar e não se importava se você conseguia sair dela ou não. Então cavalgamos por horas, mas parecia que tinham se passado dias. Não estávamos em uma rota de caravanas, então não passamos por viajantes ou outras aldeias. Se tivesse que adivinhar, teria dito que cavalgávamos em linha reta de volta ao *qasr* de Lo-Melkhiin, enquanto outros viajantes teriam preferido o caminho mais longo e seguro pelos oásis. Mas nossa direção, assim como o tempo da viagem, tinha se perdido em meio à areia.

Quando o sol se aproximou do horizonte, o céu passando de um azul intenso para um vermelho cada vez mais escuro, vi uma silhueta à distância e soube que finalmente havíamos chegado. O pai do pai do pai de Lo-Melkhiin construía o *qasr* com pedra branca. Nosso pai e nossos irmãos tinham nos contado isso, pois o tinham visto durante uma das viagens com a caravana, e, agora que minha mãe e a mãe de minha irmã não viajavam mais, elas gostavam de ouvir histórias sobre

o mundo. Durante o dia, o palácio brilhava, absorvendo os raios solares, aquecendo lentamente à medida que o dia avançava. Quando a noite chegava e o deserto esfriava, o calor emanava das paredes, tentando voltar ao sol, mas, uma vez que o astro estava se pondo, o calor subia em ondas, e o palácio, como se visto através de um véu da mais fina seda, parecia enevoado e indistinto. Mas não era uma miragem imaginada por alguém com insolação e delirante. Era sólido, e estávamos nos aproximando.

A cidade era dividida em três partes. No centro, ficavam o *qasr* — onde Lo-Melkhiin morava e se reunia com peticionários — e o templo. À sua volta, havia ruas sinuosas e casas claras, areia e tendas sujas. E, em torno de tudo, um muro imponente. Há muito tempo não havia invasores, mas o muro vinha de épocas menos pacíficas. Nós prosperamos sob o governo de Lo-Melkhiin — ou, ao menos, os homens prosperaram, e eram os homens que administravam tudo, desde grãos e ovelhas até quem vivia ou morria.

Os portões da cidade estavam abertos, já que Lo-Melkhiin era esperado. Em outras ocasiões as pessoas deviam ir ver a noiva de Lo-Melkhiin para lhe desejar felicidades. Na minha aldeia, cantávamos por prosperidade e vida longa quando a noiva passava. Mas não se ouviam músicas dentro do *qasr*, não para mim. Havia pessoas nas ruas, que tinham ido ver sua rainha passageira, quando avancei sob as torres, mas estavam em silêncio e não cantavam. A maioria não me encarava por muito tempo. Mães puxavam os filhos para longe, escondendo-os atrás de portas em vez de abas de tendas, embora parecessem com nossas mães, e até se vestissem como elas. Os guardas cavalgavam perto de mim agora, mas Lo-Melkhiin seguia sozinho. Ele não temia o próprio povo, pois não governava com punho de ferro.

Os cavalos podiam sentir a proximidade do lar e cavalgavam cada vez mais rápido pelas ruas. Os guardas se aprumaram em suas selas, tentando se mostrar à altura do posto, embora estivessem cobertos de areia. Eu só podia me agarrar às rédeas e orar para não cair. A cidade tinha me deixado alerta de novo, com suas luzes calorosas e cintilantes. Tinha a sensação ilusória de que estava em casa. As longas horas no deserto tinham me deixado entorpecida, e eu havia

esquecido o quanto meu corpo estava dolorido; agora meus músculos gritavam. Enfim, quando chegamos aos estábulos, os guardas desmontaram e o guarda-sal me ajudou a descer. Praticamente caí em seus braços, e, quando me colocou no chão, ele esperou um instante antes de me soltar. Alonguei as pernas e as costas; meus ossos estalaram. Mordi a língua para conter a dor, mas me recusei a me apoiar no guarda.

— Esta aqui tem mais fibra do que parece — disse Lo-Melkhiin.

Ele não riu. Achei estranho, já que rira do sofrimento de minha irmã, mas Lo-Melkhiin já voltara sua atenção para um homem com uma elegante túnica vermelha. Imaginei que fosse o criado, e suas palavras confirmaram meu palpite.

— Os aposentos de sua noiva já estão prontos, meu senhor — avisou ele. — Assim como os seus, se for de sua vontade se recolher.

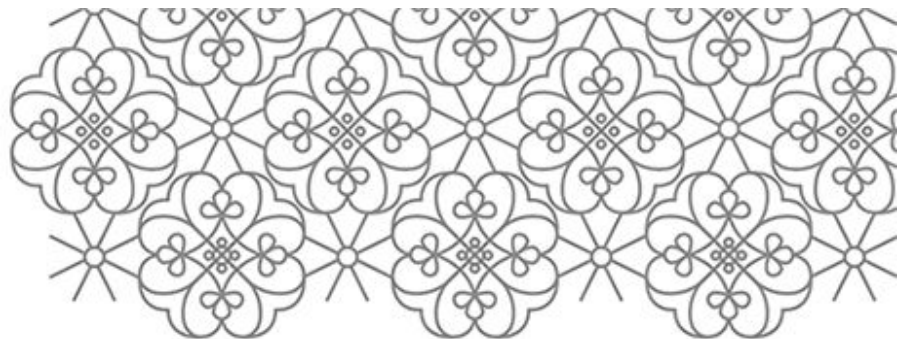
— Vou dar uma volta pelo muro — disse Lo-Melkhiin. — Desejo ver as estrelas.

— Como preferir — respondeu o criado, fazendo uma reverência. Então gesticulou para o guarda-sal, que ainda estava de pé ao meu lado. — Por aqui.

Os outros guardas saíram, e o guarda-sal segurou meu braço de novo, com gentileza desta vez. Seguimos o criado; minha hesitação nos degraus atraiu um olhar demorado de meu guia, mas nenhum comentário, e continuamos por um longo corredor e através de um jardim. Ouvi, então, um som que não conhecia. Parecia um sussurro suave, mas estava escuro demais para descobrir sua origem. Aquilo me fez lembrar algo que ouvira há muito tempo, mas a cidade e o *qasr* afastavam o deserto da minha mente.

Do outro lado do jardim, uma mulher nos esperava. Era mais velha e usava uma roupa simples, porém de qualidade. Suas costas não estavam curvadas, e ela sorriu para mim. Era o primeiro sorriso que eu via desde a manhã. Ela me levou até uma sala de banho bem iluminada, dispensando o guarda-sal e o criado, e eu a segui em direção ao cheiro forte de perfume e ao farfalhar das sedas. Outras mulheres esperavam por nós lá dentro, com escovas e óleos e tecidos tão finos que brilhavam à luz do lampião.

Elas iriam me banhar e me enfeitar como uma noiva, mas eu sabia que estava sendo preparada para a morte. E aquele som continuava puxando pelo redemoinho das minhas lembranças. Decidi nesse momento que precisava sobreviver àquela noite, porque queria descobrir o que fazia aquele som. Subi as escadas, e entrei no harém de Lo-Melkhiin.



Quando o sol levou embora nosso quinto verão, tivemos uma temporada de chuvas como nenhuma outra até então. Começou de forma discreta, uma mancha escura no horizonte, algo que eu não sabia que deveria temer. Minha irmã e eu estávamos com as ovelhas, que não se desgarraram durante os dias quentes porque sabiam que, se vagassem para longe, morreriam. O primeiro sinal foi quando o carneiro se assustou, balindo mais desesperadamente do que se fôssemos matá-lo para o jantar. Ele nos deu uma marrada, acertando também as ovelhas, e nós choramos. Gostávamos muito dele e o tratávamos como um animal de estimação, alimentando-o com os melhores capins que podíamos encontrar e nos apoiando em seu flanco em busca de um pouco de sombra no calor do sol.

Ele me derrubou e estava prestes a me pisotear quando nossos irmãos chegaram. Eles não gritaram conosco nem nos provocaram, como costumavam fazer. Este foi o segundo sinal, quando notamos que a situação era séria. Eles tomaram nossas varas, tocando o pequeno rebanho de volta à aldeia, e, quando caí, as pernas ainda bambas por terem sido machucadas pelos chifres do carneiro, nosso irmão mais velho — o único irmão do mesmo pai e da mesma mãe que minha irmã tinha — me pegou no colo, quando poderia ter zombado de mim. Corremos, não para as tendas, mas para as cavernas onde venerávamos os mortos. O céu escureceu mais, uma escuridão estranha. Não era a noite negra que eu conhecia; era cinzenta e revoltosa, e as nuvens adquiriam um tom esverdeado de que eu não gostava.

Quando chegamos às cavernas, nossas mães nos esperavam na entrada. Vestiam os trajes sacerdotais brancos, como nos funerais e dias de comemoração, e aos seus pés estavam os restos de uma cerimônia apressada. Não íamos ali com os vivos — ou nunca tínhamos feito isso desde que nasci —, então eu sabia pelas lições de minha mãe que, como não trazíamos um corpo conosco, devíamos pedir permissão para entrar.

Às nossas costas, o restante da aldeia subia até as cavernas, levando o que podiam carregar. Não era tudo. Lá embaixo, onde as tendas se agrupavam, pude ver muitos objetos amados deixados para trás. O medo tomou conta de mim, embora eu ainda não soubesse o motivo, e me agarrei à minha irmã e ao véu sacerdotal de minha mãe.

— Podemos entrar? — perguntou nosso pai no tom sussurrado e reverente que usava quando minha mãe vestia aqueles trajes, e não a voz imponente com a qual se dirigia a ela em nossa tenda.

Nossas mães trocaram um olhar. As duas ainda não haviam começado a nos instruir naquele ofício — o pequeno e terrível poder que tinham sobre os mortos da aldeia —, mas eu podia ver algo em seus olhos, mesmo que não soubesse decifrar o quê. Minha mãe assentiu, e a mãe de minha irmã ergueu as mãos.

— Fizemos as oferendas e os rituais — respondeu ela. — Os mortos não se opuseram, então podemos entrar, embora ainda possa haver um preço.

— Precisamos arriscar, as nuvens estão próximas e não temos outro lugar para onde ir — afirmou nosso pai.

Nuvens. A palavra pareceu estranha em minha língua quando a repeti, e temi seu peso na hora. Elas estavam mais perto agora, pesadas e escuras, baixas no céu. Esperavam por nós, mas não esperariam muito mais tempo.

— Então, entre. — Minha mãe falou com nosso pai, mas abriu os braços para incluir todos. — Entrem, mas tenham cuidado onde pisam. O sono dos mortos é leve quando um vento como este está soprando lá fora.

Deixamos as ovelhas do lado de fora com nosso irmão mais velho. Entramos nas cavernas, e nossas mães espalharam mantos brancos no chão para nos sentarmos. Nosso pai foi falar com cada família, indicando o melhor lugar para se sentarem e acomodarem seus pertences sem perturbar os mortos. Depois, voltou para onde estávamos.

— Venham — disse para mim e para minha irmã. — Vocês precisam ver isso, para saberem como é.

Ele nunca tinha falado diretamente conosco antes. Suas ordens

sempre vinham de nossas mãos ou do irmão mais velho de minha irmã. Éramos as meninas, nascidas com tão poucos meses de diferença que poucos poderiam nos diferenciar, fora o fato de a mais velha ser mais graciosa. Não sabíamos o que fazer, por isso minha mãe nos empurrou para a frente e a mãe de minha irmã colocou a barra da túnica de meu pai em nossas mãos.

— Não soltem — disse. Ela antes falara sobre um preço. — Não importa o que aconteça, segurem firme e voltem para nós.

Seguímos nosso pai até a entrada da caverna, onde nosso irmão mais velho esperava com as ovelhas. As nuvens estavam acima de nós agora, estendendo-se até onde a vista alcançava. Eu não gostei do cheiro que havia no ar, e, quando torci o nariz, nosso pai sorriu.

— Sim, filha minha — disse ele. — Lembre-se desse cheiro. Lembre-se da aparência do céu. Lembre-se do nervosismo das ovelhas e de como elas tentaram derrubá-la. Lembre-se de tudo isso, e do que está por vir.

Ele sorriu. Nunca tinha me falado tanta coisa. Eu estava com medo, mas também senti a areia em meu coração se transformar em vidro. O que quer que estivesse chegando, nosso pai queria que minha irmã e eu víssemos, conhecêssemos e nos preparássemos para a próxima vez que viesse. Foi naquele momento que eu soube que ele nos amava.

Enquanto observávamos, o céu ficou preto e, finalmente, as nuvens não podiam mais conter o que quer que fosse. Umidade brotou, e as ovelhas se aproximaram mais da colina. Era água, notei depois de um instante. E era ensurdecedor. A única água que conhecia vinha de nosso poço. Eu me banhava com ela, bebia e regava os melões, mas nunca tinha visto nada assim.

— Chama-se chuva — disse nosso pai. — Cai sobre as colinas verdejantes distantes daqui e corre até nós pelo leito seco do uádi. Mas quando os deuses menores desejam, as nuvens se soltam daqueles montes verdes e vêm velozes até nós, e com tanta água como vocês verão poucas vezes na vida. Precisamos da água para sobreviver, mas é perigoso, e logo verão por quê.

Nós observamos. A chuva caía do céu como de um incontável número de jarros. Infiltrava-se na rocha acima de nós, arrancando a

areia e a levando depressa em direção ao leito do uádi. As ovelhas estavam completamente ensopadas, assim como ficava sua lã quando a tingíamos, e desprendiam um cheiro ainda mais desagradável do que aquele que eu sentira antes da chuva.

Ouvimos um estrondo atrás das tendas, fora de nossa visão. Nosso pai olhou para nós duas, para nossas mãos agarradas às suas vestes, e depois para nosso irmão, que estava logo além da entrada da caverna, tão molhado quanto as ovelhas, mas com uma energia fervilhante em seus olhos que não revelava medo.

Então ouvi outro som e, por algum tempo, não consegui identificá-lo. Era minha irmã gritando. Eu nunca a ouvira berrar daquele jeito, então olhei para ela, achando que devia ter sido ferida pela chuva. Nosso pai segurou meu rosto e me forçou a olhar novamente para as tendas. Atrás delas, uma grande massa cinzenta havia se erguido onde antes ficava o uádi. Atingiu o círculo de tendas em que dormíamos, comêramos e brincáramos, ignorando couro e corda, varrendo tudo o que encontrava pelo caminho.

A massa continuava avançando em nossa direção, subindo depressa até as cavernas. Senti um grito se formar em meu peito. A água tinha levado as tendas e todo o resto. Se entrasse nas cavernas, ficaríamos presos. Nosso pai ficou à frente de nós, e nos agarramos a ele quando a água chegou. Ela se arrastava em nossa direção e, por um bom tempo, pensei que seríamos arrastados também. Mas então, como se controlada por um deus menor, a água recuou, e, embora tivesse lambido as sandálias de nosso pai, não o levou.

Foi então que o carneiro entrou em pânico. As ovelhas se agitavam ao seu redor, a água rodopiando em torno dos flancos, o que aumentava o desconforto do animal. O carneiro atacou nosso irmão, que acompanhava a tempestade afastado de nós, dando-lhe uma forte marrada. Ele caiu com um grito, rolando morro abaixo, até a água engoli-lo e levá-lo para longe.

Nosso pai berrou, um grito de luto e tristeza, mas não se mexeu. Se tivesse tentado, teria arrastado minha irmã e eu com ele, e, embora a água pudesse tê-lo poupado, certamente teria nos levado. Então assistimos impotentes à silhueta escura de nosso irmão ser arrastada

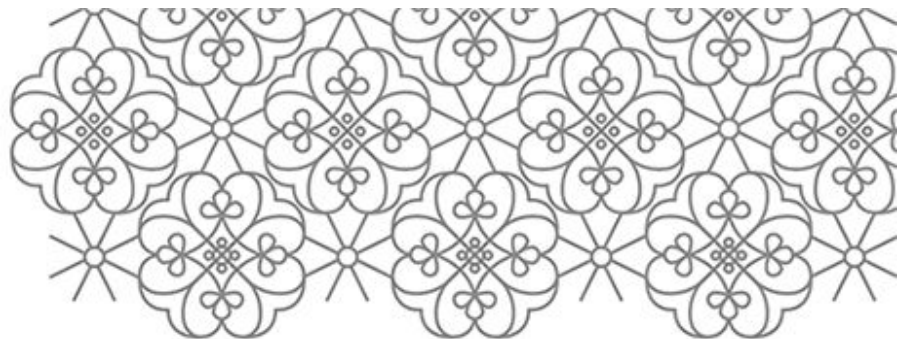
cada vez mais para longe no uádi até desaparecer.

— Venham — disse nosso pai. — Não há mais nada para vocês verem aqui.

O preço sobre o qual a mãe de minha irmã havia nos alertado fora pago, e ela gritou em lamento quando nosso pai lhe contou. Abraçou com força minha irmã e chorou. Os mortos tinham cobrado o que lhes era devido, e nosso irmão nunca repousaria entre eles ali na caverna. Seus ossos se perderiam no deserto, e minha irmã e eu aprendêramos o terrível custo do verde e da vida.

O som no jardim, percebi enquanto as criadas de Lo-Melkhiin me banhavam e perfumavam, era o som que tínhamos ouvido no início da inundação. Tão suave que eu não havia reconhecido a princípio, até as mulheres me colocarem na banheira com água quente e me afundarem para molhar meu cabelo. A água entrou no meu nariz e nos meus ouvidos, e eu emergi tossindo. Eles sentiram pena, assim como sentiam pena de tudo em relação a mim. Eu era uma noiva condenada, tão provinciana que nunca sequer tivera água suficiente para um banho decente. Mas quando minha visão clareou, reconheci o som.

Era o som da morte, da umidade e do verde. Era o som do custo e do valor pago. Mas, se eu pudesse encontrar algo como a barra da túnica de nosso pai, se pudesse encontrar algo a que me agarrar, então aquele seria o som da esperança.



O caramanchão cheirava a salva, jasmim e medo. Não sentia o cheiro das ovelhas nem da areia, pois estávamos no centro do *qasr*, e até mesmo o deserto tinha dificuldade de me encontrar ali. Sentei-me em almofadas forradas com a mais fina seda, e ao meu redor pendiam cortinas e véus de tecidos transparentes que eu não conhecia. Tudo devia ter sido limpo depois que a última esposa morrera, mas algo permanecera ali, uma presença. O ar era parado e quente, sem o menor sinal de vento. Os lampiões ardiam intensamente, sem tremeluzir. E eu esperei.

As criadas haviam cortado minhas unhas bem curtas e lixado com areia grossa até as pontas ficarem lisas. Eu não poderia arrancar um fio do meu véu, e levaria alguns dias até conseguir tecer novamente sem parecer uma novata. Quando confrontada com a pele nua de Lo-Melkhiin, eu não seria capaz de marcá-la. Elas haviam verificado meus dentes também. As mulheres da cidade limpavam os dentes com água de hortelã, mas nós usávamos areia fina, tirada do leito do uádi. Os crânios em nossas catacumbas tinham todos os dentes, até mesmo os parentes que morreram velhos. As mulheres que me banharam possuíam lacunas em suas bocas ou dentes tortos. Perguntei-me se temiam que eu o mordesse, mas imagino que não havia nada que pudessem fazer.

Se minha irmã tivesse participado do meu casamento, ela teria esperado comigo, e nossas mães também. As três teriam sussurrado segredos, coisas nunca ditas em voz alta na presença dos homens, mas eu estava sozinha. Não tinham me oferecido nada para comer, o que achei ótimo. Meus nervos até então estavam sob controle, mas, se eu estivesse com o estômago cheio de comida da cidade, temperada com iguarias às quais não estava acostumada, poderia ser diferente.

Não recebi um relógio de vela, e eu não podia ver o céu nem ler o relógio de água no canto do aposento. Mas não precisei esperar muito até ele chegar.

Ele usava sedas, assim como eu, só que suas vestes eram azul-

escuras, contrastando com a pele mais pálida do que a minha. Em outra época, Lo-Melkhiin fora um grande caçador, mas já não passava muito tempo sob o sol. A calça era presa na cintura por um cinto de joias que dava a volta em seu corpo três vezes e se fechava com uma cabeça de serpente comendo a cauda. A luz do lampião brilhava no metal trabalhado do fecho, mais refinado do que qualquer outro que eu já vira. A camisa tinha mangas largas. Minha roupa não passava de tecidos amarrados que, uma vez puxados, revelariam meu corpo por baixo. Eu não fazia ideia de como despi-lo.

Lo-Melkhiin se sentou, elegante e com as costas eretas, cruzando as pernas e apoiando as mãos nos joelhos. Não parecia um predador, exceto pelos olhos, que brilhavam enquanto me observavam. Respirei fundo, como um antílope quando sente o cheiro de um leão.

— Minha esposa plebeia — disse ele, após um longo tempo. Sua voz era suave, como quando falara com o cavalo, mas eu não esperava que me mostrasse a mesma bondade que tivera com o animal. — Você não tem medo de mim. Diga-me por quê.

— Não há motivo para ter medo — respondi.

— Você não teme que eu mande matá-la, bem aqui, neste quarto, se não me satisfizer?

— Sei que pode, e talvez faça isso. A inundação virá, rápida e sem aviso, porque o solo não está preparado. E, portanto, não adianta temê-la.

— Isso é verdade. — Ele sorriu. Seus dentes eram alinhados e não havia nenhum faltando. — Mas acho que você vai durar mais do que uma noite.

— Estou aqui para servi-lo, marido — disse a ele, e olhei em seus olhos.

Quando minha mãe falava com nosso pai, costumava dizer essas palavras. Ele gostava disso, da maneira como ela se colocava à sua mercê. Até aquele momento, eu não tinha percebido que, já que era ela quem permitia isso, minha mãe tinha mais poder do que ele imaginava. Lo-Melkhiin me considerava inferior; mas seu ponto de vista não era o único.

Lo-Melkhiin sorriu.

— Conte-me sobre sua irmã — pediu ele. — Os homens sussurraram que ela era a mais bela, e se surpreenderam por eu não tê-la escolhido. Você fez isso de propósito, e eu gostaria de saber por quê.

Havia algo em seu sorriso que acendeu uma chama em minha alma. Trechos das histórias que eu conhecia surgiram em minha mente, aquelas que lembravam minha irmã e aquelas que poderiam ser moldadas para isso. Elas voavam à minha volta, e eu as capturava no ar.

— Minha irmã tem um fogo dentro dela que eu não queria que você possuísse.

— Eu ainda posso tomá-lo — disse ele. — Você pode acabar morrendo, como falou.

— A lei impede que você faça isso. Os homens da cidade e do restante do reino não vão permitir. Se desrespeitar a lei uma vez, e roubar uma filha, o que poderia impedi-lo de fazer isso de novo?

— Sou paciente. Talvez apenas espere.

— Ela vai estar muito velha — falei. — Minha irmã nasceu no mesmo ano que eu. Até você voltar, já estará casada.

— Os de alma ardente não se casam jovens — retrucou ele. — Esperam até encontrar um fogo igual ao seu. E eu não vi isso em sua aldeia.

— Minha irmã desperta esse fogo nos outros. Seu marido pode ser o homem mais sereno do mercado até vê-la. Então, arderá com uma chama igual à dela.

— Você parece conhecê-la bem.

— Tanto quanto a minha própria alma.

Ele jogou a cabeça para trás e riu, os dentes brilhando à luz do lampião. Senti algo se agitar novamente, e meu próprio fogo ficou mais quente. Eu conhecia aquela sensação. Era a mesma que me dominara enquanto eu cavalgava para longe da aldeia e minha irmã se ajoelhava para orar. Talvez, naquele momento, ela estivesse usando as vestes sacerdotais de sua mãe e tivesse reunido as outras mulheres. Inclinei-me em direção a Lo-Melkhiin.

— No deserto, onde o sol arde com mais força, há um vento que

pode separar a carne dos ossos — falei. — Nessa época, deixamos os camelos velhos do lado de fora para morrerem. Nós nos escondemos na segurança de nossas tendas, com comida e água suficiente para sobrevivermos até os ventos passarem. E esperamos.

“Os camelos blateram a princípio, quando o vento começa. Sabem o que está por vir. Sentem o cheiro. Mas nós os prendemos bem, e eles não conseguem arrebentar a corda. Mas tentam. Tentam se salvar. Eles gritam quando a primeira rajada de ar quente sopra. É quando sabemos que não é mais seguro sair, e é por isso que não matamos os camelos antes de o vento chegar. Eles são nossa última defesa.

“Os camelos gritam e gritam. Se o vento for quente o suficiente, acaba rápido, mas às vezes demora. Um dia, minha irmã não conseguiu suportar os gritos. Pegou o arco de nosso irmão e levantou a aba da tenda, segurando-a para se proteger do calor. O vento estava a favor dela, e minha irmã acertou o camelo para cessar os gritos. Nosso pai ficou tão surpreso que nem conseguiu repreendê-la.”

— Então sua irmã é uma tola — afirmou Lo-Melkhiin. — Uma tola de coração mole, se não consegue suportar o sofrimento de um camelo.

— Não, marido. Minha irmã é inteligente. Ela segurou o arco contra a aba da tenda para não se queimar. E matou o camelo antes que ele pudesse entrar em pânico e tentar se soltar. Se tivesse continuado preso, seus ossos teriam se partido. E precisávamos que os ossos continuassem firmes e inteiros. — O fogo me inflamava a cada palavra. — Usamos os ossos dos camelos como hastes para as tendas, para manter o teto sobre nossas cabeças. Também os usamos para manter a aba aberta e permitir que a fumaça saia. O vento quente nem sempre vem. Às vezes, um camelo velho morre, e é necessário tirar sua pele e limpá-lo como fazemos com os antílopes, mas os ossos são inúteis, pois não foram curados pelo vento. Não podemos usá-los para construir nada. Mal podemos usá-los como acendalha.

“Minha irmã não é tola nem tem coração mole. Ela luta por seu lar e assume os riscos necessários. Foi por isso que me coloquei em seu lugar hoje... por isso que não quis que você a possuísse. Minha irmã arde, mas não arde por você.”

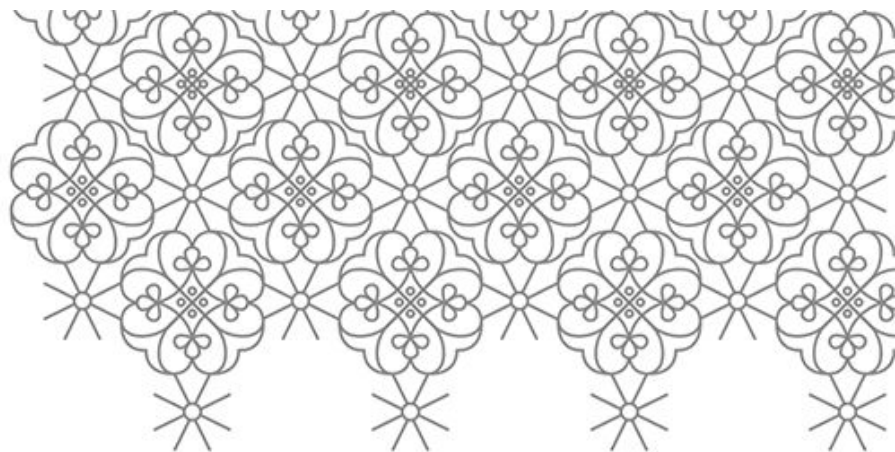
Lo-Melkhiin foi rápido e segurou minhas mãos antes que eu pudesse sequer pensar em me afastar. Era seu direito me tocar como desejasse, claro, então foi melhor assim. O contato de nossas peles criou um fogo de um tipo diferente. Quase podia vê-lo, fios dourados e azuis, areia e céu do deserto, sangrando do meu corpo para o dele, mas tinha ficado muito tempo sob o sol naquele dia e não confiava em meus olhos. Ele segurou minhas mãos por um segundo, depois cinco, depois dez. Um fio cor de cobre serpenteou dos dedos dele para os meus, tão suave que me perguntei se tinha imaginando tudo aquilo, e então ele me soltou.

— Muito bem, esposa — disse Lo-Melkhiin, levantando-se. — Você prosperará em minha casa.

E então se foi, o ar parado se agitando atrás dele conforme se afastava em direção à noite.

Desabei nas almofadas, cansada e exultante ao mesmo tempo. Eu me perguntei se minha irmã também tinha sentido o fogo que eu compartilhara com ela naquela noite. Eu me perguntei se ela ardera, e se entendera por quê. Ela devia ter orado o dia todo, fosse para um deus menor da família ou para o santuário que prometera fazer para mim. Porque eu sentira minha alma se agitar, e, quando Lo-Melkhiin me tocara, tinha visto o brilho das chamas. Não sabia o que aquilo significava nem o que tinha acontecido, e não me importava. Podia ouvir os pássaros cantando no jardim, e, embora não pudesse ler o relógio de água, sabia que o amanhecer devia estar próximo. Eu tinha passado a noite como esposa de Lo-Melkhiin.

E sobrevivera.



Lo-Melkhiin cavalgou para o deserto como homem, mas era outra coisa quando voltou de lá.

Ele tinha ido caçar leões, porque sua mãe gostava de fiar os pelos das jubas castanho-amareladas, e porque eles atacavam as aldeias às margens do deserto. Ele cavalgava sozinho, como convinha a um caçador de sua classe, mas Nadarqwi, Aquele que Vê à Distância, acompanhava seu progresso dos penhascos de rocha vermelha, e Sareeyah, o Ligeiro, estava por perto, pronto para socorrer Lo-Melkhiin se ele precisasse de ajuda.

Alguns diziam que Lo-Melkhiin encontrou um deus cruel nas dunas naquele dia. Outros diziam que ele fez um pacto com um demônio. Os céticos desviaram os olhos de suas placas de mármore e disseram que ele tinha ficado muito tempo sob o sol. Deus, demônio ou o que quer que fosse, não importava. A verdadeira diferença era eu.



Quando o vi, soube que deveria ser meu. Ele era mais alto do que a maioria, os ombros aprumados; um homem que nunca precisara moer os próprios grãos. Sua roupa era tecida com esmero, e havia algo em seus olhos que transmitia poder. Desejei aquilo, como desejara muitas coisas. E então eu tomei.

Sua mente era mais resistente do que eu esperara, e foi necessário certo esforço para entrar pelas frestas. Ele amava seu povo. Seu senso de dever era forte. Ele sabia consertar armaduras e assar pão, embora sua posição raramente lhe exigisse isso. Mas no fundo, sob o orgulho que tinha de seu trabalho e seu lar, havia preocupações que criavam um abismo em seus pensamentos.

Ele era muito jovem. E seu pai governara muito mal. E sua mãe estava muito doente.

Foi onde cravei minhas garras e dentes. Ataquei suas dúvidas, expondo-as sob o sol quente do deserto. E, quando ele cedeu, firmei minha conquista.

Ele lutou — os melhores sempre lutavam —, mas era tarde demais. Eu o dominara, e ele era meu. Pisei em seus deveres e enterrei seus amores. Mantive apenas as partes que eu queria: o poder, o conhecimento, a habilidade para governar.

Quando abri os olhos dele pela primeira vez, o mundo era menor, mas era meu. O ar encheu seus pulmões porque eu deixei. Com a mesma facilidade, poderia tê-lo eliminado. Se quisesse, poderia tê-lo feito tirar os sapatos e deixar a areia queimar seus pés.

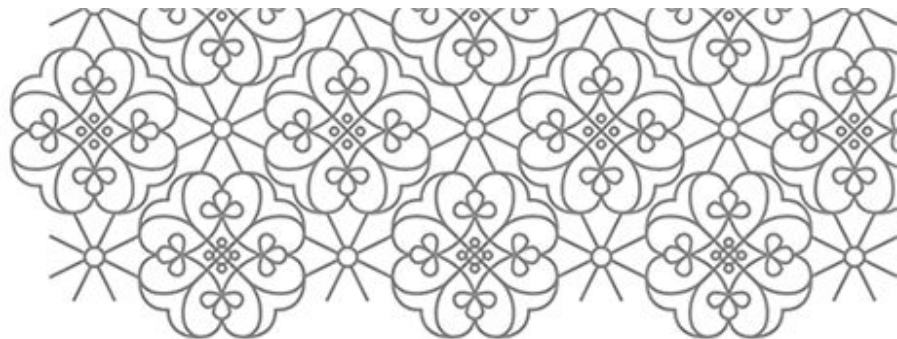
Preservei sua consciência em um canto de sua mente, o que não era de meu feitio. Normalmente, quando dominava alguém, eles se extinguíam rapidamente e me deixavam com fome. Mas Lo-Melkhiin era diferente. Ele era mais forte. E eu gostava de ouvi-lo gritar.

Ouvi um rugido e fiquei de pé, apoiado em sua lança. Minha lança. Eu a segurei em suas mãos — minhas mãos — enquanto o leão se aproximava. Lo-Melkhiin sabia como matá-los sem estragar o couro. Podia matá-los de forma rápida e indolor, e levar a juba para sua mãe, que as amava mesmo estando doente.

Mas havia hienas por perto e, quando atirei sua lança — minha lança —, prendi a pata do leão. Minha presa rugiu novamente, desta vez com dor. As hienas ouviram o som e responderam, as risadas ecoando através das dunas enquanto cercavam o animal ferido.

O leão tentou combatê-las, mas as hienas eram muitas, e suas mandíbulas, muito fortes. Elas fizeram a fera dourada em pedaços, juba, sangue e ossos espalhados pela areia, e então o comeram, porque podiam.

E eu fiz Lo-Melkhiin assistir.



Foi uma brisa que me acordou, o ar adocicado intocado pelo forte incenso. Por um momento, esqueci onde estava, mas então a criada colocou uma bandeja ao lado do meu travesseiro e eu lembrei. Respirei o ar puro que entrava pela porta aberta que eu nem vira na noite anterior, quando as velas enevoavam minha visão, e me sentei.

— Sua graça — disse a jovem criada —, você deve tomar o chá.

Perguntei-me se ela fora levar café da manhã para as outras garotas e só encontrara cadáveres envoltos em seda. Ela não mostrou nem surpresa nem alívio em me encontrar viva. Estendeu a xícara para mim, a cerâmica tão fina que me maravilhei que pudesse conter algum líquido, e a segurei nas mãos. Tinha um gosto horrível, e reconheci o sabor das ervas pela descrição que minha mãe fizera. Aquele era o chá que impedia que um bebê se formasse. Lo-Melkhiin só havia tocado minhas mãos, mas o bebi mesmo assim.

Na noite anterior, um poder que eu não compreendia estivera no quarto conosco. À suave luz da manhã, era difícil lembrar, porém mais fácil acreditar. Eu ainda sentia a agitação em meu peito — fraca, mas presente — e sabia que não podia ter dúvidas. A luz que passara entre nós, primeiro de mim para ele e então de volta, com cores diferentes, não era parecida com nada que eu já tivesse visto ou ouvido falar. E eu não sabia a quem poderia fazer perguntas por ali.

— Sua graça — chamou a criada —, deseja comer?

Perguntei-me se ela esperava lágrimas de mim, ou lamentações. Em vez disso, cruzei as pernas e estendi a mão para a tigela. A criada fez uma medida e me entregou, o bronze frio em meus dedos. A comida era simples, como se o cozinheiro que a preparara soubesse que eu havia nascido no deserto e temesse que o novo ambiente pudesse me fazer mal. Passei homus no pão e comi lentamente enquanto a criada me observava.

A garota parecia ter o mesmo número de verões que eu, embora tivesse a pele mais clara sob os véus. Ela não tinha visto o sol ou sentido o vento como eu. Suas unhas eram curtas, como as minhas, e o

cabelo estava preso no alto da cabeça em cachos perfeitamente arrumados. Era um estilo mais elaborado do que eu já tentara fazer, e imaginei como poderia replicá-lo, já que não podia ver como estava preso por baixo da seda. Então me lembrei da sala de banho na noite anterior, e que talvez eu nunca mais fosse arrumar meu próprio cabelo. O cabelo de uma rainha devia ser elegante, arrumado pelas mãos de outra pessoa.

Quando terminei, ela colocou a tigela na bandeja e puxou uma corda perto do pé da cama. Ouvi, então, um tinir suave, chamando as outras criadas para o quarto. Elas começaram a abrir venezianas e janelas, deixando o ar e a luz entrarem, e uma retirou a louça. A primeira garota estendeu as mãos para mim, e a deixei me ajudar a levantar da cama. Então a segui de volta pelo caminho, onde pude ouvir o ruído da água novamente. Parei, para ver se ela reclamaria, e, quando não insistiu para que eu fosse atrás dela, procurei a fonte do som. Eu havia sobrevivido à noite para ver aquilo, e não me decepcionei.

Era a estátua de uma mulher, aprumada e orgulhosa, cada pé nas costas de um leão. Em suas mãos havia um jarro inclinado para baixo, e dele escorria uma fina corrente de água, que caía sobre os seixos coloridos no fundo. Ela era bonita, mas havia algo em seus olhos que não me agradava, algo que não combinava com o rosto.

— Sua graça — disse a criada —, essa é a mãe de Lo-Melkhiin, esculpida por Firh Dom de Pedra para comemorar sua recuperação.

A mãe de Lo-Melkhiin tinha sofrido muito e por muito tempo; sua saúde se esvaía como ossos deixados ao sol, brancos, frágeis e desprovidos de tudo o que lhe dava vida. Quando Lo-Melkhiin voltara do deserto, possuído por qualquer que fosse o demônio que encontrara lá, ele a curara, mas agora ela não saía mais de casa. Eu me perguntava se ela se encontrava com as esposas do filho, ou se as ignorava.

— Sua graça — chamou a criada, e eu a segui para a sala de banho.

Naquele dia, elas me vestiram de forma mais simples e usaram bem menos perfume. Pentearam meu cabelo, enrolaram-no e o prenderam sob o véu. Eu não sabia onde o *dishdashah* roxo de minha irmã tinha

ido parar. Parecera tão elegante quando eu o vestira, e eu nem sequer lembrava quando o tinham tirado. Eu me perguntei se teria sido simplesmente descartado, ou se tinham dado para outra menina vestir. Eu me perguntei se tinham guardado para que eu fosse enterrada com ele.

O vestido que eu usava agora era muito mais elegante, a seda mais fina e a costura tão pequena que eu tive que estreitar os olhos para ver. Elas me maquiaram, o que não tinham feito na noite anterior, delineando meus olhos com kohl preto e, depois, azul, para combinar com o vestido. Com os olhos fechados, eu via o povo da minha aldeia acordando e se preparando para o dia.

Nosso pai, ao retornar, descobriria que sua filha mais nova fora levada. Talvez até pranteasse minha ausência, lembrando-se da garotinha que segurara a barra de sua túnica durante a inundação e da mulher cujo casamento ele poderia ter negociado, junto ao de minha irmã. Meus irmãos não saberiam o que dizer. Depois que minha irmã e eu tínhamos alcançado nosso décimo verão e deixado de cuidar dos rebanhos para aprender as tarefas domésticas que nos serviriam durante o casamento, nós os víamos muito pouco. Em minha mente, meus olhos passaram por eles e foram até a tenda que minha mãe, minha irmã e a mãe de minha irmã agora dividiam.

Afastei a aba da tenda e olhei lá dentro. Vi o meu santuário, menor do que o que minha irmã fizera para mim nas cavernas, mas construído com todo amor e cuidado. Fora feito com pedras pretas e envolto em um tecido roxo que eu sabia ser um retalho do vestido que costuráramos juntas, o mesmo que eu levava comigo quando salvara sua vida. Lá, havia uma vela de sebo no lugar de um lampião. As velas queimavam mais rápido e eram caras, mas sua luz era mais límpida, e dizia-se que os deuses menores davam mais atenção à luz que mais se parecesse com a do sol.

Minha irmã se ajoelhou diante do santuário e sussurrou na língua da família. Minha mãe se ajoelhou ao lado dela, embora permanecesse em silêncio. Seu rosto estava marcado pelas lágrimas, e eu sabia que ela não iria orar por mim até que suas orações fossem feitas de raiva e esperança. Orações de pranto eram destinadas aos mortos, do tipo que

fizéramos para nosso irmão mais velho quando a enchente o levou e para os bebês que minha mãe perdera. A mãe de minha irmã fez uma série de nós em um tecido preto e o colocou por cima da seda roxa, para complementá-la. Eu esperava que elas lembrassem que minha irmã precisava de um novo vestido. Não havia por que se dedicarem tanto àquele santuário.

— Sua graça — chamou a criada, e eu abri os olhos.

— Eu estava usando um *dishdashah* roxo na noite passada — disse a ela.

As palavras saíram espontaneamente, as primeiras que eu falava em horas. As criadas tomaram um susto, mas então suavizaram as feições.

— Sim, sua graça — disse a garota que havia levado meu café da manhã.

— Gostaria de tê-lo de volta. Minha irmã o fez comigo, e não quero que seja destruído.

— Como desejar, sua graça — respondeu ela.

Eu não estava acostumada à ociosidade, então o dia se arrastou. Não havia ferramentas de artesanato no meu quarto, e a criada que me acompanhava não disse uma palavra. Tive que aguentar isso por toda a manhã e um almoço com pimentões assados, e então, quando a noite caiu, fui levada à sala de banho. Meu rosto foi lavado e meu cabelo, solto e penteado com perfume. Mais uma vez me envolveram em sedas finas, amarradas de maneira tão frágil que poderiam me deixar nua a qualquer momento, e mais uma vez me levaram de volta ao quarto para esperar.

Lo-Melkhiin apareceu, como na noite anterior, e se sentou na cama desta vez.

— Você ainda não tem medo de mim — disse ele.

— Ainda não tenho nada a temer.

— Conte-me mais sobre sua irmã — ordenou ele então. — Se você seria capaz de morrer por ela, sua irmã deve ser digna de contos.

— Ela é — respondi. — Juntas fizemos um vestido bonito o bastante para enganar um rei.

— Esse vestido está perdido para ela — disse Lo-Melkhiin. — Se quisesse, poderia mandar destruí-lo. Sei que você o pediu de volta.

— Minha irmã fará outros vestidos. Nosso pai ama sua mãe, e lhe traz as melhores sedas. A mãe dela não é tola em desperdiçá-las consigo mesma, e tem ensinado minha irmã a fazer as saias e os véus mais delicados, para que, quando ela for ao mercado, atraia todos os olhares. Ela vai costurar os próprios segredos agora, e eles serão ainda mais poderosos, pois não serão divididos com ninguém, nem mesmo comigo.

— Talvez eu a veja no mercado e descumpra a lei — ameaçou Lo-Melkhiin.

— Você não fará isso. — Eu não tinha medo dele, e, portanto, era fácil lhe dizer a verdade. — Pois precisa dos mercadores. Se desrespeitar a lei no mercado, eles vão se perguntar que outras leis você estaria disposto a quebrar.

Lo-Melkhiin sorriu como um leão e novamente pegou minhas mãos. Mais uma vez, não resisti, mesmo que naquela noite seus dedos tenham agarrado meus pulsos com mais força. Observei enquanto um fogo roxo e negro, seda e segredos, passava das minhas mãos para as dele. O sangue pulsava em meus ouvidos, e os lampiões arderam com mais força. Então, fios cor de cobre saíram dos dedos dele para os meus. Eu não estava imaginando aquelas luzes. A luz fria era seu poder, eu tinha certeza disso, e de alguma forma o fogo cor de cobre, que naquela noite brilhava ainda mais intensamente, era o meu. Minha visão e audição clarearam, e deixei Lo-Melkhiin ver que eu não seria intimidada. Ele se inclinou para a frente e pressionou os lábios na minha testa. Eu não diria que foi um beijo, mas parecia ser tudo o que ele exigiria.

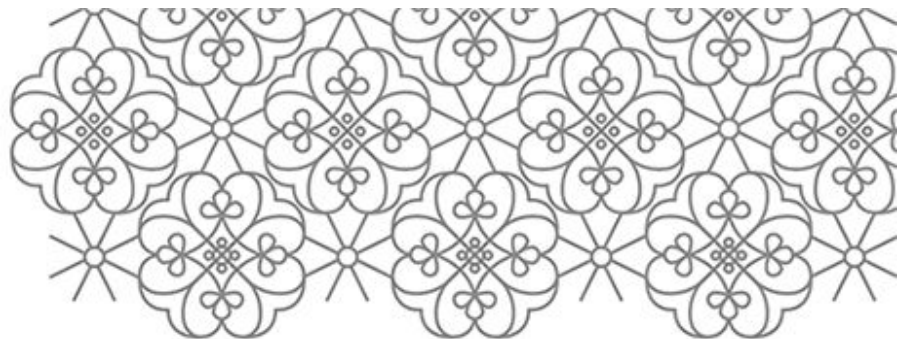
— Nós o costuramos durante muitas noites no deserto, e tecemos segredos de modo a não se desfazerem — disse com a minha voz de contadora de histórias.

Ele não afrouxou as mãos. Eu podia sentir que Lo-Melkhiin desejava saber, que queria arrancar aquilo de mim, mas eu sentia meu próprio fogo, e não seria compelida.

Os segredos eram coisas pequenas, em grande parte. Quais ovelhas iríamos tentar garantir que fizessem parte de seu dote; quais painéis ela levaria quando saísse das tendas de nosso pai; que refeições nunca

serviria quando cuidasse da própria casa. Não eram nada e, ao mesmo tempo, eram tudo. Eram minha irmã, e eu nunca iria revelar a ele do que tinha aberto mão.

Pela manhã, havia um *dishdashah* feito de seda roxa e costurado com linha preta cuidadosamente dobrado aos meus pés. E eu estava viva para vê-lo.



Nos dias que se seguiram, aprendi algumas coisas sobre o funcionamento do *qasr*. As garotas que traziam o chá e as roupas limpas todas as manhãs, e provavelmente as que envolveriam meu corpo em uma mortalha e cantariam os últimos refrãos quando Lo-Melkhiin finalmente se cansasse de mim, eram bonitas. Usavam túnicas brancas simples com um vestido fino por baixo; a cor que minha mãe usava quando desempenhava atribuições sacerdotais, mas seu estilo era muito mais rígido. O cabelo delas era escuro como o meu, porém mais curto e preso em uma única trança ao redor da cabeça. Eu ansiava por um penteado assim, mas todos os dias, quando era vestida, a mulher que arrumava meu cabelo experimentava coisas novas. Os penteados elaborados concentravam o peso em lugares estranhos, e muitas vezes eu ficava com dor de cabeça antes do meio-dia. Além disso, coçavam.

As criadas do banho se vestiam em um estilo bem parecido, embora só usassem os vestidos de baixo quando estavam trabalhando. Sempre me banhavam pelas manhãs, e confesso que minha alegria não era pouca com a enorme quantidade de água que me era dispensada. Era tão quente que saía vapor, e parecia que eu respirava a água tanto quanto me banhava nela. Se tinha que ficar ali, iria aproveitar tudo o que o palácio tinha a oferecer.

Eu gostava menos das tardes. Podia caminhar pelos jardins antes de o sol ficar muito quente, ou novamente quando começava a se pôr e as flores noturnas se abriam, mas logo me cansei das mesmas estátuas, com seus olhos assombrados, e das mesmas fontes, embora amasse sua melodia. No quarto dia, segurei a barra do vestido de uma criada quando ela deixava o cômodo.

— Por favor — pedi, como teria falado com minha mãe —, há algum trabalho manual que eu possa fazer? As horas são longas, e não estou acostumada à ociosidade.

A criada hesitou, e eu sabia o motivo. Como esposa de Lo-Melkhiin, eu deveria comandar a produção de artesanato do *qasr*,

supervisionando os bordados e a tecelagem. Porém, elas não podiam me dar nada afiado nem cordões grossos, caso eu resolvesse usá-los contra mim mesma. Com isso, restava apenas fiar. Imagino que poderia fazer algum estrago com o fuso, mas, quando a roca se quebrasse, não teria nada além de um disco de cerâmica. Então me levantei, lembrando que ali eu não era filha de ninguém. Ali, eu seria uma rainha pelo tempo que vivesse.

— Posso fiar — afirmei, tomando a decisão das mãos dela. — É o que mais gosto de fazer, e não gostaria de interromper nenhum processo que as mestras-tecelãs tenham estabelecido.

— Sim, sua graça — disse a garota, e me levou para o corredor.

Quando entramos na sala de costura, todas as cabeças se viraram e todas as conversas cessaram. Havia um grupo de cerca de vinte mulheres cuidando de tarefas variadas, e, se alguma delas tivesse deixado cair as agulhas, o som teria ecoado. A criada parecia desejar que o chão engolissem seus ossos, mas eu entrei de cabeça erguida. Fui atrás dela até as pilhas de lã recém-cardada, e ela me entregou um fuso antes de se sentar com as bordadeiras.

Meus dedos levaram algum tempo para recuperar a destreza. Eu não tivera muito motivo para fiar em casa, sendo colocada para bordar assim que aprendi a compreender seu valor. Além disso, a lã que usávamos era bem mais grossa. Minha mãe podia ter linhas mais finas, se quisesse, mas eram trazidas para nós pelo nosso pai. Nós não as fazíamos. Minhas mãos eram ressecadas em razão do vento do deserto e calejadas, de quando eu carregava um cajado de pastor. A linha se agarrava nelas e desfiava, por isso desfiz meu trabalho várias e várias vezes.

As outras ficaram em silêncio, mas eu sentia seus olhos em mim. Antes, eu queria sua atenção, queria que lembrassem quem e o que eu era. Agora elas ainda me olhavam, mas viam uma pobre menina do deserto que não sabia nem fiar corretamente, e eu queria que aquilo acabasse.

— Sua graça. — Ouvi uma voz junto ao meu cotovelo.

Eu me virei, e uma mulher mais velha, com dedos nodosos e um sorriso amável, me encarava. Ela estendeu um par de luvas brancas e

macias, e eu as peguei, assentindo em agradecimento.

— O deserto cria pessoas fortes — disse ela.

Era um velho ditado que nosso pai gostava de dizer aos nossos irmãos quando eles reclamavam do vento, da areia e dos rebanhos.

— E devemos encontrar formas de viver na tenda de nosso pai — completei, e a mulher abriu ainda mais o sorriso.

Depois, retornou ao seu lugar, e eu voltei minha atenção para o fuso. Agora a linha crescia sob meus dedos, enrolando-se na cesta entre os meus pés em um fio uniforme. Senti os olhos de minhas companheiras se voltarem para os próprios trabalhos e, quando já não olhavam mais para mim, esqueceram que eu estava ali e que ouviria suas palavras.

Minha mãe havia me contado que, quando se casara com nosso pai — quando ele ainda não tinha construído sua fortuna para montar um acampamento permanente no povoado do pai dele —, ela e a mãe de minha irmã viajavam com ele na caravana. Era uma vida difícil. Além das viagens constantes, toda noite ficavam à mercê das esposas e da mãe de um novo comerciante. Todos os homens respeitavam nosso pai como um comerciante emergente, mas as mulheres não tinham tanta certeza. Por que ele se casara, então, se ainda não era rico o suficiente para manter suas esposas em casa? E por que se casara duas vezes?

Ainda assim, toda noite, minha mãe e a mãe de minha irmã iam para as tendas das mulheres e pegavam seus materiais de costura. Sempre havia remendos a fazer, e às vezes alguns trabalhos mais delicados, se nosso pai tivesse conseguido fazer bons negócios. As outras viam o trabalho que faziam, viam o trabalho que faziam juntas, e entendiam que nosso pai não era tolo, nem suas esposas. Então, as outras mulheres começavam a conversar umas com as outras. Através dessas conversas, minhas mães aprendiam mais sobre os hábitos dos homens com quem nosso pai negociava do que ele jamais sonhara.

“Com os olhos no trabalho”, dissera minha mãe, desejando me preparar para ser esposa de um comerciante. “É fácil esquecer quem está presente para ouvir o que sair da sua boca. Você e sua irmã devem se lembrar disso quando forem casadas. Façam um bom trabalho, e aquelas que trabalham com vocês lhes revelarão mais do

que podem imaginar.”

Conselhos para a esposa de um comerciante, talvez, mas que seriam muito úteis para mim no *qasr*. Enquanto fiava, as mulheres começaram a tagarelar ao meu redor. Uma conversa tranquila no início, como os sussurros dos juncos sedentos. Elas não falaram nada naquele dia sobre Lo-Melkhiin ou sobre o *qasr*, mas não seguraram suas línguas na minha presença. Eu sabia que, se sobrevivesse, em breve poderia ouvir algo que me serviria.

Então, me concentrei na roca. Esse também era um truque que aprendi com minha mãe. Fiar não exigia muita concentração, e, quando você se acostumava com o peso do fuso e a textura da lã, nem mesmo os olhos eram necessários. A mãe de minha mãe tinha fiado cega durante os últimos dez anos de sua vida, e mesmo assim os fios que minha mãe usou para bordar seu *dishdashah* de casamento eram tão finos quanto qualquer outro que nosso pai poderia ter comprado para ela mais tarde. Fiar era o ofício do sonhador, e desejei sonhar com minha irmã, e com um lugar que não fosse tão sufocante e cheio de medo.

Minha respiração desacelerou até entrar no ritmo do fuso, e meus olhos vagavam para a frente e para trás com o tortual da roca. A linha que eu fiava era crua — iriam tingi-la mais tarde —, mas logo vi o fogo negro do cabelo escuro de minha irmã no branco encardido da lã.

Ela estava nas cavernas, na colina onde enterrávamos os mortos e onde tínhamos visto a chuva pela primeira vez. Minha mãe e a mãe de minha irmã estavam ao lado dela, as três vestidas com os trajes sacerdotais brancos que as mulheres da minha família usavam naquele lugar. Eu podia ver suas bocas se movendo, embora não ouvisse suas palavras, e sabia que ninguém tinha morrido. Minha irmã estava aprendendo as canções, não enterrando alguém, e nossas mães estavam lhe ensinando seu ofício.

Fiquei intrigada. Minha irmã com certeza ainda se casaria e deixaria as tendas de nosso pai. Se ela tivesse que aprender as canções dos mortos, seriam as canções da família de seu novo marido. Se ela aprendesse nossas canções, se ficasse presa às cavernas de nossa família, os mortos poderiam não permitir que ela os deixasse. Eles

exigiriam que ela os guardasse. Mas eu sabia que a visão diante de mim não era falsa. Minha irmã estava aprendendo nossas próprias canções de luto, e isso significava que ela iria ficar nas tendas de nosso pai para sempre — e nunca deixaria meu santuário.

Eu me perguntei se nosso pai sabia o que elas estavam planejando. Não conseguia imaginar que ele fosse aprovar. Ele respeitava os mortos, claro, inclusive porque o pai do pai de seu pai era o deus menor a quem devia seus negócios. Seu santuário era o mais frequentado em nossas catacumbas. Mesmo na estação seca, havia oferendas de flores de água doce e raízes em conserva. Mas não era o santuário diante do qual minha irmã estava de pé.

Esse santuário era novo, a pedra ainda clara do sol do deserto e não escurecida pelo tempo sob a terra. Nela havia um tecido roxo que reconheci na mesma hora. Quando cortáramos a seda para o *dishdashah* de minha irmã, sua mãe guardara os retalhos para usar em outros trabalhos e para dar sorte. Ainda não tínhamos começado esses outros, então os retalhos permaneceram em sua caixa de costura. Mas agora estavam no santuário, estendidos para a apreciação dos deuses menores.

Estendidos para *mim*.

Era o meu santuário que elas a ensinavam a guardar. Aquele que faria de mim uma deusa menor quando eu morresse, o mesmo que ela prometera construir enquanto eu ainda estivesse viva. Eu as vira orando para outro santuário, menor, na tenda, e achara que era assim que minha irmã cumpriria sua promessa. Ela devia ter contado sobre a promessa à minha mãe, talvez para aplacar sua dor, e então as três decidiram mover sua adoração para nosso lugar mais sagrado. Ela nunca iria embora, não agora. Ela seria minha para sempre.

— Sua graça? — chamou a mulher gentil de antes. — Sua graça, está na hora de ir.

Despertei do transe. Havia fios em um tom encardido de branco perfeitamente fiados e enrolados aos meus pés, e os lampiões estavam acesos. Tinham-se passado várias horas.

— Muito obrigada — disse a elas, todas elas. — Vejo vocês amanhã.

Elas assentiram. Era um desejo bom.

Naquela noite, Lo-Melkhiin veio até mim e me pediu para lhe falar sobre minha irmã.

— Meu pai já deve ter voltado com a caravana. — Ele ainda não tinha tomado minhas mãos, mas mesmo assim eu já sentia o calor na pele. O fogo girava, queimando, como o tortual da roca. — E deve ter trazido notícias sobre o casamento de minha irmã.

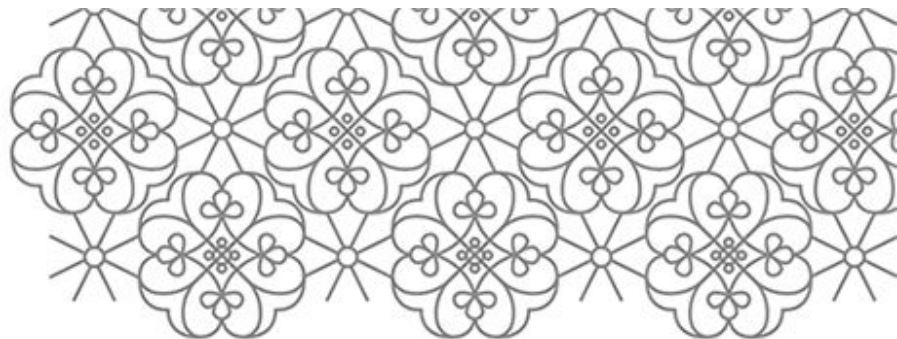
— O casamento dela? — perguntou ele. — Está mentindo.

— Não — respondi, embora mentisse. — Nas últimas viagens, meu pai procurou um marido para minha irmã, e agora ele encontrou um pretendente que aprova. E ela também.

— Ele se importa tanto assim com a opinião dela?

— Minha irmã deve amar aquele com quem se casar — disse, e o calor dentro de mim ficou mais forte. — E, com ele, ela desfrutará de todo o fogo da criação.

Eu menti, mas vi a manhã chegar mesmo assim.



Na sétima manhã, uma senhora trouxe meu chá. Ela não era velha como as mestras-tecelãs, com seus dedos nodosos e ombros curvados, o cabelo branco preso em uma trança ao redor da cabeça, no estilo simples que eu invejava. Ela era velha como a rocha do deserto, esbranquiçada e dura, todas as impurezas desgastadas. E seu cabelo, que pendia solto em torno do rosto, tinha uma cor castanho-amarelada que eu nunca vira.

Foi o cabelo que a entregou. Aquela era a mãe de Lo-Melkhiin, que tinha estado muito doente e fora curada por ele logo depois que o filho voltou do deserto. Seu cabelo não tinha se recuperado como ela, quando sua doença chegara ao fim, e, como nunca mais crescera, ela mandara fazer uma peruca das jubas de leão que tanto amava. A peruca não podia ser trançada ou banhada no óleo, e não podia ser domada mais do que os próprios animais. Era meio sobrenatural de se ver, assim tão cedo pela manhã, com a luz dourada do sol em torno dela, mas era bonito mesmo assim.

Sentei-me e peguei a xícara que ela me oferecia. Não sabia se deveria me levantar e me curvar, mas, antes que eu pudesse me mover novamente, ela se sentou entre as almofadas no pé da minha cama, com os pés sob o corpo, como se ela também fosse uma filha de pastores.

— Sete noites — disse ela. — Acho que não serei capaz de evitá-la por muito mais tempo.

Perguntei-me se ela chegara a se importar com as esposas do filho, no início, e depois aprendera a ignorá-las como o resto do *qasr* parecia fazer. As mulheres na sala de costura ainda não falavam comigo, embora conversassem entre si com vozes cada vez mais altas e menos cautelosas. Pelo menos já não pareciam tão surpresas quando eu aparecia a cada manhã, e já não evitavam meu olhar quando eu lhes dizia que as veria no dia seguinte.

— É uma honra conhecê-la — falei.

Eu não sabia o que fazer, nem mesmo como me dirigir a ela, então

tomei o chá e orei para não tê-la ofendido.

— Meu filho me contou que você não tem medo dele.

Eu não sabia que eles conversavam. Não sabia se ela aprovava seus casamentos. Não sabia se ela o temia.

— Eu tenho medo — falei, e estava perto da verdade. — Tanto quanto tenho medo do sol do deserto e das cobras venenosas. Fazem parte da minha vida. Mas o sol dá a luz, e as cobras podem alimentar uma caravana se forem apanhadas e cozidas.

— E sob o reinado de meu filho, temos paz e prosperidade — afirmou ela, a voz amarga. Seu marido não governara bem.

— E não tenho como escapar dele — concordei.

Ela olhou para mim por um longo tempo, e eu terminei meu chá.

— Vou lhe contar sobre o meu filho — disse ela. — Não o homem que ele é hoje, pois esse você conhece tão bem quanto eu. Mas vou lhe contar sobre como ele era quando menino, e como era quando aprendeu a caçar.

Perguntei-me se ela queria que eu sentisse pena dele, mas lembrei-me das outras que viveram naquele quarto antes de mim, e meu coração se fechou. Ainda assim, não tinha mais nada para fazer naquele dia, e nosso pai sempre dizia aos nossos irmãos que os melhores caminhos eram aqueles que mais conhecíamos.

— Você tem minha atenção.

— Vá para os jardins quando estiver vestida, e conversaremos — disse ela, e então saiu, o biombo de madeira deslizando até se fechar.

As criadas entraram, agitadas e cheias de expectativa, embora fizessem o melhor para manter o rosto neutro. Naquele dia, por fim, meu cabelo foi preso de maneira simples em torno da cabeça, embora o tenham torcido em vez de trançado, o que deixava o penteado mais bonito, mas mais difícil de prender. Quando elas terminaram, devia ter mais grampos no meu cabelo do que os pinos que fixavam as tendas de nosso pai à areia. Então me levaram até o jardim, aquele com a fonte que eu ouvira na minha primeira noite no *qasr*, e me sentei ao lado da mãe de Lo-Melkhiin. Havia uma cesta de figos e um jarro de água à nossa frente.

— Eu sou do sul — disse-me ela. — Onde nosso deserto é azul e

parece água, mas vai matá-la se tentar beber.

Nosso pai me falara sobre isso, e nossos irmãos também tinham visto. Era a história que mais gostavam de contar para mim e minha irmã. Um deserto azul e infinito, que se erguia com o vento e aumentava ou encolhia dependendo do luar. Havia criaturas que viviam lá, sob a superfície, como nossas cobras e insetos; mas se um homem tentasse beber dele, enlouqueceria e morreria como se tivesse tentado beber areia.

— Temos animais diferentes por lá — continuou ela, e procurei voltar a prestar atenção. — Então, quando meu senhor veio se casar comigo, e trouxe minha primeira pele de leão, eu sabia que deveria segui-lo de volta para ver a criatura que tinha uma pele tão gloriosa.

Fiquei imaginando como deveria ser não ter medo de leões. Quando minha irmã e eu conduzimos os rebanhos pela primeira vez, nos ensinaram como matar chacais e hienas. “Mas”, insistiram meus irmãos, “se uma leoa aparecer, deixem-na levar a ovelha que quiser.” Os machos, eu aprendera alguns anos depois, eram diferentes, mas igualmente perigosos, principalmente quando estavam sozinhos.

— Eu o amava, embora ele fosse um tolo — disse ela. — Ele era gentil e justo. Em tempos melhores, teria sido um bom governante. Mas não era para ser. Eu fiquei doente, e o que quer que faça a água vir até nós de longe falhou. Os homens em quem confiava o traíram, e forraram os bolsos em vez de cuidar de seu povo nas cidades e aldeias. E então meu filho nasceu.

Lo-Melkhiin tinha, acho, dez verões a mais do que eu. Na época em que eu nasci, estávamos acostumados aos tempos difíceis. Meu pai viajava para mais longe e ficava em casa com menos frequência. Minha mãe e a mãe de minha irmã tinham aprendido a fazer durar cada fio, cada pão, cada corte de carne, o máximo possível. Não passávamos fome, nem ninguém nas tendas de nosso pai; mas, nas cidades, as pessoas não tiveram tanta sorte.

— Meu filho teve uma infância difícil, como pediam os tempos difíceis, mas com a bondade do sorriso do pai — contou ela. — Eu sabia que ele seria um líder melhor, e meu marido também. Ele passava horas assegurando que Lo-Melkhiin tivesse os melhores

professores e mestres de armas. Se houvesse alguma habilidade que meu filho quisesse experimentar, seu pai encontraria alguém para lhe ensinar.

“Mas o que ele amava acima de tudo era caçar. Ele aprendeu os segredos do deserto com a facilidade com que um falcão aprende a voar. Quando completou doze verões, já trazia para casa mais carne do que os caçadores do *qasr*, embora as colheitas ainda fossem fracas naqueles tempos. Ele viajava para todo lado, e viu mais da terra e do deserto do que o pai conhecera, protegido por seus guardas leais aonde quer que fosse.”

Eu tinha ouvido falar dos guardas a que ela se referia. Seus nomes já eram lendas, assim como o dele. Nadarqwi, Aquele que Vê à Distância, e Sareeyah, o Ligeiro, não o salvaram do que quer que fosse, em sua última vez no deserto. Mas sua mãe falava deles com carinho, então fiz o máximo para conter as emoções que, de outra forma, teriam aparecido em meu rosto.

— Ele matou seu primeiro leão em seu décimo sexto verão — continuou ela. — A fera vinha roubando ovelhas de uma aldeia perto da cidade, e havia uma preocupação de que logo despertasse o gosto por crianças. Meu marido proibiu Lo-Melkhiin de ir atrás do animal, mas ele fez seus guardas o acompanharem de qualquer maneira, e, três dias depois, voltou com uma linda pele.

“Depois disso, era como se os animais tivessem passado a provocá-lo. Embora eu creia que eles não tivessem muito mais alimento do que nós, e fossem obrigados a irem atrás das ovelhas, presas mais fáceis. E, toda vez que Lo-Melkhiin saía a cavalo, voltava para casa com uma pele. Eu as adorava. Eram macias, e tinham um cheiro tão selvagem. Eu esmorecia na época, definhando sob o sol, e as peles de leão que meu filho trazia para mim eram uma das poucas alegrias que eu ainda sentia.”

Ela passava os dedos pela peruca enquanto falava, sorrindo com a lembrança.

— E então ele voltou com a última pele. — O sorriso desapareceu de seu rosto. — E você sabe como essa história termina.

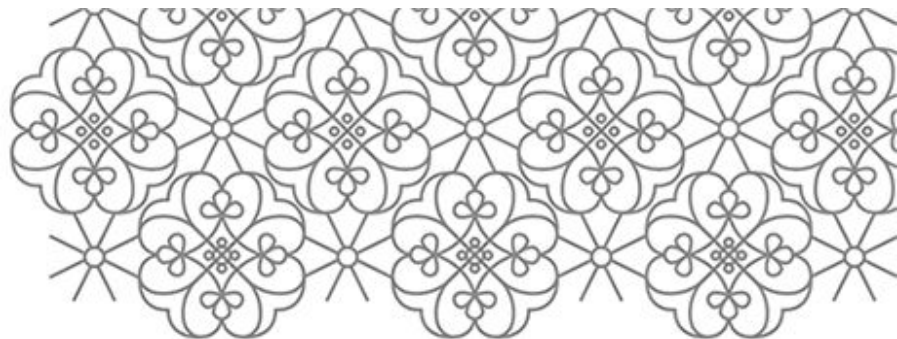
Ficamos sentadas, ouvindo a fonte, o sol já alto no céu.

— Senhora mãe — disse, por fim, sem achar estranho chamá-la do mesmo jeito que chamava a mãe de minha irmã. — Por que está me contando isso?

— Queria que você conhecesse seu marido — respondeu ela. — Não é justo pensar nele apenas como um monstro. Os homens da corte vão lhe dizer que ele tem feito muitas coisas boas por nós, e que sua morte e as mortes das outras meninas é o preço que devemos pagar. Eu queria lhe dizer que ele era bom antes, e que seu pai e eu queríamos que ele fosse um homem melhor. Ele não é mais esse homem. Durante todos os dias em que você viver, vou orar aos deuses menores da minha família para que ele volte a ser esse homem.

Ela me deixou então, e fiquei no jardim até o sol ficar tão forte que fui forçada a procurar sombra. Ainda não importava para mim que Lo-Melkhiin um dia tivesse amado sua mãe e seu povo. Ele derramava sangue e mantinha a paz, mas só a paz era digna de nota. Eu não estava satisfeita com isso, embora não desejasse que outra garota pagasse o preço por mim. Sete dias no *qasr* tinham me deixado determinada a viver mais sete, e depois mais. Mas agora eu tinha uma ideia melhor do que estava acontecendo, ou, pelo menos, sabia mais do que antes de a mãe de Lo-Melkhiin me contar sobre seu filho. Talvez houvesse uma fraqueza, uma falha, que eu pudesse explorar.

Mas também pensava no que ela dissera no fim, no que todas as histórias concordavam: ele não era mais aquele homem.



Não fui à sala de costura aquela tarde. Em vez disso, caminhei pelos jardins para ver as grandes estátuas que os artistas de Lo-Melkhiin tinham feito. Quando encontrei a estátua de sua mãe de novo, de pé, forte e bem aprumada, sobre as costas de dois leões, eu parei. Na primeira vez em que vira a estátua, a achara bonita e imponente. Agora, depois de ter conhecido a mulher de carne e osso, estava menos certa. A estátua parecia mais dura, e não por ser feita de pedra. O rosto era mais anguloso, a boca, curvada para baixo, e os ombros, mais largos do que na vida real.

O pior, no entanto, eram os olhos.

Eu vira algo semelhante nas outras estátuas do *qasr*. Não importava se eram homens, mulheres ou animais. Todas eram esculpidas com uma beleza desconfortável, de um jeito que nenhuma criatura viva poderia reproduzir. E todas tinham olhos que não pareciam bem certos, observando os cantos, como se esperassem encontrar horrores indizíveis. Olhar muito tempo para qualquer uma delas era cortejar a loucura.

— Você gostou desta? — perguntou uma voz atrás de mim.

Virei-me e vi o guarda que me dera sal no deserto. Ele não usava seu uniforme, a armadura de couro que desviava lâminas e flechas (e deveria ser terrível no sol), e sim calças de linho e uma túnica. A caixa de madeira entalhada estava presa à cintura, ao lado da faca de carne.

— É impressionante — respondi. — Mas após ter conhecido a de carne e osso, não sei se ainda gosto.

— Eu também não gosto — confessou ele, parando ao meu lado. — E sinto que posso dizer isso, já que fui eu quem a esculpiu.

Engasguei. Eu nunca tinha conhecido um escultor antes, muito menos um tão famoso quanto Firh Dom de Pedra.

— Meu senhor, sinto muito. Não quis ofendê-lo.

— Não sou nenhum senhor e falei a verdade quando disse que não gosto dela. Não gosto da maioria das estátuas que fiz para Lo-Melkhiin, muito embora ele tenha me feito a honra de tê-las exposto

em um lugar tão bonito quanto seus jardins.

— Pensei que você fosse um guarda — falei.

E desejei, não pela primeira vez, ter o dom de minha irmã com as palavras. Eu sabia contar histórias bem, se as aprendesse e praticasse, mas não tinha o dom para moldá-las.

— E sou — afirmou ele. — Vim aqui para servir o pai de Lo-Melkhiin, pouco antes de ele morrer, e então passei a servir Lo-Melkhiin.

— Então entalhar é um passatempo?

Minha mãe não aprovava a ociosidade, e, como meus irmãos não se rebaixariam a ponto de aprender a costurar, muitos deles entalhavam ferramentas de osso enquanto ficavam sentados ao redor da fogueira à noite.

— Já foi, um dia — disse ele. — Eu sabia fazer hastes de flechas ou pinos de tendas... nada mais refinado que isso. O trabalho mantinha minhas mãos ocupadas, entende, em longas vigílias quando a noite era fria.

Olhei para a estátua. Havia uma grande distância entre flechas e pinos junto à fogueira e pedras esculpidas nos jardins de Lo-Melkhiin.

— O que o fez decidir esculpir?

Seu rosto se entristeceu.

— Eu cavalgava com Lo-Melkhiin para buscar uma noiva...

Firh Dom de Pedra tinha esquecido com quem falava, e notei quando lembrou, pois me encarou, alarmado.

— Está tudo bem. Por favor, prossiga.

— Muito bem — disse ele. — Nessas viagens, não iam muitas pessoas, e Lo-Melkhiin revezava conosco para vigiar ou selar os cavalos, como se fosse um guarda comum. Ele conversava conosco, e nós com ele, e sempre me via entalhar. Lo-Melkhiin disse que eu tinha mãos boas para a pedra, se quisesse tentar. Quando voltamos, encontrei um imenso bloco de pedra separado para mim. Eu o ignorei por um bom tempo. Seis esposas, acho. Ou talvez oito. Peço desculpas, minha senhora, mas prefiro não contar.

Eu não poderia culpar os habitantes do *qasr*. Lo-Melkhiin já tivera centenas de esposas, e algumas mal tinham sobrevivido por tempo o

bastante para deixar uma marca no modo de vida do *qasr*. Era demais esperar que fossem pranteadas.

— Toda vez que saíamos a cavalo, Lo-Melkhiin me via entalhar e dizia que eu tinha boas mãos para a pedra. E eu sempre ignorava — continuou ele. — E então, certa noite, eu sonhei, mais vividamente do que nunca, com uma estátua que estava presa dentro de um grande bloco... a estátua da mãe de Lo-Melkhiin montada em dois leões. Quando acordei, as ferramentas já estavam em minhas mãos, e eu, praticamente de pé antes mesmo de pensar nisso. Nunca tinha esculpido uma pedra antes, e a estátua que eu tinha visto em meu sonho era linda. Sabia que era tolice pensar que poderia fazer algo com aquela qualidade na primeira tentativa. Até mesmo as hastes das flechas exigem prática.

“Não parei para comer nem para beber, nem mesmo quando o sol estava alto no céu. Minhas mãos racharam e sangraram, e minha garganta gritava por água, e eu não parei. Eu assava no sol, e não me importava. Só pensava na estátua, a que libertaria da pedra.”

Se você separasse o carneiro das ovelhas quando estão no cio, ele enlouqueceria tentando chegar até elas. Não importava como você o amarrasse. Se pudesse sentir o cheiro delas, quebraria todos os ossos, e os seus, tentando alcançá-las. Parecia que a loucura que tinha tomado o escultor era igual.

— Quando terminei, saí do transe e vi Lo-Melkhiin. Acho que ele já estava me observando havia algum tempo, embora eu estivesse concentrado no trabalho e não o tenha visto chegar — disse o homem. — Lo-Melkhiin olhou para ela, de cima a baixo, e declarou que estava perfeita. Ele me agradeceu em nome de sua mãe por um trabalho bem-feito e me nomeou Fih Dom de Pedra, porque, quando a pedra e eu trabalhamos juntos, criamos algo de grande beleza. Ele perguntou se eu gostaria de uma recompensa, mas lhe respondi que estava feliz como guarda. Eu não amo a pedra, entende, e sim a areia e o céu. Não queria deixá-los.

— Mas e as outras estátuas? — perguntei. — Você não as esculpiu também?

— Aquelas eu esculpi em acessos de loucura. Às vezes Lo-Melkhiin

cavalga comigo e, depois, me dá uma pedra. E eu sempre a esculpo, mesmo sem vontade, e os resultados me assombram em todos os jardins deste palácio.

Olhei para suas mãos. Eram bronzeadas devido à ação do sol e do vento, e calejadas das rédeas do cavalo e do cabo da lança que ele carregava quando era sua vez de vigiar o muro. Não vi nenhum corte ou ferimento. Eu estava ali havia sete dias, e não teria dado tempo de suas mãos cicatrizarem se o surto de esculpir tivesse tomado conta dele.

— Você não esculpiu nada desde que eu cheguei?

Ele abriu um sorriso, o primeiro sorriso verdadeiro desde que viera falar comigo.

— Entalhei hastes de flechas, minha senhora, na tradição do pai do pai de meu pai. Eu não as troco por ouro ou rebanho, como ele faz. Em vez disso, as negocio no alojamento em troca de tarefas que prefiro não fazer. Então, tenho tempo livre para vir ao jardim.

— Estou surpresa. Pelo que disse, imaginei que fosse querer ficar o mais longe possível das estátuas.

— Você está certa, sua graça — respondeu ele. — Mas as flores são lindas, apesar da pedra, e as fontes ainda são tão impressionantes quanto no dia em que as vi pela primeira vez. Por esses dois encantos, ignoro minha aversão às estátuas e aos seus olhos. Nunca consigo acertar os olhos.

— As fontes são magníficas — concordei, mas de repente fiquei desconfortável.

Ao que parecia, os homens estavam sempre dispostos a ignorar coisas desagradáveis em razão das boas. Os olhos das estátuas pelos sons melodiosos da fonte. As mortes das filhas pelo que conseguiam lucrar com o casamento.

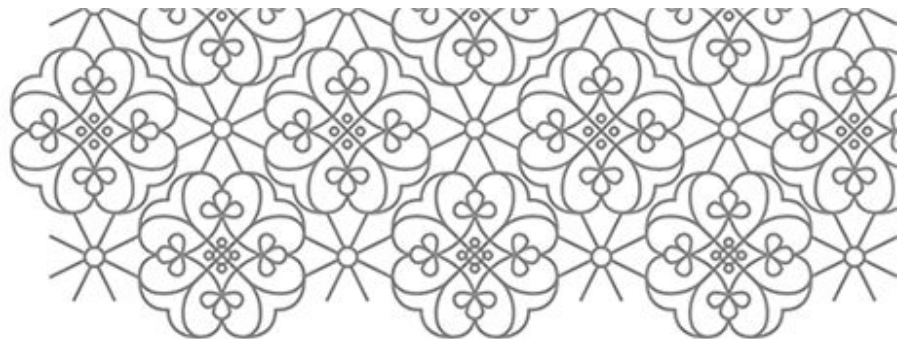
Havia grande beleza no *qasr*, mas também havia feiura e medo. Eu não seria como aqueles homens que ignoravam um para apenas ver o outro. Eu me lembraria do preço pago. Consciente disso ou não, o escultor acariciava os corpos dos leões, como se os esculpisse de novo. Se estivesse com suas ferramentas, não tenho dúvidas de que teria encontrado alguma nova pedra para transformá-la em uma cópia

assustadora da vida. Mesmo assim, não podia odiá-lo. Ele tinha me dado sal no deserto, e olhara para mim quando os outros guardas tinham evitado meu olhar. Era possível que ele, que tinha ido até ali para servir um homem que amava, fosse tão prisioneiro quanto eu, embora estivesse preso por promessas diferentes. Eu não poderia ser salva da morte que me aguardava dentro daquelas paredes de pedra, mas ele ainda poderia encontrar sua liberdade na areia e no céu. Observei-o perder-se na música tranquila e nos padrões mutáveis da água que caía.

— Que suas mãos possam encontrar o que você ama — sussurrei tão baixo que ninguém, além dos meus deuses menores, ouviria. — Que seu trabalho não o assuste, mas sim traga alegria tanto a você quanto aos outros. Que você possa esculpir para si mesmo, e não para Lo-Melkhiin.

Deixei-o ali, com as mãos nos flancos dos leões de que ele não gostava e os olhos na água. Quando me aproximei do arco na entrada do jardim, ouvi um farfalhar nos arbustos, e soube que uma das criadas tinha observado toda a conversa. Meu casamento podia não ser convencional — e ainda não ter sido consumado —, mas parecia que ao menos minhas criadas cumpriam seu dever de me vigiar. Não me deixariam desacompanhada na presença de outro homem, nem mesmo um tão respeitado quanto Firh Dom de Pedra.

Lo-Melkhiin tinha lhe dado esse nome, ele dissera. Eu me perguntei qual havia sido seu nome antes, se possuía um — talvez o sol o tivesse feito esquecer no dia em que esculpira a mãe de Lo-Melkhiin.



Na décima manhã, quando acordei sozinha em meu quarto confortável e não estava morta, não fiquei surpresa. Um arrepio percorreu meu corpo, e as paredes pareceriam se fechar ao meu redor. Já tinha visto a estranha energia fluir e refluir entre as mãos de Lo-Melkhiin e as minhas. Eu desconfiava de que minha inevitável morte não seria resultado de veneno, lâmina nem dos dedos dele esmagando minha traqueia. Havia algum poder em ação naquele quarto que eu não compreendia; algum deus menor perverso da família de Lo-Melkhiin, ou talvez o demônio das histórias, atuando sobre nossos dedos entrelaçados. Aquilo seria meu fim. Eu não podia orar para a deusa menor na qual minha irmã tinha me transformado. As palavras ficavam presas na minha garganta. Mas podia orar, como sempre fizera, para os ossos do pai do pai de nosso pai, embora estivessem muito, muito distantes.

Respirei fundo, como minha mãe me ensinara, e evoquei a imagem de um céu azul-claro e tranquilas areias amarronzadas. Antes, quando minha irmã e eu fazíamos isso, dávamos as mãos e beliscávamos uma à outra para evitar rir. Não por falta de fé, mas éramos crianças, e crianças encontravam o riso em qualquer lugar. Minha mãe tinha fechado a cara, mas a mãe de minha irmã sorria. “Os deuses menores ouvem tantas coisas tristes, tantos desejos sem esperança”, disse ela. “Deixe que ouçam as risadas.”

Eu não ria agora, e nuvens se agitavam pelo deserto em minha mente. Em vão, tentei me concentrar no céu azul, mas não consegui, e a areia plana era interrompida em vários pontos por pedras afiadas e arbustos com espinhos tão compridos que atravessariam o coração de um cordeiro se a criatura fosse parar em cima deles. Abri os olhos e lamentei meu fracasso. Talvez realmente estivesse muito longe do local dos meus mortos para orar.

Em cima do baú de madeira, no canto do quarto, estava o *dishdashah* que minha irmã e eu tínhamos feito, aquele que uma das criadas levava para mim quando eu pedira. Levantei-me e atravessei o

quarto para pegá-lo, meus pés descalços haviam finalmente se acostumado aos pisos de mármore cobertos de tapetes. Com ele em minhas mãos, voltei para a cama e fechei os olhos de novo.

Dessa vez, não busquei a imagem do deserto. Em vez disso, vi as mãos de minha irmã enquanto bordávamos a seda. Ouvi a voz dela sussurrando em meu ouvido. E havia algo mais naquela visão, algo ao fundo. Deixei de prestar atenção à minha respiração e mergulhei nela.

Ouvi um som rítmico e reconfortante. Era o tear em que o tecido fora feito. Eu não sabia quem tinha feito o tecido — nosso pai o trouxera quando retornara com a caravana —, mas podia sentir suas mãos indo para a frente e para trás, a forma como os dedos separavam os fios da urdidura para formar um padrão na trama. O tecido do meu *dishdashah* era de um tom escuro de roxo, uma marca da riqueza de nosso pai. Agora, o tecido sendo produzido era laranja-vivo, com o acréscimo de fios dourados para dar destaque a cada meio palmo mais ou menos. Embora a cor fosse menos rica, o padrão e a qualidade do tecido o tornavam inestimável. Aquele era o traje de uma rainha.

Senti a força da tecelagem e a invoquei para mim. Vi um fogo laranja percorrer o tecido até as minhas mãos, e, embora o tecido não tivesse perdido a cor, me senti mais forte, mais calma. Achei que pudesse evocar o céu azul do deserto agora, mas descobri que não precisava mais dele.

Quando abri os olhos, uma criada estava ajoelhada ao pé de minha cama. Eu nunca a vira antes, e desejei que as mulheres que vinham ao meu quarto fossem sempre as mesmas. Ela não me interrompera, o que me deixou satisfeita. Seus olhos estavam arregalados, mas não entendi a razão até olhar para as minhas mãos, que ainda seguravam o *dishdashah*. O brilho em tom de cobre que envolvia minhas mãos e a seda roxa era fraco à luz da manhã, mas inegável. Alarmada, abri os dedos, e o *dishdashah* caiu, levando a estranha luz com ele.

— Sua graça — sussurrou a menina, e achei que ela fosse realmente se ajoelhar diante de mim. Pelo menos ela não fugiu de medo.

— Não dê atenção a isso — falei para ela. — Os deuses menores mostram sua graça de maneiras que nem sempre conseguimos entender.

— Sim, sua graça — respondeu a criada, mas estava claro que, assim como eu, não achava que a luz vinha de um deus menor. Ela respirou fundo e se levantou. — Meu senhor dará uma grande festa à noite — disse ela, como se nada tivesse acontecido. — Haverá uma chuva de estrelas no céu, e ele chamou os cétricos e os sacerdotes para debater o assunto. Ele pede que você vá, ou não terá como vê-la hoje.

Perguntei-me se isso significava que eu estaria segura aquela noite. Se não fosse, Lo-Melkhiin não iria me ver, e não poderia me matar. Se fosse, ele certamente não me mataria na frente dos outros. Senti aquele arrepio novamente, como quando eu acordara, mas menos em razão do fogo cor de cobre que eu evocara. Lo-Melkhiin não me mataria com as próprias mãos, disso eu tinha certeza. Havia algum estranho poder agindo nele, assim como havia algum estranho poder agindo em mim, e eu não aprenderia mais sobre isso me escondendo no quarto, ou ficando com as mulheres enquanto elas trabalhavam.

— Eu vou — falei, e ela sorriu.

A criada, então, me ajudou a colocar um vestido leve para a manhã, já que em breve eu iria me preparar para a festa. Quebrei o jejum com pão ázimo e azeite, e depois fui levada para o banho. As preparações foram ainda mais elaboradas do que na minha noite de núpcias, provavelmente porque a ocasião pedia por um penteado mais complexo do que o daquela noite. Fiquei sentada por horas enquanto me esfregavam com pedra-pomes, pintavam minha pele com hena, trançavam e enrolavam meu cabelo. Estava quente, e eu poderia ter entrado no transe da tecelagem ou até mesmo evocado o céu azul do deserto, mas estava preocupada de tentar e a estranha luz reaparecer. Não queria assustar as criadas. Então, em vez disso, fiquei sentada, ouvindo a conversa delas.

— No ano passado, meu senhor chamou apenas os cétricos — disse a criada responsável pela hena, as mãos morenas desenhando padrões em minha pele. — Os sacerdotes ficaram irritados, mas é claro que não podiam falar nada.

— Os cétricos disseram que as estrelas não são deuses menores, mas sim rocha e fogo — disse a garota cujo trabalho era preparar os sais de banho.

— Quem é capaz de acender um fogo quente o bastante para queimar rocha, então? — indagou a senhora da hena. — E como continua em chamas no céu sem ninguém para manter o fogo aceso?

— Estou certa de que os cétricos têm uma resposta — respondeu a garota dos saís.

— É claro que têm. — A senhora da hena terminou com meus braços e começou a passar a tintura no meu cabelo; pelo cheiro, não pela cor. — Mas ao ouvir suas respostas e as respostas dos sacerdotes, teremos uma imagem mais clara do céu.

Elas continuaram a conversar enquanto trabalhavam no meu cabelo, e eu me recolhi para os meus pensamentos, apesar da decisão de fazer o contrário. Não tínhamos cétricos nas tendas de meu pai. Eles moravam na cidade e em algumas das aldeias maiores. Ao contrário dos sacerdotes, que podiam trabalhar sozinhos, os cétricos necessitavam da presença de seus companheiros para debater as grandes questões que se propunham. Pequenas aldeias e acampamentos podiam dispensar algumas pessoas para cuidar dos ossos dos mortos e dos altares dos deuses menores, mas nem sempre podiam dispor de um homem para não fazer nada além de pensar, independentemente do quanto seus pensamentos pudessem ser importantes. Eu nunca tinha conhecido um cétrico, e hoje à noite eu o faria.

Não estava familiarizada com o que, exatamente, tinha direito em razão da minha posição. Embora as criadas me ouvissem e Firh Dom de Pedra tivesse sido respeitoso, eu não tinha certeza se poderia dar alguma ordem. Se eu falasse com um cétrico, ele provavelmente não daria atenção a uma garota simples nascida em uma tenda que estava ali para morrer nas mãos de Lo-Melkhiin, assim como todas as outras esposas antes de mim. Talvez o fato de eu ainda estar viva fosse interessante o suficiente para que eu conseguisse tocar no assunto que precisava. Queria perguntar sobre o poder dos deuses menores, se algum deles sabia até que ponto ia esse poder. Eu já sabia a resposta dos sacerdotes, porque minha mãe já me dissera, mas queria outra opinião.

Quando meu cabelo estava ao agrado delas, as criadas trouxeram

frutas para mim e pararam para descansar um pouco antes das etapas finais da minha preparação. Aprendi a me sentar com todas aquelas tranças enroladas ao redor da cabeça, e como segurar uma xícara sem arruinar as pinturas nos dedos e punhos. A senhora da hena me observava atentamente, depois assentiu com aprovação.

— Não se preocupe muito com as maneiras cortesias esta noite, sua graça — disse ela ao meu ouvido, em voz baixa. — Será um banquete à luz de tochas, e os convidados comerão de pé. Com sorte, os olhos de todos estarão voltados para as estrelas.

— Com sorte — repeti, sorrindo.

Ela retribuiu, hesitante a princípio, mas depois abriu um sorriso verdadeiro quando viu que eu não estava com medo.

Finalmente escureceu, e estava na hora de eu me vestir para o jantar. A criada encarregada de me arrumar cortou o vestido fino que eu usava, porque não poderiam tirá-lo pela cabeça. Trouxeram um novo, com amarras nas costas, e me vestiram com ele.

— Este é um *dishdashah* para ficar de pé — avisou a encarregada das roupas. — Não deve se sentar, a menos que uma das criadas esteja por perto para ajudá-la a se levantar. Ele vai permanecer no lugar enquanto estiver de pé, mas, se sua graça se sentar, os nós vão se afrouxar e o vestido vai se abrir quando ficar de pé novamente.

Elas trouxeram o *dishdashah*. Não pude disfarçar a surpresa. A luz dos lampiões a óleo tremeluzia, mas eram mais fortes do que as velas de sebo que usávamos nas tendas. O ambiente não estava escuro, porque os ladrilhos na sala de banho refletiam a luz, de modo que estava tão claro ali quanto durante o dia. Não havia dúvidas em relação ao que eu via, embora tenha piscado várias vezes para ter certeza de que não estava tendo uma de minhas visões.

O tecido era laranja como fogo, entremeado por fios dourados, de forma que, assim como os ladrilhos, brilhava à luz do lampião. A seda pesada sussurrava à medida que a criada que cuidava das roupas me envolvia com ela, parando de vez em quando para prendê-la, enquanto suas assistentes mantinham o tecido no lugar. Até mesmo o padrão da urdidura era o mesmo da visão que eu tivera.

— Foi feita especialmente para a sua tez, sua graça — contou a

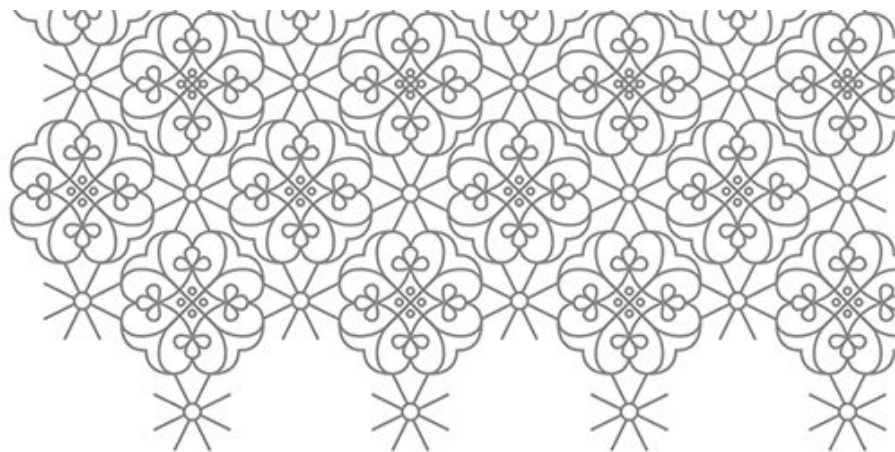
criada, que claramente confundia a causa do meu espanto. — Mas não sabíamos sobre o fio dourado. Isso foi uma surpresa para todas nós.

— Com certeza — falei, passando cuidadosamente um dedo pelo tecido. Ele ondulou, variações de cor correndo na superfície como nuvens frágeis por um céu quente de verão, só que muito mais brilhantes.

— Você vai se destacar até mesmo no escuro — disse a senhora da hena. — Talvez alguns olhos se desgarrem das estrelas, afinal.

Fiquei em silêncio enquanto elas terminavam, o entusiasmo com o *dishdashah* subjugando os resquícios de medo de que eu talvez morresse aquela noite. Eu também já não tinha esse medo, mas um novo crescia em seu lugar. Ainda queria falar com um cético, mas agora teria que ser ainda mais cuidadosa com o que diria. Nunca tinha ouvido falar de uma pessoa que sonhava com o futuro enquanto ainda estava viva. Às vezes, um deus menor dava alguma orientação, que era sempre vaga. Minha visão tinha sido bem específica. Fechei os olhos, e mais uma vez busquei o céu azul do deserto, como tinha feito tantas outras vezes antes de ir morar naquele lugar. A visão veio logo que a evoquei, mas desta vez era diferente.

O céu ainda era azul e brilhante, e a areia, de um tom pardo suave, mas já não pareciam mais sem adornos. Eu podia ver, como nunca tinha visto antes, as tramas do céu se entrelaçarem, e que a areia fazia parte do padrão, e como as duas partes se fundiam ao longo do distante horizonte. Meu coração acelerou, e, a princípio, pensei que estava com medo; mas então abri os olhos, e vi como as mulheres olhavam para mim, como se eu fosse uma rainha de verdade, e entendi que não era medo o que eu sentia correndo com o sangue em minhas veias.



Lo-Melkhiin conhecia bem aquela primeira esposa. Ele sabia como ela era. Conhecia seu cheiro. Seu sorriso. Lembrou-se dela por um longo tempo, porque a amava. Eu me lembrava dela porque a tomei dele.

Ela era menor do que Lo-Melkhiin, e seu rosto se iluminara de alegria durante toda a cerimônia de casamento e a festa que se seguiu. As pessoas não sabiam o que estava por vir, ainda não. Ainda nem começavam a desconfiar. Tudo o que sabiam era que Lo-Melkhiin estava feliz em se casar, por fim, e suas terras se recuperavam lentamente de um péssimo governo. Eles ainda não tinham entendido que haveria um preço. Lo-Melkhiin sabia, claro, e ele gritava, enfurecido, mas não podia fazer nada para me deter.

Quando a refeição foi servida, e as músicas, cantadas, encaminharam Lo-Melkhiin e sua noiva para um quarto com sedas penduradas nas paredes e amplas janelas para o luar. Lo-Melkhiin estava de pé em uma área fracamente iluminada, e ela foi até ele, o cabelo preto reluzindo sob o brilho prateado. O ar da noite trazia a brisa fria do deserto, mas os lábios dela nos dele eram quentes. Por um instante, Lo-Melkhiin foi dominado pela emoção. Os gritos internos pararam ao toque da mulher, enternecido que estava com o beijo. Quando apertei suas mãos em torno da cintura fina dela, ele lembrou, e os gritos recomeçaram.

Fui desajeitado naquela primeira noite. A luz fria trabalhou muito depressa, e ela estava apaixonada demais pelo homem com quem pensara ter se casado. Levaria tempo, e várias esposas, para refinar meus métodos. Acho que, se tivesse conseguido me controlar melhor, ela poderia ter vivido para ver o dia seguinte. Talvez até os dez dias seguintes. Eu aprenderia nas noites que viriam que o medo queimava depressa, mas o amor queimava com força. Para minha sorte, os dois eram úteis, porque, em pouco tempo, ninguém mais amaria Lo-Melkhiin.

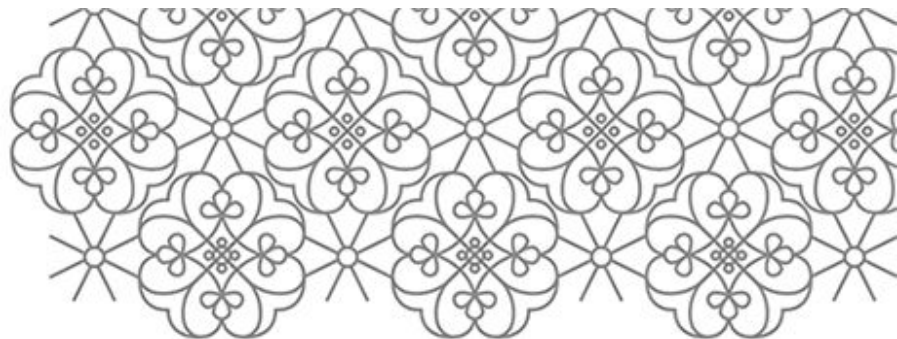
Nada disso importava naquela noite. Peguei o que necessitava dela, e fiz Lo-Melkhiin assisti-la definhando e murchar sob suas mãos. O cabelo escuro ficou cinza, depois prateado, e, por fim, branco. Os olhos perderam o brilho ardente, tornando-se sem vida e fundos no rosto. Sua pele se

esticou por cima dos ossos e depois pendeu, flácida, quando os ossos viraram pó. A minha única insatisfação foi ela não ter gritado, mas Lo-Melkhiin gritou o suficiente pelos dois.

Pela manhã, as criadas acordaram Lo-Melkhiin com berros de medo e desespero diante da visão da coisa com a qual eu compartilhara o leito conjugal. Fingi angústia também, e fingi tão bem que acreditaram em mim. Ela foi enterrada, e eu continuei fingindo pranteá-la mesmo enquanto as terras prosperavam. Mas um senhor não podia ficar sem esposa, e não demorou para o conselho pedir a Lo-Melkhiin para interromper o suposto luto e se casar novamente. Eles não tiveram que insistir muito.

O segundo casamento foi bem parecido com todos os que se seguiram. Se havia boatos de que Lo-Melkhiin não deveria se casar novamente, eram tão discretos quanto os passos de um cão selvagem caçando no deserto. Conforme o tempo passava e mais e mais garotas morriam, nem mesmo os cétricos conseguiam explicar o que estava acontecendo. Mas a terra prosperava, e havia paz, e Lo-Melkhiin pediu novamente para se casar. Os homens do conselho decidiram, então, que garotas sacrificar, e a lei foi criada.

Eu não me importava com as leis e regras do conselho de Lo-Melkhiin. Só me importava com quanto poder conseguia tomar de suas esposas, quando iam para sua cama, e com a dor que eu causava ao corpo que tinha possuído. Com o tempo, Lo-Melkhiin mudou; sua agonia diminuiu e se tornou uma coisa morna que eu mal podia provocar. Mas meu poder não enfraqueceu, e descobri que ainda podia provocá-lo com a fragilidade de nossas vítimas. E assim nós continuamos. Juntos.



Quando a senhora da hena e as outras acabaram de me arrumar, um dos lacaios me acompanhou até um jardim que eu ainda não conhecia. Ficava na base do muro do *qasr*, e a porta fora entalhada para parecer parte da parede. Eu já tinha olhado para lá e nunca vira aquela entrada. A mãe de Lo-Melkhiin esperava por mim junto a uma estátua desgastada pelo tempo. Essa não tinha os olhos perturbadores que me acostumara a ver nos jardins do *qasr*. Por alguma razão, isso me deixou mais à vontade, embora ainda não tivesse ideia do que estava por vir.

A mãe de Lo-Melkhiin parecia ainda mais pálida no escuro, e não tinha nenhum desenho de hena na pele. Como sempre, sua cabeça estava coroada com a peruca de juba de leão, os pelos cor de areia brilhando quase brancos sob as estrelas da mesma forma que o deserto empalidecia sob o céu noturno. Seu *dishdashah* era mais escuro que o meu — azul, ou talvez roxo, não dava para saber direito na penumbra. Tinha um corte e uma costura simples, sem os bordados e fios dourados que realçavam meu vestido. Pensei se não estava um pouco exagerada, mas, quando me viu, ela só assentiu, e então levantou a mão para endireitar um dos cachos que tinha se soltado no caminho até ali.

— Sua criada se esqueceu de um grampo — disse ela.

Senti seus dedos finos contra meu couro cabeludo enquanto ela prendia o cacho no grampo ao lado. Então puxou meu véu ligeiramente para a frente para encobrir o defeito.

— Tente não mexer muito a cabeça.

— Sim, senhora mãe.

Ela assentiu novamente e entrelaçou o braço no meu. Caminhamos para longe do conforto do olhar da estátua em direção à porta no muro do *qasr*. Era por isso, percebi, que o jardim ficava escondido. Aquela porta provavelmente ficava escondida pelo lado de fora também, para que os inimigos não soubessem a sua localização exata. Fiquei pensando quantas pessoas dentro do muro sabiam dela.

Perguntei-me se a mãe de Lo-Melkhiin só havia me mostrado a porta agora porque sabia que eu ia morrer. Mesmo que sobrevivesse, havia poucos para quem eu poderia contar.

O muro que circulava o *qasr* era tão largo que aquela porta mais parecia um túnel. A mãe de Lo-Melkhiin não precisava de um lampião na escuridão sob as pedras, e eu a segui porque não havia mais nada que pudesse fazer. Não fomos até a saída, o que teria nos levado para fora do *qasr*. Em vez disso, guinamos para o lado. Para minha surpresa, havia uma porta e, atrás dela, uma escada estreita. Subimos por ela até o alto do muro, e eu respirei o ar fresco da noite, sem os perfumes do palácio, pela primeira vez desde que fora levada no lugar de minha irmã.

— Venha — disse a mãe de Lo-Melkhiin, depois que enchi meus pulmões três vezes.

Demos a volta no alto do muro. Vi os jardins, tão familiares para mim, de um lado, e a cidade estranha do outro. Os jardins estavam escuros; até mesmo os lampiões de costume foram apagados naquela noite em razão das estrelas cadentes. A cidade, que se estendia em direção ao deserto a partir da segurança do muro do *qasr*, estava iluminada com centenas de pequenas luzes. Lo-Melkhiin não era exatamente um tirano, ao que parecia; ou, pelo menos, não um que exigiria que uma cidade ficasse no escuro em razão de seus interesses.

Fiz o máximo para não olhar para o deserto e pensar em minha irmã. Será que ela sabia que as estrelas cairiam naquela noite? Não tínhamos visto nada assim em nossas vidas. Se fosse necessário um cético para prever o evento, então minha irmã não saberia de nada. E eu não tinha certeza se os conhecimentos sacerdotais de minha mãe e da mãe de minha irmã eram profundos o suficiente para prever um acontecimento como aquele. Será que as ovelhas ficariam agitadas? Duvidava muito. Elas dormiriam a noite toda — a não ser que uma estrela aterrisasse ao lado delas — e não ficariam sabendo de nada. Será que a sentinela noturna veria as estrelas cadentes e soaria o alarme, sem saber o que aquilo significava?

Com toda a preparação, eu não tinha parado muito para pensar no acontecimento em si. Não sabia se as estrelas cairiam na areia. A mãe

de Lo-Melkhiin não estava com medo, o que me dava coragem, mas eu não gostava da ideia de que algo que era parte do céu não fosse permanecer lá. Eu me forcei a afastar o temor. Se não tinha medo do senhor do *qasr*, não teria medo de mais nada.

Por fim, chegamos a um lugar amplo no alto do muro, onde pedras achatadas formavam uma sacada que se estendia de uma porta entalhada com esmero até a beirada. Era do tamanho da área comum entre todas as tendas que nosso pai possuía, onde as mulheres se sentavam ao ar livre para fiar e cardar, e onde, à noite, a fogueira assava a carne das ovelhas e iluminava os contos noturnos. Mas não havia nenhuma fogueira ali. As pessoas não me eram familiares, e estavam formalmente vestidas.

A mãe de Lo-Melkhiin colocou a mão no meu braço e me guiou até a porta. Ficamos lá e esperamos, enquanto mais pessoas chegavam. Havia sacerdotes em suas túnicas brancas, e aqueles que imaginei serem os cétricos com túnicas de tons variados. Notei Firh Dom de Pedra, vestindo uma calça e uma túnica com alguns detalhes que eu não conseguia ver na penumbra. Havia outros também, homens da corte de Lo-Melkhiin e suas esposas, todos trajando roupas elegantes que eram um desperdício ali, onde não havia tochas e lampiões para que pudessem ser admiradas. Só o meu *dishdashah*, com seus fios dourados, mostrava sua qualidade. Ninguém olhou para mim por muito tempo, mas não havia como deixar de admirar minha roupa quando seus olhos passavam por mim no escuro.

Não eram poucas as reuniões alegres nas tendas de nosso pai. Comemorávamos o dia mais longo e a noite mais longa do ano, e os dois dias em que a escuridão e a luz do céu se equilibravam. Dançávamos quando as ovelhas davam cria, e outra vez na época da tosquia. Quando nosso pai e nossos irmãos voltavam da caravana com especiarias em vez de lã cardada e fios, nós os recebíamos com fogo, música e comida. Minha mãe e a mãe de minha irmã dançavam pelos mortos e pela chuva nas cavernas sagradas. Mesmo depois da morte de nosso irmão, cantávamos pelas alegrias da vida dele e desejávamos que estivesse bem onde quer que seus ossos repousassem.

A festa de Lo-Melkhiin não se parecia com nada disso.

Estava frio e escuro, não só porque era noite. Nas tendas de nosso pai, o dia era para o trabalho, e a noite, para canções e histórias, mas sempre tínhamos o calor do fogo e a luz fraca de nossos lampiões. Como eu tinha visto em nossa caminhada sinuosa ao longo do muro, todas as luzes do *qasr* estavam apagadas. As estrelas não brilhavam tanto quanto no deserto, porque as luzes da cidade permaneciam acesas, mas chegava bem perto.

Houve uma comoção, e olhei para a porta entalhada. Lá estava Lo-Melkhiin e um velho. Eu sabia que aquele homem devia ser um cético, pois sua túnica era escura, a cor impossível de identificar sob o luar. Perguntei-me se tinha sido quem previra a chuva de estrelas, e se era isso que lhe dava a honra de estar ao lado de meu marido. Lo-Melkhiin olhou para todos nós como um pastor contando suas ovelhas antes de seguir para outro pasto. Seus olhos brilhavam, mesmo que não houvesse nenhuma luz para refletirem, e poucos ousavam encará-lo. Sua mãe foi quem o olhou por mais tempo, e ele sorriu para ela. De maneira quase amável.

— Sou grato a todos por virem aqui esta noite — disse Lo-Melkhiin para a multidão. Sua voz era a de um homem que dava de beber a seu cavalo, mas eu não confiava nela. — Sei que vocês se ocupam durante o dia em me servir e servir nosso reino. Agradeço-lhes por adiar seu descanso para poderem assistir a esse milagre comigo.

Claro que as pessoas murmuraram que não havia problema. Não tinha nada mais que pudessem responder.

— Antes que o céu comece o show — continuou Lo-Melkhiin —, vamos ouvir o cético Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, já que conquistou o direito de falar diante de nós esta noite.

O cético se curvou para Lo-Melkhiin, e então para os outros céticos e para os sacerdotes antes de caminhar até o centro da sacada.

— Como ele ganhou o direito de falar? — perguntei à mãe de Lo-Melkhiin o mais suavemente que pude.

Era a voz que eu usava para falar com minha irmã quando não desejávamos que nenhuma das outras mulheres nos ouvisse. Eu a usava agora porque não queria mostrar ignorância naquele grandioso palco.

— Eles jogaram dados — respondeu ela, usando o mesmo tom de voz. Fiquei imaginando com quem ela poderia ter aprendido isso. — Assim, apaziguam as probabilidades e os deuses.

O cético estava de pé em uma pose que eu reconhecia. Era a mesma postura de nosso pai quando realizava um casamento na aldeia ou anunciava a rota de comércio da temporada. Era como os meus irmãos se portavam quando o imitavam e davam ordens mesquinhas a mim e à minha irmã, que invariavelmente desobedecíamos. Não era como Lo-Melkhiin se posicionava, eu notei. Ele não precisava atrair os olhares de ninguém para ganhar atenção ou respeito. Poderia exigir os dois, e não haveria quem desobedecesse.

— Aproximem-se, aproximem-se — entoou o cético. Instintivamente me inclinei para a frente. E assim fizeram os outros. Então Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, olhou diretamente para mim.

— Ouçam, e vou lhes contar os segredos dos céus.

Se eu tivesse ficado nas tendas de nosso pai, não teria aprendido nenhum segredo além daqueles sobre como administrar uma casa quando minha irmã e eu nos casássemos. Os homens com quem casaríamos teriam as próprias mães para usarem as vestes sacerdotais brancas, e essas mulheres, as próprias assistentes para treinar. Eu teria aprendido os segredos dos grãos e das ovelhas, do lar e da cama, da cozinha e do tear, nada mais. Mas eu não ficara nas tendas de nosso pai. Minha irmã aprendia as canções que sua mãe cantava para os mortos, e agora talvez eu aprendesse os segredos do céu. Se morresse, não teria esse conhecimento por muito tempo, mas teria. Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, não parecia se importar que a garota para quem falava talvez não tivesse tempo para refletir sobre sua lição. Encarei-o de volta, embora não tivesse certeza de que ele podia ver meus olhos no escuro, através do véu.

— Há um andarilho no céu — contou Sokath, Aquele dos Olhos Abertos. — Ele dá a volta em nós, assim como nós rodeamos o sol, mas sua jornada é muito maior do que a nossa. Enquanto viaja, reúne uma caravana de estrelas em seu rastro e, quando passa por cima das nossas cabeças, conseguimos ver essa caravana no céu.

— Quanto tempo ele viaja, venerado cético? — perguntou Lo-

Melkhiin.

— Para cada noite que ele está em nosso céu, ficará dez anos afastado — respondeu o cético. — E iluminará nosso céu por sete noites, a partir de hoje.

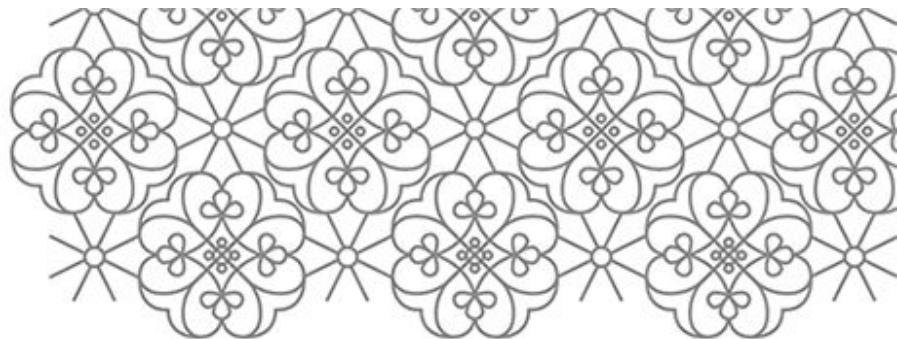
Eu nunca mais veria aquela caravana de estrelas em minha vida, fiquei sabendo então. Não importava quantas noites sobrevivesse ao casamento com Lo-Melkhiin. Nenhum filho que eu pudesse ter um dia a veria, a menos que vivesse mais do que a maioria das crianças nascidas no deserto. Essa ideia teria me assustado antes, mas agora eu compreendia os perigos do mundo com maior clareza do que quando morava nas tendas de meu pai. Eu morreria naquele dia ou no próximo, mas em breve, de qualquer maneira.

— Meus senhores e minhas senhoras — disse Sokath, Aquele dos Olhos Abertos. — Peço que olhem para o céu e vejam suas maravilhas.

Começou lentamente. Uma faísca azul e dourada em movimento em um céu cheio de luzes fixas, depois se apagando na escuridão. Nem todos nós a vimos — ela ardera muito rapidamente —, mas logo havia muitas luzes para admirarmos.

Esperava que minha irmã estivesse assistindo. Esperava que ela não temesse a visão, mas sim ficasse na areia e acompanhasse aquela beleza com seu coração forte. Nosso pai e nossos irmãos deviam estar em casa agora, observando com minha mãe e a mãe de minha irmã o céu dançar acima de suas cabeças.

E então me esqueci das estrelas, porque Lo-Melkhiin parou de observar e se moveu. Todos os outros, sacerdotes e céticos, senhores e senhoras, tinham os olhos fixos na dança do céu, mas eu o vi. Ele atravessou a sacada, os passos de caçador leves como um leão na areia, e parou ao meu lado. Sua mãe olhou para nós, mas permaneceu em silêncio. Eu não podia ver a expressão dela, nem a dele, e me reconfortei um pouco com o fato de que meu vêu escondia o rosto. Então ele colocou uma das mãos em meu ombro, esmagando o tecido fino do meu vestido, e me puxou para uma escuridão que estava além do alcance das estrelas.



Eu só sabia que estávamos em um cômodo pequeno. A pedra contra as minhas costas era dura. Senti uma brisa — que nos seguira através da porta —, mas nenhuma seda ou perfume se agitou com ela. Aquele não era um quarto muito usado.

Lo-Melkhiin assomava sobre mim, e eu podia sentir o hálito forte devido ao tempero do jantar. Uma de suas mãos estava na minha cintura, e o outro braço pressionado com firmeza sobre meu esterno. Se quisesse, ele só tinha que movê-lo um pouco para cima e esmagaria minha tranqueira.

— Fico feliz que pôde se juntar a nós esta noite, esposa — disse ele.

Sua voz não soava ameaçadora, apenas indiferente e indelicada. Um homem que tinha coisas bonitas e não se importava com o trabalho que fora preciso para consegui-las.

— Não havia muita alternativa — falei.

Com certeza, ele não iria me matar ali, não com todo mundo na sacada. Eles podiam estar observando o céu, mas todos tinham me visto. Eu me perguntei até que ponto ia a aceitação de todos em relação aos assassinatos de Lo-Melkhiin. Não, nós dois voltaríamos para a sacada, depois que ele tivesse o que queria. Podia apenas lamentar que os laços do meu vestido provavelmente não aguentariam.

— Imagino que sua irmã também esteja observando o céu esta noite? — indagou meu marido, quase em tom casual. O braço contra meu peito ainda não tinha relaxado. No dia seguinte, eu teria uma marca arroxeadada. E estava determinada a vê-la. — Você acha que ela está com medo, pensando que o céu inteiro vai cair sobre sua cabeça?

— Meu povo tem a sabedoria dos sacerdotes, tanto quanto qualquer um da cidade.

Nosso pai já caminhou pelo deserto, e minha irmã não é tola ou tímida. Ela valia dez Lo-Melkhiins.

— Minha mãe e a mãe de minha irmã conhecem as canções — continuei. — Eles sabiam sobre esta noite tanto quanto seus

sacerdotes, mesmo que não tenham um cético para contar uma história bonita antes do evento.

— Creio que até mesmo uma plebeia do deserto como você é melhor do que isso. — Lo-Melkhiin se afastou, mas eu não relaxei. Se ele deixasse o cômodo, eu não o seguiria. — Seu vestido é bonito. O tecido era apenas laranja quando o comprei. Como conseguiu acrescentar os fios dourados?

Não respondi. Não iria lhe dizer que o tecera em meus sonhos, se foi isso mesmo o que aconteceu. Não gostava do brilho repentino em seu olhar, que tremeluzia como uma chama exposta à brisa. Aquele brilho poderia incendiar tudo à sua volta sem nenhum aviso.

— Não importa — continuou ele. — Você e eu ainda não completamos nosso ritual, o mesmo de todas as noites.

Eu não considerava aquilo um ritual até ele mencionar. Não havia palavras ou canções. Não acendíamos velas, e eu não tinha certeza de que algum de nós conseguia alguma paz com isso. No entanto, todos os dias, todas as noites, nos reuníamos. Não era um casamento como me haviam ensinado, mas era alguma coisa, e ele agora me revelara seu nome.

— Minha irmã faz seus rituais também; rituais de verdade, longe dos muros da cidade — contei a ele, embora não pudesse falar como sabia disso. — Ela se prepara para seu casamento e deixa oferendas para os nossos mortos.

Eu sabia que meu santuário florescia no lugar onde nossos ancestrais dormiam, mas não diria a Lo-Melkhiin que tinham tanta estima por mim. As outras garotas levavam oferendas, assim como suas mães. Na privacidade de suas tendas, tinham santuários menores, lembranças pessoais sobre mim que sussurravam sem a formalidade das canções. Elas me contavam seus segredos ali, seus amores e esperanças e sonhos, e, quando me tornasse uma deusa menor, seria capaz de respondê-las. Nosso pai carregaria meu símbolo em sua algibeira, assim como nossos irmãos, quando saíssem para negociar com a caravana. Os retalhos do *dishdashah* roxo seriam levados para o deserto, e o sol lhes daria força.

No frio daquele pequeno cômodo de pedra, senti o vento do deserto

esquentar meu rosto. Estendi as mãos para Lo-Melkhiin, que as segurou. Seu rosto, visível agora que meus olhos haviam se ajustado à escuridão, possuía um ar vitorioso. Gostaria de saber se o meu também tinha, porque eu me sentia como se tivesse ganhado um prêmio, mas não sabia como nós dois poderíamos sair vitoriosos daquela situação. Não sabia como eu poderia ganhar.

Seus dedos se fecharam em torno dos meus, e a estranha luz começou a se mover entre nós. Antes, tínhamos feito isso à luz do lampião do meu quarto. Agora, no escuro, não pude deixar de notar que a luz fria não iluminava o ambiente. Era bem forte, mas não servia para se ver nada. Nunca tinha visto uma luz se comportar dessa forma antes; como se fosse apenas a ideia da luz, e não a coisa real.

Quando o fogo cor de cobre saiu das mãos dele para as minhas em resposta, foi o mesmo: um fogo que ardia sem fumaça, brilho ou calor, mas que me fez sentir como se estivesse crescendo.

Ele me soltou abruptamente, e eu cambaleei. Lo-Melkhiin estendeu o braço, a imagem de um marido perfeito, mas eu me apoiei na parede e não aceitei sua ajuda. Em vez disso, levei a mão a cada um dos nós que prendia meu vestido. Por sorte, eles não tinham se afrouxado. Estaria decentemente vestida quando voltássemos. Lo-Melkhiin riu e se dirigiu para a porta. Fui atrás dele porque não havia mais nada que eu pudesse fazer. Estava zozza, e era como se meu sangue estivesse zumbindo. Porém, não me sentia doente. Eu raramente ficava doente quando criança, mas sabia como era. Não sentia minhas energias sendo drenadas como se eu fosse uma árvore e o vento sugasse a água dos meus ossos. Normalmente, quando fazíamos aquilo, eu estava sentada, e não precisava andar para nenhum lugar.

— Mãe — chamou Lo-Melkhiin, quando estávamos de volta à sacada.

Ela desviou o olhar do céu para encarar o filho e a mim.

— Preciso conversar com meus conselheiros. Pode cuidar de minha esposa e garantir que ela fique bem? Temo que o adiantado da hora tenha roubado um pouco de sua vivacidade. Talvez um suco de fruta possa restaurá-la?

A luz das estrelas parecia radiante em comparação com a escuridão

do quarto de pedra. Eu podia ver em seu rosto que a mãe de Lo-Melkhiin não acreditava completamente nas palavras do filho, mas fez sinal para uma criada, que trouxe dois copos. Lo-Melkhiin nos deixou sem olhar para trás, o que desmentia sua preocupação anterior.

Tomei o suco. Não me custava ser obediente, e sentia sede, de qualquer maneira. De alguma forma, estava bem fresco, mais do que o frio ar noturno, e ajudou a me firmar. Aquela era uma fruta que eu conhecia, mesmo que sua apresentação fosse diferente das romãs que minha irmã e eu dividíamos nas tendas de nosso pai. Não havia nada de sobrenatural no suco. A mãe de Lo-Melkhiin não me perguntou o que eu tinha feito com seu filho momentos antes. Talvez não quisesse saber. Mas senti seus olhos procurarem os nós do meu vestido e, quando viu que estavam intactos, ela franziu a testa. Talvez não gostasse de mistérios.

Eu observava Lo-Melkhiin em vez do céu. Ele ia de grupo em grupo, conversando com seus conselheiros e ouvindo tanto os sacerdotes quanto os céticos, apertando seus braços como se fossem seus camaradas e não membros de sua corte. Toda vez que ele deixava um grupo, os homens começavam a falar em voz baixa, gesticulando uns para os outros como se estivessem animados com o assunto discutido. Em pouco tempo, era como se eu estivesse em um dos jardins e ouvisse as folhas farfalharem ao vento.

Firh Dom de Pedra se afastou dos outros, os olhos ainda fixos nas estrelas. Quando Lo-Melkhiin parou ao seu lado, ele se encolheu, mas disfarçou bem o suficiente. Conversaram brevemente, e depois Lo-Melkhiin colocou a mão no ombro do escultor. Vi, como não vira quando ele conversou com os outros convidados, a centelha de luz que não era bem luz saltar da mão de meu marido para o corpo de Firh Dom de Pedra. E então Lo-Melkhiin se afastou.

Fui até onde o escultor estava. A mãe de Lo-Melkhiin não tentou me deter nem me seguir. Mais do que tudo, eu queria ver o deserto, imaginar que, se olhasse na direção certa, veria as fogueiras ao redor das tendas de nosso pai. Imaginar que veria um caminho de volta para minha irmã. Em vez disso, notei que as mãos de Firh Dom de Pedra tremiam. Ele agarrou as ameias que decoravam o alto do muro com

tanta força que, por um instante, pensei que fosse esmagá-las.

— Você sente saudade das tendas de seu pai, sua graça? — perguntou ele.

— Sim.

Eu não esperava ficar longe por tempo suficiente para sentir saudade. Achei que fosse morrer e voltar para o lugar onde os ossos do pai do pai de nosso pai descansavam em paz.

— Também sinto saudade da minha família — disse ele. — Principalmente em noites como esta.

— Os cétricos disseram que não houve noites como esta desde que eu ou você nascemos — lembrei-lhe gentilmente.

— Não é isso. Quis dizer as noites em que a corte se reúne. Quando...

Ele emudeceu, mas ouvi o resto de seu pensamento como se tivesse sussurrado as palavras em meu ouvido. Ele não gostava das noites em que Lo-Melkhiin vinha e tocava seu ombro.

— Você terá que esculpir agora? — perguntei.

— Acho que sim — respondeu Firh Dom de Pedra. — Ainda não sei dizer o quê, mas sei que terei que esculpir alguma coisa.

Coloquei as mãos sobre as dele, que ainda agarravam o alto do muro. Por um instante, elas se iluminaram com o fogo cor de cobre, mas ele não percebeu.

— Vou dizer às criadas para lhe levarem água.

Ele tirou as mãos de debaixo das minhas, olhando com nervosismo ao redor para ver se alguém tinha nos visto.

— Eu não vou parar para beber, sua graça — disse ele.

— Então vou mandar um laçao para forçá-lo a beber — retruquei. — Desde que não o machuque muito.

Firh Dom de Pedra riu. Não era um som alegre. Eu sabia que ele se machucaria se bebesse ou não.

— Sinto muito — falei. — É a única maneira em que consigo pensar para ajudar.

— Eu entendo, sua graça.

Então ele se curvou formalmente, e eu voltei para o lado da mãe de Lo-Melkhiin até sermos, finalmente, dispensadas para procurarmos

nossas camas.

Pela manhã, o surto de esculpir se abatera sobre Firh Dom de Pedra, e ele não se permitiu parar de trabalhar. Durante todo o dia, ficou sob o sol quente e usou suas ferramentas para moldar a pedra. No entanto, sempre que uma criada aparecia no pátio com um jarro apoiado na cintura, ele ia até ela e bebia.

Sob suas mãos, a estátua tomou forma. As sentinelas e os lacaios estavam certos de que seria um leão, mas a senhora da hena disse que o formato do rosto não era esse. No fim, ela estava certa: no momento em que o sol se pôs, uma leoa se erguia orgulhosamente no pátio.

Quando Lo-Melkhiin veio até meu quarto naquela noite, antes de ir ao muro para assistir à segunda noite de estrelas cadentes, olhou para mim por um longo tempo antes de tomar minhas mãos. Desta vez, seu olhar não era como o de um leão que observa uma gazela, mas como o de um carneiro que examina as ovelhas.

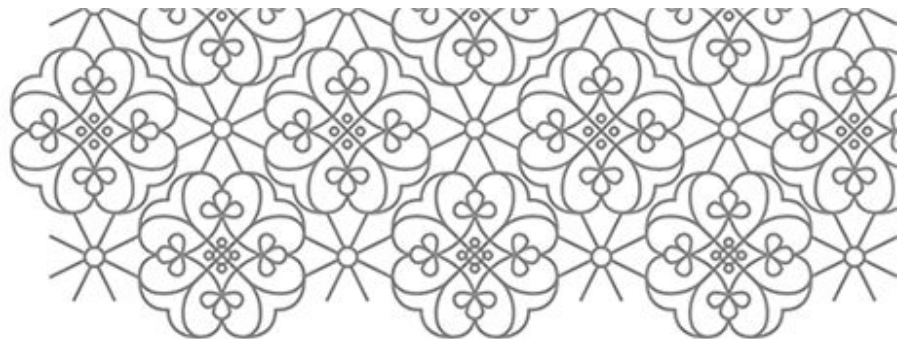
— Ordenei que movessem a estátua — disse ele, quando o fogo se extinguiu de nossos dedos, mas sem soltar minhas mãos. — Não vou destruir algo que exigiu tanto trabalho, mas essa não é como as outras.

— Por quê?

Não precisei fingir interesse; estava sendo sincera.

— Há algo de errado com os olhos.

Então ele me deixou sozinha para sonhar com a areia.



As sete noites de estrelas cadentes se passaram, e eu continuava viva. Já habitava o *qasr* de Lo-Melkhiin havia quase três semanas. Eram poucos os que agora não me olhavam diretamente quando eu chamava por eles, embora sempre desviassem logo o olhar. Mas isso condizia com minha posição de rainha, então eu não pensava muito a respeito. Sentia saudade de minha irmã todos os dias, porque ela era minha irmã, e porque, embora pudesse conversar com as mulheres na sala de costura ou com qualquer um dos jardineiros, nenhum deles era meu amigo. Não via Firh Dom de Pedra desde a primeira noite da chuva de estrelas. A criada que trazia meu chá dissera que ele tinha sido enviado em patrulha. Também não encontrei a leoa que ele havia esculpido. Onde quer que Lo-Melkhiin tivesse mandado colocá-la, estava bem escondida.

Na manhã do décimo oitavo dia após ter sido levada para longe de minha irmã e das tendas de nosso pai, saí à procura de Sokath, Aquele dos Olhos Abertos. Eu não o procurara durante os dias da chuva de estrelas. Ele tinha estado todas as noites no alto do muro, observando o céu com outros cétricos e sacerdotes, debatendo com eles. Lo-Melkhiin me contara isso sem nenhum motivo aparente, mas nunca me pedia para me juntar a eles. Eu aceitava a presença de Lo-Melkhiin no meu quarto quando os lampiões estavam acesos para mostrar seu rosto. No escuro, não gostava nem um pouco dele.

Em vez disso, usei os dias das estrelas cadentes para descobrir todos os jardins do *qasr*. Quando estava no alto do muro com a mãe de Lo-Melkhiin, eu tinha visto que a parte do *qasr* em que eu vivia na verdade era muito pequena e bastante isolada do restante. Não sabia ao certo quanto tempo mais viveria naquele lugar, mas estava determinada a conhecê-lo bem. Além disso, estava muito entediada.

Ninguém nunca tentou me deter em meus passeios, então na manhã em que saí para encontrar Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, não esperava que me impedissem. Encontrei as criadas e os lacaios de sempre. Eles curvavam a cabeça quando me viam e desviavam para o

lado nos corredores para me dar passagem, se estivessem muito próximos quando nos encontrássemos. Eu tentava evitar isso: sentia-me desconfortável ao vê-los sair do meu caminho, principalmente se carregavam um fardo pesado, mas sabia que não parariam se eu pedisse. Eles olhavam para mim agora, porque achavam que eu fosse viver. E, conseqüentemente, me tratavam como sua rainha. Se meu breve desconforto era o preço que eu pagava por viver, então tudo bem. A solidão era mais difícil de suportar, mas eu estava lidando com isso da melhor maneira que podia.

Atravessei o jardim da fonte, onde ficava a estátua da mãe de Lo-Melkhiin montada nos leões. Passei por um pequeno salão, usado pelas mulheres que traziam os lampiões dos depósitos sob o *qasr*. Eu aprendera bastante as seguindo discretamente e ouvindo suas conversas. Eram elas que entravam na maioria dos cômodos e jardins do *qasr*, abastecendo o óleo e aparando pavios todos os dias, para que, quando a noite chegasse, os lampiões estivessem prontos para afastar a escuridão. Não era diferente de seguir nossas cabras, quando minha irmã e eu as vigiávamos; nem sempre sabíamos onde estaria o pasto, mas as cabras sabiam, e nos levavam até lá — junto com as ovelhas, que eram bem menos inteligentes.

Estava contente em ser uma ovelha por enquanto, seguindo as mulheres dos lampiões quando estavam ocupadas demais com suas tarefas para me notarem, ou fingindo que estava concentrada em alguma tapeçaria ou escultura de jardim se me vissem. Dessa forma, aprendi quais eram os cômodos mais próximos do meu quarto, e, ouvindo as conversas, descobri que pessoas deviam estar em que lugares em determinados momentos do dia.

Segundo as mulheres dos lampiões, a manhã era o melhor horário para trocar o óleo nas salas de trabalho dos cétricos. Eles saíam todos os dias para observar o nascer do sol e quebrar o jejum, e frequentemente levavam várias horas para voltar, principalmente se estivessem discutindo sobre algo que considerassem importante. Elas deram risadinhas quando disseram a última parte. Os cétricos eram habilidosos: tinham nos dado o relógio de água e nos ensinado a colocar as palavras no papel, mas às vezes entravam em uma mata

cerrada que eles mesmos criavam, e, como fazia nosso carneiro, tentavam forçar o caminho para passar em vez de apenas voltarem por onde vieram.

Eu sabia que os cétricos estariam no muro leste. Não era o mais alto, mas era alto o bastante para ver o amanhecer, e possuía uma pequena sacada. Não tinha nem a metade do tamanho daquela na qual havíamos visto as estrelas cadentes, mas era grande o suficiente para eles se reunirem a fim de observar o sol, e tinha uma cobertura para impedir que o calor cozinhasse seus miolos antes de concluírem seus pensamentos. Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, nem sempre se juntava aos outros. Ele se cansava da tagarelice dos companheiros, disseram as mulheres dos lampiões, e queria poder pensar em paz antes que o dia começasse. Então ia sozinho ao muro sul, onde a vista não era tão grandiosa, mas o silêncio era garantido.

Subi as escadas o mais silenciosamente que pude, sem querer perturbar seus pensamentos. Era fácil falar com minha mãe e com a mãe de minha irmã, até mesmo quando elas usavam as vestes sacerdotais. Eu nunca tivera oportunidade de falar com um sacerdote, muito menos com um cétrico, e parecia um pouco como quando eu falava com nosso pai. Respirei fundo antes de ir até a estreita passarela no alto do muro e ficar de pé atrás dele, respirando o mais suavemente possível enquanto o sol iluminava o horizonte e começava sua jornada diária através do céu.

— Sabe — disse Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, depois de um tempo —, acho que o mundo é redondo. E que estamos na lateral dele, não no topo.

Eu nunca tinha pensado nisso. Por muito tempo, o mundo tinha o formato das tendas de nosso pai. O formato dos nossos rebanhos. O formato de minha irmã.

— Por quê? — perguntei.

Eu não tinha a intenção de importuná-lo com perguntas, mas parecia que ele queria que eu as fizesse.

— Tenho observado as sombras por muitos anos — respondeu ele.
— Está vendo como são altas?

Olhei para as pedras aos seus pés. As sombras alcançavam duas

pedras de altura desde a base do muro, mas havia marcações mais acima e mais abaixo daquele ponto.

— Estou — respondi.

— Elas não variam muito — contou ele, apontando. — Aqui no dia mais longo, aqui na noite mais longa.

Dava para medir a distância entre as duas marcas com as mãos. Não parecia uma distância muito grande para se percorrer, principalmente para algo tão grande quanto o sol, e falei isso a ele.

— Se estivéssemos mais perto do topo do mundo, o espaço seria maior — afirmou ele. — É possível que, no ponto mais alto ou no mais baixo, haja dias sem nenhum sol.

Olhei para as marcas no chão e me lembrei de quando fazia animais de sombra nas laterais da tenda de nosso pai.

— Você não poderia descobrir? Quer dizer, venerado cético, se pegasse uma bola e um lampião, não poderia saber?

Ele riu e piscou um olho para mim.

— Poderia. E fiz. Mas não conte aos outros cétricos, pois eles dirão que é blasfêmia. Preferem discutir sobre isso para sempre.

— Mas então como vão saber? — perguntei.

— Eles sabem, mais ou menos. Mas, ao discutirem, vão fazer e responder outra dezena de perguntas.

— Imagino que valha a pena, então.

Não era de admirar que ele tivesse ido até ali para evitar toda a falação. Eu preferiria saber a discutir.

Ele, então, virou-se e fez uma reverência, e eu me curvei de volta, esquecendo quem eu era para ele naquele lugar.

— Minha rainha. Você me procura por alguma razão?

— Sim — respondi. — Tenho dúvidas sobre os deuses menores.

— Essas são perguntas para os sacerdotes.

— Talvez. Mas pensei em perguntar a um cético primeiro.

— No mínimo, fiquei intrigado. Venha, vamos sair do sol.

Descemos as escadas e fomos para o jardim. Aquele jardim tinha uma fonte, como o que ficava perto do meu quarto. A água cantava baixinho de um lado, e videiras subiam pelas paredes. Havia um pátio com duas almofadas embaixo, junto a uma bandeja de azeites e pão

ázimo. Quem quer que me seguisse sempre que eu deixava meu quarto tinha arranjado comida suficiente para nós dois quebrarmos o jejum, e, como meu estômago roncou quando vi a bandeja, fiquei grata.

— Farei o meu melhor para responder às suas perguntas — disse Sokath, Aquele dos Olhos Abertos. — Em troca, gostaria de ouvir uma história da sua aldeia.

— É justo — respondi, e me perguntei que história contaria. — Não sei se temos nada muito sábio para você.

— A sabedoria é a moeda dos jovens. Eles a procuram, pensando que é algo que vão encontrar. Você é jovem, e mulher, ainda por cima, mas ainda assim foi inteligente o bastante para me encontrar aqui hoje. Essa é uma sabedoria que poucos dos meus alunos teriam.

Ele se sentou e pegou uma azeitona da tigela. Colocou-a na boca enquanto eu me sentava ao seu lado, e depois cuspiu o caroço no jardim. Não pude deixar de rir.

— Não foi muito longe — disse ele. — Quando era jovem, conseguia fazer o caroço passar por cima do muro.

Olhei para cima e sabia que ele estava brincando, mas já fazia muito tempo que ninguém me dizia algo leve assim. Então me corrigi: não fazia muito tempo. Apenas o período desde que vim para o *qasr*, que ainda era tão pequeno que eu podia contar os dias.

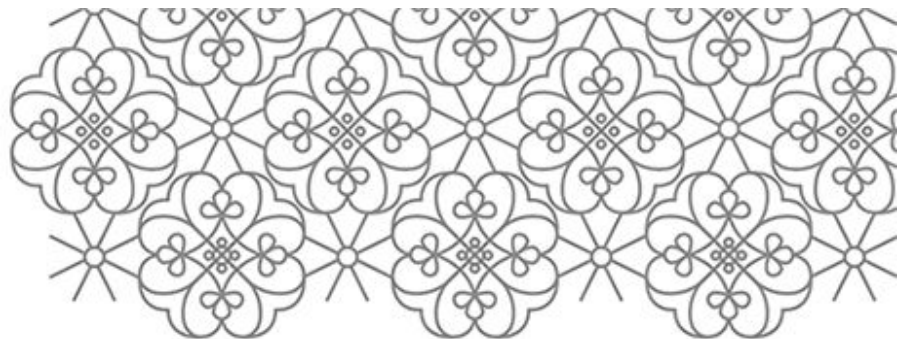
Peguei uma azeitona e tirei o caroço com a unha do polegar, como tinham me ensinado. Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, pareceu quase desapontado, então, depois de comer a azeitona, coloquei o caroço na boca e o cuspi o mais forte que pude. Caiu pouco depois da almofada, e o cético riu novamente.

— Você vai aprender o truque se praticar — disse ele. — A vida é muito curta para se arrancar os caroços das azeitonas, quando cuspi-los é muito mais divertido.

Ele disse isso em um tom amigável, mas olhei em seus olhos, e vi que estavam tristes. Ele era mais velho que nosso pai, e eu teria sorte em viver mais um dia. Peguei outra azeitona, dessa vez com um pouco de pão azimo. Quase ficou presa em minha garganta, mas me forcei a engoli-la e depois cuspi o caroço. Não foi mais longe do que o anterior, mas achava que sabia por quê; tinha a ver com o

posicionamento da língua.

— Agora — disse Sokath, Aquele dos Olhos Abertos —, faça-me suas perguntas, e vamos ver se podemos encontrar as respostas que procura.



No auge do nosso décimo segundo verão, antes de sermos hábeis o bastante com as agulhas para costurar a seda roxa, mas pouco depois de termos deixado os rebanhos, minha mãe e a mãe de minha irmã nos contaram a história do pai do pai de nosso pai, e como ele havia se tornado nosso deus menor. Nós tínhamos ouvido algumas versões dessa história antes, cantadas ao redor da fogueira ou sussurradas junto aos ossos dele quando nosso pai estava fora com a caravana. Dessa vez, elas nos prometeram, seria a história secreta. Nosso pai a conhecia, como era seu direito, mas nossos irmãos não, e foi assim, claro, que elas nos convenceram a ficar sentadas em vez de correr uma atrás da outra pela areia, como preferíamos.

O pai do pai de nosso pai nascera em outro leito, mais perto da cidade do que onde vivíamos. O caminho margeando o uádi não era reto como o voo de um corvo do deserto, mas era o caminho mais seguro. Os camelos tinham água e grama o suficiente para sobreviver. Um bom caçador podia encontrar presas quando os animais vinham beber, e os leões só apareciam à noite, e rugiam muito para anunciar sua chegada. O pai do pai de nosso pai não era um caçador, a não ser quando era necessário, e, embora sua mira fosse boa o suficiente para manter as hienas e os cães selvagens longe do rebanho, não era boa o bastante para conseguir carne para todo o acampamento. Mas estava contente sendo pastor; e, ao completar vinte verões, já era o mestre do rebanho.

Era trabalho do mestre do rebanho escolher quais animais estavam bons para o abate e quais deveriam ser colocados para acasalar, além do caminho que os rebanhos seguiriam. Um homem sábio, dizia-se, seguia as cabras. Um tolo era conduzido pelas ovelhas. Um mestre, porém, escolhia o próprio caminho, e foi isso que o pai do pai de nosso pai fez. Ele não tinha nenhum cético para lhe dizer como a água se movia em relação ao sol, e nenhum sacerdote para lhe dizer a que deuses menores pedir orientação e quais oferendas fazer para conseguir sua atenção. Ele só tinha a si mesmo, e o conhecimento que

adquirira em seus verões sob o sol do deserto.

O uádi estava lotado. Muitas famílias montavam seus acampamentos ao longo do leito e usavam a água para plantar e beber. A aldeia do pai do pai de nosso pai era pequena, e seus rebanhos sofriam porque não havia espaço suficiente para eles nascentes. Também havia muitos mercadores amontoados ali, e eles compravam, vendiam e negociavam os mesmos produtos indefinidamente, até os preços estarem tão altos que o pai do pai de nosso pai não podia pagar. Um dos mercadores que tinha os preços mais altos também possuía um camelo. Era um animal velho, que conhecia bem o deserto. O comerciante sempre deixava o camelo amarrado a um poste no meio da praça do mercado quando ia conversar com os outros homens. Ainda que o sol estivesse a pino, o camelo esperava pacientemente pelo seu mestre no calor.

Um dia, quando os outros tinham levado as ovelhas e as cabras, o pai do pai de nosso pai foi ao mercado. Ele precisava comprar uma cabra leiteira, porque uma das mulheres da aldeia tinha morrido no parto e não havia ninguém para alimentar sua filha, e nenhuma de suas cabras estava dando leite. O único comerciante com uma cabra leiteira era o homem que possuía o camelo e, quando o pai do pai de nosso pai percebeu isso, desesperou-se. Ele certamente não poderia pagar o preço, e então perderia outro membro da sua aldeia, mesmo sendo um bebê.

O pai do pai de nosso pai foi até o camelo, parado no sol quente como sempre, e acariciou seu nariz marrom.

— Onde está seu mestre? — perguntou ao animal.

— Ele está nas tendas junto ao uádi, onde é mais fresco — respondeu o camelo.

O pai do pai de nosso pai ficou surpreso. Ele não esperava uma resposta do camelo. Mas sabia que surpresa não era motivo para ser indelicado, então continuou conversando com o camelo como faria com os velhos que jogavam gamão na sombra.

— Obrigado, venerado ancião.

— Por que procura o meu senhor? — perguntou o camelo.

— Preciso de uma cabra leiteira para um bebê na minha aldeia —

respondeu o pai do pai de nosso pai. — E o seu mestre é o único no uádi que tem uma.

— Compre-me. Sou velho, e meu mestre vai se desfazer de mim por menos do que a cabra leiteira.

— Mas você não pode alimentar uma criança — protestou o pai do pai de nosso pai.

— Compre-me — repetiu o camelo. — Compre-me e não vai se arrepender.

O pai do pai de nosso pai sentiu-se um tolo, ouvindo conselhos de um camelo. Afinal, ele não seguia as cabras, como pastores menos experientes faziam. Por outro lado, as cabras não falavam. Então ele suspirou e foi até as tendas junto ao uádi. Regateou com o comerciante, que ficou surpreso por lhe oferecerem qualquer coisa pelo camelo, e saiu de lá com um bom preço e um camelo velho.

Eles caminharam ao longo do uádi juntos. O pai do pai de nosso pai estava triste. O bebê não se alimentava havia quase um dia, a não ser por um mingau ralo, e as mulheres lhe asseguraram que não seria o suficiente. E agora ele só tinha um camelo velho para mostrar pelos seus esforços. Estava tão cabisbaixo que só percebeu que o camelo havia parado de andar quando a corda acabou e ele foi puxado para trás.

— Mestre — disse o velho camelo. — Devemos ir para o deserto.

— Camelo, se formos para o deserto, vamos morrer.

— Não vamos.

O camelo se afastou do uádi e puxou o pai do pai de nosso pai atrás dele. Embora pudesse ter batido no camelo e o obrigado a dar meia-volta, ele não o fez. Afinal, o camelo falava. Devia ter uma boa razão.

Adentraram o deserto juntos. O pai do pai de nosso pai contou seus passos como haviam lhe ensinado, para ter certeza de que não se afastaria uma distância maior do que metade da água que carregava no odre. Quando chegou ao ponto em que deveria voltar, puxou suavemente a corda.

— Camelo. Devo voltar, ou vou ficar sem água.

— Mestre, olhe à frente.

O pai do pai de nosso pai olhou, e lá, no limite do alcance de sua

vista, notou uma visão familiar. Havia uma área verde baixa, onde cresciam oleandros. Ele sabia que, quando se aproximasse, veria as flores cor-de-rosa. Do tipo que só cresciam onde havia água doce. Onde havia um uádi.

— Camelo! — exclamou o pai do pai de nosso pai. — Como você sabia que havia um uádi aqui?

— Sou um camelo. Nós sabemos encontrar água.

— E por que mostrou isso para mim?

— Meu antigo mestre nunca me ouvia. Você, sim.

Eles caminharam até o uádi juntos. A mente do pai do pai de nosso pai fervilhava de planos. Poderia mover toda a aldeia para lá. Sim, estariam mais longe dos muros da cidade, mas isso não importaria se tivessem mais espaço e mais água. Podiam aumentar o rebanho e não se preocupar em lutar pela comida e a bebida deles. De repente, ele se lembrou do bebê, e ficou de coração partido. Sabia que seria necessário pagar um preço, mas aquele parecia caro demais.

— Mestre — disse o camelo. — Olhe.

O pai do pai de nosso pai ouviu antes de ver e reconheceu o som. À sombra dos oleandros havia uma cabra, deitada para ter seus filhotes na areia fresca da margem do uádi. O pai do pai de nosso pai se ajoelhou ao lado dela e viu que o animal era selvagem, não pertencia a nenhum rebanho. Ele a ajudou a ter os filhotes e, então, pegou-os nos braços. Colocou a cabra no pescoço do camelo, e ela ficou tão calma como se já conhecesse seu toque e tivesse nascido para lhe servir. Ele mesmo carregou os filhotes, cruzando o deserto de volta às suas tendas.

Houve uma grande festa naquela noite. O pai do pai de nosso pai fora ao mercado atrás de uma cabra leiteira e voltara não só com isso, mas com três filhotes e um camelo. E, ainda melhor, descobrira sobre o uádi. Pela manhã, todos juntaram seus pertences e saíram daquele lugar. Atravessaram a areia ardente e encontraram sombra sob os oleandros, onde montaram suas tendas. Em pouco tempo, descobriram a caverna onde passaram a enterrar seus mortos.

Como o pai do pai de nosso pai esperava, os rebanhos prosperaram. Ele passou a sair em caravanas e a administrar as riquezas da aldeia.

Quando morreu, o envolveram em um tecido branco bonito e o levaram para a colina, ao lado de onde tinha sido enterrado o velho camelo. Mais tarde, construíram o santuário.

— Seu pai e seus irmãos oram para o pai do pai do pai de vocês em razão de os rebanhos terem se multiplicado, e o comércio, aumentado — contou minha mãe. — Oramos para ele por esses motivos também. Mas essa não é a única razão para orarmos.

— Este é o segredo — disse a mãe de minha irmã. Os olhos dela ardiam como quando usava as vestes sacerdotais e cantava com minha mãe diante das tendas de nosso pai, ainda que só estivéssemos sentadas à sombra dos oleandros, fiando. — Esta é a parte da história que devem manter em seus corações pelo resto de seus dias.

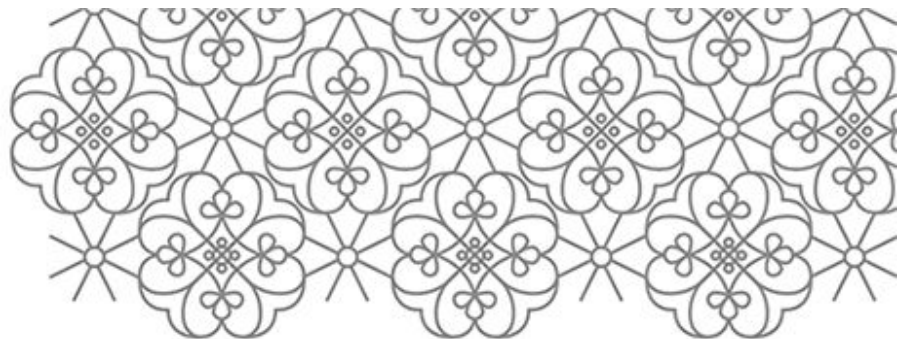
Minha irmã prometeu, as palavras se derramando de seus lábios como óleo de um jarro. Eu estava tão em êxtase com a história e a promessa de saber algo que meus irmãos não podiam conhecer que só consegui assentir.

— O bebê que sobreviveu graças à cabra leiteira era a mãe da mãe de minha mãe — contou minha mãe. — Se ela tivesse morrido, eu não teria me casado com seu pai, e você, filha minha, não teria nascido.

— Eu não teria minha melhor amiga — disse a mãe de minha irmã. — E você, filha minha, não teria irmã.

Nós nos demos as mãos, minha irmã e eu. Chegáramos tão perto de não ter uma à outra, e nem sabíamos disso. Daquele dia em diante, nossa ligação ficou mais forte do que nunca. Nós sempre havíamos orado ao deus menor de nossa família, mas agora colocávamos nossos corações em cada palavra, e nosso esforço em cada oferenda que deixávamos no santuário. Dávamos graças tanto quanto pedíamos bênçãos, e sempre derramávamos água fria onde os ossos do camelo tinham sido enterrados. E ao deixarmos azeite e pão onde a mãe da mãe de minha mãe fora enterrada, sabíamos que não éramos as únicas, mas isso era segredo também.

Até aquele dia no jardim, quando me sentei com Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, e aprendi a cuspir caroços de azeitona, isso era tudo o que eu sabia sobre deuses menores.



— Você acredita em deuses menores? — perguntei a Sokath, Aquele dos Olhos Abertos.

— Não descredito — respondeu ele. — Lembre-se de que essa é a natureza dos cétricos. Preferimos debater a termos certeza.

— E sabe como os deuses menores recebem seus poderes?

Minha forma de questioná-lo era como o uádi; cheia de curvas sinuosas. Não podia abordá-lo como o voo dos corvos do deserto.

— Sim — respondeu ele. — Mas quando os cétricos falam, muitas vezes explicamos coisas que já sabemos. Ao falarmos, despertamos a lembrança de fatos esquecidos ou inspiramos novos. Então, conte como os deuses menores são criados.

— Se uma pessoa fez algo grandioso, seu filho e seus netos vão construir um santuário quando ela morrer. Vão orar e deixar oferendas de azeite e pão. Vão levar lembranças simbólicas dela quando saírem na caravana, e ela vai ajudá-los, se puder.

Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, assentia.

— E quanto mais orações forem feitas, e mais oferendas colocadas no santuário, maiores se tornarão seus poderes de deus menor — completou ele. — Até que os filhos dos filhos de seus filhos o esqueçam, e ele não passe de uma pilha de ossos nas areias do deserto.

— É o que os sacerdotes dizem.

— E o que você acha? — perguntou ele.

Ponderei a respeito, mastigando um pedaço de pão ázimo por mais tempo do que o necessário antes de engoli-lo.

— Acho que meu pai e meus irmãos sempre voltam para nós. E que nossos rebanhos se multiplicam e ninguém passa fome nas tendas de meu pai, mesmo quando o uádi não enche.

— Mas isso foi a ação de um deus menor? — perguntou ele. — Ou será que é porque seu pai é um bom comerciante?

— Não podem ser as duas coisas? Meu pai não pode ser um homem devoto e inteligente, que faz seu trabalho bem e é agraciado por um deus menor?

— Não há como testar isso. E tudo precisa ser testado para ser provado.

Ponderei suas palavras. Nunca tinha pensado em provar que um deus menor existia. Apenas sabia.

— Como você prova que o sol vai nascer amanhã? — perguntei, e ele sorriu para mim como se eu tivesse ganhado um prêmio.

— Eu o observei muitas vezes — respondeu ele. — Mas só isso não garante que ele vai nascer de novo amanhã.

— Da mesma forma que observei meu pai voltar para casa com as mais finas sedas... isso não significa que um deus menor o agracie.

— Sim. No entanto, meu colega Sokath, Aquele dos Olhos Voltados para as Estrelas, concluiu que nosso mundo, além de ser redondo como conversamos, também gira como o tortual de um fuso, e é por isso que temos o dia e a noite. Ele tem um modelo que mostra que, enquanto continuarmos a girar, o sol vai continuar a nascer todas as manhãs.

— Pensei que você tivesse dito que os céticos preferem debater a saber.

Eu sorri. Era mais fácil conversar com ele do que com nosso pai.

— Todos temos nossos momentos de fraqueza. — Havia um riso, um riso verdadeiro, em sua voz, mas então seu rosto se anuviou. — Para ser honesto, sua graça, os céticos mudaram desde que Lo-Melkhiin assumiu o trono. O debate já não é suficiente para os mais jovens. Eles apenas procuram saber, não pensar.

— Não entendo por que isso é ruim. Posso pensar em muitas coisas que eu gostaria de saber.

— Uma mente conhecedora é uma mente fechada. Pelo menos nisso, tanto céticos quanto sacerdotes concordam.

— Temos o relógio de água porque alguém precisava saber a hora quando era noite.

— Sim — disse ele. — E construíram uma represa no uádi que secou toda a jusante da cidade porque alguém queria garantir que sempre houvesse água nas cisternas do *qasr*. Como tudo mais, o conhecimento tem um preço.

— Os sacerdotes concordam com você sobre isso também — falei,

pensando no meu irmão mais velho.

Ele ficou quieto por um tempo, comendo as azeitonas, uma a uma, sem cuspir os caroços. Ele ignorou o pão, que estava endurecendo no calor, de qualquer maneira.

— Acho que você não pode provar se os deuses menores têm poder ou não porque eles estão mortos, e não pode lhes perguntar diretamente — sugeri.

— Isso é verdade. Os mortos não podem falar.

— O que aconteceria se alguém construísse um santuário para uma pessoa viva? — perguntei. — O que aconteceria se orassem e deixassem oferendas para ela?

Ele rolou o caroço de azeitona entre os dedos.

— Acho que a pessoa teria sorte. Mas não creio que seria algo digno de nota.

— E se uma aldeia inteira orasse? E se os mercadores saíssem nas caravanas e falassem desse deus menor vivo para os outros? E se construíssem santuários, e mais pessoas orassem?

Agora, ele parecia nervoso. Gostaria de saber se, apesar de todas as palavras belas, ele realmente acreditava que deuses menores tinham poder para interferir com os vivos.

— Uma pessoa assim seria especial — disse ele, as palavras tão suaves que eu mal conseguia ouvi-lo sobre o barulho da água da fonte. — Ela teria que ter feito algo grandioso e sobrevivido. Não sei que tipo de homem seria, nem se gostaríamos muito dele.

Ele estava falando de Lo-Melkhiin; eu podia ver em seu rosto. Eu não havia pensado nisso. Era possível que os homens que enriqueceram sob o governo de Lo-Melkhiin tivessem construído santuários para ele, mas eu tinha visto como seu poder trabalhava, e não se parecia com nenhum dos poderes dos deuses menores dos quais já ouvira falar.

— Os homens oram pela manhã e à noite — falei. — No calor do dia, eles conversam. Negociam, falam e bebem água fresca.

Ele olhou para mim, e, por uma fração de segundo, vi medo em seus olhos, mas então o medo foi substituído pela surpresa, e uma esperança tão grande que fez meu coração doer. Lo-Melkhiin nunca

teria santuários.

— As mulheres oram quando acordam, caminham e trabalham — contei. — Oram enquanto fiam. Elas tecem suas palavras na urdidura e na trama do tecido, o mesmo tecido que depois irá para o mundo onde todos podem vê-lo e falar sobre sua beleza.

— Isso acordaria os mortos. — Havia admiração na voz de Sokath, Aquele dos Olhos Abertos. — Mal posso imaginar o que faria aos vivos.

— A uma mulher viva — retruquei.

— A uma mulher que salvou a irmã que a amava — continuou ele. — E todas as outras garotas em sua aldeia. E veio para o *qasr*. E não morreu durante a noite.

— Ainda não.

— Quando converso com Lo-Melkhiin, meus pensamentos disparam mais rápido do que nunca — disse ele. — Posso ver as coisas com clareza, sem esforço. Sinto saudade dos dias em que eu tinha que batalhar para ver com a mesma clareza. Outros homens, no entanto... estão felizes em ter que se esforçar menos.

— É como tecer com um fio grosso. O tecido é feito rapidamente, mas ficam espaços onde buracos podem aparecer, e o resultado não é tão bonito.

— Sim. É exatamente isso.

— Lo-Melkhiin não fala comigo. Na verdade, ele fala, mas zomba do meu lar, mesmo quando me pede para contar histórias de lá.

— Ele não entende o que tem nas mãos desta vez.

— Talvez entenda. — Pensei no olhar de carneiro de meu marido. — Toda noite, ele toma minhas mãos e uma luz fria cor de fogo sai da minha pele para a dele. Vi as mesmas faíscas na noite da chuva de estrelas, quando meu marido caminhava por entre os homens, só que as faíscas saltavam de Lo-Melkhiin para eles.

— Isso aconteceu com Firh Dom de Pedra? — Pela primeira vez, havia urgência em sua voz, e ele se inclinou em minha direção.

— Sim — respondi. — Aconteceu com todos. Aconteceu com você.

Percebi, então, que aquele era um assunto sobre o qual ele refletira por meses, mas nunca compartilhara com ninguém. Era um debate

que tinha acontecido apenas em sua cabeça, os pensamentos dando voltas e mais voltas, como as ovelhas quando eram guiadas pelos cães. Agora eu lhe dava uma prova, uma direção que fazia sentido, então ele a seguiu.

— Algo mais acontece quando Lo-Melkhiin vai até seu quarto? — perguntou ele.

Seria uma pergunta impertinente se eu decidisse interpretá-la mal, mas não foi o que fiz. Sabia exatamente o que o cético estava perguntando, e decidi lhe contar a verdade.

— Sim. Lo-Melkhiin sempre toma minhas mãos, e o fogo frio corre de mim para ele. Às vezes, vejo algumas imagens: minha aldeia, minha irmã, coisas que ele gostaria de tomar e destruir. E então, quando acaba, finos fios cor de cobre passam dos dedos dele para os meus, e sinto como se meu coração não coubesse no peito. Não sei se ele vê o fogo frio como eu, mas sei que ele não vê o fogo cor de cobre... é como se fizéssemos uma troca, embora não seja a intenção dele.

Novamente, Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, ficou em silêncio. As azeitonas tinham acabado, e o pão estava duro até para mim, com meus dentes acostumados ao deserto. Fiquei ali, esperando, mas de repente me irritei. Ainda era de manhã, sim, mas logo a noite chegaria e então eu poderia morrer, e lá estava eu, sentada, enquanto um velho que nem sequer acreditava em deuses menores desperdiçava pensamentos sem sentido.

— Minha rainha — disse ele, por fim. Seu tom de voz era formal, e lamentei que nossa conversa não soasse mais natural. Ele já não falava comigo como se eu fosse um de seus alunos. — Sinto muito não ter respostas melhores para orientar seus pensamentos. Sei que não sabe quanto tempo ainda lhe resta, mas preciso pensar.

— Venerável cético — respondi, retribuindo sua formalidade, embora não desejasse. Fiquei de pé, preparando-me para deixar o jardim. — Ouço suas palavras. Se tiver outras mais tarde, também vou ouvi-las.

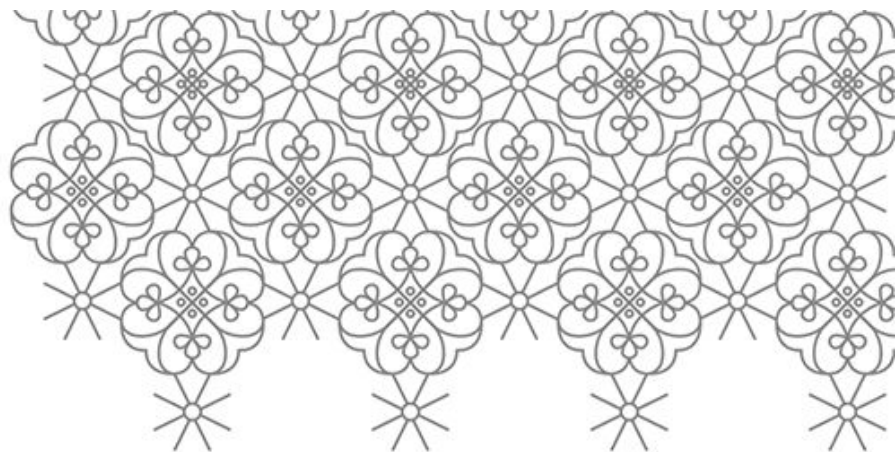
— Sua graça. — Ele era apenas um velho cuspiendo caroços de azeitona de novo, e, apesar de usar meu título, era como se estivesse

falando com uma garota, não com uma rainha. — Posso não ter respostas ou perguntas para você, mas tenho um conselho.

— Aceitarei de bom grado — falei, e deixei o calor voltar à minha voz.

Ao mesmo tempo, já estava cansada de conversar. Incompreensivelmente, ficara irritada com minha própria ociosidade. Sabia que era inútil. Eu era uma prisioneira naqueles muros, e, embora a sala de costura estivesse aberta para mim, não estava disposta a passar o resto dos meus dias fiando. Sentia falta do bordado e da tecelagem. Sentia falta de moer os grãos e preparar o pão. Sentia falta de ser útil e parte de uma família. Sentia falta de minha irmã, de seus olhos e seu espírito e de nossos dedos se encontrando enquanto trabalhávamos. Sentia a raiva arder no meu peito, embora lutasse para controlá-la e não demonstrasse nada. Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, tinha sido educado e atencioso comigo. Não era sua culpa eu estar presa naquele pesadelo criado por Lo-Melkhiin.

— Acho que você vai precisar de uma bola — disse ele. — E de um lampião.



Quando os homens lhe dão seu medo, é fácil guiá-los para o caminho que deseja que sigam. Quando os homens lhe mostram seu valor, é fácil determinar o que poderá tomar deles. Quando os homens revelam as duas coisas, é fácil tocar seus corações com o primor de um músico tocando sua flauta.

Uma garota morta não era nada. Duas, um pouco mais. Dez era algo a se considerar, no mínimo; mas foi apenas quando eu já tinha usado as mãos de Lo-Melkhiin para matar quinze esposas que os pais e irmãos delas começaram a notar. E decretaram sua lei insignificante: uma garota de cada acampamento, aldeia ou distrito dentro dos muros da cidade. Eles levaram um ciclo completo da lua para fazer isso, e, até lá, eu já havia matado vinte e cinco garotas.

Eram segundas e terceiras filhas, ou criadas fingindo pertencer à família. Ninguém podia recusar uma ordem de Lo-Melkhiin, claro, nem mesmo quando ele procurava uma nova noiva antes que os familiares tivessem terminado os ritos fúnebres de sua irmã. Os homens se agarravam a essa oportunidade, à ideia de que seus lares estariam ligados aos de seu senhor. As mulheres sabiam que não era bem assim.

O medo delas era delicioso, tão puro e poderoso que não podia ser domado, apenas consumido. Seu pavor me deu poder antes de eu estar forte o suficiente para dobrar os homens da corte à minha vontade. Quando a lei foi criada, eu já não precisava tanto das esposas: tinha estocado poder suficiente. Mas não parei. Não havia razão para isso, não enquanto me entregassem suas filhas sem protestar.

Lo-Melkhiin odiava isso. Odiava que eu usasse suas mãos para matar, assassinatos levianos, ainda por cima. Odiava que eu usasse sua voz para dar ordens. Odiava que eu usasse seu corpo para sentar em seu trono e emitir meus próprios decretos. Ele não se importava com o fato de eu ser um governante sábio que cuidava bem dos súditos que eu não matava. Ele gritava tanto dentro de sua cabeça que às vezes eu ficava tentado a destruí-lo completamente, como era costume entre meu povo, mas eu gostava de seu sofrimento, e por isso não o matava.

Nós nos reerguemos após o reinado insensato de seu pai, e era por isso que os homens da corte nos deixavam fazer o que desejássemos, não importava o custo. Nossos cétricos viam respostas onde antes ficavam satisfeitos apenas com perguntas, e construíram mecanismos tão incríveis quanto belos. Nossos sacerdotes tinham dinheiro para seus templos e santuários, para o melhor pão e azeite para deixarem como oferendas aos mortos que chamam de deuses menores. Nosso povo não passava fome. Nosso exército e nossos muros eram fortes.

Era disso que os homens precisavam. Mas eu queria algo mais.

Encontrei um escultor que poderia ter passado seus dias entalhando flechas, e o fiz se tornar um dos maiores artesãos do século. Encontrei um cétrico que usava areia e vidro para tentar contar o tempo, e lhe dei água e pequenas rodas para que ele, e qualquer um que olhasse para seu relógio, sempre soubesse a hora. Meu cozinheiro um dia fora um simples moleiro, as mãos usadas para moer grãos para os outros. Quando eu o trouxe para as minhas cozinhas, ele aprendeu o ofício, e, em pouco tempo, seus experimentos nos deram um pão ázimo que ficava fresco por mais dias.

Um ferreiro, um matemático, um arquiteto, um domador de cavalos. A lista continuava.

Eles estavam queimando, e sequer se davam conta disso.

Eu tinha escolhido bem o meu reino quando tomei Lo-Melkhiin no deserto. Havia outros reis e outras terras no mundo, mas o povo de Lo-Melkhiin estava à beira da grandeza. Estavam a duas gerações, talvez três, de dominarem completamente as artes manuais, a ciência e a matemática. E eu os presenteara com isso, queimando etapas e acelerando o processo sempre que podia. Se minha intenção fosse conquistar territórios, poderia ter feito isso, mas estava satisfeito com o que possuía.

Nenhum deles questionou por que tudo estava acontecendo tão depressa. Estavam inebriados com os resultados, e corriam à minha frente com todo o entusiasmo de jovens potros. Eles criavam coisas, forjavam e calculavam como se nada pudesse detê-los. Se uma ponte construída muito rapidamente não era tão segura, ou se um poço secava para sempre, eu não me importava. Quando tivesse poder suficiente para me manter, eu os deixaria. E não me importaria se queimassem.

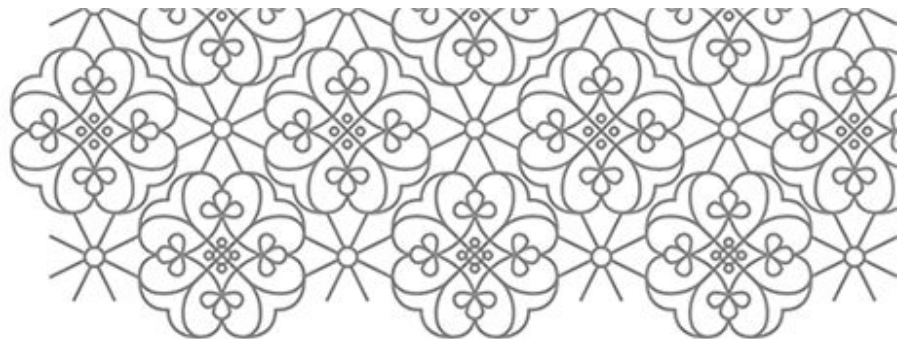
Nenhum deles queria saber como minhas esposas morriam, a não ser

em seus sonhos mais sombrios e pensamentos mais secretos. Como faziam com seus talentos, simplesmente aceitavam as mortes. Os homens pararam de contar, assim como eu. Ninguém se preocupava com as garotas de pele e cabelos escuros que vinham para o qasr, e nele encontravam seu fim. Elas não tinham nome nem rosto sob os véus. Às vezes, eu olhava para elas; às vezes, as tocava. Às vezes, simplesmente as queimava, e depois saía em busca de outra.

Até que encontrei uma que não morreu. Na primeira noite, não deixei toda a força de meu poder cair sobre ela. Estava curioso. Aquela tinha fibra. Ela atraía minha atenção deliberadamente, e eu não entendera por que até ela montar no cavalo e nos afastarmos das tendas. Ela se colocara diante de mim para poupar a irmã, e isso era algo que nunca acontecera antes.

Na segunda noite, ela não morreu, e eu zombei dela e a fiz falar comigo. Na terceira noite, dei-lhe todo o fogo que tinha, e ainda assim ela sobreviveu.

Ela não pertencia ao meu povo, mas possuía um poder que não era humano, não exatamente. Ela não morreu, e me perguntei se eu poderia finalmente ter encontrado uma rainha por quem eu atearia fogo ao deserto.



Na trigésima noite de meu casamento com Lo-Melkhiin, ele veio ao meu quarto e não foi embora depois de soltar minhas mãos.

Em vez disso, meu marido se recostou nas macias almofadas de seda na cabeceira da cama. Eu ainda estava sentada ao pé da cama, vestida para dormir. As criadas tinham apagado todos os lampiões, menos o que queimava ao nosso lado e o relógio de vela no canto. O ar cheirava a perfume, do qual eu não gostava nem do cheiro nem do peso em meus pulmões. Eu não estava usando o véu, não podia esconder meu rosto, então pensei em uma pedra e me mantive imóvel. Ele abriu seu sorriso de predador.

— Você está morando comigo há mais tempo do que qualquer outra, minha esposa — disse ele. — A que acha que isso se deve?

Eu não consegui perceber se ele sabia a razão ou se esperava que eu soubesse. Ele já não zombava mais de mim quando conversávamos. Em vez disso, era severo e cruel como uma tempestade de areia: visível horas antes de nos atingir, mas só dava para suportá-la, e não para fugir dela. Eu preferia o deboche. Pelo menos, antes, ele não me dava muita atenção.

— Não sei, meu senhor — respondi. — Talvez meu deus menor sorria para mim, e o poder dele seja maior do que o seu.

Lo-Melkhiin sorriu como uma víbora, como se eu o tivesse cutucado com uma vara.

— As outras também tinham deuses menores — disse ele. — Isso não as salvou.

Ele disse o mesmo que Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, dissera antes, mas, em sua boca, as palavras eram duras. Quando o cético falava, era para encorajar um novo pensamento. Quando Lo-Melkhiin falava, era para assolar através do medo.

— O pai do pai de meu pai era um bom homem — contei a ele. — Oramos para ele por muitos anos, e deixamos grandes oferendas.

— Estou curioso: o que você acha que aconteceria com seu deus menor se eu mandasse incendiar o lugar onde sua família enterra os

mortos? — Ele dizia blasfêmias como se fossem nada. Para ele, não eram. — Já viu um osso queimando, esposa? Começa como um bode assado, mas então a carne se solta para alimentar o fogo até o osso ficar limpo. Ele se retorce e estilhaça, o tutano pingando nas chamas, até sobrar apenas pó.

— Isso é o que acontece com tudo, meu senhor. Se o fogo for forte o suficiente.

— Gostaria de ver? — perguntou ele.

— Não. Já vi isso antes, quando coletamos tutano para nosso uso. Não preciso ver nenhum desperdício.

— Não está curiosa? Não gostaria de saber como o mundo funciona?

— Estou, e quero — falei. — Mas prefiro ser paciente e aprender as coisas em seu próprio tempo do que forçar o conhecimento onde possa causar destruição.

— Foram as ovelhas que lhe ensinaram a ter bom senso?

— Não, meu senhor. — Pela primeira vez desde que ele soltara minhas mãos, olhei em seus olhos. — Aprendi com as cabras.

Ele riu, uma risada genuína, com a cabeça jogada para trás e a boca bem aberta, e eu não pude esconder minha surpresa. A crueldade se fora — nenhum monstro poderia ter produzido aquele som —, e pensei no que a mãe de Lo-Melkhiin me dissera na noite em que observamos a chuva de estrelas. Se havia um homem bom em algum lugar de Lo-Melkhiin, eu acabara de ter o primeiro vislumbre verdadeiro dele.

Não, o segundo. Ele mesmo dera água para seu cavalo quando cruzamos o deserto, e não tinha forçado os animais além do que podiam aguentar.

— Por que você curou sua mãe? — perguntei-lhe então.

Ele se retesou, surpreso com a pergunta, todos os vestígios do riso tendo deixado seus olhos.

— É o que qualquer bom filho faria. Não é?

— É — respondi. — Mas você não é um bom filho.

Ele me olhou com ar severo. Tinha me testado antes, como as cabras testavam um novo pastor, e agora eu o testava. Nem sabia

direito o que queria com aquela pergunta, as palavras apenas vieram quando precisei delas — inspiradas em Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, e na mãe de Lo-Melkhiin. No entanto, ficou claro para mim que as palavras significaram muito para *ele*, e agora eu tinha outro quebra-cabeça para solucionar, independentemente de sua resposta.

— Curei minha mãe porque podia, porque ela estava doente, e porque era conveniente — disse ele. — Está satisfeita?

— Sim, meu senhor — respondi, a imagem da submissão. Era como minha mãe falava com nosso pai quando ganhava uma discussão, mas queria que ele preservasse sua dignidade.

Lo-Melkhiin sorriu; não o sorriso de um caçador ou de uma víbora dessa vez, mas não exatamente o de um homem. Ou, pelo menos, não do tipo de homem que eu queria na minha cama.

— Acho que vamos nos dar muito bem, esposa.

— Se eu não morrer.

— Se você não morrer — concordou ele. Então estendeu o braço e enrolou uma das mãos no tecido do meu vestido fino, puxando-o em sua direção. — Agora, venha até aqui dormir em seus travesseiros. Se as criadas a encontrarem dormindo no chão pela manhã, vão pensar que você me irritou. Mas, na verdade, acho você um deleite.

Não havia como fazer isso sem engatinhar, o que me irritava. Se meu marido tivesse me soltado, eu poderia ter me levantado e andado até lá, mas ele não fez isso, então fui forçada a andar de quatro como um bebê. Pousei a cabeça no travesseiro, o mais longe dele que pude, e ele puxou meu vestido para cima dos joelhos antes de se deitar ao meu lado. Embora estivesse ao seu alcance, não me tocou. Em vez disso, inclinou-se para apagar o lampião. Pouco antes de a escuridão nos engolir, vi o fogo cor de cobre saltar dele para mim, embora não tivéssemos feito contato.

Será esta a última noite?, não pude deixar de pensar. Havia tantas maneiras de se matar uma pessoa enquanto ela dormia. Lo-Melkhiin não tinha uma faca ali, eu tinha certeza, mas sua túnica estava ao alcance da cama, e, se houvesse uma faca escondida, ele poderia me apunhalar durante o sono. Podia colocar os dedos longos ao redor do meu pescoço, ou usar os laços das cortinas da cama para cortar o ar

dos meus pulmões. Podia até me sufocar com um travesseiro.

Mas ele não fez nenhuma dessas coisas. Virou para o lado, de costas para mim, e contei sua respiração até ela se acalmar. Por mais determinada que eu estivesse a ficar acordada, a suavidade de sua respiração me embalava, e minha mente se deixava levar para longe entre um e outro piscar. Eu via a silhueta de seus ombros destacada pela vela que contava as horas quando meus olhos estavam abertos, e as mãos fortes de minha irmã com uma pedra de moagem quando estavam fechados. Eu queria minha irmã, queria sua fibra e sua língua afiada, e o conforto que sua presença me dava. Eu piscava os olhos cada vez mais lentamente, até não ver mais Lo-Melkhiin.



Eu sabia que estava sonhando, porque minha irmã estava lá, mas eu estava e não estava presente ao mesmo tempo. Ela moía conchas até chegar a um fino pó branco, a pedra de basalto pesava em suas mãos enquanto fazia seu trabalho. A boca dela se movia, embora eu não ouvisse as palavras. Ela estava cantando, talvez. Ou orando. Eu nunca tinha feito esse tipo de trabalho, mas via como ela fazia. Era o mesmo que moer grãos, só que a pedra de moer era diferente: longa, plana na base, e arqueada sob suas mãos; o pilão era muito pesado para equilibrar nos joelhos, como o que usávamos para moer especiarias. Era um trabalho sacerdotal.

Nossas mães estavam sentadas perto dela, tecendo casimira, passando a lançadeira para a frente e para trás entre si. Não era um trabalho refinado, mas um bom trabalho, do tipo que eu esperava imitar quando era pequena. Enquanto eu observava, a mãe de minha irmã olhou para as conchas e balançou a cabeça. Não estavam finas o suficiente, eu sabia, embora não a tivesse ouvido dizer nada. Elas deviam ser moídas até esquecerem-se dos animais que costumavam abrigar, do lugar onde viviam. Não deveria restar nada de seu antigo poder. Só então poderiam ser usadas para os ofícios sacerdotais.

Minha irmã moeu as conchas novamente. Coloquei minhas mãos espectrais em seus ombros, e senti a dor e o cansaço que havia ali. A moagem era um trabalho pesado, mesmo em pequena quantidade.

Minha mãe e a mãe de minha irmã sempre tinham o cuidado de garantir que a moagem de grãos fosse um trabalho compartilhado por muitos, porque, se uma pessoa fizesse isso muitas vezes, deformaria seu corpo todo. Tínhamos sorte de ser saudáveis e ter homens e mulheres suficientes para fazer o trabalho. Meus irmãos nos contaram que outros, não tão prósperos quanto nós, eram forçados a moer por tanto tempo que não conseguiam deitar com as costas retas, nem esticar os dedos, nem mesmo andar direito mais.

Eu não sabia quem fazia esse trabalho no *qasr*. Ainda não tinha me aventurado nas cozinhas. Não sabia se Lo-Melkhiin comprava farinha. Ele podia pagar, claro. Eu não tinha posto a mão em uma pedra de moagem, nem em nenhum trabalho mais pesado do que a fiação, desde que deixara as tendas de nosso pai. Tinha me tornado uma pessoa menos resistente, como os moradores da cidade. Talvez não suportasse mais o sol do deserto se algum dia saísse dos muros. O sonho começou a se desvanecer, meus olhos se enevoando, enquanto eu duvidava de mim mesma. Não queria perder aquela visão de minha irmã, mas não sabia como me prender a ela.

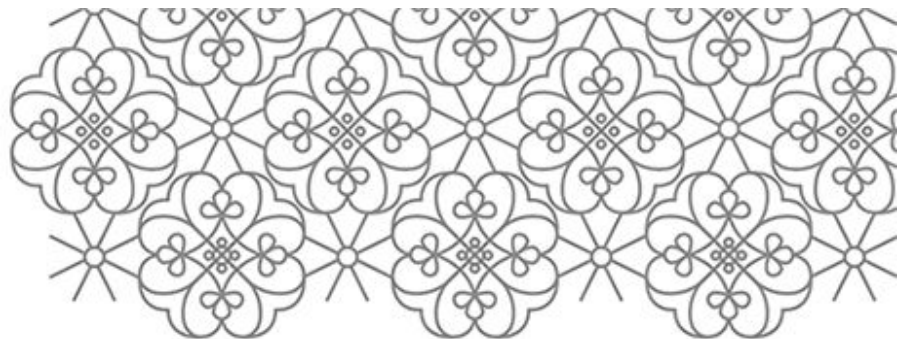
Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, dissera que eu era forte, e eu não tinha morrido, então talvez ele tivesse razão. Apertei os dedos nos ombros de minha irmã, do modo como tocara Firh Dom de Pedra na noite da chuva de estrelas, e o sonho clareou novamente. Eu podia sentir os músculos dela agora, e o calor de sua pele sob a camisa. Na tenda, na presença apenas de nossas mães, as três tinham tirado os véus e as túnicas. Era mais fresco trabalhar assim no calor do deserto.

Eu massageava os ombros dela como minha mãe preparava massa de pão, e senti a dor diminuir. Ela respirou fundo e fez mais força com as pedras do que antes. Fizemos o trabalho juntas, como quando costuramos o *dishdashah*, só que dessa vez não sussurramos segredos uma para a outra. Não achava que ela me ouviria, mesmo se eu tentasse, e, quando pensei em experimentar, a mãe de minha irmã pegou a pedra de suas mãos, assentindo e sorrindo ao ver um trabalho bem-feito. Teria que me lembrar, na próxima vez que sonhasse, de experimentar falar, assim como tocar.

Minha irmã levou uma das mãos ao ombro, como se para

massagear as próprias dores. Seus dedos passaram direto pelos meus, mas pude senti-los. Por apenas um segundo, achei que ela fosse sentir também, mas aí minha irmã estremeceu, e isso me levou de volta para minha cama no *qasr* de Lo-Melkhiin, muito longe dali.

Já era dia quando acordei, ainda tentando tocar minha irmã. Lo-Melkhiin tinha ido embora. Um novo relógio de vela queimava na mesa, e lá estava meu chá, fumegando ao seu lado. O lampião estava apagado — não havia necessidade de acendê-lo quando o sol estava alto no céu —, mas reluzia de tão polido. Ao lado dele, pintada de dourado, havia uma bola de madeira.



Voltei à sala de costura, e descobri que era bem-vinda. Tristeza e resiliência eram emoções estranhas, como eu começava a perceber. Antes, as mulheres não queriam se aproximar de mim, pois achavam que eu não sobreviveria. Agora, como eu ainda não tinha morrido, elas baixavam a guarda. Fiquei me perguntando o que iria acontecer quando eu de fato morresse, e quanto tempo levaria para seus corações se abrirem novamente depois. Se eu fosse uma pessoa mais nobre, teria desprezado a amizade delas para poupá-las da dor futura, mas eu me sentia sozinha, e tão prosaica quanto as cabras de nosso pai.

Antes, as mulheres falavam à minha volta, e eu aprendera algumas coisas com elas. Agora tentavam me incluir nas conversas o máximo que podiam, embora ainda houvesse certas coisas que não discutíssemos. Mas todas tinham nascido na cidade, e ansiavam por ouvir as histórias de como eu crescera no deserto.

— Você ficará com saudades de casa se nos contar? — perguntou uma das tecelãs.

— Não, acho que não. Gosto de lembrar.

Eu não lhes contei nenhuma das nossas histórias especiais, as que minha mãe e a mãe de minha irmã sussurravam para nós duas sobre a fogueira quando nosso pai e nossos irmãos estavam fora com a caravana. Nem as histórias que eu criava para Lo-Melkhiin. Em vez disso, falei sobre os grandes pássaros prateados que tentavam pegar cabras e até ovelhas dos rebanhos de que minha irmã e eu cuidávamos quando éramos pequenas.

— Minha irmã tinha uma pontaria melhor que a minha — contei a elas. — Mas eu conseguia atirar a pedra mais longe. Quando os grandes pássaros vinham, nós gritávamos, agitávamos os braços e atirávamos pedras. Mesmo se os acertássemos, as aves eram tão grandes que não tínhamos como feri-las. Mas elas voavam para longe e deixavam nossos rebanhos em paz.

— Sua graça, isso parece assustador! — exclamou uma fiandeira. —

Grande o suficiente para carregá-las para longe, e vocês armadas apenas com pedras!

— Elas não gostam de comer crianças. No deserto, as únicas criaturas que atacam crianças são leões e cobras, e essas criaturas comem qualquer coisa. As aves só vinham atrás dos rebanhos, e nós as espantávamos.

— De onde elas vêm? — Essa pergunta veio da bordadeira que se especializara em costurar flores do deserto nas bainhas dos vestidos das mulheres da cidade.

Eu não tinha a menor ideia de onde os pássaros viviam, mas estava no ritmo da história e sentia os fios de palavras se unindo para uma resposta.

— Do norte, bem distante de nós, além do deserto de areia e do deserto de vegetação rasteira, há uma cadeia de montanhas, mais alta do que qualquer coisa que vocês possam imaginar.

Algumas noites atrás, um cético palestrara sobre montanhas durante o jantar e mostrara imagens delas, gravadas em placas de argila. Mas suas montanhas ficavam perto do deserto azul, de onde a mãe de Lo-Melkhiin tinha vindo.

— E elas vêm de tão longe em busca de comida? — perguntou a bordadeira.

— Às vezes, há muitas delas nas montanhas. As aves mais jovens e fortes cruzam o deserto para procurar comida.

— Coitadas, voarem tanto por nada... — disse a fiandeira.

Eu sorri para ela.

— Nosso pai lhes dá as ovelhas mais velhas, que têm a carne muito dura para comermos e uma lã já não tão boa. Ele sabe o que é sair com a caravana para prover a família em casa.

— O que as torna tão grandes? — perguntou uma tecelã. — Os corvos do deserto são grandes aqui, mas não tão grandes quanto essas aves.

Mais uma vez, eu não sabia a resposta, e novamente senti os fios da história virem até mim quando os chamei.

— Há um metal naquelas montanhas que não temos aqui, no deserto. Está nas rochas que existem por lá, e, quando os uádis da

montanha correm por elas, parte do metal passa para a água. As aves bebem essa água, e ficam fortes.

— Isso parece conversa de cético — disse uma das tecelãs mais velhas. — Sua graça não é um cético.

— Não sou — concordei. — Mas tenho as histórias de minha aldeia, e meu pai viaja muito e nos traz ainda mais histórias. Pode não ser a verdade, mas é o que sei.

— Sua graça é sábia — afirmou a velha tecelã. — E tem a força do deserto.

— Talvez seja por isso que ela...

A fiandeira que tinha começado a falar parou abruptamente. Seu fuso caiu no chão, como se alguém a tivesse chutado, e ela arregalou os olhos, assustada. Seu fio se desenrolou. Ela teria que começar tudo de novo.

Eu continuava bordando; minhas mãos finalmente estavam suaves o suficiente para usar o fio de seda sem que ele agarrasse a cada volta. Quando começara a contar a história, eu parara de prestar atenção ao que fazia, mas o trabalho não tinha parado.

O trabalho de costura, fosse cardar, fiar, tecer ou bordar, era um ofício dos olhos. Falar era fácil enquanto se trabalhava, porque era possível fazer isso sem tirar os olhos da tarefa. Até o barulho do fuso caindo, todas olhávamos para os colos ou as mãos, onde tínhamos bastidores, fios crus ou pequenos teares. Mesmo as mulheres que trabalhavam com os grandes teares no canto podiam falar conosco sem desviar o olhar do que estavam fazendo. Agora todas me encaravam, e havia medo em seus olhos. Certamente não achavam que eu seria cruel a ponto de punir uma garota por falar o que todo mundo já sabia.

Então vi que elas não olhavam para o meu rosto, e sim para as minhas mãos.

Olhei para o meu bastidor. Eu tinha pensado em fazer uma caravana: camelos e homens, todos com cores vivas na areia do deserto sob um céu azul infinito. O céu e a areia estavam prontos, porque os fizera antes de começar a contar minha história. Mas no lugar em que planejava fazer camelos, tinha feito ovelhas. Elas

estavam espalhadas, fugindo. O pastor — não, o caçador —, apontava seu arco para o céu, mas eu sabia que ele não ia conseguir disparar sua flecha a tempo.

Mergulhando do céu azul havia um enorme pássaro, as asas estendidas maiores do que a altura do homem, e garras terríveis tentando pegar sua presa. Não havia como ter certeza — não dava para fazer os rostos das pessoas com grande detalhe nos bordados —, mas eu sabia em meu coração que o caçador era Lo-Melkhiin.

— Sua graça... — começou a fiandeira.

— Quer ficar quieta, mulher?! — exclamou a velha tecelã. Ela olhou para mim, nervosa. — Sua graça, seu trabalho está muito bom, mas talvez fosse melhor encerrar por hoje?

Ela estava apavorada. Eu podia perceber na maneira educada como falava, e as outras na sala claramente tremiam. Pareciam as ovelhas antes da tempestade que inundara o uádi e levara meu irmão mais velho. Aquilo era estranho para aquelas mulheres, e elas sabiam, de alguma forma, que uma tempestade estava chegando.

— Tem razão — respondi. — Não estou habituada a ficar tanto tempo em uma mesma tarefa. Nas tendas de meu pai, tínhamos tarefas demais para gastar tanto tempo com apenas uma.

Não era uma desculpa muito boa, mas era boa o suficiente para eu me retirar da sala. Segurei o bastidor e o tecido bordado com força contra o peito, para que ninguém visse o desenho. Quando cheguei lá fora e alcancei as grandes tinas onde os tintureiros ferviam o corante que usávamos para tingir os fios e os tecidos, joguei o tecido, com o bastidor e tudo, no fogo, e ele queimou como qualquer outro.



Voltei para o meu quarto, torcendo para não encontrar ninguém nos jardins, caso tivessem ouvido falar sobre o bordado. Nas tendas de nosso pai, a fofoca se alastrava mais rápido do que o fogo, e eu sabia que ali não seria diferente. No mínimo, todas as mulheres saberiam até o pôr do sol; e se os homens não soubessem, seria porque não se importavam, ou porque não acreditavam no que as mulheres diziam. Se Lo-Melkhiin descobrisse, ou acreditaria, eu não sabia. E não sabia

qual seria sua reação.

Olhei para o relógio de vela em meu quarto e rezei para os deuses menores. Pedi ao pai do pai de nosso pai por sua força e sorte. Para a mãe da mãe de minha mãe, orei para sobreviver. Ela havia sobrevivido contra todas as expectativas, graças a um camelo falante. Eu não achava que era merecedora de tal milagre, mas orei por um mesmo assim. Nenhum desses deuses menores havia se salvado. No fim, ambos tinham sido salvos por outras forças. Talvez fosse o suficiente fazer o seu melhor e saber quando pedir ajuda.

Ouvi vozes no jardim em frente aos meus aposentos. Do outro lado do jardim ficava a sala de banhos que eu usava. Não era a única do *qasr*, mas era a mais reservada. Nunca tinha visto ninguém mais usá-la, e eu sabia que apenas uma pessoa poderia estar lá agora.

Peguei meu véu mais escuro. Eles iriam me reconhecer, certamente, parada ao sol, mas não queria que vissem meu rosto. Fiquei junto à porta e vi quatro guardas, Firh Dom de Pedra entre eles, carregarem uma maca para a sala de banho. Na maca, com a pele escura pálida, e as roupas elegantes escurecidas de sangue, estava Lo-Melkhiin. Voltei depressa para o quarto quando eles desapareceram na sala de banho, e não vi outra alma até a criada me trazer o jantar.

— O que está acontecendo? — perguntei a ela. — O que houve?

Ela também estava pálida, embora seu cabelo escuro ainda estivesse impecavelmente preso na trança, e o vestido, ajustado ao corpo. A xícara em minha bandeja tinha batido ruidosamente na lavanda quando ela a pousara, e eu sabia que suas mãos tremiam, embora agora a criada as tivesse cerrado, escondendo-as nas pregas do vestido fino.

— Sua graça, dizem que um monstro atacou Lo-Melkhiin enquanto ele caçava no deserto.

— Como isso é possível? — perguntei, embora achasse que podia saber.

Se ela ouvira a história sobre o meu bordado, não demonstrava.

— Foi um demônio gigante na forma de um pássaro — contou ela.

— Sua graça, dizem que a ave mergulhou do céu tão rapidamente que nem mesmo Sareeyah, o Ligeiro, poderia ter alcançado tal velocidade.

Lo-Melkhiin tinha um arco, mas não conseguiu disparar a tempo, e o monstro o feriu no peito.

— Com certeza, ele já se feriu caçando antes.

— Não, sua graça. Às vezes um machucado, talvez, mas houve caçadas em que os leões mataram quatro guardas, e Lo-Melkhiin voltou sem um arranhão.

— Pode ir — falei, endireitando as costas. — Se meu marido mandar me chamar, eu vou, naturalmente, mas, fora isso, não quero ser incomodada de novo esta noite, entendido?

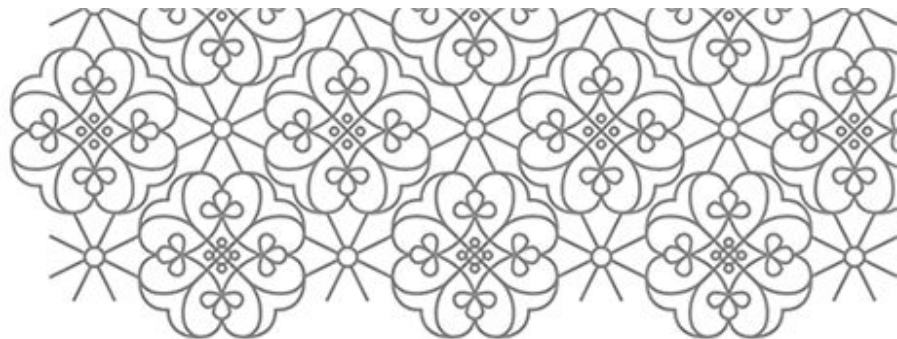
Ela murmurou sua aquiescência e fugiu de volta para a segurança confortável da cozinha.

Comi meu jantar lentamente, enrolando pedaços de carne de cabra temperada no pão e depois mergulhando no azeite antes de morder, e então mastigando com mais cuidado do que necessitava.

Aquilo tinha sido como o vestido, percebi. Só que eu havia bordado homens e aves, e não fios dourados. Não só tinha visto aquilo, eu tinha *causado* aquilo. Olhei para a bola dourada que estava à minha espera quando acordei naquela manhã. Eu havia feito isso também. Prendi a respiração.

Não era o suficiente divagar, deixar meu poder livre como as cabras e esperar que encontrasse boas pastagens, que atendesse meu chamado quando eu quisesse. Eu precisava que fosse como uma tempestade. Algo que eu pudesse ver chegando, algo para o qual pudesse me preparar. Eu teria que tentar de novo, e ver se eu conseguia fazer algo assim de propósito.

Lo-Melkhiin não se levantou de seu leito de enfermo naquela noite, então eu dormi sozinha. Quando acordei de manhã, havia um lampião novo ao lado da bola dourada.



Eu não tinha contado às mulheres da sala de costura a verdade sobre os grandes pássaros das montanhas. Quando minha irmã e eu tínhamos seis verões e o fogo da estação esmaecia, vimos os pássaros pela primeira vez. Eles vieram em grande bando, e voaram em círculos acima de nós quando levamos as ovelhas e as cabras para pastar. Eles me lembravam a caravana de nosso pai — uma longa fileira de homens com um propósito, mas que se cansavam e às vezes ficavam tristes quando estavam longe de casa.

Minha irmã estava com sua funda e uma pedra nas mãos, pronta para o caso de um deles mergulhar atrás de uma ovelha. Eu não tinha nada.

— Irmã — disse ela. — Onde está sua funda? Você tem que me ajudar se os pássaros estiverem com fome.

— Eu não vou — falei. — Eles estão em caravana, não vê? Se espantarmos eles, vamos quebrar as leis de hospitalidade.

Minha irmã olhou para mim como se eu tivesse passado muito tempo no sol e sugerisse comer areia de sobremesa. Então os pássaros começaram a gritar, um som áspero e solitário, e um deles despencou como uma pedra do céu.

— Irmã! — gritou minha irmã, mas não levantou a funda.

As ovelhas entraram em pânico e tentaram fugir, mas a ave foi mais rápida. Pensei que fosse cravar suas garras na lã e voar para longe, mas, em vez disso, pousou nas costas de uma das ovelhas e cortou sua garganta com a grande garra. O animal caiu para o lado quando o pássaro começou a comer.

Olhamos para o alto. Se um corvo do deserto encontrava uma presa na areia, outros iam se juntar a ele e brigar pela refeição. Se essas aves agissem da mesma forma, eu, minha irmã e as ovelhas estaríamos em perigo. Os cachorros latiam sem parar, controlando as ovelhas novamente, mesmo enquanto o grande pássaro se banqueteara, mas as cabras tinham fugido. Nós só podíamos esperar que elas voltassem. Tivemos um pouco de sorte; nenhuma das outras aves mergulhou do

céu. Elas circulavam e observavam, como se estivessem esperando por algo.

Por fim, o pássaro que estava no chão deu outro grito terrível e levantou voo, arrastando a carcaça da ovelha para o ar e deixando um rastro de sangue. No lugar onde ela estivera havia um ovo. Era maior do que a cabeça de minha irmã, e nós olhamos para ele, espantadas.

— Irmã — disse ela. — Você foi sábia. Era hospitalidade.

— Vamos levar o ovo para nossas mães. As cabras vão encontrar o caminho de volta para casa, e as ovelhas não vão mais pastar hoje.

Tivemos que nos revezar para carregá-lo. Não podíamos dividir o peso, como fazíamos com os jarros de água, por causa do formato. Uma de nós tinha que passar os braços em volta do ovo, mas com delicadeza, pois poderíamos esmagá-lo, enquanto a outra vigiava os cães e o rebanho. Nós trocávamos quando os braços daquela que carregava o ovo ficavam cansados demais para segurar com firmeza.

— Filhas, vocês estão doentes? — perguntou a mãe de minha irmã quando nos aproximamos das tendas. — Por que voltaram enquanto o sol ainda está tão alto no céu?

Estávamos muito cansadas a princípio para falar, e pousamos o ovo aos pés da mãe de minha irmã. Ela chamou minha mãe e também pediu um pouco de água fresca, e, quando minha mãe e a água chegaram, conseguimos contar a elas o que tinha acontecido.

— Vimos os pássaros — disse minha mãe. — Esperávamos que deixassem o rebanho em paz. Eles voavam tão alto que nos perguntamos até se o veriam.

— Estávamos certas, mãe do meu coração? — perguntei a ela. — Valiam as leis de hospitalidade?

— Acho que vocês estavam certas — respondeu ela. — E vejam o que eles nos deram em agradecimento!

O ovo era grande demais para nossos maiores potes e panelas, até mesmo para a panela que nosso pai trouxera quando voltara de muito longe com a caravana, e que só usávamos em refeições especiais. Por fim, nossas mães decidiram empurrá-lo nas brasas e depois rolá-lo para fora com um longo punhal de bronze, quando achassem que estava pronto.

A essa altura nosso pai e nossos irmãos haviam retornado, e ouviram a história. Com um brilho no olhar, nosso pai nos agradeceu por sermos tão inteligentes. Percebemos que ele tinha achado engraçado pensarmos que as aves mereciam hospitalidade, mas também que estava orgulhoso de nós.

— Vejam o que suas irmãs caçaram! — disse ele aos nossos irmãos enquanto se afastava de nós. — E elas não caçam com lanças ou flechas, mas sim com a cabeça.

Minha mãe cortou o ovo ao meio, e retirou o interior branco e amarelo. Havia o suficiente para todos da aldeia experimentarem, e ainda sobrou um pouco para oferecer aos mortos. Quando a casca estava vazia, ela levou as duas metades de volta ao fogo para secá-las. Pela manhã, minha mãe e a mãe de minha irmã foram às cavernas para oferecer o ovo cozido aos mortos. Levaram a casca com elas, e depois nos contaram que as usaram como base para os lampiões que queimavam no santuário do pai do pai de nosso pai.

Os mortos compartilhavam uns com os outros, e não se importavam desde que fosse prestado o devido respeito. Quando minha mãe nos contou sobre a mãe da mãe de minha mãe, minha irmã e eu mudamos um dos lampiões de casca de ovo para seu pequeno santuário. Eu vira minha irmã construir um santuário para mim, mas não conseguira descobrir o que ela tinha usado para fazê-lo. Eu sabia que objetos mais antigos tinham mais poder, mas, como eu ainda não estava morta, não sabia se ela poderia usá-los.

Havia um cordão no meu quarto para chamar uma criada. Eu nunca tinha usado, porque nunca precisara de nada que já não tivesse. Usei-o então e, se a garota se assustou, ela não demonstrou. Talvez estivesse com medo de mim agora, e estivesse se concentrando para ficar com o rosto impassível como pedra para disfarçar, como fiz quando enfrentei Lo-Melkhiin. Em todo caso, quando pedi um fuso e um pouco de lã, ela não disse nada, apenas assentiu e correu para fazer o que eu tinha pedido.

Quando ela saiu, acendi os outros lampiões, incluindo o novo que havia encontrado naquela manhã. Era decorado com cabras, círculos que eu acreditava serem bolas e imagens do sol. Era muito bem-feito,

e teria levado horas para moldá-lo e forjá-lo, se tivesse sido construído da maneira usual. Não era tão caro quanto a bola — madeira era um material difícil de encontrar no deserto, ainda mais um pedaço que pudesse ser entalhado na forma de uma bola —, mas era uma peça bonita, mesmo assim.

Coloquei rapidamente um vestido leve, torcendo meu cabelo como as fiandeiras faziam para impedir que suas longas tranças atrapalhassem o trabalho. A criada voltou com meu fuso e uma cesta de lã não tingida, e eu a dispensei com gentileza. Não queria que as pessoas me temessem. Havia uma almofada perto da mesa baixa, e me sentei nela com a cesta ao lado, tomando cuidado para deixar o vestido longe do fuso. O lampião queimava bem, emitindo uma luz clara, apesar de o quarto já estar iluminado pelo sol. A bola não rolava; estava parada ao lado do lampião, projetando sombras sobre a mesa.

Prendi a lã crua e fiei um palmo, mais ou menos, para ter certeza de que teria o suficiente para trabalhar. Fixei o tortual para impedir o trabalho de se desfazer, respirei fundo uma vez, depois outra, e comecei a fiar.

No início, nada aconteceu, fora o fio crescer sob meus dedos. Sem pensar, passei a respirar junto com o subir e o descer do fuso, e meu coração fez o mesmo. Entre um piscar e outro, estava voando sobre a areia, mais rápido do que qualquer cavalo ou corvo do deserto, em direção às tendas de nosso pai. Em direção à minha irmã.

Os camelos de nosso pai não estavam lá, e eu sabia que via dias do passado, como desejara. Aqueles eram os dias depois da minha partida para o palácio de Lo-Melkhiin, antes de nosso pai ter voltado com a caravana. A tenda de minha mãe exibia uma bandeira roxa, que não era a cor do luto. Não havia pilhas de raiz em conserva ou flores do deserto perto da aba da tenda, para lembrá-la de que os mortos não precisavam mais daquilo. Eles não estavam de luto por mim como quando alguém morria, embora pranteassem minha ausência. Minha irmã sabia que eu ainda vivia, e espalhava a notícia de minha sobrevivência uádi abaixo como uma inundação.

Encontrei minha irmã em nossa tenda, aquela que

compartilhávamos e aquela na qual agora dormia sozinha. Sua cama e os tapetes tinham sido empurrados para o lado, expondo a areia comprimida do deserto por baixo. Ela caminhava em círculo, deixando um rastro de pó de concha atrás dela, até fechar a volta. Então se virou e se ajoelhou na frente dos objetos que tinha colocado no centro do círculo. Estavam lá meu primeiro tortual, a tigela colorida de minha mãe que era minha preferida, meu cajado de pastor e a faca de bronze que eu usava para cortar carne. Minha irmã desembulhou uma pequena trouxa que eu sabia que continha meu material de costura e acrescentou à coleção. Então começou a cantar.

Eu não podia ouvir as palavras, mas via a energia se acumular no círculo. Antes, eram apenas grãos de areia e concha, as cores se misturando no solo. Então, o branco do pó de concha se intensificou até arder contra a areia. Estendia-se como tentáculos em direção a cada um dos itens, e à minha irmã, envolvendo-os e selando-os para seu uso.

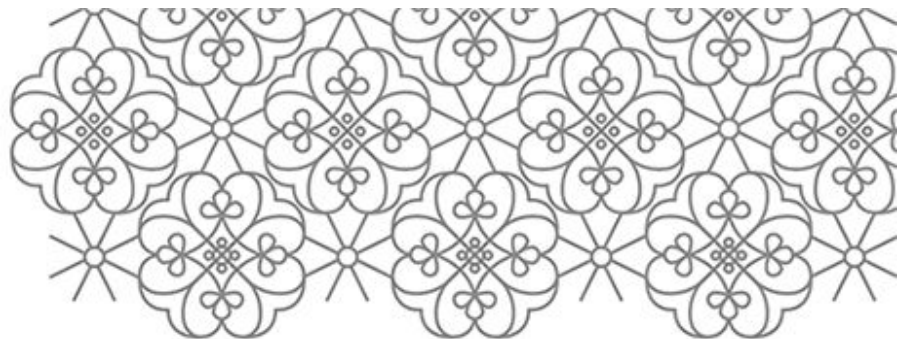
Pouco antes de o círculo ficar brilhante demais para eu olhar, minha irmã enfiou a mão no saco ao lado dela e pegou um dos dois lampiões de casca de ovo, acrescentando-o aos outros objetos. O lampião resplandecia com anos e mais anos de orações que tinham sido ditas a ele. Agora queimava meus olhos, e me afastei de seu brilho intenso.

Assim que me mexi, estava voando de novo, cruzando o deserto até o *qasr* de Lo-Melkhiin e o quarto onde eu fiava. Pisquei, os olhos ainda incomodados pelo brilho do trabalho de minha irmã. Meu lampião ardia com uma luz branca, e minha bola brilhava com ele. Meu colo estava cheio de fio. Embora tivesse começado com lã crua, o fio era branco como se tivesse sido alvejado durante vários dias. Corri para finalizar tudo, para meu trabalho não se desfazer, então o enrolei firmemente em uma meada que encontrei no fundo do cesto.

Eu tinha pedido uma visão, fizera o trabalho por ela, e a havia recebido. O sol se movera para uma janela diferente, e o relógio de vela tinha queimado até o meio do dia, ainda assim eu não sentia a rigidez esperada por ter fiado tanto tempo na mesma posição. Mas estava exausta, e cambaleei ao ficar de pé. Voltei para cama e me

deitei, e nem se o próprio Lo-Melkhiin tivesse me chamado eu teria conseguido me levantar de novo.

A escuridão me chamou, mas era uma escuridão suave e amigável, contornada por uma familiar luz branca.



Dormi durante o período mais quente do dia, e, quando acordei, com saudade do deserto, fui ao jardim com a fonte. O som da fonte não se parecia com nada que eu tinha em casa, mas ainda assim ajudava a me acalmar. Tinha um ritmo que eu podia sentir nos dedos, como sentia o fuso e o fio. As flores da noite começavam a florescer, e seu suave perfume me despertou do resto do meu cansaço.

Eu não estava sozinha. A mãe de Lo-Melkhiin estava sentada em uma almofada larga sob uma das tamareiras, com um jarro de vinho misturado com água ao seu lado. Quando nos encaramos, ela apontou para o espaço ao seu lado, e eu cruzei o jardim para me sentar. Meu lugar não estava à sombra, mas o sol já não era tão forte, e não parecia tão brilhante depois de minha visão.

— Quando meu filho começou a caçar, eu temia por sua segurança — disse ela quando me acomodei.

Ela não me ofereceu o vinho.

— O deserto é um lugar difícil — falei. — Repleto de perigos.

— O que você diz é verdade. No entanto, meu filho nunca foi vítima de nenhum deles. Mesmo quando entrou no deserto pela primeira vez. O deserto o amava e nunca o machucou.

— Seu filho deve conhecer bem o deserto. Meu pai é assim. Ele sai com a caravana e volta marcado apenas pela poeira da estrada.

— Meu filho o conhecia bem, é verdade — concordou ela. — Mas quando seu espírito mudou, ele começou a se gabar desse conhecimento.

Pensei no que as mulheres na sala de costura tinham dito. Lo-Melkhiin podia entrar no deserto e voltar ileso, mas seus guardas não. O orgulho de nosso pai não estava apenas em sua própria resiliência, mas na força de toda a caravana, até das ovelhas que levavam para negociar.

— O deserto não gosta que zombem dele — falei. — E sempre cobrará um preço no final.

— E agora, por fim, meu filho pagou. Um grande pássaro o atacou,

cortou-o com garras prateadas tão brilhantes que os outros caçadores não conseguiam encará-las. Lo-Melkhiin está acamado como não fica há muitos meses, e não distingue o céu da areia.

Lembrei-me da facilidade com que o grande pássaro cortara a garganta da ovelha que minha irmã e eu vigiávamos, e não duvidei.

— As feridas são profundas a ponto de ele estar febril? — perguntei.

— Ele não tem febre — respondeu ela. — Não há nenhuma infecção que nossos curandeiros possam ver. Os cortes não passam de arranhões, e mal sangram agora que colocaram as compressas, e ainda assim ele não acorda.

Por fim, ela me serviu um copo de vinho. Aceitei, agradecendo, e bebi o líquido lentamente. Senti um gosto amargo na língua e, conforme sorvia, o mundo pareceu se aguçar à minha volta. A luz branca de minha visão desvaneceu, e o ritmo foi embora com ela, embora eu ainda pudesse ouvir o eco na canção da fonte.

— As mulheres falaram que você bordou isso, antes que pudesse saber — disse a mãe de Lo-Melkhiin.

Não respondi. Antes, os fios das histórias tinham chegado a mim facilmente, mas, agora que eu não estava focada em uma tarefa, nada me vinha à mente.

— Quando um rei morre, sempre ocorre uma disputa, mesmo quando há um herdeiro — continuou ela. — Quando não há herdeiros, é uma loucura, e isso pode arruinar uma cidade ou um reino inteiro.

Nosso principal carneiro morreu no fim do meu oitavo inverno. As ovelhas não o deixavam, e os outros carneiros brigaram por dias até que um deles, o mais novo, também morreu — seus chifres ainda não eram fortes o suficiente para proteger o crânio, mas mesmo assim ele entrara na disputa. Imaginei que com os homens fosse pior.

— Meu filho já não é mais um bom homem — disse ela —, mas é um bom rei. Se seu poder do deserto causou isso, peço-lhe que interfira. Cure-o, se puder.

— Se ele morrer, posso voltar para as tendas de meu pai. — Eu não queria que as palavras soassem tão cruéis, mas a mãe de Lo-Melkhiin se encolheu mesmo assim. — Eu seria uma viúva, e as leis dos homens

dizem que eu devo ter permissão para ir. Já não temeria a morte nas mãos de seu filho. Eu iria para casa, e assumiria o ofício sacerdotal de minha irmã, para que ela pudesse se casar.

— Você poderia fazer isso. — As palavras dela saíram devagar, como se doesse dizê-las. — Mas a cidade estaria em caos, e o caos se espalha tão rápido quanto o voo dos corvos do deserto. Sua família não iria escapar, independentemente de quão bem seu pai negocie.

Quando o pai de Lo-Melkhiin morrera, nosso pai ficara sem negociar por um ano inteiro. As estradas não eram seguras, ele dissera à minha mãe e à mãe de minha irmã, quando achava que não podíamos ouvi-lo. Ele não colocaria a caravana em risco, e tínhamos o suficiente para sobreviver, se fôssemos cuidadosos. Três dos cordeiros morreram, e um camelo, mas nós sobrevivemos. Se não houvesse nenhum novo rei, ninguém controlaria as estradas e faria valer as leis do comércio. Nosso pai ficaria em casa até ser forçado a sair para negociar, e então poderia pagar um preço alto demais por isso.

— O que eu poderia fazer? — perguntei a ela.

— Você bordou isso enquanto ainda estava acontecendo — disse a mãe de Lo-Melkhiin. — Não sei se você previu ou se causou isso, mas venha ver meu filho, e talvez descubra como tirá-lo desse estado.

Eu queria recusar. Via meu lar com tanta clareza que podia sentir o cheiro das ovelhas e o gosto da carne assando na fogueira. Podia ouvir meus irmãos brigando uns com os outros para ver quem ficaria com as piores tarefas. Podia sentir a mão de minha irmã na minha enquanto olhávamos para eles, rindo de suas travessuras. Eu não curaria Lo-Melkhiin para seu *próprio* bem.

— Eu vou — decidi.

Ela se levantou, a peruca de juba de leão contrastando com sua pele escura, e me ajudou a ficar de pé. Fui até meu quarto para pegar um véu e uma túnica, e prendi os fios que se soltaram do penteado enquanto eu dormia. Então ela me levou à sala de banho, passando pela banheira fumegante e pelo vestíbulo até o lugar em que Lo-Melkhiin estava.

Ele tinha espasmos, deitado em uma mesa alta, e não em almofadas no chão. A mesa estava coberta com um lençol de linho branco, e

parecia que sua pele pegara um pouco daquela cor. A palidez se estendia do alto da cabeça até os dedos das mãos e dos pés. O rosto se contraía de dor, embora seus olhos estivessem fechados. Pensei que, se ele estivesse acordado, estaria gritando. Eu quase lamentava ele estar dormindo.

— Sua graça — disse o curandeiro que estava na cabeceira da mesa. Curvou-se para mim, mas achei que ele se dirigia à mãe de Lo-Melkhiin.

— Posso tomar um pouco de seu tempo com algumas perguntas? — falei. — Não quero distraí-lo.

— Sua graça, fiz tudo o que estava ao meu alcance. Quando Lo-Melkhiin estava acordado, mesmo se debatendo, parecia que eu tinha alguma ideia de como ajudá-lo a melhorar, mas, agora que está dormindo, não consigo pensar em nada além de esperar.

Eu me aproximei de meu marido e segurei sua mão. Pela primeira vez, vi a luz fria sem que ele a incitasse, e senti algo em minha pele. O fogo cor de cobre estava lá, e se enrolou em torno dos dedos dele.

— Sei que tentou — falei. — Mas você pode me contar o que fez?

— Limpei as feridas com água e as enfaixei para deter o sangramento. As ervas nas ataduras são para ajudar a pele a cicatrizar, embora ele possa ficar com alguma marca.

— Meu filho é um caçador — disse a mãe de Lo-Melkhiin. — Ele não vai se importar com as cicatrizes.

O curandeiro fez uma reverência para ela.

— Se você tirar as ataduras para eu ver, vai prejudicar a ferida? — perguntei.

O curandeiro hesitou, e coloquei minha mão na dele. O fogo cor de cobre brilhou.

— No deserto, vi feridas como essas.

Eu não menti, exatamente. Tinha visto as feridas, mas a ovelha já estava morta. Em todo caso, o curandeiro estava tão desesperado que concordou, e desenrolou cuidadosamente as ataduras. A aparência das feridas era horrível.

— Sempre foram assim tão vibrantes? — perguntei.

— Não, sua graça. — O curandeiro apontou para uma marca de

carvão no braço de Lo-Melkhiin. — A coloração vinha até aqui duas horas atrás. Aumentou um palmo desde então.

Ele me ofereceu óleo limpo, para que eu pudesse tocar as feridas sem infectá-las. Quando toquei Lo-Melkhiin, nenhum fogo se passou entre nós, mas eu podia sentir o ritmo de seu sangue. Era como a fonte, como o fuso, e como meu próprio coração. Fechei os olhos e tentei sincronizar minha respiração com a de meu marido, mas a dele era muito superficial. Em vez disso, a cada três inspirações suas, eu respirava uma vez, e isso me ajudou a mergulhar em seu sangue.

Não era como fiar. Aquilo era ordenado e produtivo. E isso era uma mistura de sangue, medula e ossos; e uma faísca, que eu não queria tocar, unindo tudo. O sangue era pesado, pesado demais para o corpo carregar. Movia-se pelas suas veias lentamente, levando o peso em direção ao coração. Não queria pensar no que aconteceria quando o peso chegasse ao seu destino. Então me movi, e me achei em uma artéria, correndo rápido agora através de seu corpo, seguindo para o cérebro. A mente dele era como uma tempestade de raios, a não ser por um canto mais escuro e amigável. Tentei olhar para o meu próprio cérebro, e não vi manchas escuras, mas o movimento me tirou do transe, de volta para junto de Lo-Melkhiin.

Eu podia não dizer nada, e ele morreria. Podia voltar para as tendas de nosso pai, e resistiríamos enquanto os homens da cidade disputavam o trono. Podia não dizer nada, mas outros iriam sofrer: outros comerciantes, as mulheres e as crianças de outras tendas, as aldeias que ficavam mais próximas da fronteira do que do *qasr*. Eu podia não dizer nada ou garantir que, quando Lo-Melkhiin acordasse, ele devesse sua vida a mim.

— Ele foi envenenado — disse ao curandeiro. — A ave devia ter algo nas garras.

— Mas o cavalo não está doente — retrucou o curandeiro. — Nem o guarda que também foi arranhado.

— Talvez só afete Lo-Melkhiin. Acredite em mim: o sangue dele está envenenado.

E seria bom conhecer esse veneno.

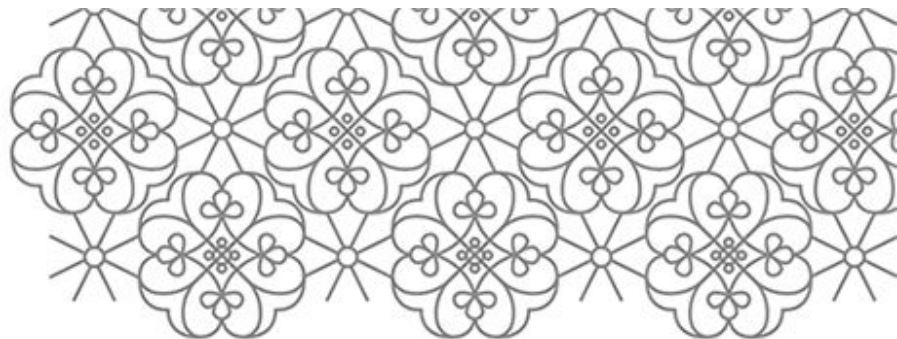
— Abra as feridas — ordenou a mãe de Lo-Melkhiin. — Sei que é

perigoso, mas talvez seja o único jeito.

O curandeiro olhou para nós duas, impotente, e arregaçou as mangas. Vi o fogo cor de cobre subir pelos seus braços, em direção ao seu coração e à sua mente. Ele ia mesmo fazer aquilo.

— Por favor, deixem-nos — pediu ele. — Isso não vai ser agradável de se ver.

Tirei a mãe de Lo-Melkhiin da sala quando o curandeiro chamou seu ajudante e os dois começaram a aquecer as lâminas no fogo. Mas soube quando eles começaram a cortar, mesmo sem vê-los, porque foi quando Lo-Melkhiin acordou e, finalmente, começou a gritar.



Lo-Melkhiin não morreu naquela noite, nem na seguinte. Foram necessárias três noites inteiras de sangria para todo o veneno ser tirado do corpo, e só então ele recobrou a consciência, sendo capaz de distinguir o céu da areia. Naquele dia, encontrei um vaso de flores do deserto no meu quarto e deduzi que fosse uma demonstração de gratidão por parte da mãe de Lo-Melkhiin. Coloquei o vaso ao sol para que as flores murchassem e morressem, já que não tinham raízes. Não queria nenhuma lembrança do que eu tinha feito.

As criadas que foram arrumar meu cabelo e me dar banho ficaram de cabeça baixa o tempo todo, evitando me olhar nos olhos. Não jogaram conversa fora como costumavam fazer nem se dirigiram diretamente a mim, a não ser para perguntar se um grampo me incomodava ou se algo era do meu agrado. Estavam com medo, ou talvez me julgassem uma burra. Afinal, eu salvara Lo-Melkhiin por razões que interessavam apenas aos homens, e as mulheres do *qasar* pagariam o preço. Acima de tudo, eu pagaria com minha vida. Em minhas respostas às criadas, não escondi o mau humor que sentia, e quando terminaram de me arrumar estávamos todas aborrecidas. Elas, pelo menos, podiam fugir.

Fui até o jardim da fonte, imaginando que me acalmaria, como no dia anterior, mas novamente não me vi sozinha. Dessa vez encontrei Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, esperando por mim à sombra. Um café da manhã para dois havia sido disposto sobre o cobertor em que ele estava sentado. Eu me ajoelhei de frente para ele, sem falar nada.

— Fossem outros tempos — começou Sokath, Aquele dos Olhos Abertos —, uma pessoa que salvasse um rei ou uma rainha seria ricamente recompensada. Nada que seu coração desejasse seria demais. No entanto, aí está sua graça, com o coração amargurado.

— E eu deveria me alegrar? — perguntei. — Não sou uma ovelha, que não pensa e se deixa conduzir prontamente para o cercado em vez de correr o risco de enfrentar chacais no meio da noite?

— Na verdade, vejo sua graça como uma cabra — revelou Sokath,

Aquele dos Olhos Abertos. — Você vai para o cercado porque é sua casa, mas saberia pensar em um jeito de sair, caso precisasse.

Fiz um som indelicado, que irritaria a mãe de minha irmã.

— Gostaria de saber o que viu quando o curou — pediu Sokath, Aquele dos Olhos Abertos. — Eu serei o sol, e sua graça, a bola, e juntos vamos medir as sombras.

Contei a ele sobre o peso no sangue de Lo-Melkhiin e sobre a mancha escura em seu cérebro, tão diferente do resto.

— Diferente de que maneira? — perguntou ele.

Pensei em quais palavras usar para descrever aquilo. Os fios estavam lá, no ritmo da água que caía da fonte.

— Quando abatemos animais para nossos dias de festa, separamos a cabeça para as oferendas. Minha mãe e a mãe de minha irmã esperam o crânio secar e abrem a cabeça. É por isso que sei como é um cérebro. Já vi cérebros de ovelhas, cabras e, uma vez, o de um camelo. O de Lo-Melkhiin parece o de uma serpente, mas aquela mancha parece o de um camelo.

Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, rolou uma azeitona entre os dedos.

— E a parte do camelo era escura — continuei —, como se estivesse adormecida, enquanto a parte da serpente era cheia de relâmpagos.

— Os relâmpagos são o que os sacerdotes chamariam de alma. Os cétricos acreditam que seja como o sol para as plantas, fazendo-as crescer e ficar fortes.

— Isso significa que a mancha escura não tem alma? — perguntei.

— Ou está presa — respondeu Sokath. — Sua graça conhece a história de como Lo-Melkhiin se transformou no que é hoje?

— Sim. Ele foi para o deserto e voltou mudado.

— Jamais diga isto aos meus pares, mas acredito que eles estejam enganados. O sol pode queimar a mente de um homem por um tempo, mas, se não matá-lo, ele se recupera. Concorro com a suposição dos sacerdotes: que havia um demônio nas dunas naquele dia, e que foi ele quem voltou no lugar de Lo-Melkhiin.

— Não no lugar dele — falei. — Junto. Senão, o cérebro seria todo

igual.

— Tem razão — concordou o cético. — De qualquer forma, não importa. O demônio é muito forte.

— Não tão forte, pois ainda não fui morta.

— Isso é o que me dá esperança — disse ele. — Devemos continuar com Lo-Melkhiin até que haja um herdeiro. Um herdeiro pode ter um regente, e um regente pode ser substituído. Um herdeiro pode ser ensinado, moldado. Sem um herdeiro, os homens poderosos da corte vão interferir, e serão gerações sem paz enquanto eles brigam.

Eu conhecia as leis dos homens. O regente só podia ser um sacerdote ou um cético. Geralmente, um de cada. Eram sempre velhos, para que não vivessem por muito mais tempo depois que o herdeiro alcançasse idade suficiente para assumir seu lugar de direito. Um herdeiro traria a paz, mas só havia uma forma de se conseguir um, e a mera ideia fazia meu sangue gelar. Eu sentia náuseas só de pensar.

— Sei que não é justo pedir isso. Não é justo pedir um preço que nem mesmo eu poderia pagar — disse Sokath, Aquele dos Olhos Abertos. — Mas é a única solução em que consigo pensar.

Ele se levantou, os joelhos estalando, e fez uma medida, para então se virar e me deixar sozinha no jardim da fonte. Se esperava uma resposta, não demonstrou, e não lhe dei nenhuma. Pensei no chá que eu havia tomado pela manhã. Tinha um gosto horrível, e agora eu o desejava mais do que qualquer outra coisa. *Preciso descobrir como chegar ao depósito e pegar um pouco*, pensei, caso alguém ordenasse às mulheres que parassem de levá-lo para mim. Até então, Lo-Melkhiin praticamente não havia me tocado além das mãos, mas eu não podia arriscar.

Meu estômago se revirou e vomitei o café da manhã na própria tigela em que tinha sido servido. A criada ouviu e foi correndo até mim. Levei um tempo para convencê-la de que estava bem, de que só precisava de pão ázimo e água para acalmar o estômago, e, como tinha arruinado a bandeja, ajudei a enrolar tudo no cobertor para que ela levasse embora.

Não haverá um herdeiro. Não pagarei esse preço por eles. Já estou cheia das leis dos homens. Vou encontrar outra saída.

Mantendo certa distância, segui a criada, na esperança de que ela me levasse às cozinhas. E foi o que aconteceu. O cozinheiro deu uma olhada no embrulho que ela carregava e ordenou que fosse lançado ao fogo. Quando me viu, ergui a mão para evitar que fizesse um estardalhaço.

— Benquisto encarregado de nossos alimentos, sei que está ocupado com as refeições do dia — falei. — Peço apenas pão ázimo e um canto sossegado onde me sentar.

— É claro, sua graça.

Ele me conduziu até um banquinho afastado das fomalhas, o suficiente para evitar as rajadas de calor, mas perto de uma janela e, portanto, da brisa.

Fiquei ali comendo o pão, bebendo o suco de fruta fresca que o cozinheiro colocou em uma mesa baixa ao meu lado e vendo-o trabalhar com seus ajudantes. A princípio, pareciam atividades desordenadas, mas aos poucos surgiram padrões tão nítidos como na tecelagem ou na fiação.

A mãe de Lo-Melkhiin me pedira que o curasse, e assim o fiz. Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, desejava um herdeiro, mas de mim não teria nenhum. Lo-Melkhiin governava porque os homens permitiam, a despeito do custo. Fazia quase dois ciclos completos da lua que eu morava no *qasr* e ainda não morrera. Eu tinha evocado o pássaro, mas agora não sabia o que fazer, então fiquei ali sentada na cozinha, observando o trabalho do ajudante encarregado de virar os espetos das cabras para que cozinhassem de maneira uniforme.

O cozinheiro-chefe foi até o garoto e olhou para a carne. Assentindo em aprovação, ele elogiou o trabalho do rapaz, depois pegou a faca e apontou para uma parte do assado que tinha uma coloração diferente do resto.

— Veja, já estava ruim quando colocamos no fogo. Sabíamos disso, mas às vezes o cozimento salva a carne — explicou ele ao garoto. — Esta não pôde ser salva. Se um homem comesse isso, ficaria doente. Lembre-se desta cor, garoto, caso a veja em uma carne quando eu não estiver aqui, ou mesmo em sua casa. As carnes com esta cor vão para os cães.

Com movimentos rápidos e experientes, ele cortou a parte estragada e assobiou. Os cães que auxiliavam a virar os espetos com os assados maiores — bois, imagino — aguçaram os ouvidos e foram se sentar perto dele, as patas dobradas à frente do corpo como se estivessem sentados à mesa de um rei. O cozinheiro jogou os pedaços de carne que tinha cortado na frente dos animais e assobiou novamente. A esse segundo sinal, os cães começaram a comer, lambendo os dentes para não perderem nada, e, quando acabaram, voltaram ao trabalho antes que a carne começasse a queimar.

— Há utilidade mesmo para as partes estragadas, sua graça — disse o cozinheiro, sorrindo para mim. — E todos gostam de um agrado, tenham eles duas ou quatro pernas, não é mesmo?

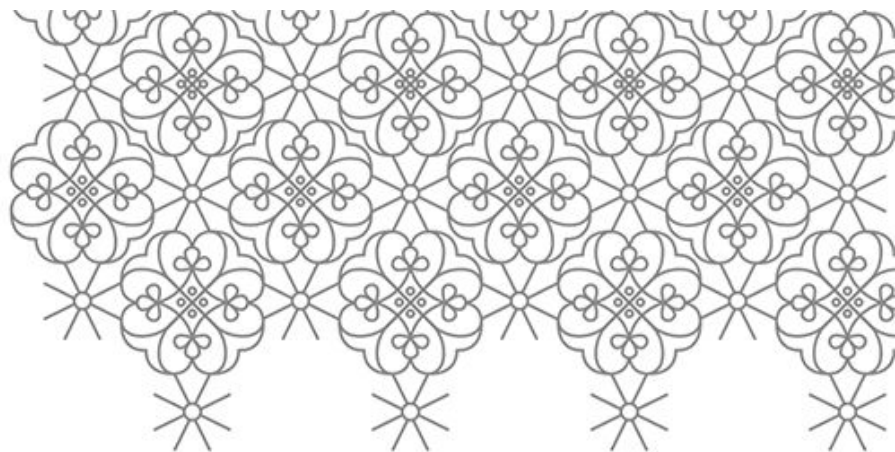
Vi quando ele ofereceu um pãozinho doce para o rapaz que virava o espeto de cabra antes de voltar ao trabalho de sovar massas.

Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, achava que o demônio fosse muito forte, mas talvez eu tivesse encontrado uma fraqueza nele ao ver a mancha escura. A mãe de Lo-Melkhiin estava convicta de que seu filho, seu bom filho, ainda vivia. A mancha escura havia me passado uma sensação boa. Talvez fossem os relâmpagos que permitiam ao demônio exercer o controle.

“Cure-o”, pedira a mãe de Lo-Melkhiin, e assim eu fizera. Mas curei apenas o corpo. A mancha escura ainda estava lá, reduzida. Se fosse maior, talvez Lo-Melkhiin voltasse a ser como era antes de conhecer o demônio nas dunas do deserto. Não era possível separar as duas partes com uma faca, como o cozinheiro-chefe fizera, mas também não era preciso. Eu tinha alcançado minha irmã no deserto e invocado um grande pássaro do céu. O relâmpago dentro de Lo-Melkhiin me assustara quando eu ainda não sabia o que era, mas certamente minha alma era forte e capaz de enfrentar a dele, se fosse necessário.

Os homens precisavam de um rei, embora a maioria estivesse satisfeita com aquele. Os cétricos queriam outro rei para substituí-lo — traição, se alguém os ouvisse. Eu não podia aceitar o rei que tínhamos, mas também não lhes daria um herdeiro. Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, me incitara a ser a bola, e ele, o sol, mas eu não faria mais isso. Agora eu seria o sol. Testaria o que aquele estranho poder era

capaz de fazer. Evocaria as orações que minha irmã fazia em meu santuário e mudaria o que julgasse conveniente.



Eu mantinha Lo-Melkhiin em um canto da própria mente, a princípio para minha diversão. Acostumei-me a seus gritos e, depois, a seu silêncio sombrio quando se habituou a cada horror. Quando o pássaro nos atacou, encontrei um novo uso para aquele canto do cérebro.

Já tinha sentido dor antes — não como eu mesmo, e apenas desde que entrara no corpo de Lo-Melkhiin. Ele às vezes tinha câibras depois de um dia cavalgando, ou, sem querer, se cortava com a faca durante a refeição. Era interessante, aquela dor. Fazia com que eu me sentisse vivo dentro do corpo dele, e eu até gostava. No entanto, no dia em que o grande pássaro nos pegou eu senti algo inteiramente novo. Aquilo me queimou, por dentro e por fora, como se eu estivesse sendo cozido e não conseguisse encontrar o fogo para apagá-lo e ele me engolissem. Pensei que fôssemos morrer.

Então, me retirei das mãos de Lo-Melkhiin, dos seus pés, seu peito. Sua consciência, enjaulada havia tanto tempo, correu para tomar meu lugar e só tarde demais descobriu a armadilha que eu tinha preparado. Agora a dor era só dele, fora a pequena parte que fervia em sua cabeça, e o que eu tinha que suportar era bem pouco.

Não achei que um dia eu fosse me cansar de seus gritos, mas ele gritou tanto naquele dia que o fiz dormir. Esperava que fôssemos nos curar, e então eu o acordaria novamente, mas, por mais que ousasse derramar o máximo de meu poder no curandeiro, não nos curamos. Havia algo no sangue dele — trazido das montanhas nas garras daquele animal asqueroso — que não se curava. Eu não queria deixar o corpo de Lo-Melkhiin se ele pudesse ser salvo, mas ele não servia de nada para mim morto, então comecei a me preparar para a longa viagem até as partes mais áridas do deserto. Pelo menos, lá, eu teria poder suficiente por um tempo, embora, claro, desejasse mais.

Então notei um toque suave na pele de Lo-Melkhiin. Uma compressa fria, enquanto o trabalho do curandeiro só tinha selado a febre dentro do corpo. Resolvi esperar, e não deixar Lo-Melkhiin ainda, enquanto aquele frescor se espalhava pelo seu sangue e pelo seu cérebro, e depois foi embora, da mesma forma que tinha vindo.

Era ela.

Quando ela nos deixou, as compressas foram removidas, e então veio uma nova dor, forte e intensa. Sangramos, mas eu senti o veneno nos deixando, e concluí que eu poderia aguentar um pouco mais se isso significasse não deixar o corpo de Lo-Melkhiin na mesa. Deixei que ele sentisse aquela dor também. Eu já sentira o suficiente.

Acordei três dias depois, fraco, mas vivo. Os curandeiros me encheram de sopas e sucos até eu achar que ia explodir, mas a cada vez que eu engolia alguma coisa, me sentia mais restaurado. No quarto dia, já podia andar novamente. No quinto, ouvi duas criadas sussurrando enquanto limpavam o quarto, pensando que eu dormia.

— Ela bordou, antes que pudesse ter ficado sabendo — disse a primeira.

— Ela não poderia saber — retrucou a segunda.

— Ela queimou o bordado para que ninguém o visse. Só as fiandeiras viram, as tecelãs também.

— Mas ela previu isso? Ou causou?

As duas se calaram quando eu me mexi, incapaz de ficar parado, e saíram depressa da sala. Eu tinha certeza de que a criatura com quem havia me casado era humana, simplória e castigada pelo sol como o resto, mas, se as criadas estivessem certas, então ela tinha mesmo algum poder, quer soubesse ou não.

Pensei no toque fresco que sentira antes das facas. Era sua mão. Ela havia entrado em meu sangue e visto o estrago lá, e então contara aos curandeiros como me curar. Ela me deixara viver. Eu não teria tanta clemência.

O poder deturpava a mente dos homens com muita facilidade. Eles se curvavam em direção ao poder como uma árvore à procura de luz e água. Foi por isso que eu tinha escolhido o corpo e as mãos de Lo-Melkhiin; eram os mais poderosos. Os senhores comerciantes de sua corte, os céticos e os sacerdotes, os artesãos, os trabalhadores e seus filhos tinham todos se voltado para ele — para nós — como a areia seguia a direção do vento.

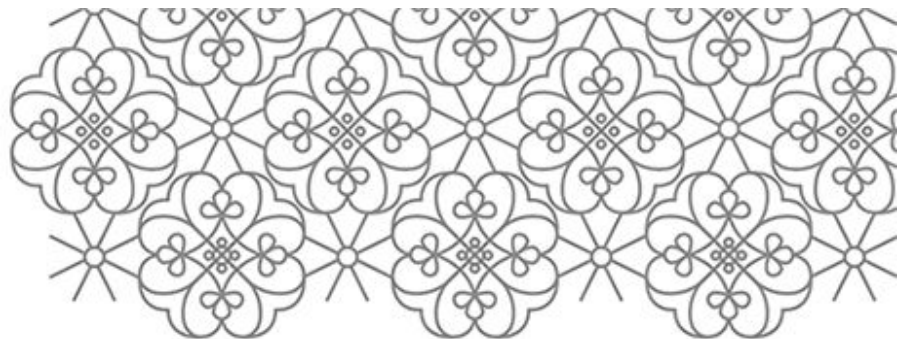
Eu tinha passado todos aqueles anos em que estava no corpo de Lo-Melkhiin dando poder a homens que eu achava que fossem ser úteis a mim. Eu lhes dera a grandeza na arte e nos pensamentos, e eles nunca podiam

imaginar que alimentavam uma fome terrível em mim que exigiria ser nutrida até morrerem tentando saciá-la. Eles realizaram feitos grandiosos, dignos de histórias, mas eu estivera cego.

Todo aquele tempo eu tivera acesso a mais poder do que imaginara, e não percebera porque via o mundo com os olhos dos homens. Eu me esquecera das garotas que esfregavam o chão e fiavam. Eu me esquecera das mulheres que tingiam os tecidos e trabalhavam com a hena. Eu me casara com três centenas de garotas, e praticamente devorava todas antes de estarem no ponto, ainda muito cruas.

Ela sabia. Ela sabia, e ainda assim me salvou, quando eu estava fraco e à beira da morte. Ela não me parecera dobrável, mas devia ser. Só um tolo ou um fantoche salvaria um homem que desejava matá-lo, e eu sabia que ela não era tola.

Melhor, ela sentira o gostinho do poder. Quer tivesse visto aquele pássaro ou o evocado para me atacar, devia ter sentido o poder que provocou isso, e poder era algo que eu podia usar tão facilmente quanto ela manipulava o fuso. Eu controlara tantos homens desde que possuía o corpo de Lo-Melkhiin que isso se tornara fácil, muito fácil. Agora eu tinha um novo desafio. Não sabia como dobrar uma mulher, mas Lo-Melkhiin sim.



Quando se recuperou, Lo-Melkhiin jantou comigo no meu quarto. As criadas trouxeram uma segunda mesa — maior do que aquela em que eu comia o desjejum, e onde deixava o lampião e a bola — e a cobriram com um tecido macio azul com detalhes dourados na borda. Uma garota aparou todos os pavios e trouxe mais lampiões, para que pudéssemos ver claramente um ao outro enquanto comíamos. Eu assisti a preparação delas com o coração pesado. Mesmo que ainda faltasse uma hora para terminarem de preparar o jantar, ainda teríamos duas horas entre o jantar e a hora em que eu ia dormir. Duvidava que ele fosse embora, principalmente se sua mãe tivesse lhe contado que eu havia bordado o ataque exatamente como aconteceu, mas eu não tinha nenhuma vontade de descobrir o que Lo-Melkhiin fazia para passar as noites.

A senhora da hena veio e tomou minhas mãos. Então, me levou para fora do quarto, e atravessamos o jardim em direção à sala de banho. Ela disse que não tinha tempo para me dar um banho completo, mas poderia cuidar das minhas mãos e do meu cabelo.

Sentei-me pacientemente enquanto ela passava hena no meu cabelo, deixando-o avermelhado. Onde seus dedos tocavam meu pescoço, orelhas e testa, eu sabia que ficariam marcas de hena. Isso ela fazia de propósito para que os deuses menores que não eram da minha família soubessem que eu tinha colorido o cabelo. Se ficasse muito perfeito, sem manchas, eles poderiam pensar que eu tinha nascido diferente, e me marcar para seus propósitos. Eu não lhe falei que seus esforços eram em vão. Eu já tinha sido marcada para um propósito.

Ela terminou com o cabelo e pegou o pincel para desenhar os símbolos em minhas mãos. Só assisti em silêncio por algum tempo até a curiosidade tomar conta de mim.

— Senhora da hena, o que são esses símbolos?

— Alguns eu posso lhe contar — respondeu ela. — Mas, sua graça, alguns são segredos da minha família. Bênçãos de nossos deuses

menores que podemos desenhar em outros como presentes. Esses, não posso revelar.

— Entendo.

Eu me perguntei o que diferenciava um bom artista de hena de outro. Era ela que sempre cuidava de mim, embora soubesse que tinha várias aprendizas e pelo menos uma filha — uma filha com idade para cuidar do rebanho, se ela morasse nas tendas de nosso pai. Essas garotas desenhavam umas nas outras, ou nas fiandeiras, mas não me tocavam, nem mesmo para praticar. Agora eu sabia por quê. Se a senhora da hena desenhava sinais de poder na minha pele, não iria querer que nenhuma outra interferisse.

— Este é para dar sorte — disse ela, e apontou para um grande círculo com asas. Havia vários deles em meus braços, escondidos em meio ao padrão. — E estes são para dar força.

Uma árvore começava em ambos os pulsos, os ramos frondosos se estendendo para cada um dos meus dedos. Ela traçou uma linha que eu sabia ser o deserto, e as tendas de nosso pai: a minha história. Então ela virou minhas palmas para cima, juntando-as, e as puxou em direção ao próprio corpo. Olhei para o lado pálido de meus braços, colados um ao outro pela forma como ela me segurava. Eram pássaros, metade do desenho em cada braço; e só podiam ser reconhecidos se meus braços estivessem naquela posição.

— Sua graça — disse ela, e me soltou.

— Obrigada.

Se eu ia jantar com meu marido, aceitaria toda a ajuda que pudesse conseguir.

Ela não explicou mais nenhum símbolo para mim, mas eu podia sentir cada um deles enquanto eram desenhados. Eles ardiam, como a pele muito perto da chama de uma vela, quando a senhora da hena começava a traçá-los. Quando terminava cada um, a dor se afundava em minha pele e passava. Cada um deles me deixava mais forte, mesmo que eu não soubesse seu significado.

Finalmente, ela terminou e bateu palmas com força. As outras garotas apareceram enquanto ela guardava seu material de trabalho, e começaram a arrumar meu cabelo em um dos estilos elaborados aos

quais eu acabara me acostumando. De novo, havia padrões feitos com tranças e grampos, e eu senti cada um deles sendo tecido e selado em mim enquanto as garotas trançavam, enrolavam e prendiam.

Elas trouxeram meu *dishdashah*, um tom de azul bem mais escuro do que o tecido que cobria a mesa, mas não tão escuro quanto o céu sem estrelas, e me vestiram. O tecido cobriu os pássaros da senhora da hena, mas eu podia senti-los na minha pele como se agitassem suas asas, tentando se libertar. O vestido tinha sido bordado com uma linha roxa, tornando os padrões difíceis de ver. Mas, mais uma vez, eu não precisava vê-los nem tocá-los para conhecer o seu traçado. Eu não sabia dizer se alguma delas além da senhora da hena tinha feito isso de propósito, mas eu estava o mais protegida que podia para enfrentar o jantar com Lo-Melkhiin e o que quer que viesse depois.

As garotas me deixaram quando terminaram suas tarefas. Ainda tinham medo de mim — embora talvez sentissem mais medo da senhora da hena, que supervisionava o trabalho delas com olhos de águia —, mas não se encolhiam. A última criada, que ajustou a bainha do meu vestido depois de colocar os sapatos nos meus pés, hesitou antes de sair. Aquela era a garota que havia trazido meu chá no primeiro dia; embora eu a tivesse visto várias vezes depois, não havíamos conversado desde então. Ela me passou um pacote, embrulhado em pedaços de seda que devia ter pedido às tecelãs. Seu cheiro o entregou, e curvei a cabeça em agradecimento. Eu não tinha conseguido encontrar o chá sozinha, apesar das várias viagens que fiz à cozinha e das várias conversas com o cozinheiro e seus ajudantes. Ela o trouxera para mim.

— Obrigada.

— Não há de quê, sua graça.

— Xô, passarinho — falou a senhora da hena.

Eu não sabia direito a quem ela se dirigira, e seu jeito de falar parecia tanto com o da mãe de minha irmã que andei antes mesmo de pensar. Isso a fez rir, comandar a sua senhora daquele jeito; a criada também sorria quando deixou a sala de banho. A senhora da hena estendeu a mão.

— Vou guardar o chá para você, sua graça. Eles podem revistar

seus aposentos, mas não procuram nada no meu. Se precisar dele, é só me chamar. Sempre terá uma desculpa, já que pode dizer que quer que eu pinte sua pele.

Entreguei-lhe o pacote, e ela o guardou no vestido. Havia muita coisa que eu não podia controlar, mas eu tinha aquelas mulheres, e contaria com sua ajuda.

— Agora deve ir — disse ela. — Sente-se ereta em sua almofada. Só fale se ele se dirigir a você. Morda porções pequenas e mastigue bem antes de engolir. Não beba o chá até que esfrie, e, se suas mãos tremerem, sente-se nelas.

Ela não me ensinava tudo aquilo por uma questão de boas maneiras, mas para disfarçar o medo. Assenti, a boca seca no denso calor da sala de banho, e ela me abraçou como se eu fosse sua própria filha.

— Obrigada — falei.

— Que seus deuses menores a encontrem, sua graça.

Eu ansiava por conversar desde que chegara ao *qasr*, e parecia que, finalmente, algumas mulheres arriscavam se afeiçoar a mim. Sorri para a senhora da hena, que então me virou pelos ombros e me empurrou porta afora.

O ar no corredor da sala de banho ainda estava quente devido ao vapor, mas no jardim da fonte estava fresco. O sol se punha atrás dos muros do *qasr*, então já havia sombra. Uma brisa suave soprava o perfume das flores noturnas em direção ao meu quarto, que tinha todas as portas e janelas abertas para deixar o vento entrar. Não pude me demorar, no entanto, porque Lo-Melkhiin me esperava na entrada. Quando me viu, ele estendeu a mão, a imagem perfeita do homem cortês, e eu cruzei o jardim para encontrá-lo.

— Minha esposa — disse ele, os dedos quentes se fechando em volta dos meus. Ele não apertou, e não houve fogo. Simplesmente segurou minha mão. — Obrigado por jantar comigo esta noite.

Ele falou isso como se tivesse me convidado e eu tivesse aceitado, em vez daquela invasão.

— Peço desculpas por não termos jantado juntos ainda, fora na noite da chuva de estrelas — continuou ele. — Confesso que o reino

toma muito meu tempo, e você foi tão paciente comigo que acabei sendo negligente. Imploro seu perdão.

Fiz o máximo para não olhar para meu marido. Perguntei-me se ele tinha passado muito tempo sob o sol, ou quem sabe tinha sido eu. Se Lo-Melkhiin pensava em me cativar, teria um caminho tortuoso pela frente.

— Venha — disse ele quando ficou claro que eu não iria entrar no seu jogo. — A comida já foi servida.

Nas tendas de nosso pai, comíamos bem. Havia carne todas as noites, e tigelas cheias de lentilhas e grãos-de-bico. Tínhamos pão e azeite, e nosso pai trazia temperos quando viajava, porque minha mãe adorava experimentá-los. Nós comíamos tudo juntos, compartilhando e esbarrando nossos dedos nas bandejas, e havia risos e o calor da família a cada refeição.

Aquilo não era nada parecido. Havia pão e azeite, mas estavam em louças tão finas que eu achava que, se segurasse a cerâmica contra o sol, daria para ver através delas. Havia uma garrafa de vidro — mais vidro do que eu tinha visto em toda a minha vida — cheia de vinho e um jarro d'água ao lado para misturar. A carne estava cortada em pedaços pequenos, dispostos de modo a parecer o corpo de um dos pássaros de penas longas que eu às vezes encontrava no jardim. A cabeça do pássaro completava o prato na frente, enquanto atrás, sua plumagem combinava com o azul da toalha. Não reconheci o cheiro dos temperos, e havia outros pratos na mesa que não consegui identificar.

— Preciso me lembrar de cumprimentar o cozinheiro amanhã — disse Lo-Melkhiin, ainda sociável como no jardim. — Normalmente, ele apresenta cada prato, para que possamos apreciar sua arte, mas hoje eu não queria ser incomodado. Por favor, esposa, sente-se.

Afundi em uma das almofadas, a coluna o mais reta possível, graças às instruções da senhora da hena, e escondi os pés debaixo do vestido. Quando uni os tornozelos, senti os símbolos que formavam um par desenhados em meus calcanhares se reconhecerem, e eles aqueceram o frio em meu sangue.

Lo-Melkhiin sentou-se ao meu lado. Se tivéssemos nos sentado um

de frente para o outro, não teríamos conseguido nos ver por causa do pássaro. De onde eu estava, dava para enxergar a plataforma elevada onde ficava minha cama, mas procurei não pensar muito nisso.

Fiquei imóvel enquanto meu marido servia e misturava o vinho, e colocava cada tipo de comida em um prato. Só havia um copo e uma tigela. Teríamos que compartilhar. Se ele tentasse me dar comida na boca com as mãos, eu morderia seus dedos. Ele tomou um grande gole do vinho e passou o copo para mim. Meu gole foi muito menor, mal deu para molhar a boca. O vinho estava forte demais para o meu gosto, de qualquer forma.

Ele começou a comer, sem fazer nenhum movimento em minha direção, então me servi também. Peguei o pão e o enrolei em um pedaço da carne antes de comer, mastigando o máximo de tempo que podia.

— Não posso fazer você ter medo de mim — disse ele.

Fiquei feliz em ter dado uma mordida pequena, ou poderia ter engasgado. Em vez disso, engoli delicadamente e tomei um gole do vinho forte demais antes de encará-lo.

— Não desperdiço meu medo — falei. — Já lhe disse isso.

— Eu sei. Você não teme nada, porque o deserto vai levá-la no fim, de qualquer jeito. É previsível como o relógio de água. Então pensei em ser imprevisível, e ver se isso iria deixá-la nervosa.

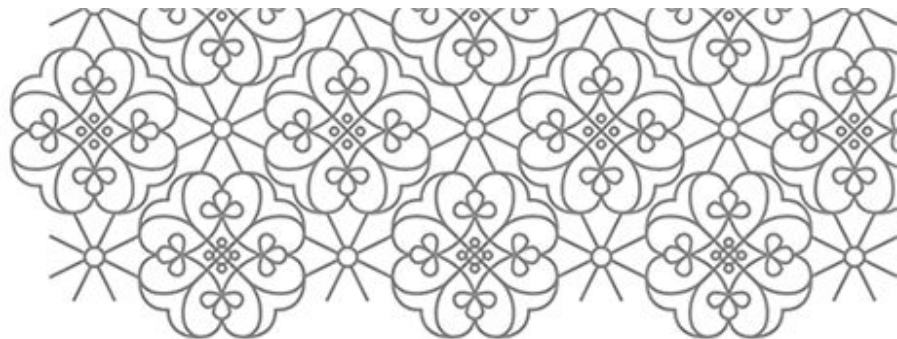
— Já pastoreei cabras, meu senhor. Elas me ensinaram o que significa ser imprevisível.

— Parece que estudou pássaros também.

Seus olhos eram como o horizonte distante quando uma tempestade de areia se formava ao longe.

— Não estudei nada. Não sou um cético. Se o deserto me ensinou e eu sobrevivi, é porque aprendi.

— Sim. — A mão de Lo-Melkhiin se fechou em torno da faca de que ele não precisava usar para cortar a carne. — De alguma forma, você ainda vive.



Minha faca estava muito longe para eu pegá-la sem deixar claro que essa era minha intenção. Uma vez que a comida já estava cortada, não tinha visto nenhuma razão para mantê-la por perto. Se sobrevivesse, prometi a mim mesma que nunca mais seria descuidada a ponto de deixar Lo-Melkhiin com uma faca, enquanto eu estava desarmada. Não acho que conseguiria derrotá-lo, mas poderia cortar seu rosto e lhe deixar uma lembrança do que minha morte lhe custara.

Lo-Melkhiin girou o cabo da faca e equilibrou a lâmina em um dos dedos. Ela não cortou a pele. A luz do lampião refletiu no bronze quando ele começou a girá-la, projetando pontos de luz nas paredes do meu quarto e, depois, fazendo-os rodopiar em uma espiral. Poderia ter sido uma bela visão, se eu não tivesse imaginado gotas de sangue em seu rastro.

A única coisa que eu tinha ao alcance da minha mão era o saleiro. Ainda estava cheio, e os grãos não eram refinados. Seria como jogar areia em seus olhos, se eu atirasse sal no rosto dele. Poderia me dar tempo de pegar a faca.

Lo-Melkhiin jogou a faca no ar, e ela girou em um turbilhão de luz. Inclinei-me na direção do saleiro, tensa e preparada, mas, quando ele agarrou o cabo novamente, girou a lâmina para baixo e cravou a ponta afiada na mesa. Hesitei, sem saber o que ele faria em seguida, e então Lo-Melkhiin se inclinou na minha direção.

— Não vai ser com uma faca, meu amor — disse ele, baixinho. — Isso eu posso garantir.

Ele se endireitou e bateu as mãos. As criadas voltaram e tiraram a mesa, exceto o vinho, e então um homem entrou carregando um pacote. Lo-Melkhiin o pegou e dispensou o criado. Quando abriu, vi mapas do deserto. O *qasr* e todas as aldeias estavam lá. Muitos dos lugares tinham uma marca vermelha, e senti o pouco que consegui comer revirar em meu estômago. Aqueles eram os lugares que haviam lhe dado uma esposa.

— Gostaria de ver como planejo uma caçada, esposa? — perguntou

ele.

— Não, meu senhor — respondi. — Tenho minhas próprias tarefas.

Não era bem verdade, mas eu tinha o fuso e a linha branca que havia fiado quando tivera a visão com minha irmã. Eu poderia tecê-la, imaginava, embora não tivesse um tear de colo. A criada que tirou a toalha arruinada viu que eu segurava a linha e assentiu. Em pouco tempo, ela voltou com um tear, e me sentei para tecer enquanto Lo-Melkhiin planejava seus horrores no deserto.

Existiam duas maneiras de se sentar para tecer. Minha mãe e a mãe de minha irmã fizeram questão que minha irmã e eu aprendêssemos ambas.

A primeira era minha preferida, como era de se esperar, já que era a mais confortável. Eu podia me sentar daquele jeito por horas se fosse preciso, mas, se fizesse isso naquela noite, havia a possibilidade de eu entrar em transe durante a tarefa, e não queria que isso acontecesse na frente de Lo-Melkhiin. Na segunda maneira, eu tinha que sentar no meu pé, e, se não mudasse de posição de vez em quando, quebrando minha concentração, meu pé ficaria dormente e eu teria câibra.

A primeira forma era como minha mãe e a mãe de minha irmã teciam quando estavam juntas. A segunda era como as duas teciam quando estavam nas tendas da caravana de nosso pai, tecendo com as outras mulheres, enquanto ele negociava com os homens.

“O tecido terá a mesma qualidade”, dissera a mãe de minha irmã. “Mas seus ouvidos escutarão melhor.”

Sentei em cima do meu pé. Como a saia do vestido era longa, era impossível para qualquer um que não fosse um tecelão dizer como eu estava sentada. Meus ombros e a inclinação dos meus quadris podiam me trair, mas duvidava que Lo-Melkhiin soubesse disso. Eu só teria que ter certeza de que ele não estava me observando quando precisasse mudar de posição.

Comecei a preparar a urdidura. Como não estava fazendo nada em particular, coloquei os fios o mais próximos possível, deixando espaço suficiente apenas para passar meus dedos, levando a linha. Eu teria um tecido de ótima qualidade quando terminasse. Talvez o usassem como minha mortalha, se eu conseguisse fazer o bastante para cobrir

meu rosto antes que Lo-Melkhiin me estrangulasse.

Ele observava seus mapas, para um fim que eu não fazia questão de saber qual era, e bebia vinho à vontade, sem misturá-lo à água. Eu esperava que, com isso, ele caísse no sono ali mesmo e não conseguisse chegar até a cama, mas em meu coração eu sabia que não era provável. Assim como eu, Lo-Melkhiin não se arriscaria mais. Pelo menos as facas tinham sido levadas. Apesar do que ele dissera, eu sabia que era muito mais fácil cortar a garganta de alguém do que sufocá-lo.

Assim que a urdidura ficou como eu queria, puxei um pedaço grande de fio da meada e o enrolei nos dedos. Minha mãe me contara que sua mãe tinha que usar uma agulha para puxar os fios, porque os dedos dela eram muito nodosos em razão da idade, mas os meus ainda eram finos e delicados. Eu podia usar os dedos para passar o fio pela urdidura, puxar as linhas que eu queria, e afastar as que não queria. Eu só tinha que ter cuidado para não esticá-lo muito.

Troquei de pé e comecei a tecer.

Quando minha irmã e eu tínhamos visto dez invernos, ela teve febre, e eu não. Isso não costumava acontecer com a gente. Sempre fazíamos tudo juntas, e, embora eu estivesse bem enquanto ela ardia de febre e chorava chamando a mãe, eu queria me juntar a ela em seu leito. Meus irmãos me diziam que eu era tola, e lá no fundo eu reconhecia, mas ela era minha irmã, e eu sentia sua falta quando ia até o poço sozinha.

No terceiro dia, minha mãe me mandou buscar água de novo. Fui de boa vontade, pois estava feliz em fazer minha parte para curá-la, mas sabia que não conseguiria carregar a mesma quantidade sozinha, e queria que ela mandasse um de meus irmãos comigo. Nosso pai insistiu para que eles ficassem com o gado, que estava dando cria. Então fui para o poço, com um jarro menor e o coração pesado.

Tirei a água como sempre fazia, e tinha acabado de subir o balde até o topo do poço quando um barulho nos arbustos do lado oposto me fez desviar o olhar. Meu coração pesado se paralisou. Havia uma víbora, e eu sabia que, se havia uma, deveria haver outras por perto; elas não caçavam sozinhas.

Nós nos entreolhamos por um bom tempo, a cobra e eu, e nenhuma outra serpente apareceu. Eu não trazia nenhuma pedra comigo, já que não tinha como carregar pedras e o jarro ao mesmo tempo. A cobra não se moveu, e, depois de um longo tempo no calor do deserto, me atrevi a me mexer. Enchi o jarro com a água e joguei o balde de volta no poço. Então me curvei, peguei o jarro e me afastei, sem tirar os olhos da víbora. Ela me viu partir, imóvel como sempre, e finalmente desapareceu nos arbustos quando percebeu que eu estava fora do alcance de seu ataque.

Contei à minha irmã quando ela se recuperou, depois que nosso pai mandou cortar todos os arbustos ao redor do poço para que nenhuma cobra se escondesse neles.

— Talvez ela tenha visto que você estava sozinha e não atacou — disse minha irmã. — Talvez ela estivesse sozinha também, e soubesse que vocês compartilhavam o mesmo estado de espírito.

— Talvez eu só seja sortuda — sugeri. — Ou talvez não pareça ter um gosto muito bom.

Minha irmã riu.

A trama serpenteava pela urdidura conforme eu comandava o tear, e senti a presença da víbora novamente. Olhei nos olhos de Lo-Melkhiin, embora ele ainda estivesse sentado à mesa com os mapas. Troquei o pé, sem me importar se ele veria ou não o movimento, e me curvei de volta ao trabalho. Eu não tinha nenhuma pedra, e não conseguiria deter uma víbora, mas podia ser paciente.

Ele me observou por mais um tempo antes de voltar ao próprio trabalho. Quando senti que seu olhar não estava mais em mim, respirei fundo. A cobra nem sempre atacava. Às vezes, ela esperava. Talvez eu não parecesse ter um gosto muito bom. Esse pensamento me fez sorrir, apesar do perigo, e me permiti me concentrar um pouco mais na tecelagem, embora ainda estivesse sentada em cima do pé para ter certeza de que não faria nada estranho em meu trabalho. Meus dedos encontraram um ritmo e os fios o seguiram.

Tínhamos muitas canções de trabalho e cantos de oração na aldeia. Alguns eram feitos apenas para os ouvidos de minha irmã, de minha mãe e da mãe de minha irmã, mas alguns eu podia cantar para nossos

irmãos ou qualquer outro parente que morasse nas tendas de nosso pai. Havia outras músicas para quando uma caravana vinha nos visitar, embora isso não acontecesse com muita frequência, e havia canções que nós, meninas, criávamos para nós mesmas enquanto trabalhávamos, quando nossas mães não estavam presentes.

Escolhi uma das minhas preferidas. A música tinha uma melodia suave que não combinava com o ritmo. Um homem poderia pensar que era uma canção de ninar, que só servia para ajudar uma criança a dormir, mas, quando seu ritmo constante se combinava ao fio, ajudava a guiar até mesmo a mais novata das tecelãs por todos os passos até um tecido acabado. Cantávamos juntas, minha irmã e eu, e todas as garotas com vozes bonitas que às vezes teciam com a gente. Não fora feita para ser cantada sozinha, e faltavam partes da letra, mas eu gostava dela o bastante para completar o que faltava, mesmo que Lo-Melkhiin não pudesse.

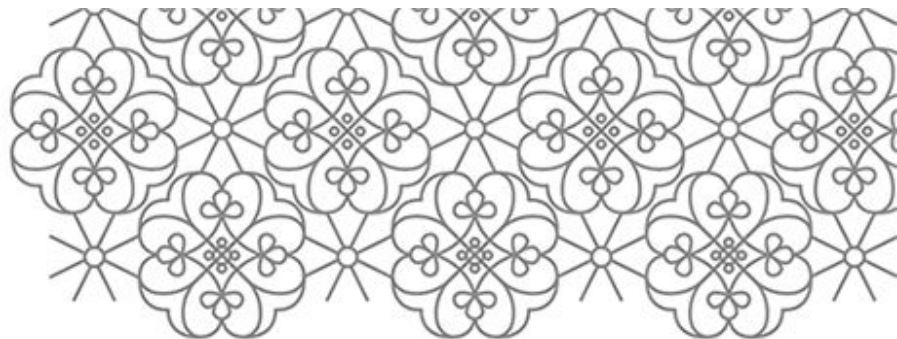
Estava na metade do terceiro verso quando notei uma sombra, e sabia que meu marido estava de pé ao meu lado. Obriguei-me a terminar a carreira que eu tecia, as mãos o mais firmes possível, embora a víbora pairasse ainda mais perto. Quando terminei, coloquei o tear de lado e olhei para ele.

— Meu amor, você embala um homem com esse seu canto — disse ele, que não percebera o verdadeiro propósito da canção, o que me alegrou. — Vamos para cama, então.

Ele não me tocou. Tirei os grampos do cabelo e o *dishdashah*, ficando diante dele apenas com a hena e o vestido fino. Se ele sabia o que os símbolos significavam, não demonstrou. Eu achava que não. Geralmente, os homens não sabiam. Afinal, era uma arte feminina.

— Venha para cama — disse meu marido para mim novamente.

Transformei meu coração em pedra e subi na cama com a víbora.



vinte e três

Por mais quatro noites, Lo-Melkhiin veio ao meu quarto para jantar, depois trabalhar um pouco, e então ir para cama. A senhora da hena desenhava seus símbolos no meu corpo todos os dias, as criadas arrumavam e prendiam meu cabelo, e punham um vestido elegante em mim. A cada noite, a hena queimava um pouco mais forte, os grampos criavam o penteado mais rapidamente, e os vestidos tinham um bordado de toque mais delicado.

Lo-Melkhiin marcava seus mapas, e o tecido crescia em minhas mãos. Eu mantinha a faca por perto quando podia, e cantava as músicas da tenda de nosso pai, quando não podia. Se ele notou, não se importava. Toda vez que me chamava para ir para cama, era a última coisa que dizia para mim, e não me tocou nem uma vez. Não via mais sua luz fria, nem meu fogo cor de cobre, ainda assim não me sentia nem um pouco enfraquecida. A hena mantinha meu fogo acobreado aceso e forte. Todas as manhãs, Lo-Melkhiin já havia ido embora quando eu acordava com uma xícara de chá fumegando na mesa ao lado da cama.

Quando acordei, fui para a sala de banho. Estava vazia àquela hora, mas, antes que pudesse tirar o vestido fino, uma das assistentes surgiu como sempre, como se eu tivesse tocado um sino. As criadas tiraram meu vestido e me trouxeram um novo enquanto eu me lavava da hena da noite anterior. A tintura não saiu completamente. Às vezes, a senhora da hena simplesmente traçava de novo as linhas, reforçando os desenhos e seu poder na minha pele. Talvez fosse por isso que agora ardiam com mais intensidade quando ela os desenhava. O mesmo acontecia com meu cabelo. Eu ficava sentada na banheira, e as criadas traziam uma tina de água aquecida até lá. Quando eu inclinava a cabeça para trás, elas penteavam meu cabelo na água. Saía um pouco da cor, mas não tudo.

Quando estava seca e vestida, fui até a sala de costura. Abri a porta sem bater, como de costume, e fiquei surpresa ao ver que todas as mulheres olharam para mim, em vez de manterem os olhos nas suas

tarefas.

— Ah, sua graça — disse a tecelã mais velha —, é você.

— Quem estavam esperando? — perguntei, ocupando um assento vazio entre as fiandeiras.

Elas me passaram uma cesta, um fuso e linha-guia, e comecei a trabalhar.

— Sua graça, Lo-Melkhiin vem aqui todos os dias desde que se recuperou — disse a fiandeira que sempre falava sem pensar. — Ele nos observa, e às vezes nos toca e diz como nosso trabalho é bom.

A velha tecelã fez um som indelicado. Minhas mãos estavam ocupadas, então não pude usá-las para cobrir a boca. Em vez disso, contive meu riso antes que ele aparecesse. A velha tecelã não achava que Lo-Melkhiin saberia diferenciar um trabalho bom de um péssimo nem se tropeçasse nele.

— Eu juro, sua graça, nós não o tentamos a vir aqui — explicou a fiandeira. — Ele simplesmente aparece.

— Sua graça não vai se importar se ele achar uma de vocês bonita! — disparou a velha tecelã.

Mais uma vez, tive que esconder meu sorriso. Ciúme era a última coisa que eu sentiria se Lo-Melkhiin continuasse perseguindo as fiandeiras. Estava mais preocupada com o que elas tinham feito depois que ele as tocara.

— Diga-me — pedi à fiandeira —, onde está a linha que fiou depois que ele visitou vocês?

— Eu a queimeei, sua graça — respondeu ela, olhando por fim para o fuso, embora ele não girasse. — Não estava boa.

— Ela não estraga uma linha desde que veio trabalhar comigo há três anos — disse a velha tecelã. — Nunca a vi ficar tão nervosa.

Então, as mulheres me mostraram as outras peças. Um bordado cheio de nós, mais fios irregulares, lã tão ruim que nem parecia cardada e um tear do qual tinham sido forçadas a cortar a urdidura e recomeçar do zero.

Observei a fiandeira. Seu fio estava perfeito agora, uniforme como sempre, embora suas mãos tremessem de leve conforme ela alimentava seu fuso com lã. Ela vira a víbora em Lo-Melkhiin, eu

sabia, e ainda trabalhava porque não tinha opção. Fixei o tortual dela para que a linha não se desfizesse e segurei suas mãos. O fogo cor de cobre se espalhou entre nós, mais do que quando eu tocara o curandeiro, e ela parou de tremer.

— Calma — falei a ela. — Vai ficar tudo bem. Quando Lo-Melkhiin vier, mande uma criada me chamar, e eu virei e ajudarei vocês a arrumar a bagunça.

A tecelã fez outro ruído indelicado, e desta vez não segurei o riso. Levantei a mão para tocá-la, mas, antes que pudesse fazer isso, o fogo acobreado saltou de mim para ela, iluminando seus olhos e endireitando sua coluna. Ela tossiu uma vez, e eu me assustei, surpresa, e depois se curvou para preparar o tear como se nada tivesse acontecido. Ela trabalhava muito mais rápido agora.

Voltei a me sentar com as fiandeiras e pensei em como poderia ajudá-las. Eu tinha fiado para conseguir uma visão, uma vez. Talvez agora pudesse fiar o fogo cor de cobre. Minha mãe e a mãe de minha irmã costumavam derramar um sal de cheiro estranho que nosso pai trazia de longe em torno de cada uma das tendas. Não impedia formigas e abelhas de entrarem, mas detinha escorpiões. E víboras. Lo-Melkhiin iria entrar — isso eu não tinha como impedir —, mas me perguntei se poderia fiar fogo cor de cobre para impedir que sua luz fria assustasse as mulheres outra vez.

Peguei minha cesta de lã e estendi a mão para o fuso. Comecei a fiar, e me permiti entrar em transe entre um piscar e outro.

Agora, em vez de voar pelo deserto, eu pairava no alto da sala de costura, onde o ar quente e perfumado subia e deslizava lentamente pelo teto antes de sair pelas janelas teladas. Olhei para baixo e vi todos os teares trabalhando, todos os fusos girando e todas as cintilantes agulhas indo para dentro e para fora, puxando os fios de seda.

Eu podia ver traços da luz fria de Lo-Melkhiin. Como era de se esperar, eles se concentravam perto da fiandeira mais bonita, da costureira mais rápida e da mais talentosa das tecelãs. Pelo menos, ele tinha alguma noção do que era um bom trabalho de costura. Eu baixava a linha que fiava em cada luz, abafando-a com fogo, e seguia

para a próxima. Quando terminei de limpar os resíduos, voltei meus pensamentos para como eu poderia proteger a sala.

Minha mãe deixara um círculo de sal, e isso fora o suficiente, mas escorpiões eram muito menores do que Lo-Melkhiin. Ainda assim, era uma boa ideia. De onde eu estava, pairando perto do teto, comecei a deixar um rastro do fio cor de cobre recém-fiado no tear enquanto me movia lentamente ao redor da sala. Então, como não consegui pensar em outra forma, repeti o processo perto do teto, na altura de onde eu flutuava. As duas linhas de fogo tentavam se unir, mas ficaram onde as deixei. Quando relaxei meu controle sobre elas, pareceram ficar borradas. Segurei firme de novo, como faria com as pernas de uma cabra para impedi-la de se afastar, mas elas lutavam com mais força do que qualquer cabra que eu já tivesse contido.

Eu não poderia ficar no teto da sala de costura para sempre. Se minha primeira ideia tinha falhado, eu teria que deixá-la de lado e pensar em outra. Liberei os fios de fogo cor de cobre. Para minha surpresa e alívio, as linhas ficaram onde eu as colocara. Fios de fogo se soltaram, estendendo-se do chão para o teto e do teto para o chão, da maneira como as raízes de uma árvore buscam água. Eles se entrelaçaram uns com os outros, brilhando intensamente. Recuei para evitar a claridade e acabei derrubando o fuso. Caí assim como ele, e acordei no mesmo lugar de antes, a velha tecelã sacudindo meus ombros.

— Sua graça! — sussurrava ela, sem querer gritar e causar alarde.

Eu sabia que, se não despertasse logo, ela iria me beliscar, ou fazer coisa pior.

— Estou aqui — falei. — Está feito.

— Com certeza está — disse ela, e olhei para as minhas mãos.

Eu estava trabalhando com uma linha não tingida, assim como as outras, mas essa não era a cor que eu tinha fiado e enrolado na meada no fundo da cesta. Assim como eu fiara linha branca quando procurei minha irmã, tinha fiado uma linha cor de cobre agora, tão brilhante que, mesmo dentro da sala, parecia ter seu próprio fogo.

— Sua graça! — exclamou a fiandeira.

— Você vai ficar quieta — ordenou a velha tecelã. Ela olhou ao

redor da sala. — Vocês todas vão ficar quietas. Isso ficará entre vocês e seus deuses menores.

Elas concordaram, murmurando, e senti uma agitação no sangue. A velha tecelã disse *seus* deuses menores, mas eu sabia que pelo menos algumas delas sussurravam orações para *mim*, embora não pudesse dizer como sabia disso. Assenti para a mestra-tecelã e as deixei com suas tarefas e orações. Meu sangue zumbia enquanto me afastava da sala.

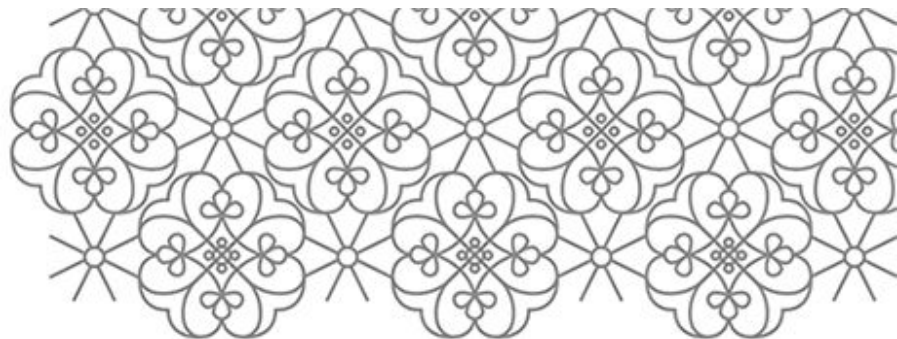
No ar mais fresco do jardim, parei um pouco. Antes, Lo-Melkhiin se contentara em tirar seu poder dos homens e inspirar suas criações. Agora, ao que parecia, ele voltara seus esforços para as mulheres que moravam no *qasr*. Ele não estava desesperado por poder; eu podia ver isso pela intensidade da luz fria na sala de costura. O mais provável era que ele tivesse esquecido que as mulheres trabalhavam também — e faziam um trabalho útil. Ele achou que pudesse apressá-las como fizera com os homens, e tentara, mas a um custo muito alto. Só esperava que ele ficasse longe das cozinhas. O cozinheiro-chefe se saía bem sob a influência de Lo-Melkhiin, mas muitos de seus assistentes eram mulheres ou crianças, e eu não tinha nenhuma vontade de comer pão queimado ou cru.

Ele não me tocava havia cinco dias. Será que tinha percebido que meu poder ficava mais forte com o dele? Será que tinha tentado encontrar outra fonte, na esperança de me enfraquecer? Se fosse isso, a ideia fracassara. A senhora da hena e as mulheres que arrumavam meu cabelo tinham poder mais do que suficiente para me manter forte. Eu não gostava da ideia de que, para minha força aumentar, ele também tivesse que ficar mais poderoso. Não gostava de depender dele para nada, muito menos para isso. Talvez estivesse na hora de visitar minha irmã de verdade, e não buscar visões de seu passado, e ver se o santuário que ela preparara em minha honra, como deusa menor, servira a seu propósito.

Eu estava a meio caminho do meu quarto — e da tecelagem que fazia lá —, quando me ocorreu que Lo-Melkhiin provavelmente teria visitado outras salas, além da de costura. Eu tinha protegido aquele lugar, mas sabia que ele deveria ter deixado sua marca em outros, e

que o trabalho feito lá também seria ruim. Um *qasr* precisava de um rei; diziam. Era nisso que os homens acreditavam. Mas um rei também precisava de um *qasr*, e o *qasr* tinha que funcionar perfeitamente, ovelhas em direção ao uádi, ou o rebanho se desintegraria.

Eu precisava de mais lã. E se pudesse encontrar uma maneira de fiá-la sem tornar sua cor exótica e chamativa, ainda melhor. Decidi pedir uma cesta, ou duas, para quando tivesse tempo e privacidade para entrar em outro transe de fiação. Não poderia ser naquele dia. O sol já tinha passado bastante de seu ponto mais alto, o que significava que eu precisava me vestir para o jantar; e, então, a tecelagem desconfortável, com a víbora me observando sempre que eu me mexia; e depois outra noite imóvel na cama com Lo-Melkhiin.



vinte e quatro

Pela manhã, eu não estava morta, mas, quando acordei, achei que estivesse perto disso. Mal consegui me sentar para tomar o chá. Estava fraca como um cordeiro recém-nascido. Quando trouxeram o café da manhã, o cheiro me fez vomitar tudo o que eu tinha bebido.

— Está tudo bem, sua graça — disse a criada, baixinho, enquanto me ajudava a voltar para cama. — Se deixar de tomar um dia, ainda vai funcionar.

— Não estou me sentindo bem.

O mundo estava girando à minha volta, e eu não conseguia fazê-lo parar.

— Você está muito pálida — disse ela. — Vou pegar uma compressa fria, chamar o curandeiro e avisar o cozinheiro. Ele não gosta quando vomitamos. Diz que é o primeiro sinal de que pegamos muito sol.

Quando ela falou isso, pareceu sincera. Eu já tinha visto homens passarem mal por causa do sol quando trabalhavam muito tempo expostos ao calor do dia ou se não se hidratavam o suficiente. No entanto, sabia que isso não poderia ser a causa do meu mal-estar. Eu não tinha passado tanto tempo ao sol. Mas a criada deixara o quarto antes que eu pudesse lhe dizer isso, então esperei na cama, torcendo para minha cabeça não rachar ao meio até ela voltar.

Cochilei e, quando sonhei, vi um leão. O animal bebia em um oásis no frescor da manhã. Sabia que era o oásis do mapa de Lo-Melkhiin. Ele o examinara com atenção, planejando todos os detalhes da caçada. Por um momento, eu achara que ele estivesse escolhendo onde encontrar sua próxima noiva, mas não deveria me iludir: ele não se importava com o lugar de onde vínhamos.

Não havia tendas nesse oásis, e ficava longe de qualquer rota de comércio. Só um louco ou um homem com cavalos muito bons iria tão longe, até um oásis no meio do nada. Lo-Melkhiin não era louco, por mais fácil que fosse acreditar que era, mas ele tinha boas montarias.

O leão era velho, a juba castanho-amarelada brilhando ao sol. Suas

costas e sua cara tinham longas marcas de garras. Ele havia lutado para manter aquele oásis, expulsando ou matando leões mais jovens. Já não tinha mais bando, mas mantinha seu lar no deserto.

Lo-Melkhiin o caçava por nenhum outro motivo além de matá-lo, e ele não tinha para onde ir.

Vi os outros guardas recuarem com uma das selas vazia, onde Lo-Melkhiin os deixara para ir caçar sozinho. Antes do demônio, Lo-Melkhiin caçara apenas leões que eram uma ameaça. Aquela velha criatura já sabia bem que não devia atacar as aldeias e os oásis dos homens. E agora não viveria mais.

Enquanto eu observava, Lo-Melkhiin aproximou-se pelo lado oposto do oásis e parou próximo à água. O velho leão olhou para ele, inteligente o bastante para saber que fugir não adiantaria nada. Por um instante, pensei que Lo-Melkhiin fosse poupar o animal, mas então ele ergueu a lança em uma das mãos, e, entre uma respiração e outra, lançou-a entre os olhos dele.

O velho leão caiu de cara na água, manchando-a com seu sangue. Lo-Melkhiin pegou uma faca e assobiou para chamar os outros homens, e eu sabia que ele pretendia tirar sua pele. Eu não ia assistir a isso. Senti ânsia de novo, embora achasse que não restava mais nada em meu estômago. E então eu estava na minha cama outra vez, e a criada segurava meu cabelo enquanto eu esvaziava o estômago. Dessa vez, só saiu uma água branca. O cozinheiro olhou para mim e balançou a cabeça.

— Beba suco, sua graça — sugeriu ele. — O máximo que você conseguir.

— Por que não cuida do próprio trabalho? — disparou o curandeiro.

— Vou buscar — disse a criada, mas o cozinheiro balançou a cabeça.

Ela deveria ficar ali enquanto ainda houvesse algum homem comigo.

O curandeiro me examinou rapidamente, tocando de leve minha testa e meu pulso.

— Sua graça tomou vinho? — perguntou ele.

— Não — respondi, rouca. — Bebi água e comi o que me trouxeram.

— Você ficou muito tempo ao sol?

— Não.

— Talvez ela só esteja cansada — sugeriu a menina. — Ela passou a tarde inteira na sala de costura ontem, e as mulheres disseram que fiou sem parar por horas.

Assim que ela disse a palavra “fiou”, meu estômago se revirou novamente. Ela foi rápida, me virando e segurando meu cabelo longe da tigela. Eu não tinha mais nada para vomitar, mas apreciei seus esforços mesmo assim.

— Talvez seja isso que tenha tirado a água de seu corpo. — O curandeiro não estava completamente errado, mas não pelo motivo certo. — Você deve ficar de cama hoje, beber tudo o que aquele cozinheiro intrometido lhe trouxe e não bordar nem fiar nada.

Assenti, me sentindo péssima, e a criada colocou outra compressa fria na minha testa.

Fora o fogo cor de cobre que fizera isso — ou melhor, o fato de eu ter fiado tanto com ele. Tinha exagerado. Quando o curandeiro saiu e a criada foi buscar um pente, não consegui segurar o choro. Eu só tinha conseguido proteger uma sala. Não poderia proteger os outros locais de trabalho se aquele seria o resultado.

Mãos suaves desfizeram minhas tranças e começaram a pentear meu cabelo. Forcei-me a respirar lentamente, esperando poder dormir e descansar sem sonhar. Não queria ver nenhum leão encontrar seu fim. Nem mesmo a ideia de que eu poderia ver minha irmã me tentava a buscar um sonho. Eu só desejava a escuridão e o esquecimento.

Senti um dedo roçar minha cabeça. Era grande demais para ser da criada. Tentei me mexer antes de me lembrar das consequências, e então estremeci quando Lo-Melkhiin enrolou meu cabelo bem firme na mão.

— Saí para caçar um leão pela manhã, minha esposa. — Era o tom excessivamente cordial que eu odiava. Minha cabeça já doía, e sua mão em meu cabelo só piorou tudo. — Mas você sabe disso. Eu poderia dizer que a fera matava ovelhas de homens pobres e roubava

crianças de mulheres pobres, mas você sabe que não era o caso.

Não respondi, e ele segurou meu cabelo com mais força.

— Responda! — ordenou ele.

— Eu vi — falei, cuspiendo as palavras da maneira como uma víbora cospe veneno. — Vi você matar o velho leão, muito longe de onde ele poderia fazer algum mal.

— Bom — disse ele. — Não gosto de matar sem uma plateia.

Ele soltou meu cabelo, mas eu estava muito fraca para me afastar dele. Seria fácil para Lo-Melkhiin me matar agora, se quisesse. Ele poderia exibir meu cabelo ao lado de sua nova juba de leão. Em vez disso, ele espalhou meu cabelo sobre o travesseiro e começou a penteá-lo.

— Sua irmã fazia isso — disse ele. — Quando você era pequena.

— Sim. — Eu odiava lhe dizer a verdade, mas odiar me dava forças naquele momento. — Ela ainda faria se eu continuasse morando nas tendas de nosso pai, e eu pentearia o dela também.

— Você não fala dela há um bom tempo. Viu os mapas que estavam comigo? Eles mostram de onde vieram todas as minhas esposas.

— Eu vi. Foram muitas.

— Sim — concordou ele. — Tantas que em breve posso recomençar. Não preciso seguir a mesma ordem, sabia? Eu poderia voltar a qualquer aldeia que eu quisesse. Poderia voltar para buscar sua irmã.

— Ela estará casada até lá. — Eu faria com que aquilo se tornasse realidade, nem que precisasse morrer. — Meu pai está trazendo um homem com ele na caravana, e ela vai amá-lo.

— Então quem vai cuidar de seus mortos? — perguntou ele.

Eu mal o ouvi. Assim que contei a história para ele, minha cabeça piorou de novo. Era como o fogo cor de cobre, só que pior. Se eu fosse um poço no deserto, então estaria sendo usada há gerações e não teria mais nada a oferecer senão um restinho no fundo para qualquer um que viesse encher seus jarros de água.

A víbora atacou.

Ele soltou o pente e meu cabelo, e prendeu meus braços contra a cama. Lo-Melkhiin usava o próprio peso para me segurar, embora eu tivesse a mesma chance de escapar dele que teria de sair voando. Eu

sentia cada músculo rígido de seu corpo pressionando o meu. *Ele tem sorte de eu já ter vomitado tudo o que tinha no estômago*, pensei no canto de minha mente que não gritava, *ou estaria com o rosto todo sujo, aqui a meros centímetros de mim.*

— Você ainda não entendeu, estrela dos meus céus? — disse ele, sibilando no meu ouvido. Eu não via o rosto de um homem, mas o capelo de uma víbora. — Nós somos iguais, você e eu. É por isso que não posso matá-la, e é por isso que você não morre.

Eu não ia acreditar nele. Lo-Melkhiin não era um deus menor e eu não era um demônio. Não éramos iguais. Éramos opostos. Ele deveria saber disso.

— Você acha que estou mentindo? — perguntou ele. — Acha que não falo com os homens para que tudo saia do jeito que eu quero, assim como você faz com as mulheres? Acha que eu não poderia alcançar sua alma e tomá-la para mim, tão facilmente quanto você alcança a alma de sua irmã e a dobra segundo sua vontade?

Não! Não era isso o que eu fazia. Eu fiava e criava coisas novas. Ele forçava obras onde não havia desejo por elas, e acelerava tanto o processo que seus criadores não conseguiam controlá-las. Eu podia ter mudado o rumo da vida de minha irmã, mas não tomara a alma de ninguém.

— Você duvida de mim, mas vou provar.

Lo-Melkhiin saiu de cima de mim, a ausência de seu peso um alívio bem-vindo, mas não soltou minhas mãos, então o alívio foi apenas temporário, pois ele me puxou para me sentar à sua frente. Minha cabeça gritava e meu estômago se revirava, mas ele não hesitou. Invocou a luz fria, e eu recuei, pensando que ficaria pior do que já estava.

Em vez disso, a luz brilhou e minha mente clareou. Era como se uma bebida refrescante tivesse sido derramada na minha garganta, e água fria derramada sobre todo o meu corpo. Meu estômago se acalmou e a dor passou. Assisti, horrorizada, à luz fria lambe meus braços como fogo consumindo lenha em uma fogueira, chegando até meus cotovelos antes de voltar para as mãos de Lo-Melkhiin.

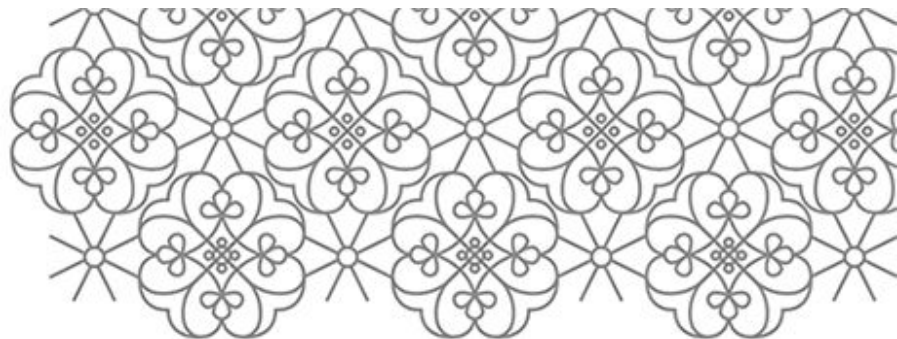
Então o fogo cor de cobre espiralou entre nós, e preendi a

respiração. Eu era como uma árvore cujas raízes secas buscavam água, e o uádi estava cheio. Segui a fonte, esperando encontrar o caminho de volta para minha irmã. Em vez disso, era como se cada uádi do deserto estivesse me alimentando. Eu queria mais e mais, e Lo-Melkhiin estava me deixando forte o bastante para conseguir. Era mais fogo do que eu usara para proteger a sala de costura. Era fogo suficiente para proteger todo o *qasr*, e ainda sobraria. Pensei na minha irmã e no marido que eu conjurara para ela. Agora ele viria, tão certo quanto o sol nasceria no dia seguinte.

Lo-Melkhiin cravou as unhas bem fundo na minha pele, fazendo surgirem pequenas crescentes de sangue. A dor me trouxe de volta para ele, e para longe de sonhos tolos com o deserto. O sorriso de víbora estava imenso agora, e ele olhava para mim com ar malicioso como se eu fosse sua para fazer o que quisesse.

Eu nunca me curvaria, jurei para mim mesma. Nunca.

— Bem, meu amor — disse ele, me oferecendo um copo de suco —, parece que vamos precisar um do outro por um pouco mais de tempo, afinal.



vinte e cinco

Depois de Lo-Melkhiin clarear minha mente com o fogo frio, ele me deixou sozinha no quarto, e eu finalmente me aventurei a sair. Passava do meio-dia, e eu estava com medo de encontrar alguém que pudesse adivinhar o que eu tinha feito, então não fui além do jardim da fonte. Sua música não me acalmou desta vez. Em vez disso, me lembrava que eu não estava no deserto; que tal coisa só poderia existir perto de Lo-Melkhiin, graças ao seu poder. A fonte cantava enquanto ninguém olhava, claro, mas era dele. Assim como eu.

Fui para a sala de banho. Àquela hora do dia, só havia uma criada, e ela cochilava perto da cesta de carvão, pronta para atizar o fogo que aqueceria a água, mas, enquanto isso, descansava. Não a acordei. Entrei na sala com o vapor quente, deixando o vestido fino para trás enquanto subia os degraus para chegar ao banco. Não era quente como o ar do deserto, que secava tudo por onde passava, mas quente como sopa — como sangue — e, à medida que respirava, eu murchava.

Deslizei para fora do banco, tentando chegar ao ar mais fresco perto da porta. Minha pele estava úmida de suor, e levei algum tempo para conseguir ficar de pé, mas tropecei nos degraus, arfando quando o ar esfriou. A criada apareceu, despertada por minha queda desajeitada. Ela me ajudou a entrar na banheira de água quente, e me trouxe uma xícara de chá fresco de hibisco.

— Sua graça, você deve ter cuidado na sauna — disse ela. — Fique mais perto da porta da próxima vez.

Assenti. Eu não tinha certeza se algum dia iria querer voltar àquela sala. A banheira em que eu estava parecia uma panela fervendo de tão quente, e aquilo era o suficiente para mim. Quando ela achou que eu já tinha aguentado bastante, me levou para uma banheira mais fria, e trouxe sabão e uma escova macia.

— Quero uma escova mais áspera — pedi.

Ela olhou para mim como uma fiandeira observa a lã, ou como um cozinheiro pesa a farinha.

— Sua graça não precisa dela — disse a criada. — Sua pele...

Eu levantei a mão, e ela se calou.

— Eu sei. Você e as outras fizeram um bom trabalho em transformar meu couro do deserto em uma pele da cidade. — Ela corou, e eu continuei: — Mas quero uma escova mais áspera.

A criada assentiu e saiu para buscá-la. Ela estava certa. Eu não precisava de uma escova áspera. Minha pele tinha perdido a aspereza do deserto, até mesmo minhas mãos, que trabalhavam pesado. Mas eu podia sentir o toque de Lo-Melkhiin, o fogo frio lambendo meus braços, e pior, o peso dele em cima de mim enquanto me segurava na cama, e queria me livrar disso.

A criada voltou com a escova, e eu a enchi de sabão. Comecei a esfregar, uma tempestade de areia na minha pele nua — não, a tempestade que endurecera os ossos do camelo —, pressionando o mais forte que podia, enquanto arrastava a escova impiedosamente. Eu não estava satisfeita em tirar só Lo-Melkhiin da minha pele. Queria que todo o *qasr*, toda a *cidade* sumisse da minha memória.

— Sua graça! — exclamou a criada, voltando com um vestido limpo.

Sem se importar com a própria roupa, ela mergulhou na banheira comigo e tentou arrancar a escova das minhas mãos. Eu lutei com ela. A garota que tinha pastoreado ovelhas e apostado corridas com a irmã pelas areias do deserto, nossos cabelos negros voando ao vento, poderia ter vencido, mas eu estava na cidade agora, frágil, cheia de mimos, envolta em seda, e não era páreo para uma garota que carregava carvão.

Ela jogou a escova para longe da banheira para que eu não pudesse alcançá-la, e examinou meus braços, minhas costas e minha barriga. Estavam cheios de arranhões, mas não sangravam. Eu não tinha tido tempo de esfregar as pernas.

— Chega disso por hoje — disse ela, e me puxou para fora da banheira.

Eu não resisti.

Ela me levou até uma plataforma de pedra e me fez deitar. Achei que fosse estar fria contra a minha pele, mas o fogo que aquecia a

água devia tê-la aquecido também. O calor constante que irradiava da pedra me acalmou de um jeito que o vapor e a água não tinham conseguido. A criada pegou uma escova macia e um sabão com cheiro de lavanda e me lavou como se eu fosse uma criança. Ela usou uma tigela para derramar água em mim, em vez de me mandar de volta para a banheira, e esfregou meu peito depois que terminou as costas. Só quando já tinha lavado o meu corpo todo, da testa aos dedos dos pés, foi que me mandou de volta para a banheira. Eu não queria admitir, mas me sentia melhor.

— É assim que lava os doentes e idosos quando eles vêm aqui? — perguntei.

Passei as mãos preguiçosamente pela água, e apoiei a cabeça onde a pedra estava úmida.

— Não, sua graça. — Ela havia pegado um pente e se sentava atrás de mim para escovar meu cabelo. — É assim que daríamos banho na rainha, se ela permitisse.

Elas só tinham me levado até a banheira antes, mas eu sabia que, se tivessem tentado fazer isso quando estava disposta a lutar contra elas, eu não teria deixado. Levantei o queixo para poder vê-la sentada atrás de mim, penteando meu cabelo. Ela estava sorrindo.

— Foi ótimo. Obrigada.

— Não deixe de comer — orientou ela. — Ou ficará doente de novo.

Ela prendeu minha trança em um coque simples, desculpando-se por não ter nenhuma habilidade com cabelo, e me ajudou a me secar e a me vestir. Voltei ao jardim da fonte e me sentei à sombra até o sol se pôr atrás dos muros. Então, a senhora da hena me encontrou e me apressou para dentro.

— Sua graça, temos que ser rápidas — disse ela. — Que bom que já tomou banho hoje, pois não temos muito tempo.

— O que aconteceu?

Deixei que ela me levasse até um banco e a observei acender os lampiões e tirar seus potes e pincéis, colocando-os em cima de um pano.

— Uma caravana chegou e pediu uma audiência com Lo-Melkhiin

— contou ela. — Ele aceitou, e falou que sua graça deve se juntar a ele.

Deveria bancar a rainha, era o que ele queria dizer. Eu já havia passado bastante tempo aborrecida com Lo-Melkhiin. Não ia passar mais, a menos que ele me desse um bom motivo.

A senhora da hena fez seus desenhos rapidamente. Ela só marcou minha pele onde podia ser vista, em vez de traçar os símbolos secretos que eu costumava usar sob o vestido. Embora tivesse sido rápida, seu trabalho não saíra desleixado. Não dera uma única pincelada fora do lugar. No instante em que ela terminou, fui cercada por criadas que arrumaram meu cabelo e me vestiram, como se eu estivesse no meio do rebanho segurando sal e as cabras finalmente tivessem notado. Elas não tagarelaram enquanto trabalhavam, e suas mãos não tinham o conforto suave pelo qual eu passara a ansiar, mas foram eficientes e organizadas. Em pouco tempo, eu estava pronta — hena, vestido e véu — e já podia ir ao encontro do que quer que me esperasse.

Calcei sapatos tão macios que podiam ter sido fiados por aranhas. A senhora da hena me deu um beijo entre os olhos, o único lugar do meu rosto que o véu não cobria.

— Você está pronta — disse ela. — Sente-se bem apumada. Eles vão olhá-la e ver apenas um véu, até mesmo o rei. Ouça tudo e lembre-se de que, se sorrir ou franzir a testa, eles não vão vê-la. Fique em silêncio, e eles nunca saberão o que se passa em seu coração.

Ela estava certa, claro, e procurei relaxar. O véu que estava em meu rosto agora era mais pesado do que o que eu normalmente usava quando Lo-Melkhiin ia ao meu quarto. Aquele era feito de gaze e sussurros, e não servia para esconder nada. Vestida como agora, eu estava escondida de todos. Podiam olhar para mim por uma hora, admirar o elegante tecido vermelho do meu *dishdashah*, e o bordado dourado que ornava a bainha e a gola, mas nunca saberiam o que se passava na minha cabeça.

Uma criada me levou até o salão onde Lo-Melkhiin recebia seus convidados. Ele não fazia isso com muita frequência, preferindo encontrar os que desejavam falar com ele informalmente. Mas eu sabia o motivo. Ele não precisava impressionar seus súditos; todos já

tinham medo dele. Porém, meu marido tinha que tocá-los para influenciá-los, por isso evitava o salão de audiências. Quem quer que estivesse lá naquela noite, não devia ser da cidade.

Lo-Melkhiin estava de pé junto à porta, esperando por mim. Sua túnica era dourada com bordados vermelhos, combinando com a calça também vermelha. Estávamos vestidos como um par, e lembraríamos a todos que nos olhassem que ouro e sangue eram duas coisas que Lo-Melkhiin possuía em abundância.

— Estrela dos meus céus, você me deixa sem fôlego — disse ele, e estendeu o braço. Eu aceitei. — Venha, veja como é ser uma rainha.

Ele me levou até uma sala ampla e iluminada que eu nunca tinha visto durante minhas explorações no *qasr*. Uma centena de lampiões, alguns pendendo do teto alto e outros em mesas ou presos às colunas, brilhavam intensamente. Desenhos geométricos feitos de centenas de pedaços de vidro, a maioria menor do que uma unha, cintilavam nas paredes. O chão era de pedra branca, tão polida que brilhava, e os tapetes eram da mais fina seda.

Era um desperdício enorme caminhar sobre eles.

Lo-Melkhiin me levou até uma plataforma elevada, onde havia uma grande almofada. Ele me deixou ao lado dela, e uma garota surgiu para me ajudar a arrumar minha saia e garantir que meu véu ainda estivesse bem preso, e então ele também se sentou. Quando estava acomodado, acenou para o homem de pé ao lado dele, que carregava um grande cajado de madeira, maior do que o que um pastor usaria. Ao seu sinal, ele bateu a ponta do cajado no chão três vezes, cadenciadamente.

No final do corredor, as grandes portas se abriram. Havia seis homens lá, e, quando o caminho estava liberado, eles avançaram lentamente pela sala. Era difícil ver com detalhes através do véu porque eles estavam muito afastados, mas dava para notar que não eram homens da cidade. As capas eram da cor usada pelos homens que cruzavam o deserto em caravanas.

Aqueles homens iam bastante à cidade. As criadas tinham falado sobre mercados e bazares enquanto arrumavam meu cabelo. Mas não disseram que alguns comerciantes iam ao *qasr*, e certamente não

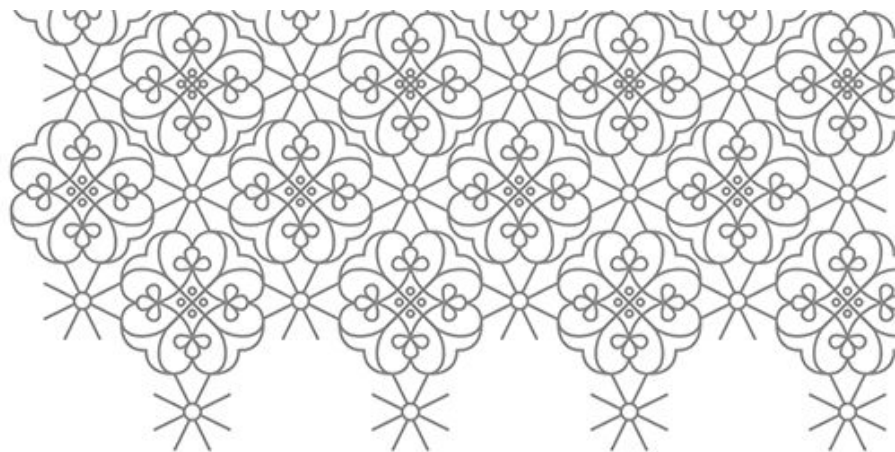
tinham falado nada sobre qualquer comerciante receber uma audiência com Lo-Melkhiin.

Pensar nele me fez olhar em sua direção. Como a senhora da hena me orientou, não saí da minha posição ereta, mas olhei por baixo do véu. O sorriso de víbora estava de volta aos lábios de meu marido, embora fosse suavizado por algo que eu não reconhecia. Talvez ele não pudesse ser totalmente cruel ali, onde falava com homens que traziam riqueza ao comércio. Talvez a mancha escura em sua mente ficasse mais forte na sala onde Lo-Melkhiin devia servir seu povo.

Quando olhei para trás, os homens da caravana estavam ajoelhados, os rostos no chão diante de nós. Suas capas me chamaram atenção de novo. Agora que estavam perto o suficiente para vê-los claramente, percebi que reconhecia os padrões nas bainhas, embora estivessem costurados com linha roxa, uma cor cara para se usar no deserto.

— Bem-vindo, mestre da caravana — cumprimentou Lo-Melkhiin.
— E bem-vindos também sejam seus filhos.

Eles levantaram os rostos do chão, e olhei nos olhos de meus irmãos e de meu pai.



Quando meu povo começou a tomar o que desejava, quando tirávamos tecelões de suas camas e ferreiros de suas forjas, eu era muito jovem para me perguntar por que aquilo era tão fácil. Os mais velhos me diziam que era porque os homens eram fracos, porque não podiam lutar contra nós. Eles viviam apenas para servir.

Mas eu não tinha tanta certeza.

Meu primeiro tecelão era velho, e não gritou quando o levei para longe de sua esposa. Coloquei uma imagem dela diante dele, mais jovem e com menos rugas em torno dos olhos, e ele tecia felizmente para mim, sem parar para comer ou beber. No final, seus dedos sangraram e mancharam o tecido, mas eu gostei do padrão, então o cortei da urdidura antes de atear fogo ao tear, com tecelão e tudo.

Meu primeiro ferreiro era velho, mas ele ainda tinha pulmões fortes e podia levantar o martelo. Ele trabalhou sem cadinho ou tenazes quando eu lhe mostrei seus filhos, ainda vivos. Na verdade, eles tinham morrido em uma tempestade de areia e o deixado sozinho com seu trabalho e a velhice. Ele já não tinha as mãos quando acabou, mas eu tinha coisas bonitas feitas de ouro.

Meu primeiro vidreiro ficou cego com o fogo que usava para vitrificar seu trabalho. Meu primeiro fiandeiro usou os ossos dos próprios dedos como fuso. E todos eles vieram até mim sem resistência, quando acharam que eu tinha algo que queriam.

Lo-Melkhiin fora meu primeiro desafio: a primeira vez que eu soube que estava certo, e meus anciãos, errados. Ele não desejava me servir, e eu achava que não era só porque ele já era um rei. Lo-Melkhiin lutou até eu lhe mostrar sua mãe, definhando nas areias quentes. Foi essa imagem, a ideia de sua morte, que o enfraqueceu o suficiente para eu tomá-lo; e então foi apenas uma questão de tempo até eu confiná-lo dentro de sua própria mente.

Depois disso, com as mãos e a voz de Lo-Melkhiin, foi fácil. Mercadores faziam de tudo para me agradar, e eu os recompensava. Homens faziam grandes obras, e sabiam que aquilo só era possível porque eu era seu

patrono. Meu exército era forte e meus cofres estavam cheios, e se eu me importasse com quem ocupava a minha cama, também ali não teria me faltado nada.

Mas não era a mim que eles serviam, e eu não podia esquecer. Eles achavam que serviam Lo-Melkhiin.

Isso me irritava. O homem que eu dominara no deserto praticamente se fora, e não passava de um espectro que me deleitava com seus gritos, e ainda assim contavam histórias sobre seu poder e sabedoria nas terras que eu governava. Eu tinha feito meu trabalho bem demais, e tão discretamente que ninguém percebera. Meu próprio povo, satisfeito em ficar no deserto, apanhando um artesanato de cada vez, não sabia das minhas realizações, e eu não tinha nada além das mãos e do nome de outro homem.

Mas ela sabia — a garota que eu tinha encontrado no deserto e tomado como esposa. Aquela que não tinha morrido. Ela sabia que eu era mais do que aparentava. Isso também me irritava — ela saber que eu não era um homem e ainda assim ficar lá sentada, tecendo, enquanto eu a observava. Ela se deitava ao meu lado à noite sem temer que eu pudesse matá-la. Isso quase me fazia querer matá-la só de raiva, mas então eu ficaria sozinho com o meu segredo.

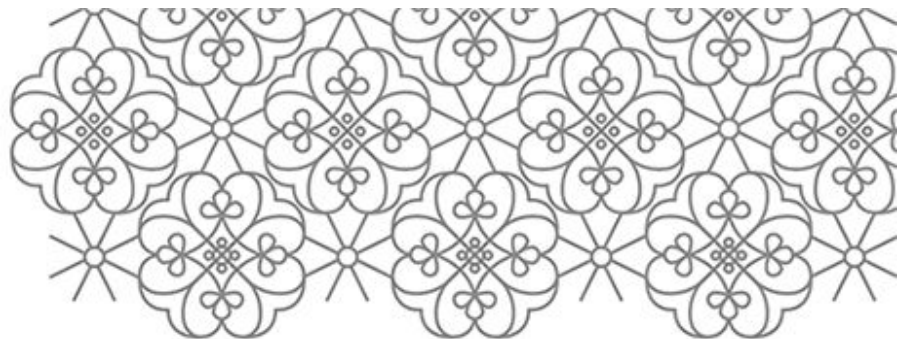
Fui até as mulheres na sala de costura, mas elas não fizeram grandes ofícios. A linha delas se emaranhou e suas tecelagens estragaram os teares em que trabalhavam. Minha esposa havia passado muito tempo com aquelas mulheres, e elas faziam parte de seu mundo, para começo de conversa: o mundo feminino. Eu tinha cometido um erro, e não o repetiria.

Eu fizera o que meu povo fazia, tomando artesãos, um a um, para roubar seu trabalho, suas mãos e seu sangue. Então, dominara um rei, e o seu reino se colocara aos meus pés. Era isso que eu tinha de fazer agora. Eu tinha que começar com ela e, quando fosse minha, traria as outras mulheres consigo.

Ela resistiria; eu sentia isso na pele de Lo-Melkhiin. Isso lhe dava esperança, o que me divertia muito. Ele sabia que essa garota iria me desafiar, e isso lhe trazia alegria. Ele ficara quase mais feliz ao ver a família dela do que ela própria. Em breve, eu iria dobrá-lo novamente. Mas, primeiro, tinha que dominá-la, e não podia influenciá-la com meu poder.

Eu tinha que fazer o que sempre fizera, o que meu povo sempre fizera sem nem perceber. Não dominávamos os homens porque eles ansiavam por nos servir. Nós os dominávamos porque eles nos seguiam até o fogo por algo que pensavam que lhes oferecíamos. Uma esposa mais jovem. Família. Riqueza. Honra. Fama. Eram sempre com essas coisas que tentávamos os homens.

E eu a tentaria da mesma forma. Eu lhe daria uma escolha que não era uma escolha, de modo que, independentemente do que decidisse, eu a dominaria, e tudo o que viesse com ela, até se esgotar. Ela não iria queimar como as outras, nem iria servir. Eu a chamara de plebeia, mas ela era melhor do que aquele seu povo que se arrastava pela areia. Chega de matar meninas. Havia encontrado minha rainha.



Eu estava feliz por ter o véu grosso, e mais feliz ainda por lembrar o conselho da senhora da hena: se eu ficasse quieta, ninguém seria capaz de dizer como eu me sentia. Mordi a língua, com força, para não gritar. Eu sentia falta de minha irmã, de minha mãe e da mãe de minha irmã, claro, mas só quando vi meu pai e meus irmãos foi que percebi o quanto sentia falta deles também. Meu pai tinha nos protegido muito depois que meu irmão mais velho fora levado pela inundação, e até a provocação dos meus irmãos era algo que me fazia lembrar de casa. Vê-los ali, de joelhos diante de nós, me encheu de alegria e medo. A ideia de que minha família estava à mercê de Lo-Melkhiin fez meu sangue gelar.

— Grande senhor, Lo-Melkhiin — cumprimentou meu pai. Sua voz era como um vento calmo na areia, e mordi a língua de novo para conter as lágrimas que enevoariam meus olhos. — Este humilde comerciante agradece por conceder uma audiência a ele e a seus filhos.

— Nobre mestre da caravana — disse Lo-Melkhiin, a voz alta e fria. — Como eu poderia não recebê-lo, dentre todos os homens da corte? Venha, aproxime-se, pai do meu coração.

Meu pai hesitou por um instante — pés experientes em um caminho familiar antes de se aventurarem em uma trilha desconhecida — e então ficou de pé e foi até onde estávamos. Lo-Melkhiin tinha colocado a mão no meu braço quando falou com meu pai, e eu não me encolhi. Olhei para o meu pai e desejei que ele pudesse ver meus olhos, e encontrar algum conforto neles.

— É verdade, então — sussurrou ele. Meu pai falava como alguém que ouvira algo inúmeras vezes, mas ainda duvidava até a verdade estar diante dele. Até eu estar diante dele. Mas ele não falava com Lo-Melkhiin, embora Lo-Melkhiin tivesse ouvido suas palavras. Ele falava com seu deus menor. — Minha filha ainda vive.

— É verdade, pai do meu coração — respondeu Lo-Melkhiin. — Sua filha é minha rainha.

Meu pai se ajoelhou novamente. Era como se suas pernas o tivessem levado até ali, mas não suportassem ir mais longe. Agora, ele estava sentado no estrado, bem à minha frente. Sem pensar, estendi a mão para ele. Ele pegou minha mão e a beijou. Senti a poeira da estrada, os pelos de sua barba e as lágrimas quentes que caíam de seus olhos.

— Aproximem-se, irmãos do meu coração — disse Lo-Melkhiin aos meus irmãos, que ainda estavam ajoelhados no mesmo lugar.

Eles vieram se sentar ao lado do meu pai e pegaram minha mão, um de cada vez. Não choraram ao me ver, mas apertaram minha mão com força, e eu sabia que era amada. Esperava desesperadamente que fôssemos autorizados a conversar, independentemente do que meu pai estivesse lá para pedir. Talvez ele apenas quisesse ver com os próprios olhos que eu estava viva. Talvez houvesse algo mais. Se ele entrasse em conferência com Lo-Melkhiin, talvez deixassem meus irmãos comigo, e eu pudesse lhes perguntar sobre minha irmã e minha mãe, e os outros nas tendas de meu pai.

— Chá! — exclamou Lo-Melkhiin, e eu vi a criada que tinha ajeitado meu véu se apressar para atendê-lo. — E traga comida também. Esses homens cruzaram as areias quentes e enfrentaram o sol escaldante para nos ver. Devemos recebê-los bem.

Almofadas e uma mesa baixa para colocar os copos e o pão foram trazidas. Cada um de meus irmãos recebeu a própria garrafa de azeite e a própria tigela de azeitonas. Antes, eles sempre haviam compartilhado.

— Pai do meu coração — disse Lo-Melkhiin, quando o chá estava frio o suficiente para tomarem e meu pai tinha comido quatro azeitonas, colocando os caroços cuidadosamente de volta na tigela —, meu coração se alegra ao vê-lo, e sei que o da minha esposa também, mas devo perguntar: o que o traz até nós?

Meu marido era um exemplo de polidez. O sorriso de víbora desaparecera. Em vez disso, ele era um leão, que examinava seu grupo como se fosse dono de todo o deserto e pudesse se dar ao luxo de ser generoso com ele. Lo-Melkhiin falava com meu pai como se tivesse ido até as nossas tendas pedir para se casar comigo, como se tivessem

barganhado um dote e tomado hidromel na festa do nosso casamento. Meu pai era muito bom comerciante para deixar transparecer seu desconforto, mas seus olhos se moviam rápido demais e o traíam.

— Vim lhe pedir um favor, Lo-Melkhiin — disse meu pai. Sua voz ainda era uma brisa, mas com um leve indício de tempestade por baixo.

— Peça-o, então, pai do meu coração — respondeu Lo-Melkhiin. — Se estiver em meu poder, e muita coisa está, atenderei seu pedido. Eu faria isso por qualquer mestre de caravana das minhas terras que trabalhasse tanto pelo povo em suas tendas, mas principalmente por você, porque sua filha se senta ao meu lado.

Meu pai curvou a cabeça ao ouvir o elogio e tomou um gole de chá. Eu já o tinha visto fazer isso enquanto ensinava meus irmãos a negociarem, mas não gostei de ver agora. Não gostava de pensar no que meu pai tinha para oferecer que pudesse interessar Lo-Melkhiin.

— Como já deve saber, grande senhor — disse meu pai —, tenho duas filhas. Uma se senta ao seu lado; a outra ainda está na tenda da mãe, embora não vá mais morar lá após a lua cheia.

Prendi a respiração. Minha irmã tinha estudado as artes sacerdotais com minha mãe e com a mãe dela. Meu pai não podia deixá-la se casar e ir para a tenda do marido. Não haveria ninguém para cuidar dos nossos mortos.

— Minha esposa, estrela dos meus céus, me contou muito sobre a irmã — disse Lo-Melkhiin.

Ele pousou a mão em meu braço e a manteve lá por um bom tempo.

Meu irmão mais velho passou um braço em torno do mais novo, que se sentava ao lado dele na mesa, e o segurou firme, como teria prendido uma cabra que tentasse se desgarrar. Sorri por trás do véu, onde ninguém podia me ver. Pelo menos alguns dos meus irmãos eram sábios o suficiente para esconder o que sentiam, e conter os outros quando poderiam ter protestado.

— Ela é muito bonita — disse meu pai a Lo-Melkhiin. — Sua mãe e a mãe de sua irmã lhe ensinaram os ofícios sacerdotais, então eu não achava que ela fosse se casar e deixar nossos lugares sagrados.

— No entanto, você diz que ela vai sair da tenda da mãe — comentou Lo-Melkhiin.

Eu poderia ter gritado, mas me agarrei ao silêncio que escondia meus sentimentos de todos os presentes. Aquele discurso cortês me deixava louca e, aliado ao clima de negociação, ficava pior ainda. Era de minha irmã que eles estavam falando, não do clima ou de um camelo. Eu queria saber, e estava sem paciência para suas palavras bonitas. Meu irmão mais velho, talvez imaginando que seu movimento tenha chamado minha atenção, olhou para mim como se pudesse ver meu rosto. Muito lentamente, ele piscou para mim. Respirei fundo, e me forcei a ficar quieta.

— É verdade, meu senhor — confirmou meu pai. — Meus filhos e eu viajamos para longe em nossa última caravana. Fomos para o norte, passando pelo deserto de areia e pelo deserto com vegetação rasteira, porque tínhamos ouvido rumores de um posto comercial perto das montanhas.

— Ouvi isso também — disse Lo-Melkhiin, apertando meu braço.

Eu me perguntei se contaria a eles como sabia.

— Fizemos bons negócios lá — continuou meu pai —, e conhecemos um viajante que quis voltar conosco. Ele trazia o próprio fardo e levava a própria água, então eu não tinha por que recusar.

Ele estava mentindo. Eu podia ver isso em seus olhos, e na forma como meus irmãos ficavam se remexendo. Não sabia dizer se Lo-Melkhiin tinha notado. O viajante podia trazer a própria bagagem e material de trabalho, mas essa não era a única razão para meu pai ter concordado em levá-lo pelo deserto.

— Quando chegamos às minhas tendas, o viajante conheceu minha outra filha — disse meu pai. — Não sou poeta para falar de amor com palavras doces, mas até mesmo eu pude ver o sol nascer em seus olhos quando seu olhar recaiu sobre ela, e os passos dela ficarem mais leves quando caminhou até ele.

— Pai do meu coração — interrompeu Lo-Melkhiin, com a voz calorosa que usava quando falava com a mãe —, o amor torna todos nós poetas.

— Eles vão se casar — afirmou meu pai. — E vão armar sua tenda

ao lado da minha, e criar seus filhos no meu uádi. Minha outra filha ainda cuidará de nossos mortos, mas agora não viverá sozinha.

Eu tinha lágrimas nos olhos novamente, e dessa vez não tentei contê-las. Não podiam reclamar por eu chorar pela felicidade de minha irmã, pois eu chegara a pensar que ela não teria ninguém além dos mortos quando envelhecesse. Agora ela teria uma família.

— Pai do meu coração, que notícias maravilhosas — disse Lo-Melkhiin. — Mas você ainda não pediu seu favor.

— Grande senhor — continuou meu pai. — Você conhece os perigos do deserto, e sabe como consigo me proteger bem deles para ter renome e sucesso. Então lhe imploro, deixe-me levar sua esposa para o casamento da irmã. Depois, vou trazê-la de volta sã e salva.

Eu não conseguia respirar. Lo-Melkhiin nunca permitiria. Ele não podia garantir que eu voltaria. Eles poderiam dizer que eu tinha morrido nas dunas, envenenada, ferida ou pelo excesso de sol. E poderiam me esconder para sempre.

— Pai do meu coração, você sabe a gravidade de tal pedido — disse Lo-Melkhiin, apertando mais meu braço. — Devo pensar na segurança de minha esposa, a estrela dos meus céus. Sei o quanto ela ama a irmã, mas o perigo é grande.

— Estamos preparados para tomar as mais cuidadosas providências — respondeu meu pai. — Trouxe meu melhor e mais confiável camelo para levá-la. O animal nunca me decepcionou. Nunca empacou na areia, nunca desobedeceu. Seus irmãos vão protegê-la, e juro a vida dela novamente ao senhor, se quiser.

Eu queria rir. Já havia atravessado o deserto uma vez, montada em um cavalo, sem nada além da minha própria força de vontade e uma pitada de sal para me manter na sela, e eles falavam de mim como se eu fosse a mais frágil flor de água doce no pior período de seca. Eu iria a pé, até mesmo rastejando, se pudesse ver minha irmã novamente.

— Pai do meu coração, estou convencido — disse Lo-Melkhiin. — Você teve que deixar sua caravana só para vir me ver, e precisou se preparar para caso eu atendesse seu pedido. Peço-lhe que me dê uma hora para conversar com minha esposa, a estrela dos meus céus, para

que possamos fazer nossos próprios planos para sua segurança.

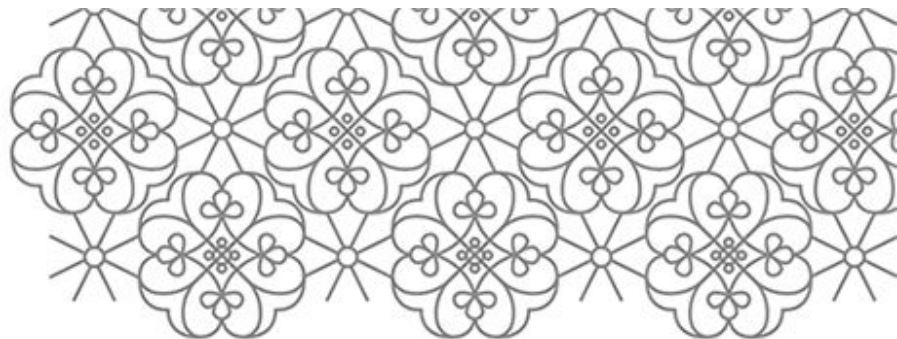
— Como quiser, grande senhor.

Meu pai se curvou sobre a mesa.

Lo-Melkhiin bateu palmas. Alguns homens, vestindo o mesmo tecido branco das criadas, embora o deles estivesse sob a forma de túnica e calça, entraram no salão.

— Estes são meu pai e meus irmãos do coração — disse Lo-Melkhiin, gesticulando grandiosamente. — Eles viajaram uma longa distância para me ver, e para ver minha esposa, que ilumina os meus dias com seu sorriso como o sol ilumina o céu do deserto. Leve-os aos jardins de hóspedes e cuidem para que nada lhes falte. Temo que suas roupas de viagem sejam muito pesadas para um jardim ao ar livre. Mostrem a eles as salas de banho e lhes deem uma roupa mais fina, para que possam apreciar ao máximo sua estadia no *qasr*.

Os homens se curvaram e esperaram meu pai e meus irmãos se levantarem. Estendi as mãos para meu pai de novo, e mais uma vez ele as beijou. Dessa vez não houve lágrimas, só a força de suas mãos nas minhas. Então eles nos deixaram, e Lo-Melkhiin arrancou meu véu.



vinte e sete

— Bem, estrela dos meus céus — disse Lo-Melkhiin. — Você vai implorar?

Eu teria me jogado aos seus pés e prometido qualquer coisa que ele desejasse, mas não achava que meu marido me obrigaria a isso. Ele queria que eu fosse, por algum motivo, ou não teria sido tão educado com meu pai. Talvez pensasse que eu não havia percebido. Talvez se esquecesse de que eu era filha de um comerciante, embora tivesse acabado de dispensar meu pai. Eu achava estranho conhecer Lo-Melkhiin tão bem.

— Não — respondi. — Se você quisesse choro e lamento, encontraria uma forma melhor de provocar isso.

Ele riu, os dentes brilhando.

— Sim, minha esposa, eu encontraria.

Ele me devolveu o véu, e fui prendê-lo no lugar. Mãos frias encontraram as minhas e assumiram o trabalho. A criada não tinha deixado o salão.

— Minha mãe vai acompanhá-la, é claro — disse Lo-Melkhiin como se a garota não estivesse lá. — Ela não sai desses muros desde que foi curada de sua doença. Acho que a viagem lhe fará bem.

— E ela vai garantir que eu voltarei.

— Não, estrela dos meus céus — disse meu marido. — Tenho uma maneira muito melhor de garantir o seu retorno.

A princípio, pensei que ele pretendia manter um de meus irmãos no palácio no meu lugar como refém, mas então soube a resposta. Claro que eu voltaria. Se o deixasse, ele se casaria novamente; sua noiva morreria, e ele estaria muito mais perto de marcar todas as aldeias em seu mapa, o que significava que poderia recomeçar. Minha irmã, casada, estaria segura, e eu ficaria escondida, mas não poderíamos esconder todas as garotas na idade para casar.

— Vá e conte aos seus irmãos, meu amor — disse ele. — Vou mandar preparar suas coisas e as de minha mãe para a viagem.

— Você vai conosco?

Se ele fosse, poderia ser desastroso. Eu duvidava que meu irmão mais velho pudesse controlar os mais jovens por tanto tempo, e nada que rastejasse na areia ou voasse no céu podia controlar minha irmã, não depois que eu a refizera. Se ele não me acompanhasse, porém, eu poderia perder meu poder e ficar doente de novo, e não haveria ninguém para me curar.

— Meu amor, eu não posso. — Lo-Melkhiin sorriu maliciosamente. — Embora fosse gostar muito de estar presente para ver seus irmãos morderem a língua enquanto tentam manter a cabeça fria. Há muito a fazer no *qasr*.

Ele saiu, e eu me levantei para voltar ao meu quarto. Não iria encontrar meu pai e meus irmãos vestida daquele jeito. Era demais para nós. No mínimo, precisava de um véu mais leve. Eles tinham vindo de muito longe, e deviam ter o direito de ver meu rosto. Eu me perdi uma vez, passando por corredores que nunca vira antes, mas acabei indo parar na cozinha, e pelo menos de lá eu sabia encontrar o caminho.

— Sua graça — chamou o cozinheiro quando passei por ele. — Gostaria de levar um barril de hidromel para sua irmã?

Eu ficava sempre impressionada com a velocidade com que as notícias corriam no *qasr*. Aparentemente, corriam mais rápido do que o vento. Eu disse ao cozinheiro que ficaria feliz em levar seu hidromel, um dos orgulhos de sua cozinha, e ele mandou um ajudante levá-lo para as garotas que arrumavam minhas coisas.

Por fim, eu estava de volta em meu quarto. Troquei de roupa rapidamente. Aquele vestido não tinha laços, apesar de toda a elegância. Sua beleza estava no bordado e na forma como o fio dourado refletia a luz. Tirei-o, e depois a calça, e fiquei apenas com o vestido fino. Perguntei-me que *dishdashah* me dariam para usar no casamento de minha irmã. Não poderia ser elegante demais. Eu não devia ofuscá-la no dia de seu casamento. Com sorte, quem estivesse arrumando minha bagagem se lembraria disso.

Achei um vestido simples, de linho azul sem nenhum bordado, e o coloquei por cima do outro. Esse ia até os pés e não precisava de calça. Coloquei os calçados mais resistentes para andar pelo jardim e

saí para encontrar meu pai.

Eles já tinham saído do banho quando os vi, e estavam sentados à sombra com um tabuleiro de gamão, embora nenhum deles estivesse jogando.

— Irmã! — gritou meu irmão mais novo quando me viu.

Ele correu e pegou meus cotovelos, levantando-me no ar e me girando enquanto beijava minhas bochechas e meu nariz. Um dos meus sapatos saiu voando em direção a um arbusto.

Meus outros irmãos se lançaram para cima de mim com carinho similar, embora, pelo menos, não tenham me tirado do chão. Meu irmão mais novo foi buscar meu sapato, e eu me equilibrei em seu ombro para tentar colocá-lo sem precisar me curvar. Então fui até onde meu pai estava, ainda sentado à sombra, e fiz uma mesura.

— Pai — falei. — Obrigada por ter pedido a Lo-Melkhiin para me deixar ir ao casamento de minha irmã. Ele tem algumas condições, mas minha bagagem já está sendo preparada para a viagem.

Meu pai ficou em silêncio, e eu o encarei. Com certeza ele queria que eu conseguisse a permissão, mesmo que não ousasse ansiar por isso. Colocou as mãos nos meus ombros e me segurou à distância de seu braço por um instante, e então, de repente, me puxou para um abraço tão apertado que pensei que fosse esmagar minhas costelas.

— Filha minha — disse ele. — Eu sinto muito.

— Pai, não havia nada que pudesse ter feito. Se estivesse na aldeia e lutasse com eles, só matariam o senhor, e meus irmãos, e me levariam de qualquer maneira. Quem, então, iria cuidar de minha mãe, de minha irmã e da mãe de minha irmã? Quem iria sair com a caravana?

— Filha minha. Você é muito sábia e gentil.

— Eu sou uma rainha aqui, mas sou o que me ensinaram — falei.

— Sou o que aprendi a ser em suas tendas.

Ele me soltou, e meus irmãos voltaram para a sombra. Sentamos, e eles me contaram sobre o noivo de minha irmã.

— Ele é pálido como a lã crua — contou meu irmão mais novo. — Dá para ver o sangue dele circulando no corpo.

— Nosso irmão mais novo é um tolo — retrucou o mais velho. —

Também posso ver minhas veias. Isso não é espantoso.

— O cabelo dele é da cor do sol, mas seus olhos são castanhos, como os nossos — disse o mais alto deles.

— Meus filhos, vocês tagarelam mais do que os corvos do deserto — disse meu pai, mas havia riso em sua voz. — Sua irmã deve estar pensando que a outra vai se casar com um fantasma. É melhor dizer que a pele dele é pálida e seu cabelo é da cor do pão azimo quando misturado ao açafrão. Mas estão certos com relação aos olhos dele, filha minha, que são castanhos como os nossos.

— Ele vem mesmo das montanhas? — perguntei. — A mãe de Lo-Melkhiin, que deve viajar comigo, é do grande deserto azul, que também fica muito longe.

— Vem, sim — disse meu irmão mais velho. — Ele trouxe consigo um metal prateado que eu nunca vi antes.

— Não falem mais sobre isso aqui, eu imploro. — Eles pareceram surpresos, então completei: — Não posso explicar por quê. Só não digam mais nada sobre o metal dentro destes muros, ou em nenhum lugar em que alguém da cidade possa ouvir.

— Até mesmo você, irmã? — perguntou o mais velho.

— Eu não sou da cidade. Lo-Melkhiin fez de mim sua rainha, mas isso não faz com que eu pertença a este lugar.

— Ele a chamou de estrela dos seus céus — disse meu irmão mais calado.

Ele não falava muito, e brincava que os outros tagarelavam o suficiente por ele, mas, quando dizia alguma coisa, até mesmo meu pai ouvia suas palavras. Eu as ouvi agora.

— Ele só fez isso porque vocês estavam presentes para ouvir.

— Ele zomba de nós — disse meu irmão mais novo. — E zomba de você.

— Silêncio! — disseram meus outros três irmãos em uníssono, e então ficaram sem falar por alguns momentos.

Eu tinha passado a maior parte do tempo em minhas visões procurando pela minha irmã. Talvez devesse ter dado uma olhada em meus irmãos também. Eles fervilhavam de raiva e impotência, como uma panela de lentilhas deixada nas brasas de uma cozinha. Eu me

perguntava o que haviam planejado enquanto estavam fora com a caravana, longe dos olhos atentos de qualquer um que sequer soubesse onde ficava o *qasr* de Lo-Melkhiin, muito menos alguém que pudesse falar com ele. Por um segundo, vi-os no deserto, negociando temperos em pacotes de tecido roxo e embalando minério desconhecido em caxemira da mesma cor.

Meus irmãos, sem dúvida, pensavam em usar o casamento de minha irmã para me resgatar. Eu esperava que meu pai fosse mais sensato, e rigoroso o suficiente para detê-los. Precisava voltar para Lo-Melkhiin, ou nunca me tornaria poderosa o suficiente para derrotá-lo. Com a mãe de Lo-Melkhiin comigo, eles não teriam como causar muito estrago, mas eu ainda temia que pudessem fazer algo precipitado.

Olhei nos olhos de meu pai, e vi que ele entendia minha preocupação, embora não soubesse por que eu tinha que voltar. Ele temia represálias aos outros que moravam em suas tendas, e eu esperava que isso fosse o suficiente para impedir a tempestade em seus olhos de crescer ainda mais. Também esperava que fosse o bastante para acalmar o ímpeto dos meus irmãos.

Uma criada entrou no jardim e pigarreou. Ela não se aproximaria mais com meus irmãos ali, então fui até ela. Seu rosto estava rosado por trás do véu. Meus irmãos eram bonitos o suficiente para chamar a atenção. Afinal, três deles já eram casados.

— Sua graça — disse ela, a voz baixa —, sua bagagem vai estar pronta quando a parte mais quente do dia tiver passado. Poderá viajar, então, se estiver tudo bem para seu pai.

— Espere um instante — falei, e voltei para onde meu pai estava sentado. — Vocês estarão descansados quando o sol se pôr atrás do muro? — perguntei-lhes. — Os camelos estarão bem?

Meu pai estreitou os olhos em direção ao céu. Ele não pensaria em consultar o relógio de água, mesmo que soubesse o que era. Eu também não tinha o costume de consultá-lo, mesmo depois de todo aquele tempo vivendo no palácio. Eu ainda calculava a hora pela posição do sol.

— Sim, filha minha — disse ele. — Estaremos prontos, e os camelos

sabem encontrar o caminho sob as estrelas.

Voltei até a criada e confirmei que estava tudo certo. Ela se curvou, lançou um olhar rápido para os meus irmãos e saiu depressa para cuidar de suas tarefas. Quando olhei de volta para eles, meus irmãos sorriam uns para os outros.

— Devo contar às suas esposas o quanto vocês apreciaram a cidade? — falei aos três mais velhos.

Eles riram, e me beijaram novamente.

Eu lhes disse que os encontraria junto aos portões quando o sol alcançasse os muros, e voltei aos meus aposentos para acompanhar enquanto as criadas terminavam de arrumar minhas coisas. Queria ter certeza de que minhas roupas não seriam exageradamente elegantes. Descobri que a senhora da hena tinha se encarregado de organizar tudo, embora não fosse exatamente sua função. Ela me mostrou o *dishdashah* que havia escolhido para a festa de casamento e para a dança. Assenti, aprovando.

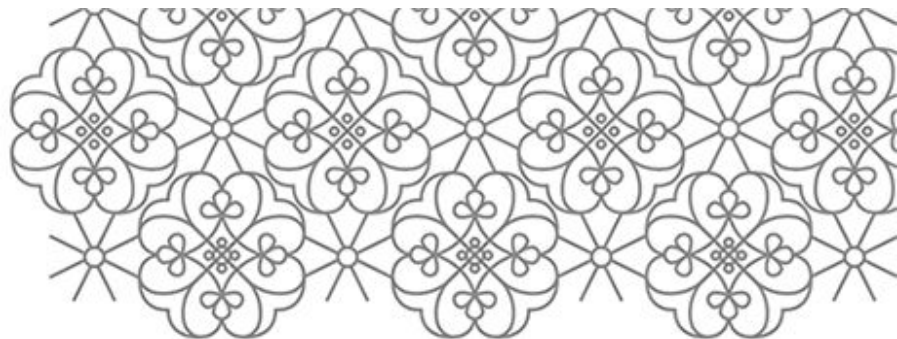
— Sua graça, sua irmã aceitaria um de seus vestidos para se casar?

— perguntou a senhora da hena.

Era uma oferta gentil, mas balancei a cabeça.

— Não, senhora — respondi. — Minha irmã vai se casar com um *dishdashah* que ela mesma costurou, assim como eu. Para dar sorte. Mas lhe agradeço a oferta generosa.

Ela se curvou e me deixou a sós para escolher os sapatos da viagem. Em pouco tempo, tudo foi despachado para ser amarrado aos camelos. Fui até o portão com a mãe de Lo-Melkhiin ao meu lado, e o deserto sussurrava boas-vindas à minha frente.



vinte e oito

Dessa vez, quando passei pela cidade, as ruas estavam cheias de pessoas que tinham ido ver a esposa de Lo-Melkhiin. Homens olhavam fixamente para os camelos de meu pai enquanto os animais avançavam devagar. Meninas pequenas balançavam pedaços de pano roxo como se fossem bandeiras. Suas mãos entrelaçavam o tecido nos dedos. Quando eu passava, elas beijavam o pano e levantavam a mão. Eu não fazia ideia de onde elas haviam conseguido o tecido. O corante roxo era o produto mais caro que meu pai negociava, e ainda assim eu via muito dele, dentro e fora do meu transe.

Meus irmãos não podiam olhar para mim, por mais surpresos que estivessem pela aclamação que eu recebia nas ruas, porque estavam muito ocupados com os camelos. Lo-Melkhiin tinha enviado presentes caros à minha irmã e seu futuro marido, mas também dera presentes ao meu pai. Eram pouco diante do que ele pagaria se tivesse negociado de forma justa o preço do dote, mas ainda assim valiam uma pequena fortuna. Havia frascos do óleo claro que queimava nos lampiões do palácio, fardos de sedas finas e fios de seda, vinho de uvas que só cresciam nas terras perto do deserto azul, e uma pele de leão. Eu não lhes contaria o preço daquilo. Todos tinham achado a pele uma maravilha, e meu irmão mais novo não parava de acariciá-la. Eu me lembrava bem demais do leão em minha visão, quando ainda estava vivo.

A mãe de Lo-Melkhiin seguia ao meu lado, sentada tão reta quanto eu no próprio camelo. Nós duas tínhamos pálios sobre nossas cabeças, e véus para cobrir nossos rostos. Ela também carregava um leque, já que não precisava usar as mãos; um garoto conduzia o camelo por ela. Eu tinha uma das mãos na corda que ia até a boca do camelo e a outra na sela, mas não precisaria de nenhum leque quando chegássemos ao vento do deserto. Eu me preocupava de que ela pudesse se aborrecer com a viagem, principalmente assim de uma hora para a outra, mas ela parecia contente e exibia um sorriso sincero no rosto enquanto balançava para a frente e para trás, no ritmo das passadas do camelo.

Lo-Melkhiin a beijara quando o deixamos, e isso sem o sorriso de víbora no rosto. Saímos pelo portão, os guardas dispostos em linhas retas, seus trajes brilhando ao sol quando passamos por eles, e seguimos em direção ao deserto.



Não podíamos atravessar as areias como os cavalos de Lo-Melkhiin fizeram no dia em que fui levada para o *qasr*, porque camelos não eram tão velozes. O passo deles era firme e laborioso. Um cavalo podia levar uma pessoa a algum lugar rapidamente, mas não conseguia carregar muita bagagem. Um camelo andava sem pressa, mas poderia carregar até a sua casa se você pedisse com jeitinho. Em vez disso, seguimos pelo caminho sinuoso do leito seco do uádi, entre os oleandros. O perfume era avassalador, mas eu sabia que não devia chegar muito perto. Havia veneno nas flores, e, embora o cheiro não fosse mortal, poderia deixar uma pessoa doente. Virei-me para dizer isso às criadas que acompanhavam a mim e à mãe de Lo-Melkhiin, mas elas continuaram sentadas nas garupas de seus camelos e não se curvaram em direção às flores.

Os camelos seguiam devagar, e o sol baixava. Meu irmão mais velho aproximou-se com água e pão, oferecendo à mãe de Lo-Melkhiin primeiro, como era apropriado, mas não interrompemos a viagem.

— Irmã — disse ele. — Vamos prosseguir durante a noite. Haverá estrelas suficientes para nos guiar. Você consegue continuar montada?

Eu sabia que sim, e ele também sabia disso. Mas também notei que se sentia desconfortável em falar com a mãe de Lo-Melkhiin. Meus irmãos podiam ter gostado da pele de leão que Lo-Melkhiin presenteara ao meu pai, mas era diferente lidar com uma mulher que usava a juba de um leão na cabeça.

— Mãe do meu coração — falei, ignorando o estremecimento do meu irmão ao ouvir a forma como me dirigi a ela —, tudo bem para você? E para o menino que guia seu camelo?

Na verdade, eu estava mais preocupada com o rapaz. Sentar em um camelo era estranho e desconfortável quando não se estava acostumado, mas não era tão cansativo quanto caminhar.

— Ele pode montar junto comigo, caso se canse — disse a mãe de Lo-Melkhiin.

O menino olhou para nós, surpreso.

— Sei bem que não devo bancar a nobre no deserto — explicou a mãe de meu marido. — O sol não se importa com quem você é quando torra sua cabeça.

— Vamos continuar — falei ao meu irmão.

Ele assentiu, e foi oferecer água às duas criadas que vinham atrás de mim.

O sol baixou mais, e o deserto assumiu um tom cordial de laranja, e depois um vermelho forte. Por fim, o sol se pôs, levando consigo todas as cores do horizonte, até só restar a areia branca sob nossos pés e um céu escuro no alto. Atrás de mim, a criada se remexia desconfortavelmente. Ela não gostou da escuridão vazia da noite no deserto. Virei-me para sorrir para ela. Eu sabia que ela não veria, mas esperava que pudesse notar o sorriso em minha voz.

— Não se preocupe. A noite do deserto demora um pouco para despertar, mas, quando acontecer, você vai pensar que nunca viu nada tão bonito.

Não havia lua ainda, mas nossos olhos estavam ofuscados pelo reflexo do sol na areia. Eu sabia que levaria alguns minutos para isso passar. Quando meus olhos finalmente clarearam, olhei para cima e não me desapontei. Tudo era tão bonito quanto eu lembrava.

A criada arquejou, e notei que ela também tinha visto. Havia estrelas na cidade, claro. Eu havia ido a uma festa para observá-las, e vira como brilhavam por lá. Mas, na maioria das noites, não saíamos, e, quando saíamos, era apenas para o jardim, onde a visão do céu ficava obscurecida pelas árvores e pelos muros. As garotas iam para cama cedo, pois se levantavam antes do nascer do sol; e se iam visitar a família na cidade, o céu era ofuscado pelo brilho das tochas e pela luz nebulosa dos lampiões.

Não havia nada disso no deserto. O céu brilhava acima de nós, com mais estrelas do que uma centena de céticos seria capaz de contar, mesmo que tivessem cem anos para isso. A glória se estendia de horizonte a horizonte, como se uma imensa tigela negra tivesse sido

virada sobre nossas cabeças, deixando as luzes das estrelas visíveis somente para nós. Concluí que aquilo sim era beleza — muito mais bonito do que todos os tecidos e bordados mais finos, mais do que toda a comida e a cerâmica bem-feita em que era servida. Aquilo era algo que Lo-Melkhiin não podia comprar, não podia copiar e não podia roubar. Senti uma grande paz ao ver tudo aquilo, e também esperança.

Sorte que o camelo em que eu andava era um animal obediente, pois confesso que não fiz nada para guiá-lo ao longo do caminho. Eu olhava para o céu, e não para o caminho à minha frente, mas o camelo era tão confiável quanto meu pai prometera ao meu marido, e não pisou em falso nem uma vez, nem mesmo quando havia pedras no fundo do leito do uádi. Ao meu lado, a mãe de Lo-Melkhiin disse ao menino para se juntar a ela depois que ele tropeçou pela terceira vez, tentando ver tanto o caminho quanto o céu. O rapaz subiu atrás dela, apoiando-se contra a sela, mas sentado na parte traseira do animal, e observava tudo boquiaberto enquanto ela assumia a rédea.

Por fim, quando a sela começava a ficar desconfortável, meu pai disse para pararmos. Desci do camelo, e teria ajudado a armar as tendas, como costumava fazer, mas a criada se aproximou com um lampião e me fez uma centena de perguntas sobre o céu. Quando respondi metade delas, o trabalho já estava feito.

— Filha minha — falou meu pai, e fui para onde ele estava, diante da tenda onde normalmente dormia. Era grande, porque meu pai a comprara na época em que minhas mães ainda viajavam com ele na caravana.

— Obrigada, pai — falei e, ao me virar, vi que a mãe de Lo-Melkhiin já estava ao meu lado.

A velha senhora que era sua acompanhante e minha criada estavam atrás dela. O menino tinha desaparecido. Nós quatro entramos na tenda. Meu pai tinha estendido tapetes para que não dormíssemos na areia, e prendera as abas laterais com pedras do uádi para que nenhuma criatura nos perturbasse à noite. A velha acendeu os lampiões, e ficamos sentadas enquanto ela e minha jovem criada arrumavam nossas camas.

— Seu pai é um homem bom — disse a mãe de Lo-Melkhiin. — Ele cuida bem de sua caravana, e é gentil com as idosas.

— Ele é sábio. Se for gentil com a mãe de um homem, então este negociará de forma justa.

— Ele acha que meu filho vai negociar de forma justa? — perguntou ela.

— Não — respondi, depois de pensar um pouco. — Talvez seja apenas uma questão de hábito.

— Ou talvez ele não julgue a mãe como julga o filho.

— É um palpite sábio, senhora mãe. Porque ele ajudou a me ensinar como agir neste mundo, e eu também não julgo mães pelos atos de seus filhos.

— Ainda assim, acho que vou gostar de sua mãe e da mãe de sua irmã, em razão das suas atitudes e de seus irmãos — disse ela.

— Espero realmente que sim — falei. — Minha mãe é uma mulher gentil, e a mãe de minha irmã também, embora eu não soubesse o quanto ela me amava até o dia em que tomei o lugar da filha dela e fui me casar com seu filho.

— É fácil amar você, filha do meu coração.

Olhei para a mãe de Lo-Melkhiin, surpresa, mas não havia nenhuma mentira em seu rosto.

— Acho que até mesmo meu filho a ama, do jeito dele.

Fiquei em silêncio por um longo momento, vendo os sacos de dormir serem desenrolados, e os travesseiros, trazidos e arrumados. O jeito que Lo-Melkhiin tinha de amar era usar e queimar. Não era como o amor entre minha mãe, a mãe de minha irmã e meu pai. Meu marido e eu podíamos trabalhar juntos, mas era um trabalho perigoso, e eu não via como isso poderia acabar bem.

— Não tenho certeza se isso significa que tenho menos motivos para temê-lo — falei, por fim. — Na verdade, talvez eu deva temê-lo ainda mais.

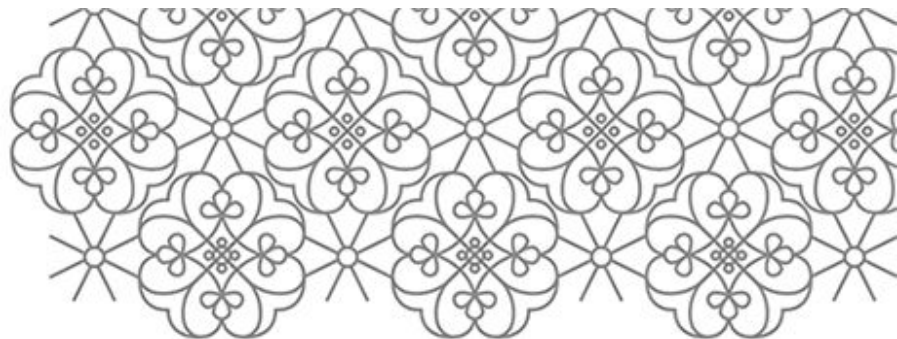
— Então você é tão sábia quanto seu pai lhe ensinou a ser — afirmou ela.

— Os camelos terão descansado em poucas horas. Não devemos desperdiçar nosso próprio descanso falando sobre o que tememos.

Ela assentiu e acenou para sua criada. A mulher se aproximou e tirou cuidadosamente a peruca de juba de leão de sua cabeça, colocando-a respeitosamente em um canto da tenda onde não iríamos chutá-la ou pisar nela, se saíssemos no escuro para pegar água. A mãe de Lo-Melkhiin tirou a túnica de viagem, deixando-a cair nos tapetes antes que a mulher pudesse pegá-la. Ela não olhou para trás ao se deitar, mas eu olhei, e vi o cuidado com que a mulher dobrou a roupa. A mãe de Lo-Melkhiin tinha criados leais, e isso me deixava feliz.

Fui para minha cama, deixando a criada tirar minha túnica de viagem antes, para eu não levar muita areia para onde iria dormir. Ela dobrou e arrumou minha túnica e a própria ao lado das camas, e desenrolou sua esteira junto à minha. Ouvi-a murmurar quando começou a fazer suas preces, e me perguntei quais seriam os deuses menores de sua família. Mas, quando rolei para o lado para lhe perguntar, vi sua túnica de viagem dobrada ao lado da minha. Enfiado no punho da manga, onde ela poderia pressionar os lábios enquanto viajava nas costas do camelo, havia um pequeno pedaço de tecido roxo.

Fui dormir e, pela primeira vez em semanas, não tive medo de que fosse morrer.



vinte e nove

Eu sabia que estava sonhando, porque estava com minha irmã, e nós costurávamos um novo vestido de noiva. Desta vez, o tecido era amarelo. Era uma cor comum, não tão cara quanto o roxo, nem tão impressionante quanto o laranja, mas uma cor que lhe caía bem. A trama era muito delicada; eu podia ver onde ela costurara e depois desmanchara os pontos, insatisfeita com a qualidade de seu trabalho.

— Meu trabalho não é o mesmo desde que você foi embora — contou ela. — Meus pontos ficam malfeitos se não tenho você comigo para me manter concentrada.

— Sinto muito, minha irmã. Não consegui pensar em nenhuma outra maneira de salvá-la.

— Você achou que eu tinha medo dele? — perguntou ela. — Você achou que Lo-Melkhiin ou seu leito conjugal me amedrontavam? Sei que assustavam você, irmã. Sei que ainda assustam.

— Você nunca temeu nada — respondi, e minhas palavras tornaram aquilo verdade. — Fosse leão, víbora ou escorpião. Mas isso não a teria salvado, se você tivesse se tornado esposa de Lo-Melkhiin.

— E o que a salvou, irmã? Por que sobreviveu a todos esses dias e noites, quando aquelas antes de você morreram?

— Se sobrevivi, irmã, foi por causa do que você tem feito por mim.

Até eu falar essas palavras, éramos apenas nós duas e o *dishdashah* na minha visão. Agora eu via o santuário que ela fizera para mim em sua tenda, os tapetes em que nos sentávamos e o lampião que nos iluminava.

— Não se esqueça disso — disse ela.

— Nunca.

Aquilo era a única coisa entre mim e meu pesadelo. Até então, eu não tomara nada; tudo tinha sido um presente.

Nós costuramos em silêncio por um tempo. Sob nossas mãos, a barra ganhava flores e vinhas se entrelaçavam nas costuras. Minha agulha era cor de bronze, um brilho fosco à luz do lampião. A agulha de minha irmã brilhava prateada enquanto puxava a linha em seu

rastro.

— Irmã — falei. — O que o homem pálido das montanhas prometeu a nosso pai para se casar com você?

Ela sorriu, o sorriso de uma leoa, que mostrava os dentes e a língua.

— Foi um preço mais alto do que se eu fosse deixar as tendas de nosso pai — disse ela. — Eu o amo, mas ele precisa aprender como é viver no deserto. Não sabe pastorear as vacas, nem mesmo as ovelhas, sem um de nossos irmãos ou uma das crianças para ajudá-lo. Não sabe quais cobras podem ser comidas e quais devem ser queimadas. Não sabe dizer o caminho que a caça vai seguir. Precisa que cuidem dele, e é por isso que o preço foi alto.

Eu não entendia por que ela o amava. Quando costuráramos o *dishdashah* roxo e colocáramos nossos segredos nele, ela me dissera que seu marido seria um homem como nosso pai, com a própria caravana, rebanho e tendas. A posição social de meu pai lhe permitiria encontrar tal pretendente, e minha irmã tinha a beleza para conquistar qualquer coração. Era desejo dela que seu marido tivesse um irmão de idade próxima, para que eu pudesse me casar com ele. Dessa forma, estaríamos sempre juntas. Eu não havia ficado tanto tempo assim longe dela para acreditar que seus sonhos tinham mudado tanto.

Minha agulha pairou no ar quando senti um arrepio. Eu dissera a Lo-Melkhiin que minha irmã se casaria com um mercador que meu pai conhecera quando estava fora com a caravana. Dissera que ele viria de longe. Dissera que ele teria o metal brilhante, como a agulha com a qual minha irmã costurava. Eu criara um homem inteiro a partir das minhas palavras, e então o levara até a minha irmã. E a fizera amá-lo.

— Irmã!

Tomei um susto e enfiei a agulha sem querer no dedo. Uma gota de sangue vermelho-vivo caiu no *dishdashah*, e vi, horrorizada, quando manchou o tecido e o bordado.

— Sinto muito — falei. — Estraguei seu vestido.

— Não, irmã. Ninguém vai ver essa mancha; é muito pequena. E a culpa foi minha por tê-la assustado, mas você não respondeu quando

eu chamei.

— É essa coisa de deusa menor — falei. — Às vezes eu me distraio.

— Se esse é o preço para mantê-la a salvo de seu marido infame, então que seja — disse ela. — Vamos, estamos quase terminando.

Voltamos a costurar em silêncio. Eu mordida o interior da bochecha para não entrar em transe novamente. Minha irmã estava errada sobre o preço de permanecer viva. Eu não o pagara; pelo menos, não da forma como ela pensava. Ela pagara mais do que eu; toda a sua vida fora redirecionada, como se uma pedra no leito do rio tivesse forçado a água a encontrar um novo caminho. Se uma pedra fosse grande o bastante, poderia mudar todo o curso do uádi. Qualquer aldeia que dependesse daquele uádi poderia acabar pela falta de água. Os poços secariam, e não haveria nada além de alguns arbustos mirrados para as ovelhas e as cabras comerem. As pessoas moveriam suas tendas de lugar, deixando para trás seus mortos; ou ficariam, morreriam e se juntariam a eles. Ela fizera de mim uma deusa menor, e eu retribuía fazendo isso com ela.

Pensei em orar para não ter causado muito estrago com as minhas ações, mas não tinha para quem orar. Nosso deus menor se fora, substituído pela nova, seu espírito por fim descansando. Eu não podia orar para mim mesma, pois não teria nenhum consolo.

A chama do lampião estava fraca quando finalizamos a costura, e então minha irmã olhou para mim.

— Irmã — disse ela. — Vejo você pela manhã.

— Você está me vendo agora — falei, antes de lembrar que era um sonho. Estendi a mão para ela, mas não toquei em nada. — Irmã! — chamei, mas ela sumira, assim como o *dishdashah*, a tenda e o lampião.

Acordei em meio à escuridão, na tenda de meu pai, tentando agarrar algo que não estava mais ali.

— Sua graça — disse a mulher que viajava com a mãe de Lo-Melkhiin.

— Estou bem — respondi, embora meu coração estivesse disparado, e minha respiração, descompassada.

— Está com sua família, sua graça — lembrou-me ela. — Está mais

segura aqui do que quando dorme no *qasr* de pedra.

— Sim. Eu sei. Foi só um sonho, nada demais. Por favor, volte a dormir. Lamento ter perturbado você.

— Está tudo bem, sua graça. Eu já não durmo muito mesmo.

Deitei-me de novo e tapei o rosto com o cabelo. Eu não sabia quanto tempo tinha dormido. Com as abas da tenda fechadas para não deixar entrar o ar frio da noite, era impossível saber a hora. Então ri, o mais silenciosamente possível. Eu tinha ficado muito dependente do relógio de vela e do relógio de água, mesmo usando o sol para me orientar sempre que podia, quando estava no *qasr*. Sem eles, e sem o céu, eu não tinha como saber a hora.

Ouvi os camelos remexendo a areia. A maioria deles teria se ajoelhado para dormir. Se estavam de pé agora, queria dizer que estavam descansados. Respirei fundo e senti o cheiro do tapete, do óleo queimado no lampião e dos perfumes que minhas companheiras de viagem usavam, mas, além desses odores, pude notar o da fogueira junto da qual devia estar a sentinela. Cheirava a brasas; eles não acrescentavam nenhum combustível já fazia algum tempo, para que nada fosse desperdiçado quando o fogo não fosse mais necessário.

Se o amanhecer não estava próximo, se aproximava a hora que meu pai desejava partir. Então decidi ficar acordada.

No sonho, minha irmã não sabia que fora eu que lhe trouxera o homem com quem se casaria. Talvez ela achasse que o poder de deusa menor fosse suficiente apenas para me manter viva. Eu não vira nenhuma falsidade em meu sonho, mas me perguntei se, quando a encontrasse no mundo real, ela perceberia o que eu havia feito. Eu não poderia suportar sua raiva e seu ódio se ela não gostasse do controle que eu exercera em sua vida, mas sabia que merecia os dois. Se ela me desprezasse, eu entenderia.

Não era só o fato de eu ter encontrado o homem pálido em meus sonhos e o guiado até meu pai, embora isso já fosse muito. Mas eu fizera minha irmã amá-lo; e ele a ela. Eu dissera a Lo-Melkhiin que minha irmã despertaria um fogo igual ao dela no homem com quem se casasse. Eu não sabia como ele ia arder, se era a escolha dela que alimentaria a chama. Eu não poderia dizer, assim como não entendia

como a determinação dela em fazer de mim uma deusa menor me transformara.

Mais uma vez, desejei poder orar, mas não havia ninguém para ouvir minhas preces; mesmo que eu pudesse dizê-las para o meu próprio santuário, temia o poder que desencadeariam. Era como se eu fosse um jarro d'água quase cheio, quando o balde saía do poço. Em vez de despejar a água em outra vasilha, ou de volta no poço, mais água era derramada em meu jarro. Eu deveria ter transbordado, derramando o líquido precioso na areia onde raízes ávidas o encontrariam, mas, em vez disso, o jarro continuava enchendo. Eu sabia que em breve iria sucumbir sob a pressão, mas com certeza a água iria transbordar. Não daria para mantê-la no jarro por muito mais tempo.

O irmão que vigiava a fogueira deu três assobios longos e altos, depois três curtos. Ao meu lado, a criada acordou, sem saber bem onde tinha dormido, e depois lembrou com um suspiro. A mãe de Lo-Melkhiin se mexeu, e a velha criada foi acender o lampião.

— Esse é o sinal para acordar — expliquei a elas. — Devemos estar prontas para viajar quando assobiarem novamente.

— Sim, sua graça — disse a garota.

Ela foi até a jarra d'água e serviu um copo para mim e outro para a mãe de Lo-Melkhiin. Quando meu pai chegou para desmontar a tenda, as esteiras tinham sido embaladas, os tapetes, enrolados, e a criada fora procurar as caixas onde devia guardar os travesseiros, lampiões e o que mais havia na tenda.

— Filha minha — disse meu pai —, vamos sair em breve, antes que o sol se erga no horizonte.

— Estaremos prontas, pai.

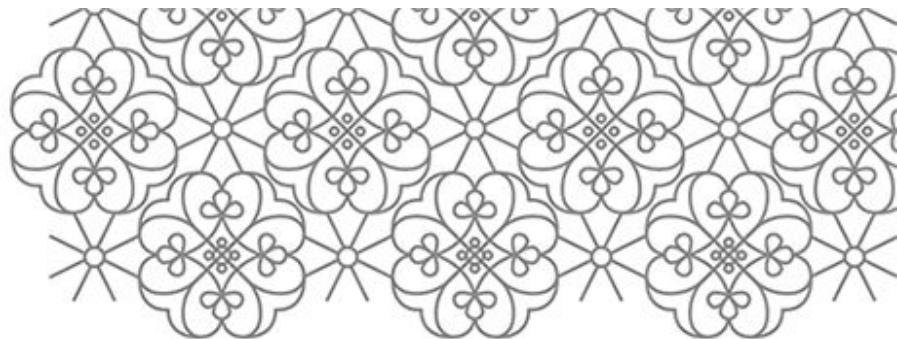
— Eu o louvo, mestre da caravana — falou a mãe de Lo-Melkhiin ao meu pai, quando ele voltava ao trabalho. Ele a encarou. A luz da manhã fazia a peruca de juba de leão brilhar. — Suas tendas são tão confortáveis quanto qualquer lugar em que eu já dormi. Meu filho estava certo em confiar sua amada esposa e sua mãe ao senhor.

— Eu que lhe agradeço, mãe do rei — retrucou meu pai, e curvou-se. — Suas palavras me honram e aliviam meu coração. Eu temia que

você não conseguisse descansar tranquilamente nas areias do deserto.

— Não é mais perigoso que qualquer outro lugar — respondeu a mãe de Lo-Melkhiin.

Meu pai assentiu, e foi desarmar a tenda. Em pouco tempo, estávamos todos montados nos camelos. Meu coração parecia leve e pesado a cada batida. Eu não sabia o que me esperava. Tudo o que eu sabia era que cada passo me levava para mais perto do lugar onde minha irmã iria se casar.



Chegamos a uma parte do uádi em que eu reconhecia cada curva e cada pedra. Conhecia a inclinação das margens, e sabia onde haveria água. Passamos por ovelhas e cabras levadas pelas crianças que cuidavam dos rebanhos até ali para beber. Elas olharam para nós, acenando para meu pai e para meus irmãos, mas ficaram em um silêncio espantado ao me ver. Isso me deixou triste — eu não tinha ido embora há tanto tempo assim para terem se esquecido de quem lhes ensinara a cuidar dos rebanhos —, mas depois lembrei quem vinha ao meu lado.

No *qasr*, a mãe de Lo-Melkhiin era imponente, com a peruca de juba de leão e a postura elegante, um emblema do palácio. No deserto, era um assombro. Os pelos da peruca ficavam dourados ao sol, refletindo a areia como se ela fosse um leão montado em um camelo, não uma mulher. O menino que vinha atrás dela, ao perceber os olhares, aprumou-se também; embora eu me perguntasse se ele teria gostado de descer e brincar com as crianças que cuidavam dos rebanhos.

De vez em quando, um de meus irmãos casados saía com seu camelo da fila e o fazia se ajoelhar. Então, uma criança — um de seus filhos — subia, e voltavam a caminhar conosco. As esposas dos meus irmãos vinham de diferentes aldeias com que meu pai negociava quando saía com a caravana, e não compartilhavam uma tenda como minha mãe e a mãe de minha irmã, mas seus filhos corriam juntos pelo deserto e, às vezes, era difícil lembrar qual era de qual dos meus irmãos.

Ainda havia muitas crianças no chão para cuidar das ovelhas e das cabras. Eu podia notar que nossos rebanhos não eram os únicos a pastarem ali. Vi a marca de meu pai em muitos flancos, mas havia pelo menos oito outros rebanhos lá. Ao que parecia, o casamento de minha irmã seria um grande acontecimento, com convidados que vinham uádi abaixo e acima, e também cruzando as areias.

Passamos pela colina rochosa com as cavernas onde enterrávamos

nossos mortos. Olhei naquela direção, um pouco receosa de ver um deus menor ciumento me encarando com raiva — a garota humilde que tinha roubado seu poder —, e o que vi quase me fez puxar as rédeas e parar meu camelo. Era tradição, quando as aldeias se reuniam, que pelo menos os membros sacerdotais de cada clã trouxessem uma pedra de seu leito do uádi para deixar no caminho que levava às cavernas. Eu esperava, dadas as marcas que contara nas ovelhas, talvez oito ou dez, com certeza não mais que uma dúzia. Em vez disso, havia tantas que era impossível contá-las. Centenas de pedras, seixos que uma criança poderia carregar e pedras do tamanho do punho de meu pai, se estendiam pelo caminho. Apenas se cada homem, mulher e criança que meu pai conhecera quando estava fora com a caravana tivesse vindo — só assim poderiam ter trazido tantas pedras. Eu não conseguia entender por que haveria tantos convidados.

Meu pai era um homem orgulhoso, mas não era nenhum tolo. Ele não fizera aquilo para tentar me impressionar, independentemente do meu novo status, e não sabia que a mãe de Lo-Melkhiin me acompanharia, então impressioná-la também não era seu objetivo. E não se preocuparia com o fato de eu poder contar a Lo-Melkhiin sobre o casamento de minha irmã, sabendo que nunca poderia alcançar o esplendor do *qasr*. O homem pálido das montanhas com quem minha irmã se casaria não tinha família por perto, e não tinha nenhuma ligação com a caravana que não fosse compartilhada por meu pai e meus irmãos, por isso não poderia ser responsável pelo aumento no número de convidados.

Chegamos às tendas antes que eu pudesse resolver aquele quebra-cabeça. Elas se estendiam a partir do uádi em ambas as direções, cuidadosamente espaçadas em torno dos poços e das latrinas, de modo que essas não contaminassem a água. Vi mais fogueiras para preparar comida do que podia contar, a fumaça de uma centena de cabras assadas enchendo o ar. Para onde quer que eu olhasse, havia mulheres preparando massa de pão ou moendo grãos para mais farinha. Crianças mais novas do que aquelas que cuidavam dos rebanhos carregavam cestas de tâmaras, figos e romãs por entre as fogueiras, seguindo a orientação de suas mães. Homens abatiam cabras e

ovelhas, enquanto outros construíam cercados para abrigar os animais trazidos pelos convidados.

Cada tenda tinha sido marcada com uma tira de tecido. Eu pensei que, como no caso das ovelhas, aquilo servia para identificar a que família uma tenda pertencia; mas então uma brisa soprou, e eu vi que todas as bandeiras eram iguais. Tecidos roxos — pedaços não muito grandes, em razão do custo — marcavam cada tenda do acampamento. Ao meu lado, a mãe de Lo-Melkhiin olhou em volta, com uma expressão preocupada no rosto. Virei para lhe perguntar qual era o problema, mas então meu camelo se ajoelhou e ouvi um grito que eu conhecia tão bem quanto meu próprio coração.

— Irmã!

E lá estava ela, correndo pela areia com o cabelo esvoaçando atrás de si como nenhuma noiva deveria fazer. Não me importei com o que a mãe de Lo-Melkhiin pensaria de nós, ou se nossas mães nos repreenderiam pelo comportamento escandaloso mais tarde. Saltei do camelo mal a barriga do animal tocou o chão. A areia queimava meus calçados finos, mas não me importei. Os braços de minha irmã estavam à minha volta, e os meus em volta dela de novo.

— Senti tanto a sua falta, minha irmã — sussurrei só para ela ouvir. — E estou feliz por ter vindo ver você.

— Irmã. Estou feliz só por vê-la viva.

As ovelhas e cabras nos rodearam, pois as crianças vieram tocá-la. Dava sorte tocar uma noiva, mas aquilo deveria ter sido mais difícil para elas; como noivas, devíamos ficar nas tendas de nossa mãe até a cerimônia. Eu não sabia se dava sorte tocar um deus menor, mas esperava que sim. As crianças esbarraram em mim ao tentar alcançá-la. Mas não havia mais como nos confundirem. Seu olhar risonho não tinha se apagado, como o meu. Seu cabelo estava solto por baixo do véu, enquanto o meu estava trançado e preso. E meu *dishdashah* era muito mais elegante que o dela, embora a qualidade do bordado fosse mais ou menos a mesma.

— Venha — disse ela, soltando-se das pequenas mãos que tentavam tocá-la. — Vou levá-la para ver sua mãe.

Eu a segui, meus pés redescobrimo a antiga habilidade de

caminhar sobre a areia quente e instável, como se eu nunca tivesse ido embora. Passávamos por uma tenda atrás da outra, todas com a bandeira roxa e com homens e mulheres que eu não conhecia. O cheiro de comida ainda era forte enquanto avançávamos, porém, outro aroma começou a tomar o seu lugar. Fogo, mas não o usado para cozinhar, queimava perto do nosso destino. Quando já estávamos bem próximas, vi um pequeno fogão construído sobre uma fogueira, e uma tigela sobre ele. Havia um homem lá, de pele pálida e cabelos da cor de açafão diluído em água, e eu sabia que era com ele que minha irmã iria se casar. Ele olhava para a tigela, esperando alguma coisa, e, embora eu não conseguisse ver por cima da borda, sabia que estava cheia do metal brilhante das montanhas, e que ele iria lhe dar forma quando pudesse ser moldado.

Minha irmã não olhou para ele pelo tempo que uma garota apaixonada o faria. Parte de mim estava feliz com isso, se significava que ela ainda me amava, mas outra parte estava preocupada. Se eu a fizera amá-lo, talvez ela só sentisse isso quando eu desejasse.

Afastei esses pensamentos quando ela me puxou para além dele em direção a uma tenda tão familiar que eu a reconheceria de olhos fechados. Minha mãe e a mãe de minha irmã esperavam ali, e as duas choraram quando me viram, afastando o véu do meu rosto para que pudessem me beijar, e me puxaram para seus braços como se nunca mais fossem me soltar.

— Mãe — falei às duas. — Mães do meu coração, senti muito sua falta.

Elas não responderam, apenas me abraçaram ainda mais forte enquanto minha irmã esperava ao lado. Quando já tinham me gravado em suas lembranças o suficiente para me soltarem, me deixaram voltar para ela, e nos sentamos no tapete como fazíamos tantas vezes, quando costurávamos segredos nos tecidos.

Minha irmã costumava sorrir nessas ocasiões, como sorria agora, e eu sabia que ela queria me contar um segredo quando nos sentamos. Antes de falar, porém, ela passou os dedos pelas minhas tranças, sentindo cada grampo que prendia o penteado.

— Posso lhe mostrar como se prende o cabelo assim, se quiser —

falei. — Aprendi como fazer, e a menina que me acompanhou pode ajudar. Você pode pegar meus grampos emprestados.

— Não quero nada de Lo-Melkhiin quando eu me casar.

Sua voz era amarga, como o fruto amarelo e duro que meu pai trouxe para casa quando levou a caravana até perto do deserto azul.

— Você terá a mim. E eu sou dele.

— Você é minha — retrucou ela. — Como eu sou sua. Nem mesmo um demônio seria capaz de nos separar.

Soube, então, que ela compartilhava, pelo menos em parte, as minhas visões; e que, quando eu visse o vestido com que ela iria se casar, haveria meus pontos ali, e meu sangue manchando a bainha.

— Irmã — falei. — Devo voltar para ele.

— Você gosta tanto assim do *qasr*? — perguntou ela.

— Não. Mas, se eu não voltar, ele vai se casar com outra garota, e ela vai morrer.

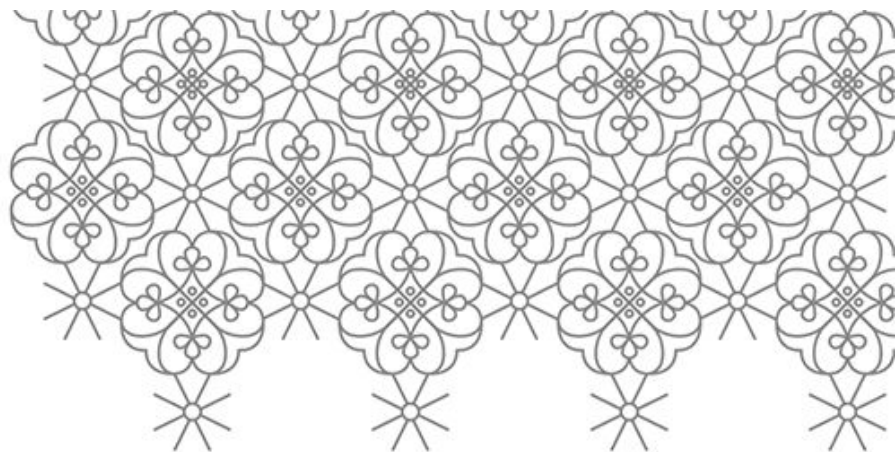
— Eu não me importo — disparou minha irmã. — Lo-Melkhiin não vai viver para se casar com outra depois disso.

Então eu vi tudo tão claramente quanto na luz do sol do deserto. Entendi por que a mãe de Lo-Melkhiin parecia preocupada antes mesmo de descer do camelo. Entendi por que os rebanhos tinham vindo até ali, e por que os homens, as mulheres e as crianças tinham deixado tantas pedras no caminho para a caverna onde enterrávamos nossos mortos. Entendi por que havia tantas cabras assadas e tantas cestas de tâmaras, que não estragariam, mesmo se fossem deixadas ao sol.

Meu pai fora ao *qasr* implorar ao meu marido que me deixasse ir ao casamento de minha irmã, mas ele mentira. A paz que eu me esforçava para manter no *qasr* corria um risco que vinha do deserto, e eu não podia impedir. Meu marido me deixara partir — inadvertidamente ou não, isso não importava. O que importava era que eu estava com a minha família, com minha irmã e minha mãe, a mãe de minha irmã e meu pai, meus irmãos e seus filhos, e cada homem, mulher e criança que meu pai já conheceria enquanto estava no deserto com a caravana. Eles podiam dançar e festejar. Podiam jogar gamão e falar das fogueiras de verões passados, mas aquilo não

era um casamento.

Era guerra.



Os humanos que rastejavam pelas areias se achavam muito inteligentes. Eles pensavam que, se escondessem bem o que faziam no deserto e tramassem seus planos longe dos muros da minha cidade, eu não saberia o que estavam planejando.

Eles estavam enganados.

Eu não precisava dos olhos e ouvidos dos homens para espionar por mim, embora tivesse muitos deles à disposição. Meu povo ainda assombrava o deserto, fazendo os homens de presas de acordo com sua vontade, embora nenhum deles tivesse chegado tão longe quanto eu. Eu me afastara deles para que não seguissem meu exemplo e tomassem meu lugar, mas agora voltava a eles. Foi meu povo que me contou o que estava acontecendo, sussurrando em minha mente, onde apenas Lo-Melkhiin poderia nos ouvir. E, como ele não podia me impedir, não me importei.

Os ratos do deserto estavam se reunindo para um casamento que não era um casamento.

Quando o pai da minha esposa me procurou, trazendo seus filhos, para me pedir um favor, eu tive uma escolha. Desejei ver seu sangue derramado aos pés dela, mais do que desejava a luz do sol e coisas bonitas. Mas se fizesse isso, ela nunca seria minha; a rebelião poderia vacilar sem eles, mas não teria morrido.

Tive que deixá-los ir, deixar todos eles partirem. Não mantive nem um refém para me entreter e mutilar, ou talvez para entregar ao meu povo enquanto os outros não retornassem. Mandeí a mãe de Lo-Melkhiin junto com eles, como seria de se esperar de um rei que enviava a esposa para o deserto. Quando foram embora, o qasr parecia vazio sem eles. Sem ela.

Não reuni meu exército. Recusava-me a usar a força dos homens para reprimir esse levante no deserto. Os homens poderiam acabar vendo quem eu realmente era. Eu poderia ter devastado suas aldeias sozinho, mas isso tomaria um tempo que não queria perder, além de boa parte do meu poder. Em vez disso, então, reuni meu povo, encontrando-me com eles na calada da noite, onde um dia já ouvira meus céticos discursarem sobre as estrelas. Eles viram como eu me tornara poderoso, e escutaram minhas

palavras com ouvidos ávidos.

Não levei muito tempo para convencê-los a se juntar a mim. Eles ansiavam por sangue, assim como eu, e não se importavam em, desta vez, terem que matar rapidamente, em vez de se demorarem com cada ferida. Haveria bastante sangue para saciá-los no fim, e poder além do que conheciam depois disso.

— Minha rainha não deve ser tocada — disse a eles. — Eu a terei por inteiro, de corpo e alma, quando o deserto estiver tingido de vermelho com o sangue de sua família.

Houve algumas reclamações a esse respeito — pelo fato de que eu teria alguém depois com que me deleitar com seu sofrimento, enquanto meu povo seria forçado a dar um fim rápido àqueles que tomassem. Deixei que resmungassem. Eles não podiam saber por que eu a queria. Não deveriam tomá-la, assim como eu tomara Lo-Melkhiin. Se fosse para alguém fazer isso, seria eu, mas esperava poder controlá-la através de outros meios.

Ficava ansioso só de pensar no que poderíamos fazer juntos. Eu podia forçar as pessoas a fazerem o que eu queria, mas tinha que estar perto o suficiente para tocá-las. Ela conseguia fazer o que queria do outro lado do deserto com a mesma facilidade com que eu estendia o braço para pegar mais pão na mesa de jantar. Eu não me interessara em aprender sobre os deuses menores quando dominara Lo-Melkhiin, mas talvez estivesse na hora de fazer Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, pensar mais sobre eles. Seu coração poderia não aguentar quando eu terminasse com ele, e essa era a razão que me fazia evitar usá-lo, dando preferência aos cétricos mais jovens — ele já era inteligente o bastante sem a minha ajuda. Mas eu arriscaria sua morte por isso. Tinha muitos outros à minha disposição.

Mas primeiro: o deserto. Eu levaria meu povo para as areias, e as deixaríamos vermelhas de sangue. Os homens não cantariam sobre a batalha que travaríamos lá. Apenas sussurrariam ao redor das fogueiras. Teriam medo de falar mais alto do que isso, pois a ira dos vencedores poderia recair sobre eles. As mulheres chorariam no deserto, sofrendo por seus maridos e filhos mortos. E se apegariam às crianças que não lutaram por serem jovens demais — isso se não as matássemos de qualquer maneira, claro. Meu povo, às vezes, era difícil de controlar.

Lo-Melkhiin se preocupava com sua mãe ao ouvir sobre nossos planos.

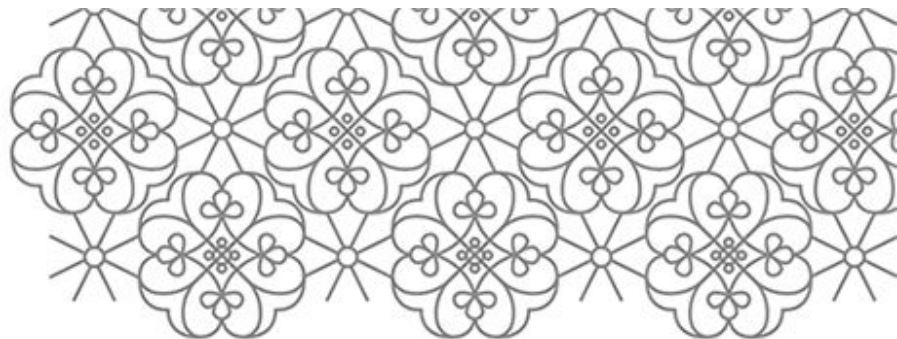
Ele sabia que eu salvaria a garota a qualquer custo, mas não acreditava que me empenharia da mesma forma para trazer a mãe dele de volta para o qasr em segurança. Impressionava-me o quanto ele parecia se importar com as duas. Um homem podia amar sua mãe e não ser julgado fraco por outros homens. A maioria deles, porém, não se dava ao luxo de amar as esposas — pelo menos não tão logo após se casarem com elas.

E ele não a amava, não exatamente. Mas sentia grande admiração. Ficara impressionado com sua coragem e relutância em mudar sua alma do deserto dentro dos muros da cidade. Ele achava o poder dela misterioso, mas não assustador como o meu. Queria poder conhecê-la melhor, como ele mesmo, sem o meu espectro entre os dois. Ele achava que ela nascera para ser rainha.

Era muito diferente de como eu a cobiçava. Eu ansiava por esfregar isso na cara de Lo-Melkhiin mais tarde: ele só a teria através de mim. Eu a tocaria com suas mãos, e usaria sua boca para beijá-la, e ela lutaria contra seu corpo com toda a sua força quando eu fizesse isso.

Agora, porém, eu tinha muito trabalho a fazer. Meu exército não era grande em número, mas em poder. Combateríamos os rebeldes com a força que conquistamos ao devorar seus ancestrais. Livraríamos o deserto de sua traição.

E, quando terminássemos, eu voltaria ao qasr com minha esposa, quisesse ela ou não.



Enquanto eu sonhava com o passado de minha irmã, via as estrelas caírem do céu e fiava linhas inúteis no *qasr* de Lo-Melkhiin, meu pai e meus irmãos tinham andado ocupados. Ao retornarem com a caravana, descobriram que eu fora embora, mas minha mãe, minha irmã e a mãe de minha irmã não os deixaram pranteiar minha perda, como seria de costume e apropriado. Eu estava viva — minha irmã tinha certeza — e, para eu continuar viva, eles precisavam voltar com os camelos para o deserto e negociar mais uma vez. Dessa vez, a cada peça de tecido, pote de mel e pacote de mirra que trocassem de mãos, eles deveriam contar o que tinha acontecido, e o que minha irmã tentava fazer.

Sei agora que meu pai não ficou de luto. Meus irmãos estavam furiosos com um rei que morava tão longe e era tão cruel. Dois deles tinham filhas. Quando voltaram ao deserto, não negociaram menos astutamente do que o normal, mas, a cada transação, falavam sobre meu casamento: como eu desviara a atenção de Lo-Melkhiin de minha irmã para mim. Meu pai contara aos homens com quem negociara sobre como eu era corajosa. Meus irmãos disseram que eu era inteligente — que fizera Lo-Melkhiin se apaixonar por mim, e era por isso que não tinha morrido.

E, onde quer que fossem, construíam um santuário, deixavam tecidos roxos, e oravam.

Em pouco tempo, viram que as mulheres vinham negociar com eles em vez dos homens. As mulheres ouviam a história do meu casamento com uma atenção que os homens não possuíam. Raramente, então, meu pai e meus irmãos tinham que construir meus santuários. Muitas vezes já haviam sido construídos, aninhados na areia ou no canto de uma tenda, ou até mesmo nas cavernas onde os mortos eram enterrados, embora eu não tivesse morrido. Eles deixavam uma tira de tecido roxo — como um presente, diziam, para a deusa menor viva que eu havia me tornado.

Bem quando estavam para voltar, quando tinham chegado ao fim

do deserto de areia e já podiam ver o deserto de vegetação rasteira e, no horizonte, as linhas azuis baixas que eram as montanhas ao norte, eles conheceram um homem pálido que carregava um metal brilhante, diferente de tudo o que já tinham visto. Eles se perguntaram se o homem estava doente, em razão da pele tão pálida. Ele usava o *keffiyeh* como uma mulher, ocultando seu rosto. Os homens só cobriam a boca e o nariz quando havia muita areia no ar ou alguma doença contagiosa.

— Se ele se expõe muito tempo ao sol, fica vermelho como uma brasa — disse minha irmã quando me contou o que tinha acontecido depois que fui levada. — Sua pele descasca, e ele diz que fica muito mal quando isso acontece. Nossos irmãos riram no começo, porque só uma mulher se preocuparia com a pele, mas ele lhes mostrou suas mãos queimadas, e eles ficaram de boca calada depois disso.

Meu pai negociou o metal brilhante; tanto quanto poderia levar. Em troca, o homem pálido ficou com mel, temperos e tintas, produtos leves que não sobrecarregariam seu camelo, e disse que, se meu pai quisesse mais metal, deveria voltar dentro de um mês. Meu pai não podia dizer como sabia que o metal seria necessário, só que o deus menor lhe revelara. Em todo caso, ele voltou ao nosso uádi com estranhas histórias para contar às minhas mães e à minha irmã, e com cestas cheias do metal brilhante em forma de facas, pontas de flecha e grampos.

Minha irmã me contou que ficou encantada pelas palavras que meu pai contara sobre o homem pálido, e pelo metal brilhante que ele trouxera. Ela implorou ao meu pai para voltar e negociar mais metal, além de trazer o homem pálido, se ele pudesse vir. Ele atendeu seu pedido e voltou ao deserto com a caravana muito antes de precisarem negociar novamente.

Onde quer que parasse para os camelos descansarem, meu pai via novos santuários construídos para mim. Havia oferendas de conserva de raiz e flores de água doce, embora o deserto ardesse em torno deles. Garotas cantavam novos hinos nos santuários, suas vozes suaves sendo carregadas pelo vento. À noite, quando se sentavam ao redor das fogueiras e teciam, elas cantavam orações em vez de canções de

trabalho; e embora meu pai não pudesse ouvi-las, sabia o que elas diziam.

Por fim, meu pai chegou de novo ao limite entre o deserto de areia e o de vegetação rasteira e encontrou o homem pálido. Dessa vez, o homem tinha dois camelos carregados de metal e minério, que poderia moldar da forma como meu pai desejasse.

— Venha comigo para as minhas tendas — sugerira meu pai. — É uma longa viagem, mas seus camelos parecem fortes, e faremos o que pudermos para protegê-lo do sol. Garanto que fará bons negócios por lá.

— Venerado mestre da caravana — dissera o homem pálido ao meu pai —, fico muito satisfeito com o convite. Há muita coisa em seu deserto que eu gostaria de ver.

E então eles seguiram viagem, meu pai refazendo os passos de volta para suas tendas. Ele mostrou o metal a todos os homens que conhecia, mas o homem pálido não desejava negociar com eles.

— Venham com a gente — dizia a eles em vez disso. — Venham e veremos o que podemos fazer.

A essa altura, corria a notícia de que o pássaro tinha atacado Lo-Melkhiin, deixando-o muito doente. Minha irmã disse que orara incessantemente para mim, para que eu o ajudasse a morrer. Não pude lhe contar que tinha feito o oposto disso, mas agora eu sabia de onde viera meu poder. Encorajava-me saber que eu não estava presa a fazer o que as orações que me deram poder pediam. Já me sentia presa o suficiente como esposa de Lo-Melkhiin. Não queria me sentir obrigada a mais nada, nem mesmo em relação aos pedidos de minha irmã.

— Outros foram atacados pelos pássaros — disse meu pai aos homens com quem negociava e às mulheres que ouviam atentamente suas palavras. — Por que Lo-Melkhiin ficou tão doente quando mais ninguém ficou?

— Os pássaros são das montanhas, assim como eu — contou-lhes o homem pálido. — Eu já os vi beber da água que vem das cavernas onde encontro meu minério. Já os vi afiarem suas grandes garras ao lado da montanha, e elas brilham mais do que os punhais que moldo.

— Será que o metal pode ter feito Lo-Melkhiin ficar doente? —

perguntou meu irmão mais calado.

Meu pai ficou em silêncio por um longo tempo.

— Se for assim... — disse o mais jovem, então. Ele era menos sábio, porém mais gentil. — Então podemos salvar nossa irmã.

As palavras não representavam a verdade quando pensei nelas, mas, no silêncio entre o que pensei e o que disse, eu as tornara reais.

— Se for assim — disse meu pai, finalmente —, então podemos salvar a todos.

Eles não podiam testar o metal contra o rei, claro, mas podiam testá-lo contra outros metais. Era muito mais resistente do que a prata. Era muito mais forte do que o cobre, embora não brilhasse tanto. Entortava o bronze, que era o que a maioria das pessoas usava para moldar armas. As flechas que os arqueiros de Lo-Melkhiin carregavam, além dos punhais e das espadas em suas cinturas, eram de bronze. Se meu pai conseguisse metal suficiente, e o homem pálido achava que trazia o suficiente com ele, então poderia fazer armas que o exército de Lo-Melkhiin não seria capaz de combater.

Então, em vez de negociar, meu pai começou a recrutar.

— Venham com a gente — dizia ele aos homens que encontravam pelo caminho. — Venham e tragam suas esposas, seus filhos e seus rebanhos. Traga-os até o meu uádi, onde estarão seguros, e vamos enfrentar Lo-Melkhiin e impedi-lo de roubar nossas filhas para morrerem como suas esposas.

Muitos dos homens que conhecíamos eram de aldeias que já tinham perdido uma filha. Mas aqueles das aldeias em que isso ainda não havia acontecido sabiam o que o futuro lhes reservava se eu morresse. Eles aderiram à causa de meu pai aos poucos, no início, mas minha irmã disse que foram suas esposas que lhes pediram para participarem. Eu não duvidava. Os homens prosperaram sob o domínio de Lo-Melkhiin, e, se isso lhes custava uma filha, não era mais do que um inverno difícil exigiria como pagamento pela sobrevivência. Mas as esposas e mães sofriam a cada perda e oravam em meus santuários para evitar outras. Elas pediram aos homens para se juntarem ao meu pai, e, depois de um tempo, eles foram.

Quando meu pai voltou às suas tendas na margem do uádi, a

caravana era tão extensa que minha irmã disse que não conseguia ver o fim. Então ela sorriu e disse que não ficou olhando por muito mais tempo porque, quando viu o homem pálido que acompanhava meus irmãos, esqueceu até que a caravana estava ali.

— Eu sabia que devia ser o homem com o metal brilhante. — Os olhos de minha irmã brilhavam de amor por ele, e me encolhi como se ela tivesse me atingido com alguma coisa. Eu a fizera sentir isso, e temia que ela me odiasse se ficasse sabendo. — Ninguém mais podia ser assim. Ele era tão pálido, que entendi por que nossos irmãos acharam que devia estar doente. Ele tinha tirado o *keffiyeh* para enxergar melhor, e me contou mais tarde que queria ver as tendas de meu pai, mas se esqueceu de olhar para elas quando me viu.

— Irmã, por que você o ama?

Ela olhou para as mãos, que estavam cobertas de hena para o casamento, e não notou minha ansiedade.

— Eu não sabia, a princípio — respondeu ela. — Eu o vi e me perguntei se o amava só porque ele era tão diferente de qualquer homem que já tinha visto.

Isso, pelo menos, soava como minha irmã. Ela sempre fora mais aventureira do que eu. Pareceu normal ela se apaixonar por um homem por achá-lo diferente.

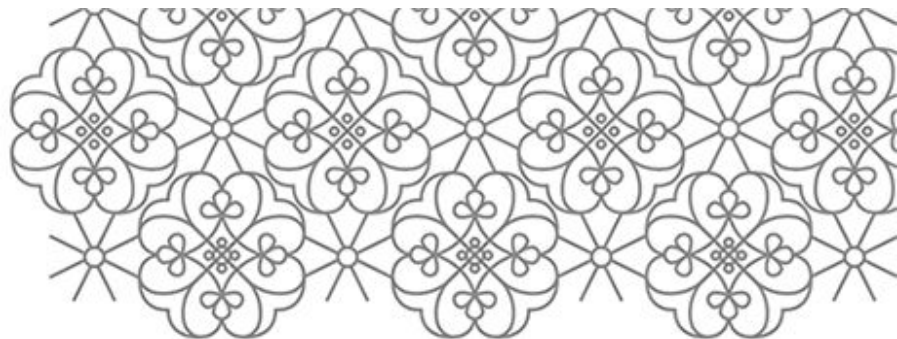
— Ele falou sobre as montanhas e o tempo que passou no deserto — disse ela —, e meu coração ficou pesado. Achei que ele quisesse voltar para sua casa no norte. Mas ele falou que queria ficar no deserto. Ele poderia voltar para conseguir mais minério para o metal brilhante, mas queria que o deserto fosse seu lar. Então fiquei muito feliz, minha irmã — continuou ela. — Porque, se eu me casasse com ele, poderia ficar aqui com minha mãe e com sua mãe, com nossos santuários e mortos. Eu não deixaria as tendas de meu pai, e meu marido não me pediria isso.

Ela não tinha respondido minha pergunta. Não me dissera que adorava seus olhos ou o som de sua voz. Não dissera que o toque dele acendia um fogo em sua pele. Então entendi: ela o amava porque ele não queria mudá-la. Se eu o fizera, ou se meu pai o encontrara, não importava. Minha irmã teria um marido que não a faria ficar sentada,

usando véu e tecendo, em sua tenda. Ele não arrumaria outra esposa, como meu pai fizera. Ela seria dele, e ele seria dela. Era por isso que minha irmã o amava, e meu coração ficou feliz ao ouvir isso.

— Venha — disse ela. — Deixe-me lhe mostrar como acabaremos com o reinado de seu marido.

Minha alegria endureceu em meu peito; e, à sua volta, ardia o fogo cor de cobre de uma centena de orações.



Meus irmãos tinham levado a mãe de Lo-Melkhiin a uma tenda e a deixado lá, com o menino, a velha senhora e três guardas do lado de fora. As abas da tenda estavam fechadas, e devia estar muito quente lá dentro, mas eu sabia que ninguém entraria para vê-la a não ser que meu pai pedisse. Quando minha irmã quis andar comigo pelo acampamento e me exhibir como uma vaca premiada, pedi-lhe para me deixar ver a mãe de meu marido em vez disso.

— Você acha que ela não contou os homens, assim como eu? — perguntei a ela. — Acha que ela já não entendeu o que este seu casamento trará? Acha que ela também não sofreu?

Minha irmã cedeu e me levou até a tenda. Os olhos dos homens nos seguiam enquanto caminhávamos, minha irmã em suas vestes sacerdotais brancas e eu com meu vestido elegante da cidade. Como havíamos mudado em tão pouco tempo.

— Aqui está a mãe de Lo-Melkhiin — disse ela quando chegamos à tenda. — Vou esperar por você aqui fora, irmã. Venha quando terminar de falar o que quer.

Assenti, e segurei a aba aberta para entrar. A tenda estava bem equipada e menos abafada do que eu temia. A mãe de Lo-Melkhiin não definharia no calor sufocante do deserto. Havia tapetes no chão e um suave perfume de incenso no ar, como se alguém tivesse pensado que ela se ofenderia com o cheiro de tantas ovelhas, cabras e homens. Alguém lhe trouxera chá e tâmaras, assim como a todos os que visitavam as tendas de meu pai, embora eu não pudesse afirmar se alguém ficara para beber com ela em sinal de boas-vindas. Mesmo não morando mais com a minha família, ainda me sentia responsável pelos seus deveres para com os hóspedes.

— Seja bem-vinda, senhora — disse a ela, curvando-me, e em seguida sentei-me à sua frente. — Bem-vinda às tendas de meu pai.

O chá tinha acabado, mas estendi a tigela de tâmaras para ela, que pegou uma. Peguei uma também e então ofereci a tigela ao menino, que se fartou como se não comesse há dias. A mãe de Lo-Melkhiin

pigarreou discretamente, e o menino se lembrou de dar pelo menos uma à velha senhora, que sorriu enquanto comia.

— Vamos discutir as tempestades do deserto? — perguntou a mãe de Lo-Melkhiin. — Ou talvez o estado dos rebanhos? Parece haver muitos deles aqui.

— Mãe do meu coração, não tenho razão para esconder as intenções de minha família, pois sei que viu com seus próprios olhos. Minha irmã vai mesmo se casar, como meu pai disse, mas também conspiram contra seu filho.

— Eles não são os primeiros — afirmou ela. — Os primeiros morreram tão rápido que seu sangue nem sequer manchou o piso de mármore do *qasr*. Por que seu pai acha que se sairá melhor?

— Ele tem muitos amigos que vão ajudá-lo. E têm um novo metal, vindo das montanhas ao norte, trazido pelo homem pálido que se casará com minha irmã.

— Ah... O mesmo metal que os cétricos do *qasr* disseram que havia nas garras do grande pássaro que atacou Lo-Melkhiin?

— O mesmo — respondi. — Há punhais feitos com ele, e flechas emplumadas que voarão certas.

— Certas o suficiente para acertar meu filho? — perguntou ela. — Certas o suficiente para matar todo o seu exército?

— Senhora mãe. Não acho que ele vá lutar com um exército de homens.

A velha criada se levantou rapidamente, agarrando o menino e o colocando em seu colo. Ele lutou, provavelmente achando que já era muito grande para esse tratamento, mas ela era muito mais forte. A senhora tapou as orelhas do garoto com as mãos para ele não nos ouvir. Ele ainda lutou por mais algum tempo, mas depois desistiu, como as cabras faziam quando percebiam que não podiam escapar de nós e que só as prendíamos para seu próprio bem. Ele se acomodou, esperando, mas ela não relaxou.

— Você acha que outros demônios apoiarão meu filho? — perguntou a mãe de Lo-Melkhiin.

— Sei que sim — respondi, embora, até dizer as palavras, eu não pudesse explicar como sabia.

Lo-Melkhiin nunca dissera diretamente que havia mais de sua espécie, mas insinuara. Ele dissera que encontraria uma maneira de levar minha irmã, e eu sabia que não poderia fazer isso sozinho, preso como estava às leis dos homens. No entanto, ele tinha tanta certeza de que conseguiria, se quisesse me ver sofrer, que eu sabia que deveria ter outros demônios à sua disposição. Eles podiam não ser tão fortes quanto Lo-Melkhiin, talvez porque morassem no deserto, mas lá no fundo eu sabia que seriam mais fortes do que meu pai e meus irmãos e todos os homens que lutariam ao lado deles.

— Não quero que meu filho morra — disse a mãe de Lo-Melkhiin.
— Ele é um bom homem.

— Ele pode ter sido, senhora mãe — respondi. — Mas o demônio tem usado seu corpo faz muito tempo, tem usado suas mãos para atos terríveis. Acha que ele ainda é um bom homem? Acha que, quando estiver livre do demônio, seu coração voltará a ser como antes?

Às vezes, alguns homens enlouqueciam com o calor do sol e batiam em seus filhos como se fossem cabras e ovelhas. Meu pai nunca tolerou esse tipo de comportamento em suas tendas, porque essas crianças, às vezes, acabavam crescendo e se tornando tão cruéis quanto os pais. Eu temia que Lo-Melkhiin, o verdadeiro, estivesse preso dentro de um monstro há tanto tempo que se tornara um monstro também. Já tínhamos um demônio como rei; eu não queria substituí-lo por outro. No entanto, eu tinha visto a mancha escura em sua mente, e sabia que não deveria temê-la. Talvez o desejo da mãe de Lo-Melkhiin não fosse algo tão impossível, mas eu queria estar muito, muito certa disso.

A mãe de Lo-Melkhiin possuía uma tira de pano roxo amarrada em torno do pulso. Eu a vi naquele momento, quando ela levantou as mãos para mim. Seu rosto estava iluminado pelos lampiões que queimavam dentro da tenda, e a peruca de juba de leão projetava uma aura dourada ao redor de seu rosto.

— Vou orar — disse ela para mim. — Não para os deuses menores da minha família, como fiz até hoje. Eles estão muito longe daqui, perto do deserto azul, e talvez estejam muito ocupados com os problemas de lá para me ouvir. Vou orar para a deusa menor que está

na minha tenda e é casada com o meu filho.

Não fiquei surpresa por ela saber. Parecia que minha irmã tinha feito um bom trabalho ao espalhar a história sobre eu ter me tornado uma deusa menor para todos que pudessem ouvir, assim como prometera no dia em que Lo-Melkhiin me levava para ser sua esposa.

— Senhora mãe, não posso lutar uma guerra.

— Filha do meu coração, você está em uma guerra desde que decidi tomar o lugar de sua irmã. Só continue lutando, e vamos ver quem vai prevalecer no final... os demônios ou os deuses menores.

Saí da tenda, e minha irmã estava me esperando. Não perguntei se tinha ouvido. Não importava. Olhei para o rosto dela e vi um brilho de esperança, um que clamava por sangue e guerra para chegar ao fim que ela desejava. Eu estava menos disposta a enfrentar mortes que não fossem a minha. Não sabia como tínhamos mudado tanto desde que eu a deixara, e ainda assim eu sabia que tinha sido responsável por aquela mudança.

Voltamos à tenda de nossas mães, e havia uma tina de água limpa lá dentro. Parei, confusa, e minha irmã riu de mim. Sua risada ainda era a mesma.

— Minha irmã — disse ela —, ainda vou me casar esta noite.

Nossas mães vieram, e nos banhamos juntas. Não era tão fácil quanto os banhos no *qasr*, mas era familiar. Dividimos a bacia de água e o sabão suave feito de cinzas e gordura de ovelha. Lavamos a espuma de nosso corpo. Minha mãe cantou para nós — as antigas canções, e não as novas que cantavam em meu nome — e, quando o ar do deserto nos secou, começamos a nos vestir.

Como dissera, minha irmã não usou nenhum de meus grampos em seu cabelo, que caía até a cintura, liso, preto e solto. Prendemos seu véu no alto da cabeça com os grampos de osso que ela usara no dia anterior. Seu *dishdashah* era amarelo, como eu tinha visto no sonho; e soube que, se procurasse, encontraria a mancha de sangue. Mas não procurei. Ela não usava sapatos, então também não calcei os meus. Eles não suportariam a dança nas areias do deserto, de qualquer maneira.

Meu vestido era azul e o mais simples possível. A criada o trouxera,

mas eu a mandara de volta para esperar com a mãe de Lo-Melkhiin e dissera que minha irmã e minhas mães eram ajuda mais do que suficiente. Também não trançei meu cabelo, deixando-o solto como fizera minha irmã. Não era apropriado que uma mulher casada usasse o cabelo solto sob o véu, mas, se algum homem tentasse me criticar, eu só o lembraria contra quem ele estava tentando travar uma guerra.

Enquanto nos vestíamos e minha mãe cantava, as palavras da mãe de Lo-Melkhiin pesavam em minha alma. Ela estava tão certa de que o filho era um bom homem... Eu já vira de relance alguns sinais disso, ou achava que tinha visto, mas não sabia se seria o suficiente para trazê-lo de volta. Se meu pai e seus homens tivessem sucesso, haveria um rei morto e ninguém para reivindicar o trono. Seria como Sokath, Aquele dos Olhos Abertos, temera — um rei morto e ninguém além de comerciantes ávidos e senhores sem grande importância para tomar seu lugar. Lutaríamos até as crianças que cuidavam das ovelhas estarem velhas, isso se não morressem guerreando entre si.

Meu vestido era muito simples, apesar de ter vindo do *qasr*, porque eu não queria ofuscar minha irmã no dia de seu casamento. Se eu pudesse pensar em uma solução tão simples quanto o vestido, seria melhor para todo mundo, mas minha mente estava cheia demais de preocupações para refletir. Quando fechei os olhos para me concentrar, vi o sangue de meu pai nas mãos de Lo-Melkhiin, e os filhos dos meus irmãos sem os pais para cuidarem deles. Havia pessoas demais ali, e muito barulho. Eu podia sentir o fogo cor de cobre queimando dentro de mim, mas não conseguia direcioná-lo. Quando tentava fiá-lo, ele se desenrolava. Quando tentava tecê-lo, ele embolava.

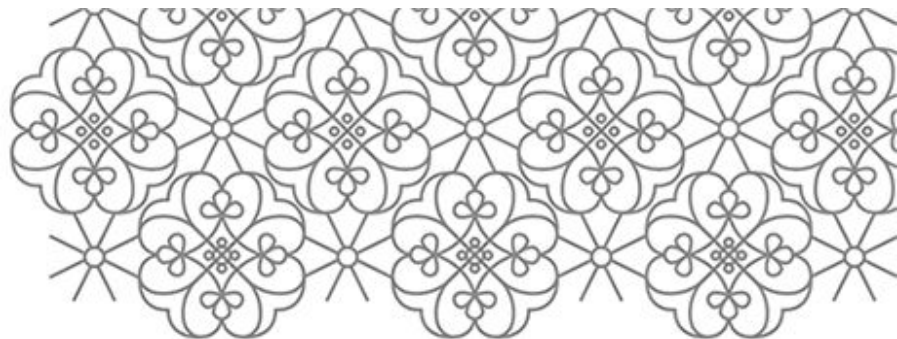
Minha mãe pintou meu rosto com kohl, e o de minha irmã também. Eu tinha que ser paciente. Tinha que esperar a cerimônia e as danças acabarem, e depois, quando a noite estivesse tranquila, eu tentaria encontrar uma forma de usar o fogo cor de cobre. Se isso me fizesse ficar doente, Lo-Melkhiin não estaria ali para me curar, mas não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso. Ao que parecia, eu tinha que fazer escolhas difíceis a cada passo, mas ainda não precisava decidir nada naquele momento.

Minha mãe me ajudou a ficar de pé e me observou por um tempo.

— Minhas filhas estão juntas novamente — disse ela para nós duas.

— E isso me deixa muito feliz.

Minha irmã sorriu, a emoção visível em seus olhos. Tentei fazer o mesmo, mas o sorriso não chegou ao meu olhar. Então rapidamente preendi meu véu, me escondendo dos olhares de todos.



trinta e três

Não me lembro das palavras ditas pelo sacerdote no casamento de minha irmã. Mas tenho certeza de que foi breve, porque o sol já estava se pondo quando minha irmã se colocou à sua frente, e ele não podia casar ninguém no escuro. Esse tipo de ritual devia ser concluído enquanto o sol ainda estava presente no céu.

O homem pálido usava uma túnica e uma calça no estilo do deserto, mas com um cinto largo de sua terra natal, que não se parecia em nada com qualquer um que pudéssemos produzir aqui. Achei que combinava com ele. O noivo de minha irmã tinha ombros mais largos do que os de meu pai e de meus irmãos, e o cinto os destacava. Ele ainda era pálido, mas, ao lado de minha irmã, não parecia que seria consumido pelo deserto até virar pó.

Quando as palavras foram ditas, e o primeiro hidromel servido, minha irmã trouxe a taça para o meu pai e sua mãe, e, em seguida, para a minha mãe. Eles beberam, e então ela trouxe a taça para mim e para cada um de nossos irmãos. Depois derramou um pouco na areia, por seu irmão levado pela inundação quando éramos pequenas, e mais um pouco para os deuses menores, embora parecesse desvirtuar seus gestos sagrados ao piscar para mim. Em seguida, a taça deveria ser passada para a família do homem pálido, mas, como ele não tinha nenhuma ali, minha irmã a entregou ao sacerdote, que bebeu até esvaziá-la.

Então meu pai bateu palmas, e as mulheres trouxeram a cabra assada e as cestas com figos doces e tâmaras. Havia cestas de pães e potes de mel. Todos fingiam não notar que as crianças só comiam os doces, mas, quando meu irmão mais novo tentou fazer o mesmo, riram dele. Era uma festa alegre, mas eu não conseguia esquecer o exército no meio do qual estava sentada.

— Irmã, esfrie a cabeça. — Os olhos de minha irmã brilhavam, e seu rosto irradiava alegria. — Temos muitas sentinelas e muitos guardas. Saberíamos se Lo-Melkhiin fosse nos atacar esta noite.

Eu não lhe disse que não tinha tanta certeza. Ela poderia não

acreditar em mim, e, mesmo que acreditasse, não poderia ajudar. Lembrei-me de que estava de véu e que, se desejasse, ninguém saberia a expressão em meu rosto. Eu só tinha que cuidar para que meu corpo parecesse o de uma garota feliz no casamento da irmã. Olhei por cima da fogueira para onde a mãe de Lo-Melkhiin estava sentada. Se ela podia fazer isso, sabendo o que sabia, então eu também podia.

Trouxeram um tambor e algumas flautas, e meu pai se levantou para começar a dançar. Meus irmãos se juntaram a ele, e andavam para cima e para baixo por entre as pessoas sentadas, comendo. Eu conhecia bem seus passos, as danças que minha família fazia para acolher um novo membro. Já tinha visto meu pai dançar nos casamentos dos meus irmãos, e no nascimento de cada criança. Depois de darem uma volta completa, meu irmão mais velho puxou o homem pálido para se juntar a eles. Seus passos não eram perfeitos, mas ele fez um excelente trabalho tentando imitá-los, e nós aplaudíamos e comemorávamos de onde estávamos sentados.

Quando terminaram, os tambores começaram a bater mais rápido. Desta vez, todos os homens, desde o mais idoso ao mais jovem, se levantaram e dançaram. Esses passos eram mais simples, não específicos de nenhuma família, mas sim compartilhados por todos aqueles que encontravam seu lar junto a um uádi. Aquela era a dança dos homens do deserto, aqueles que eram fortes o bastante para morarem ali, aqueles que não temiam o sol inclemente. Senti um calafrio ao assisti-los, embora não tenha parado de bater palmas e comemorar. Eu sabia que, se lutassem com Lo-Melkhiin, muitos deles morreriam.

Os homens dançaram até todas as estrelas ocuparem o céu e a lua iluminar o horizonte. Então voltaram a se sentar e a atacar o banquete como se não estivessem enchendo a barriga havia menos de meia hora. Havia hidromel e água fresca do poço, e eles riam enquanto bebiam.

Minha mãe e a mãe de minha irmã trouxeram pandeiros feitos de cascos de tartaruga e contas de cobre, e os sacudiram ao se sentarem. Os homens riram quando minha irmã pegou um deles e jogou o outro para mim. Ela deveria tê-lo dado a uma das esposas de meus irmãos,

mas imaginei que ninguém ali me considerava casada por muito mais tempo. A mãe de Lo-Melkhiin não protestou. Ela só pareceu um pouco triste quando me levantei para ficar ao lado de minha irmã.

Só tínhamos feito essa dança uma vez antes, quando nosso terceiro irmão se casou. Era a primeira vez que tínhamos idade suficiente para dançá-la, mas já a víamos muitas vezes antes, e minha mãe e a mãe de minha irmã garantiram que soubéssemos os passos antes da cerimônia. Eu sabia que minha irmã orava para mim, como deusa menor, por força do hábito, pedindo que seus grampos ficassem firmes e os laços do *dishdashah* não se soltassem. Mais uma vez, minhas orações ficaram presas na garganta, então decidi evocar o fogo cor de cobre e usá-lo para manter firmes nossos grampos e laços. No *qasr* de Lo-Melkhiin, eu pensara nessas coisas como uma armadura, a única maneira que uma mulher tinha de estar protegida. Agora, eu sabia que era verdade.

Minha irmã bateu seu pandeiro quatro vezes na palma da mão, e eu bati quatro vezes em resposta. Isso trouxe o ritmo para nossos ossos, e a dança para o nosso sangue. Batemos quatro vezes juntas, e então começamos a girar.

Andamos em um círculo largo, os pés leves na areia e os cabelos esvoaçantes sob os véus. Arrastamos os dedos dos pés nos lugares certos, desenhando a forma de uma tenda enquanto nos movíamos, e em seguida entramos no traçado para continuar a dança. Depois, as mulheres que estavam sentadas nos assistindo começaram a acompanhar o ritmo, batendo palmas.

Havia tochas ardendo ali em volta, porque só a luz dos lampiões não seria suficiente, e eu podia ver o brilho das contas de cobre quando minha irmã balançava o pandeiro. Eu imitava cada um de seus movimentos, rodopiando na areia, à medida que desenhávamos a tenda e as coisas que haveria dentro dela. Aqui ficaria o fogo em que minha irmã cozinaria, e ali ela colocaria seu tear. Quando os filhos viessem, eles dormiriam no canto, enquanto minha irmã e seu marido ficariam perto da entrada. Estendemos tapetes para evitar que a areia entrasse, e enfileiramos travesseiros pesados ao redor para que nenhuma criatura que pudesse machucar aqueles que dormiam lá

dentro conseguisse entrar.

Eu precisava me concentrar enquanto dançávamos — não para acompanhar os passos, mas para controlar o fogo cor de cobre. Não queria que nenhuma das coisas pelas quais dançávamos passassem a existir. O casamento de minha irmã já era grandioso o suficiente sem acrescentar nada de estranho, e eu temia que, se isso acontecesse, eu poderia ficar doente demais depois para conseguir conversar com qualquer um sobre o ataque. Em vez disso, mantinha o fogo enrolado dentro de mim e de meus pensamentos, separado da dança. Descobri que podia fazer os passos sem precisar pensar neles, e me concentrei ao máximo para manter o fogo contido. Os homens começaram a bater palmas também, e, com o acréscimo desse ritmo, mergulhei completamente no fogo, sem nunca errar os passos.

Eu já não dançava mais sobre a areia; ou melhor, dançava, mas também estava pairando no céu. Como um corvo do deserto, eu circulava as tendas no escuro, vendo onde as tochas queimavam e onde ofereciam cabra assada e água para os homens de guarda, mas apenas hidromel o suficiente para dar sorte. Vi a nova tenda que tinha sido armada para minha irmã e seu marido. Não era a tenda em que morariam, mas era o suficiente para eles até que pudessem escolher um lugar onde cravar as estacas. Olhei para mim mesma, dançando sem hesitação ao lado de minha irmã, e então lancei meu olhar para o deserto para ver o que vinha em nossa direção no meio da noite.

Os guardas não os teriam visto. Eu sabia disso, da mesma forma que sabia que também não poderiam impedi-los. Só havia um homem com eles, montado em um cavalo, definindo seu ritmo. Era Lo-Melkhiin. Mas aqueles que o seguiam não eram homens. Por alguma razão, os demônios que ele trazia não possuíam corpos humanos. Imaginei que devia ser porque eram mais fortes daquele jeito. Ou porque queriam tomar os corpos daqueles que encontrassem ali, como se estivessem sendo oferecidos no banquete que meu pai dava em homenagem ao casamento de minha irmã.

Senti a vibração do pandeiro e voltei ao meu corpo. A dança havia terminado. Minha irmã estava ao meu lado, apumada, embora eu soubesse que ficara tão sem fôlego quanto eu, e notei que sorrii sob o

véu.

— Está vendo, irmã? — disse ela. — Esta noite temos toda a sorte do mundo.

Mais uma vez, não respondi. Eu poderia ter lhe contado que demônios se aproximavam, mas, quando ela olhasse para o deserto, veria apenas Lo-Melkhiin em um cavalo, e ela mesma poderia tentar matá-lo. Coragem era algo que nunca lhe faltara, e eu ficava arrepiada só de pensar.

— Sim, irmã — falei, evocando o fogo cor de cobre novamente, e desejando que assim fosse. — Hoje a sorte está do nosso lado.



Minha mãe recolheu os pandeiros, e as outras mulheres se levantaram para fazer as próprias danças por onde tínhamos passado. Não peguei nenhuma mão estendida, afastando-me de todas para não me puxarem de volta para a dança. Em vez disso, fui para longe das fogueiras, para longe de todos os sons e cheiros do casamento, e segui em direção à escuridão, onde eu poderia clarear a mente e pensar.

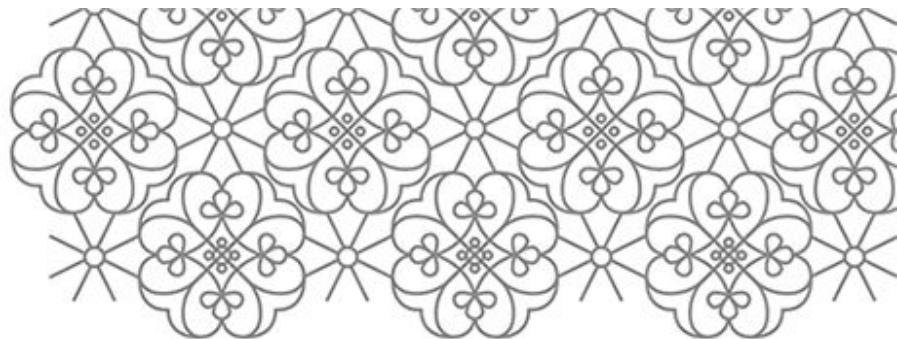
Se eu fosse até Lo-Melkhiin, talvez ele apenas me levasse de volta, satisfeito em me manter refém em seu *qasr*. Se eu levasse sua mãe comigo, teríamos uma chance ainda maior. Quando procurei por ela, porém, vi que estava sentada com quatro das mães de meus irmãos e suas esposas. Elas não a deixariam sumir de vista, mesmo que saísse comigo. Se eu fosse para o deserto, teria que ir sozinha.

Voltei à tenda de minha mãe e tirei meu *dishdashah* e véu. As vestes sacerdotais de minha irmã estavam lá, e eu as coloquei. Não temia a blasfêmia. Ela as usava quando orava por mim, como deusa menor. Eu podia usá-las agora. Prendi o véu branco e coloquei os calçados que acompanhavam o traje. Eu não levaria nenhum pedaço do santuário comigo, como minha irmã teria feito. Não precisava de uma tira do tecido roxo, ou do lampião de casca de ovo, ou de nenhuma das flores que tinham sido deixadas como oferendas. Era suficiente sozinha.

Deixei o som das danças e da comemoração para trás. Não orei nem cantei enquanto caminhava. Só evoquei o fogo cor de cobre em meu peito e o senti se desenrolar. Fios de fogo correram para cada um dos

meus dedos das mãos e dos pés. Meus olhos se iluminavam com ele, e minha audição se aguçava. Essa era toda a armadura de que eu precisava agora, ou pelo menos era o que eu esperava.

Caminhei sozinha para encontrar meu marido no deserto, onde ele cavalgava trazendo, por fim, minha ruína.



trinta e quatro

Ouvi a risada de Lo-Melkhiin, e soube que ele me via caminhar. As vestes sacerdotais brancas de minha irmã estavam limpas e brilhavam sob o luar. Não era difícil me ver. Quando ouvi sua risada, parei e esperei. Eu já tinha andado uma distância grande. Minha ruína poderia vir até mim.

— Estrela dos meus céus, você não precisava vir até aqui apenas para nos cumprimentar — disse Lo-Melkhiin quando estava próximo o suficiente para não precisar gritar.

Não havia nenhum indício de um homem bom nele. Se eu quisesse um, teria que criá-lo, como criara o homem pálido para minha irmã.

— Estamos muito felizes em ir até as tendas que seu pai armou no uádi. Queremos conhecê-los.

— Por favor — falei. — Leve-me de volta ao *qasr* e me faça sua refém. Ordene que tragam sua mãe de volta. Diga-lhes que não devem se rebelar, ou você vai me matar.

— As vidas humanas não significam nada para nós — disse um dos seres do povo de Lo-Melkhiin. — Nosso irmão não se preocupa com sua vida, mesmo que use um corpo humano e tenha se casado com você em um ritual humano.

— Meu povo fala a verdade — reiterou Lo-Melkhiin. — A não ser pelo fato de que vejo algum valor em sua vida. Vou levá-la, e ainda assim vou queimar seu pai e seus irmãos e todos que estiverem com eles até que restem apenas cinzas para se misturarem às areias do deserto.

— Por favor — pedi de novo. — Poupe-os, e lhe darei meu poder.

— Os humanos não têm poder — disse outro ser do povo de Lo-Melkhiin. — Ou pelo menos nenhum que possa se comparar ao nosso. De que outra forma poderíamos dominá-los e tirar suas vidas com tanta facilidade?

Eu podia vê-los mais claramente agora. A princípio, parecia que Lo-Melkhiin estava sentado em um cavalo cercado por uma névoa branca, como o vapor que subia das pedras nas salas de banho do *qasr* quando

se derramava água diretamente sobre elas. Agora eu enxergava figuras na névoa. Eram altos, com braços e pernas muito longos, e, embora eu não pudesse ver bem seus rostos, não gostava do pouco que via.

— Esta aqui tem poder — afirmou Lo-Melkhiin. — Mas não pode dá-lo para mim. Vocês não precisam se preocupar com ela. Se usa muito seu poder, ela fica doente, e só eu posso salvá-la.

— Por favor — falei, pela terceira vez. — Deixe-nos. Vá embora, Lo-Melkhiin, e volte com seu povo para o lugar de onde vieram.

Todos riram ao ouvir isso, o som estridente abalando meus nervos.

— Nós nunca iremos embora — respondeu Lo-Melkhiin. — Por que iríamos, quando temos tudo o que queremos aqui? Seu povo pode lutar e se levantar contra nós de vez em quando, mas somos imortais. Nós vamos esmagá-los. Podemos esmagá-los agora mesmo, se assim quisermos.

Lo-Melkhiin desceu do cavalo e andou em minha direção. Nenhum dos outros o seguiu. Ele veio até mim e segurou meus ombros. Seus dedos marcaram minha pele, mas não vacilei.

— Esposa — disse ele para mim, e somente para mim. — Esta é a única barganha que farei com você esta noite. Lute comigo, destrua meu povo aqui no deserto, e deixarei o seu em paz. Diga-lhes que a rebelião acabou, que você é minha refém e que não devem se insurgir novamente. Ajude-me a derrotar meu povo primeiro, e eu salvarei o seu.

Eu não tinha dúvidas de que, juntos, poderíamos fazer isso. Até mesmo o mais suave toque de seus dedos em minha pele despertava a força de nosso poder, e nenhum de nós dois estava realmente se esforçando. Os seres na névoa não eram inteiros. Eu sabia que meu fogo cor de cobre e a luz fria que Lo-Melkhiin tinha sob seu comando seriam o suficiente para mandá-los para longe por uma era, se nos concentrássemos. Minha família estaria segura. Eu estaria segura. Mas Lo-Melkhiin ainda teria um demônio dentro dele, e, com a ajuda de meu poder, eu estremecia só de pensar no que o demônio seria capaz de fazer.

— Como posso confiar em alguém que trai o próprio povo? — perguntei.

Eu não cederia mais às vontades de Lo-Melkhiin. Ele me dera o que eu precisava, e o casamento de minha irmã me fornecera o resto. Meu fogo cor de cobre estava mais forte ali do que jamais estivera no *qasr*, energizado pelas pessoas que dançavam em torno das fogueiras entre as tendas de meu pai.

— Como posso confiar a segurança de minha família a alguém que não se preocupa nem com a própria? Você nem sequer perguntou sobre sua mãe. Nunca vou me juntar a você.

— Muito bem, então — respondeu ele, e voltou para seu cavalo. Depois de montá-lo, virou em direção à névoa. — Minha esposa abandonou seu povo ao rejeitar minha oferta. Vão até as tendas do pai dela. Tomem o que quiserem.

Foi quando gritei, mas não pude deter a névoa, que riscou o ar para longe de nós em meio à noite, seguindo depressa para onde minha família dançava no casamento de minha irmã. Coloquei um pouco do fogo cor de cobre em meu grito, para que eles soubessem que estavam sendo atacados, mas isso não ajudou em nada. Eles não tinham como deter a névoa que puxava as crianças para as fogueiras e enterrava homens vivos na areia.

— Lo-Melkhiin! Eu imploro, marido, faça-os parar!

— Não posso — respondeu ele, a víbora em seus olhos. Sua mãe estava errada. Não sobrara nada do menino que ela amara dentro dele. — Eles estão enlouquecidos, não vê? Nada pode fazê-los parar agora. Veja seu mundo queimar, luz do meu coração. Amanhã encontraremos outro para incendiar.

Eu me afastei dele e estendi o fogo cor de cobre para todos os lugares. Lo-Melkhiin não me impediu, ou não podia me impedir, e fui até a ruína e o terror que vi entre as tendas de meu pai. Tirei meu irmão mais velho da areia. Ele tossiu, cuspiendo grãos para todo lado, e depois desmaiou. Apaguei todo fogo que encontrava, lampiões, velas, fogueiras, mas muitas crianças já tinham sido queimadas. Minha irmã estava com os braços em torno de minha mãe e de sua mãe, e a névoa se abriu ao redor delas. Eu não acreditava que elas seriam poupadas, mas depois olhei de perto e vi que as três usavam um colar feito do metal brilhante.

— Irmã! — gritei, esperando que ela me ouvisse. — O metal vai protegê-los. Distribua-o para o máximo de pessoas que puder!

Ela tinha me ouvido, pois começou a correr. Eu não podia acompanhá-la. Havia muitos outros que tinham sido queimados ou enterrados. Eu não podia salvar todos.

— Não é mesmo tão humana, afinal — disse a névoa para mim, com vozes além do que se podia contar e nenhum rosto. — Porém, também não é poderosa o suficiente para lutar contra nós. Só serve para limpar a bagunça.

Eu precisava de mais mãos, mas, mesmo com o fogo cor de cobre, tinha apenas duas. Não era justo. Havia muitos deles, e eu estava sozinha no deserto, sem nada para combatê-los. Então uma bola de madeira veio rolando até parar aos meus pés. E havia um lampião ao seu lado. E uma peça de tecido laranja com fios dourados. No alto, ouvi um grande pássaro gritar. Eu sabia que não os evocara ou encontrara, eu os criara. Eles não existiam, então os desejei, e lá estavam eles. Se eu quisesse ajuda, teria que criá-la.

Reuni todo o fogo que pude e o lancei no deserto. Os demônios não conheciam bem o deserto, apesar de viverem ali. Eles não o usavam como o meu povo. Não conheciam seus humores e seu temperamento: não sabiam que animais viviam ali e que segredos carregavam. Eu os combateria com as coisas de que debochavam, e o próprio deserto seria minhas mãos.

Encontrei os lagartos que torravam ao sol e se escondiam entre os oleandros à noite. Eles eram muito grandes, do tamanho de uma ovelha adulta. Enchi suas barrigas com meu fogo e os lancei para batalharem por mim. Eles ardiam tanto que atravessaram a névoa, queimando-a. Eu podia ouvir os gritos do povo de Lo-Melkhiin, e esse som era como a risada de minha irmã aos meus ouvidos.

Então fui até os cavalos que os comerciantes do sul tinham trazido. Os animais eram muito velozes e podiam correr na areia mesmo durante o período mais quente do dia. Eu lhes dei chifres feitos com o metal do homem pálido, e eles atacaram os corpos semiformados do povo de Lo-Melkhiin. Onde perfuravam a névoa, sangue escuro escorria na areia.

Em seguida, despertei os corvos do deserto e os evoquei de seus ninhos. Quando os seres da espécie de Lo-Melkhiin os derrubavam, eles queimavam e voavam de novo, as garras recobertas pelo mesmo metal brilhante que as de seus primos da montanha. Os pássaros cortavam a névoa, levando-a para longe do meu povo.

As cabras vieram até mim, curiosas e ávidas, e meu fogo lhes deu inteligência como se eu lhes estendesse sal. Elas criaram armadilhas para pegar a névoa em cestas, e a prendiam nas tendas. A névoa uivava de fúria, mas minhas cabras espertas apenas riam dela e aprontavam novas travessuras.

O fogo voltara a queimar fora de controle em vários lugares, como nos fornos escavados no chão e nas fogueiras. Chamei os sapos do uádi, que sempre sabiam quando as inundações estavam chegando, e os fiz carregarem água. Eles apagavam as chamas e, quando derramavam água sobre uma pele queimada, curavam.

Por fim, acordei as colmeias e trouxe as abelhas. Elas não podiam ver no escuro, então usei meu fogo cor de cobre para iluminar seu caminho. As abelhas iam até todas as pessoas que podiam encontrar, levando pequenos pedaços do metal reluzente do homem pálido, e cuidavam para que todos estivessem protegidos contra a névoa.

Minha cabeça latejava, e minha garganta estava seca. As criaturas que eu criara lutavam por mim, e eu continuava de pé na areia, chorando de dor e exaustão. Meu povo chorava suas perdas, sofrendo por aqueles que eu não conseguira salvar de serem enterrados vivos ou da fúria do fogo. Eu queria matar Lo-Melkhiin pelo que ele fizera com minha família. Finalmente compartilhava da raiva de minha irmã.

Lo-Melkhiin estava perto, e uma guerra parecia se travar em seu rosto. Seu corpo estava imóvel enquanto sua mente lutava contra si mesma. O cavalo perecera; o coração do pobre animal não resistira ao terror que vira. À nossa volta, os sons de luta começavam a diminuir. Se fôssemos alcançar a paz, seria em breve. Havia um punhal feito do metal brilhante em minha mão.

— Sua graça — disseram as abelhas. — A névoa foi capturada. Para onde devemos levá-la?

Eu só conseguia pensar em um lugar onde o povo de Lo-Melkhiin poderia ficar contido em segurança. Era tão longe que eu não tinha certeza se meu poder seria suficiente para a viagem, mas eu sabia que devia tentar, mesmo que fosse demais para mim. O punhal desapareceu. Eu havia escolhido meu destino.

— Para o norte — respondi. — Leve-os para as montanhas onde o metal brilhante brota do solo. Que ele possa prendê-los lá por todas as eras dos homens.

— Vamos, vamos! — disseram as abelhas, os corvos de fogo e os lagartos, que agora tinham asas saindo de suas barrigas em chamas.

Eles levantaram voo, e Lo-Melkhiin gritou ao vê-los partir, mas não pôde alcançá-los. Acompanhei-os até sumirem de vista, mas senti quando pousaram nas montanhas. Os seres da espécie de Lo-Melkhiin se contorciam por lá, enfraquecidos, e não conseguiam escapar.

— Estrela do meu coração. — A raiva de Lo-Melkhiin tinha passado, mas ele ainda era uma víbora. — Agora temos apenas um ao outro.

Eu não ia voltar para ele. Preferia morrer. Minha morte já não pertencia a Lo-Melkhiin; eu a encontraria ali, no deserto, na areia sob o céu estrelado. Ela nunca lhe pertenceria.

Meu fogo cor cobre estava no fim. Só havia o suficiente para mais cinco palavras, a história mais curta já contada, tecida com fios que puíam quase antes que as palavras pudessem ser ditas. Eu sabia que poderia me salvar com elas. Ou poderia salvar Lo-Melkhiin.

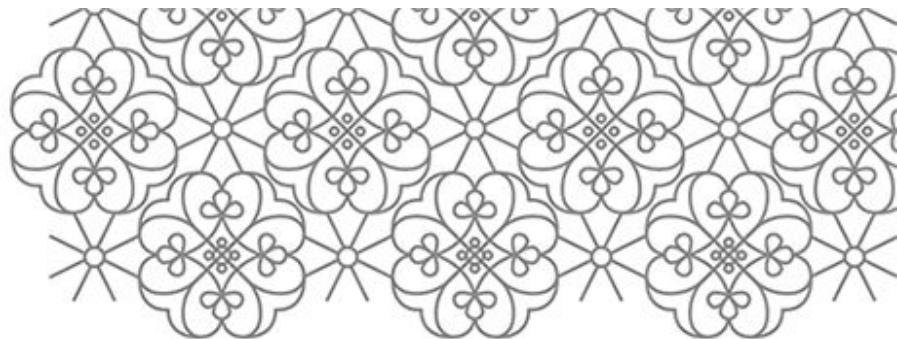
Pensei em um *qasr* sem rei. Pensei em mercadores que não se importavam com o povo do deserto. Pensei no meu pai, que merecia coisas boas, e na minha irmã, que merecia o melhor. Pensei em uma bola, em um lampião e em um vestido, todos criados a partir da minha vontade. Não importava se a mãe de Lo-Melkhiin estava errada. Eu poderia fazer com que ela estivesse certa.

Apenas mais cinco palavras, e então eu poderia dormir. Minha cabeça não latejaria mais. Minha garganta deixaria de queimar. Ficaria tudo tranquilo e silencioso. Talvez eu sonhasse com as criaturas que criara. Eu gostaria de ver em que se transformariam pela manhã, quando o sol surgisse. Os artesãos de Lo-Melkhiin tinham feito

coisas incríveis, mas eu não achava que novos animais haviam sido criados desde que o mundo surgira; e agora eu tinha inventado seis novas espécies. Eu esperava que ficassem bem depois que eu fosse embora.

Cinco palavras. Eu podia senti-las na ponta da minha língua. Haveria paz em todo o deserto, não apenas em partes dele. Não apenas para os nobres da corte de Lo-Melkhiin, mas também para o povo simples do *qasr*. Para todos nós. Na caravana de meu pai. Na tenda de minha mãe. Em todo o deserto de areia. Em cada acampamento, aldeia e distrito dentro dos muros da cidade. Eu falaria por eles. Mais cinco palavras, e estaria feito.

Lo-Melkhiin é um bom homem.



trinta e cinco

Havia um leão acima de mim quando eu acordei, um leão com rosto de mulher, então achei que ainda estivesse sonhando.

— Filha do meu coração — disse a mãe de Lo-Melkhiin. — Quero lhe agradecer.

Sentei-me. Pensei que minha cabeça fosse explodir, mas, depois de algum tempo, o chão parou de balançar e a dor me deixou. Procurei o fogo cor de cobre dentro de mim, mas ele se fora. Não restava mais nada que pudesse ser queimado.

— Irmã? — O lampião que iluminava o rosto de minha irmã emitia uma luz clara. — Irmã, você vive!

Eu estava tão surpresa quanto ela. Mas podia sentir meu coração e ouvir minha respiração. Eu enfrentara Lo-Melkhiin e sobrevivera para contar a história. Queria correr e dançar na areia, mas não tinha certeza de que minhas pernas conseguiriam me sustentar.

— Filha minha — disse meu pai. — Vamos levá-la de volta à sua tenda.

Ele se curvou para me carregar, como não fazia desde que eu saíra da tenda de minha mãe, mas levantei a mão.

— Onde está Lo-Melkhiin? Onde está meu marido?

— Ele está morto — respondeu minha irmã. — Irmã, você o matou.

— Não. Ele vive, estou certa disso. Onde está o corpo?

A mãe de Lo-Melkhiin apontou para onde ele estava, e me arrastei até lá. Meu pai ficou tão surpreso que não pensou em me ajudar. O rosto de Lo-Melkhiin estava da cor das cinzas. Havia sangue em seus lábios, e sua respiração estava tão fraca que precisei me concentrar por quase um minuto antes de escutá-la.

— Ele vive! — exclamei. — Ajudem-no, por favor!

Eles olharam para mim como se eu tivesse ficado muito tempo no sol e cozinhado meus miolos. Todos menos a mãe de Lo-Melkhiin, que encarava o chão.

— Irmã — disse minha irmã. — Por quê?

— Eu o salvei — falei tão alto quanto pude para que qualquer um

que estivesse por perto me ouvisse. — Vocês viram a batalha que foi travada. Vocês não lutaram contra homens. Lutaram com demônios, assim como eu. Vocês viram o poder e as novas criaturas que criei. Eu digo a vocês, ele foi salvo. Quando acordar, ele será um bom rei. O demônio se foi e não vai mais nos preocupar.

— Filha minha — disse meu pai. — Você tem certeza?

— Pai, sei disso como conheço o rosto de minha irmã. Como conheço a voz de minha mãe. Sei disso como conheço a mim mesma. Lo-Melkhiin é um bom homem.

Meu pai o carregou, deixando-me para ser levada por meu irmão mais velho, já com os pulmões livres de areia. Muitas das tendas tinham sido derrubadas, atingidas durante a luta, mas ainda havia o suficiente de pé para abrigar os feridos e os mortos; havia uma para mim e Lo-Melkhiin.

Fomos deixados lá sozinhos, exceto por minha irmã e pela mãe de Lo-Melkhiin. O garoto entrou, os braços queimados, junto com a velha senhora e a jovem criada. Eles choraram ao me ver, e eu os beijei. Então me virei para onde meu marido estava, e esperei que ele acordasse.

Fora da tenda, minha mãe e a mãe de minha irmã começavam os rituais para os mortos. Todos os que morreram ali seriam enterrados com os ossos da minha família, incluindo meu irmão mais novo e os filhos do meu irmão mais velho. Elas levariam mais de uma noite para cuidar de todos, mesmo com a ajuda de outros visitantes que usavam os trajes sacerdotais, mas seria feito.

— Sinto muito, irmã — falei. — Não tive a intenção de transformar seu casamento em um funeral.

— Não seja tola. Se não fosse por você, todos nós estaríamos mortos, e não teria restado ninguém para cuidar dos rituais.

Em seguida, ela saiu para encontrar seu marido. Não podia ajudar sua mãe e a minha, porque eu estava usando suas roupas sacerdotais.

O garoto me trouxe uma fatia de melão. Isso aliviou minha garganta, e eu lhe agradei. Ele fugiu de mim, escondendo-se atrás da velha senhora. Ela o pegou no colo — desta vez ele não relutou — e começou a cantar. Era uma canção sobre a manhã, e, embora o sol

ainda fosse levar horas para aparecer, fiquei feliz. Eu não queria me prender a pensamentos sombrios.

Ouvi um zumbido próximo ao meu ouvido. Olhei, e era uma das minhas abelhas, que já não era mais uma abelha. Ainda era dourada, mas tinha a forma de uma pessoa. Segurava um cajado diminuto no lugar do ferrão, como um pastor de pequenas ovelhas, e deixava um fino pó dourado por onde passava. Um sapo do uádi agachou-se junto aos meus pés. Suas mãos eram palmadas, mas não exatamente como as de um sapo, e seus joelhos estavam dobrados como os de um velho. Ele segurava um jarro de água, mas, antes que eu pudesse pegá-lo, uma de minhas cabras fez isso. Ela agora andava sobre duas pernas, os membros finos e brancos reluzindo à luz do lampião, e derramou a água no rosto de Lo-Melkhiin. As outras criaturas não cabiam na tenda, mas ouvi o grito de um corvo do deserto feito de fogo e senti o cheiro de enxofre que deixava no ar ao voar. Ouvi os passos dos meus cavalos com chifre, e senti o calor que vinha da barriga dos meus lagartos. Minhas criaturas ainda estavam conosco, e fariam o bem.

Lo-Melkhiin tossiu, e seus olhos se abriram. Olhei para eles, com medo de ver um vazio. Se eu notasse um brilho de loucura ou crueldade, teria que matá-lo, e não sabia se conseguiria. Mas os olhos que me fitavam eram gentis. Eu podia ver sua mãe neles, suas esperanças e seus desejos. Podia ver o que devia ser seu pai, o rei tolo que todo mundo amara de qualquer maneira. E podia ver a sabedoria e a calma que eram só dele. Embora estivéssemos casados há quase três ciclos da lua e eu o visse quase todos os dias, senti que olhava para meu marido pela primeira vez.

— *Al-ammiyyah* — disse ele.

Al-ammiyyah. A língua dos plebeus. O velho insulto não tinha nenhuma aspereza, e julguei isso um bom começo.

— Fique quieto. Você precisa descansar e beber água.

O sapo do uádi gingava mais do que pulava agora, mas foi encher o jarro e voltou sem derramar uma única gota, como minha irmã e eu fazíamos quando carregávamos o jarro juntas.

— Vá — disse a mãe de Lo-Melkhiin. — Conte a seu povo o que viu.

Saí da tenda e vi os outros. Disse-lhes que Lo-Melkhiin viveria, que seu coração fora curado da maldade, e que ele seria o bom rei de que todos se lembravam. Falei que, quando os mortos fossem enterrados, eles podiam ir para casa e contar a todos que encontrassem que a paz havia sido restaurada. Disse à minha irmã que o dia de seu casamento seria sagrado agora, seria o dia que os homens lembrariam como aquele em que a paz havia sido conquistada, e o reino, salvo. Minhas novas abelhas voavam à minha volta enquanto eu falava, deixando seu rastro de pó dourado pelo ar, e ninguém duvidou de minhas palavras.

Fui até meu pai e meus irmãos que ainda viviam e os abracei. Minha mãe e a mãe de minha irmã ainda trabalhavam, então eu teria que esperar para falar com elas, e minha irmã tinha se recolhido com o marido para sua tenda, então não podíamos nos sentar e conversar, como já fizéramos um dia. Isso ficara no passado, eu sabia. Teríamos outros segredos agora, e outras tarefas para cuidar enquanto os sussurrássemos.

Por três noites, minha mãe e a mãe de minha irmã enterraram os mortos, e por três noites Lo-Melkhiin se recuperou. Por fim, elas terminaram seu trabalho, e ele melhorou. Fui até elas para agradecer, e as duas passaram os braços em volta de mim e choraram. Elas sabiam que me perderiam de novo; mas, desta vez, eu partiria porque queria.

Troquei três potes do pó de ouro por cinco cavalos. O menino juntara o pó para mim, perseguindo as abelhas como se fosse a brincadeira mais divertida de sua vida. Lo-Melkhiin montou no macho, colocando o menino à sua frente na montaria. Meu cavalo era preto, e a mãe de Lo-Melkhiin e as duas criadas montavam éguas marrons. Partimos para o deserto como antes, só que desta vez minha irmã não orava enquanto íamos embora. Desta vez, olhei para trás, para as tendas de meu pai, até sumirem de vista, e, quando Lo-Melkhiin me prometeu que eu poderia visitá-los, sabia que pretendia manter sua palavra.

Chegamos à cidade ao pôr do sol. Os guardas no portão ficaram surpresos ao nos ver. Disseram terem visto luzes estranhas no deserto,

na noite da batalha, e que não achavam que Lo-Melkhiin retornaria. Alguns dos homens da corte obviamente haviam pensado o mesmo, mas, quando ficou claro que o rei tinha voltado, eles se comportaram.

Lo-Melkhiin chamou Firh Dom de Pedra e disse que ele não precisava mais esculpir se não quisesse. Também devolveu ao escultor todas as suas estátuas, e disse que Firh poderia fazer o que bem entendesse com elas. Não perguntei o que foi feito delas, mas as estátuas desapareceram dos jardins da noite para o dia, e eu esperava que ele as tivesse transformado em pó. Uma nova estátua apareceu no jardim da fonte pouco tempo depois. Era outro grande felino, dessa vez, uma leoa, não um leão, e seus olhos não eram assombrados como os das outras estátuas.

— Esta lhe pertence, sua graça — disse Firh Dom de Pedra. — Eu a esculpi com sua bênção, e não farei outras.

— É linda — respondi, porque era. — E fico grata.

Ele fez uma medida e me deixou. Fiquei apreciando a estátua até outra pessoa entrar no jardim, e Lo-Melkhiin parou ao meu lado.

— Você vai ficar comigo, *Al-ammiyyah*? — perguntou. — Não vou obrigá-la. Os cétricos dizem que não precisamos manter o casamento, e que você pode voltar para as tendas de seu pai e se casar novamente, se assim preferir.

— Vou ficar, marido. Eu me acostumei ao *qasr* e às pessoas daqui. Pensei que o deserto fosse meu lar, mas já não é. Sua casa é minha agora, e morarei nela.

— Deixe-me torná-la uma rainha de verdade, então. Case-se comigo de novo, se desejar. E lhe darei uma coroa e um lugar no meu conselho.

— Os homens mesquinhos da corte nunca permitirão.

— Eles têm medo de você — confessou ele. — Têm medo do que as mulheres do palácio dizem que você é capaz de fazer. Se lhes comunicarmos agora, aceitarão.

Pensei no que ele disse. Quando morava ali antes, eu tinha pouco com que ocupar meu tempo. Não queria que isso se repetisse, mas achava que só participaria das decisões sobre a casa. Um lugar no conselho — ouvir o povo e ajudar Lo-Melkhiin a tomar decisões — era

muito mais do meu agrado, embora eu não tivesse pensado que estaria ao meu alcance. Uma abelha dourada voou entre as flores de meu jardim. Minhas criaturas tinham me seguido até a cidade e agora moravam dentro dos muros do *qasr*. Elas lembrariam a todos o que eu tinha feito.

— Então, sim — falei. — Eu aceito me casar com você de novo, e tomarei o assento que me oferece ao seu lado.

Lo-Melkhiin sorriu e pegou minha mão. Eu experimentara o poder e o consumira até o fim, mas agora eu teria mais, de outro tipo. Nós o compartilharíamos, mantendo um ao outro longe da escuridão. O sol brilhava no céu do deserto, e as pedras dos muros refletiam sua luz dourada por todo o jardim, mas nenhum fogo irrompeu quando nossos dedos se tocaram.



A história já está mudando.

Quando os homens a contam nas feiras e no deserto, procuram adaptá-la de acordo com seu conhecimento. Ela passa de caravana em caravana, chegando a lugares onde nunca ouviram falar do rei chamado Lo-Melkhiin. As palavras mudam de idioma, e se ganha e se perde em significado a cada mudança vocálica. Transformaram o monstro em um homem, e a própria história em algo que pode ser usado para se ensinar uma lição: se você for inteligente e bom, o monstro não o dominará.

Não se deve acreditar em tudo o que se ouve.

Bons homens sucumbem a monstros todos os dias. Homens inteligentes se deixam enganar por seu próprio orgulho ou por belas palavras. Foi o que aconteceu ao rei na história que ela conta. Ele era inteligente e bom, e o monstro o arrancou do deserto como se não fosse muito mais do que areia. Ela também era inteligente e boa, tão boa que quis tomar o lugar da irmã, e tão inteligente que conseguiu. Mas não foi isso que a salvou do monstro.

A história terá significados diferentes para pessoas diferentes. É como ela queria que fosse. Posso lhe contar o sentido que encontrei nela, o novo propósito e direção que deu à minha vida, mas isso não lhe dirá nada se você não entender por que ela contou a história, para começar.

Existe a vida, e existe viver... e foi isso o que ela aprendeu.

Ela contou a história aos poucos; isso é verdade. A história vinha até ela como lã não tingida, que podia fiar, ou em fios que podia tecer ou bordar. Ela não a contava todas as noites, e nem sempre para a mesma pessoa. Às vezes, contava só para si mesma, usando as ferramentas e a força que recebera dos outros. Isso não diminuía seu poder, e esse poder lhe garantia a vida.

Viver veio mais tarde, quando ela aprendeu a contar a história deliberadamente.

O monstro a testou, atacando sua alma e dilacerando seu espírito.

Ela se agarrou à vida, e, ao fazer isso, poderia ter se tornado um monstro também, só que escolheu o rumo que sua história tomaria. Ela escolheu muros de pedra branca e uma coroa de ouro. Escolheu debater a lei, e nunca mais moer o próprio grão. Escolheu lutar com os homens todos os dias, e depois com seus filhos, que acreditavam saber mais do que os pais.

Sua própria lenda foi engolida pelas criaturas que ela criou. Todas as seis saíram pelo mundo e receberam novos nomes das pessoas que as viam. Cada uma tinha poderes especiais que ela não pretendia criar, e que esperavam para serem libertados quando as pessoas aprendessem a se comunicar com elas. As criaturas se espalharam pelo mundo, chegando a lugares onde não havia homens. Cada uma prosperou à sua maneira, mas nunca se esqueceram da garota que as criou.

Se escutar com atenção os sussurros, vai ouvir a verdade. Até lá, posso lhe afirmar isto: o mundo se tornou um lugar seguro graças a uma mulher. Ela conteve o monstro e o mandou para longe, e o homem, agora liberto, foi salvo. Por mil noites, vivi um pesadelo em meio à escuridão, mas, ao chegar à milésima primeira, o pesadelo chegou ao fim.

Al-ammiyyah, a língua dos plebeus, salvara o rei.

Finis

agradecimentos

Um enorme obrigada a:

Josh Adams, que defendeu este livro antes mesmo que se tornasse um livro, e me ligava pelo menos quatro vezes por semana, em março de 2014, enquanto eu cochilava, para falar sobre isso.

Emily Meehan, que me levou muito a sério quando eu lhe contei que não, nenhum personagem teria nome. Também a Marci Senders: continuo impressionada com o projeto do livro.

Minha família, principalmente EJ e Jen, que me emprestaram sua casa de campo; Sarah e Dan, que me emprestaram dinheiro para o aluguel; e Ian e Emily, que apareciam para ter certeza de que eu estava bem. E aos meus tios e primos londrinos (mais a equipe Bentley!), que cuidaram de mim antes e depois da cirurgia.

Emma e Colleen, que liam cada capítulo à medida que eu escrevia, e Faith, Laura, RJ e Tessa, que leram quando o texto estava pronto e me disseram como podia melhorá-lo. Também a Carrie Ryan, que deu excelentes conselhos profissionais a uma autora estreante, mesmo que ela não se lembre da conversa, e que respondeu um e-mail superenigmático de forma muito útil.



Os autores do Fourteenery and the Hanging Garden são absurdamente incríveis, e tenho muita sorte de conhecê-los.

Por fim, eu não poderia ter escrito este livro sem o tempo que passei na Jordânia, trabalhando com a dra. Michèle Daviau e o dr. Michael Weigl no projeto Wadi ath-Thamad. Aprendi mais naqueles quatro anos de faculdade e seis verões no deserto do que me dei conta na época. Obrigada.

sobre a autora



Emily Kate Johnston é arqueóloga forense, livreira e escritora, além de fascinada pela gramática. Já morou em quatro continentes, incluindo os verões que passou na Jordânia, onde ficou imediatamente encantada pelo deserto. A inspiração para escrever vem do seu trabalho, das viagens e da especialização em árabe e hebraico bíblicos. Emily adora contar histórias, e faz isso em diferentes mídias há mais de dez anos.

leia também



Feita de fumaça e osso
Laini Taylor



Delírio
Lauren Oliver



Crepúsculo
Stephenie Meyer



Caminhos de sangue
Moira Young